



Uma centena de

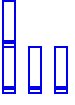
Flores

Gail Tsukigama



Índice

Capa
Rosto
Sumário
A árvore Sumaúma
O menino caído
Festival da lua
O mundo se intromete
Depois
Histórias
À espera
A cidade dos fantasmas
Créditos



GAIL TSUKIYAMA

**UMA
CENTENA
DE FLORES**



PRIMAVERA
EDITORIAL

Sumário

A árvore Sumaúma

O menino caído

Festival da lua

O mundo se intromete

Depois

Histórias

À espera

A cidade dos fantasmas

*Deixem que uma centena de flores desabroche;
Deixem que uma centena de escolas de pensamento discorde.*

– MAO TSÉ-TUNG, 1956

A ÁRVORE SUMAÚMA

JULHO DE 1958

Tao

O pátio ainda estava silencioso naquele início de manhã, a vizinhança despertando ao cantar do galo do vizinho Lau. O ar já estava quente, um misto de calor e umidade que se tornaria intolerável ao meio-dia. Aos sete anos, Tao tinha pouco tempo para subir na sumaúma, antes de ser encontrado. Abaixo, ele via as raízes nodosas da árvore, sentindo-se estranhamente confortado ao compará-las com as tortas raízes de gengibre que sua mamã picava, e com as quais fazia chás bem fortes para suas dores de cabeça, ou para os momentos em que seu papá reclamava de indigestão.

Tao não sentia medo enquanto escalava o tronco esguio da árvore em direção aos galhos mais encorpados, evitando os espinhos da mesma árvore que seu pai escalara quando era menino. Seu coração estava acelerado diante da possibilidade de avistar as montanhas White Cloud lá de cima. Desde que tinha dois anos, papá erguia-o na janela de seu quarto ou no balcão do segundo andar, tentando avistar a montanha ao longe. Seu pai sempre lhe dizia que, em um dia claro, se olhasse com energia, poderia ver toda Guangzhou e até as montanhas White Cloud. Com seus trinta picos, a montanha era, para ele, um lugar mágico, e seus olhos enchiam-se de lágrimas graças ao esforço para avistar uma sombra que fosse de um pico indescritível.

Tao ainda podia sentir a aspereza da bochecha do seu pai contra a sua. Era parecida com os grosseiros cobertores militares que eles usavam, quando mais novos, na escola durante a sesta. Mas, no último mês de julho, pouco antes de seu sexto aniversário, tudo

mudou. De manhã bem cedo, vozes furiosas encheram o pátio, a voz do pai mais alta que as outras, seguidas do som de briga. Pela janela, ele viu papá, com as mãos amarradas para trás, sendo arrastado por dois policiais sisudos, vestindo uniformes verde-oliva. Ele viu o avô tentando chegar perto de seu pai e sendo empurrado por um dos policiais. – Aonde vocês o estão levando? – A voz solitária da mãe ecoou do portão. Mas, tudo o que se ouviu foi o ronco de um jipe, e, então, eles se foram.

Depois que o pai foi levado, Tao escutou sua mãe e seu avô, que pensavam que ele estivesse dormindo, conversando em voz baixa, mas a conversa cessou quando ele desceu. Ele viu a mãe chorando e o avô sentado nas sombras, imóvel como uma pedra. Ele queria que eles respondessem: *Onde o papá foi? Por que aqueles homens o levaram? Quando ele vai voltar?*

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, sua mãe puxou-o para junto dela e abraçou-o.

– Papá precisou partir por algum tempo – disse ela.

Ele sentiu em seus cabelos e suas roupas o aroma das ervas que ela fervia, mesclado ao cheiro de suor, e perguntou-lhe: – Por que o papá não me contou que precisava ir embora?

A resposta foi um estranho som que saiu de sua garganta, enquanto ela abraçava-o com força. Foi só naquele momento que ele compreendeu que o pai havia mesmo ido embora e que suas perguntas ficariam sem resposta. Ele fechou bem os olhos para não vê-la chorando.

Daquele dia em diante, o pai não estava mais lá para falar sobre as montanhas White Cloud. No início, Tao estava assustado e confuso, querendo apenas sentir o calor do papá ao seu lado e ouvir

sua risada vinda do pátio. Ele procurou pelo pai em todos os lugares em que os dois iam juntos: na rua do canal, nas vielas que separavam os prédios de tijolo vermelho, dentro e fora das ruas estreitas e abarrotadas, povoadas de restaurantes, e na lojinha onde o pai sempre lhe comprava doces recheados com feijão azuki, enrolados em sementes de gergelim, quando iam ao Parque Dongshan. Parecia que eles estavam brincando de esconde-esconde; ele achava que, mais cedo ou mais tarde, seu papá apareceria. Mas isso nunca aconteceu.

O senhor Lam, proprietário da loja, levou Tao de volta para casa, não sem antes pegar, em uma das prateleiras, uma jarra de vidro de onde tirou uma bala de açúcar cristal, a mesma que os pacientes de sua mãe chupavam depois de beber um chá muito amargo.

– Não se preocupe, seu papá voltará logo – disse ele, tentando tranquilizá-lo.

Tao assentiu, mas tudo o que sentia ao chupar a bala era tristeza.



Por um ano inteiro seu papá só lhe apareceu em sonhos. Nas sombras, Tao sentia a presença do pai, a voz calma, o braço forte e seguro quando ele erguia-o no ar, e o cheiro doce de sua água de colônia. A ideia de subir na árvore surgiu em um sonho, exatamente naquela manhã: ele estava empoleirado no alto da sumaúma; de lá, podia avistar as montanhas e ali, em um dos picos, estava o pai, esperando por ele.

De repente, Tao ouviu o rangido de uma porta se abrindo, e, ansioso, espiou a varanda. Prendeu a respiração e esperou, mas ninguém apareceu, enquanto o ar saía lentamente por entre seus lábios. Às vezes, de manhã, sua mãe saía para ver como estava o

tempo, ou se algum paciente a esperava. Naquela manhã em particular, ele estava aliviado ao constatar que a vizinhança não estava com pressa para acordar.

Sua mãe, Kai Ying, era uma célebre fitoterapeuta e curandeira em Dongshan, onde as ruas silenciosas eram enfileiradas de outrora imponentes casarões de tijolos cinza e vermelhos, que rodeavam os pátios. Ela era famosa pelos chás e pelas sopas que recomendava e que curavam muitas doenças dos vizinhos. O dia todo, pessoas procuravam-na em busca de tratamento para algum mal. Quase toda manhã havia um ou dois pacientes esperando, ansiosamente, no portão para vê-la. Mas só depois que servia o café da manhã a ele e ao avô ela saía para destrancar o portão e deixar entrar o primeiro paciente. E só voltava a trancá-lo à noite, depois de atender o último cliente.

De acordo com o avô de Tao, fora seu bisavô, um rico homem de negócios, quem construía um dos primeiros casarões na área de Dongshan, outrora uma região isolada de Guangzhou, onde a maior parte das famílias de militares vivia. Antes dos anos de 1920, havia centenas de casarões na área. Construídas em estilo europeu, com tetos altos e varandas com colunas, a maioria dessas mansões tinha dois ou três andares. A família de Tao ainda vivia no mesmo casarão construído por seu bisavô, cujo retrato estava pendurado na parede da sala de visitas. E embora o bisavô tivesse falecido muito antes de ele nascer, Tao sentia como se conhecesse aquele homem grisalho, vestindo uma túnica de seda azul-escura, que o encarava do alto de sua longa roupa de mandarim. Ele sempre pensava no bisavô como parte intrínseca da casa, tal qual as paredes de tijolos desbotados, a vasta escadaria, as janelas com os painéis

quadrados, de vidro, a varanda do segundo andar e o amplo pátio interno, construído em torno da sumaúma. Dongshan era o único distrito de Guangzhou que tinha casas com grandes pátios abertos.

Quando os comunistas assumiram o poder, em 1949, o casarão de tijolos vermelhos, de dois andares, passou a ser compartilhado por três famílias. A de Tao passou a viver no andar de cima, que se abria para a varanda do segundo andar. A tia Song vivia em um pequeno apartamento que dava para o quintal dos fundos, e o senhor e a senhora Chang, um velho casal que no momento estava fora visitando a filha na cidade de Nanjing, vivia nos quartos do andar inferior. Todos eles compartilhavam a cozinha, muito embora os Chang se isolassem e fizessem as refeições em seus aposentos. Ocasionalmente, tia Song comia com eles, mas preferia cozinhar, em um pequeno fogão em seu apartamento, os vegetais que ela própria plantava. O avô de Tao contava-lhe que, quando era menino, a casa toda pertencia exclusivamente à sua família. Tao não conseguia imaginar como seria poder correr por tantos aposentos.

Ultimamente, ele percebia que o avô vinha repetindo as mesmas histórias dos tempos de criança, muitas das quais se passaram naquele pátio, onde a sumaúma alta e espinhenta montava guarda. Ele sabia que o avô fora filho único, embora tivesse cinco meias-irmãs mais velhas. Tao achava que a árvore fizera companhia ao avô assim como fazia a ele.

– A árvore está aqui há muito tempo – o avô repetira ainda no dia anterior. – Imagine quanta coisa ela viu e ouviu ao longo dos anos – acrescentou.

Seu avô contemplava a árvore como se pudesse ver o passado em cada um de seus galhos.

– Uma árvore não vê nem ouve – disse Tao.

O avô baixou os olhos e sorriu.

– Como você sabe? Ela é um ser vivo. Só porque não tem olhos como nós, como podemos ter certeza de que ela não sente as coisas de outras maneiras?

Tao pensou por um momento.

– Da mesma forma que nós não podemos ver como a água e o sol fazem com que ela cresça? – perguntou.

Tanto seu avô, Wei, como seu pai, Sheng, eram professores. Desde os tempos em que Tao era bem pequenininho, podia sentir o orgulho deles todas as vezes que fazia perguntas e queria aprender algo novo.

– Sim – o avô respondeu e aplaudiu. – Exatamente assim. Tantas coisas acontecem à nossa volta, sem que as vejamos ou saibamos delas.

– Quantos anos a árvore tem?

Seu avô alisou a barbicha grisalha.

– Vamos ver – disse ele. – Eu diria que foi plantada durante a dinastia Xing, a última grande dinastia chinesa, portanto, há mais de cem anos.

Tao assentiu e contou mentalmente. Seu avô tinha setenta e um anos e ele iria fazer sete. A árvore era mais velha que a idade dos dois somadas.

Seu vovô e seus pais lembravam-no, constantemente, de quão grato ele precisava ser por estar cercado pela natureza, e de como eram afortunados por compartilhá-la com os vizinhos. Apenas quatro meses atrás, em pleno mês de março, o avô ficara maravilhado com as flores vermelhas da sumaúma, em pleno

esplendor, ousadas e destemidas. Conhecida como a cidade das flores de Guangzhou, era uma visão esplêndida. Agora, seus galhos pareciam pertencer a outra árvore, completamente diferente, com as vagens do tamanho de nozes substituídas por folhas em forma de lança, que tremulavam sob o calor do verão.



Tao trepou na árvore com rapidez e agilidade, tomando o cuidado de não olhar para o chão de pedras lá embaixo. Ele agarrou outro galho e parou por um instante para observar o muro de concreto que cercava o pátio, coberto com os mesmos velhos tijolos vermelhos encontrados em outros casarões da vizinhança. Seu avô lhe contara que o estilo das casas baseava-se no pátio e no jardim de cada um. O deles era um remanescente da velha arquitetura do tipo Jardim Ming, com tijolos revestindo o topo do muro de pedras. Outros jardins da vizinhança, sem tijolos, tinham diferentes estilos chamados Chun, Kui ou Jian. Mas, uma vez dentro dos muros, em sua maioria, todos eles se pareciam.

Olhando para baixo, os tijolos remetiam às velhas peças de mahjong de seu avô, enfileiradas. Ele ouviu o galo cantar novamente e sorriu, pensando na tia Song, que vivia ameaçando silenciar a ave de uma vez, torcendo-lhe o pescoço.

– Muito duro para se comer – ela comentava com sua mãe. – Mas cozido por um bom tempo renderia uma sopa bem decente.

Tao subiu mais. Sua mãe e o avô acordariam em breve e ele bem sabia da bronca que iria levar caso fosse pego. Podia ouvir a voz brava da mãe e ver o olhar certo, que lhe roubava a beleza, franzindo-lhe a testa e enrugando-lhe os olhos escuros. Ele sempre desviava a vista dos olhos da mãe quando ela estava brava com ele, fixando-se em suas mãos, os dedos dançando à sua frente. E já

conseguia sentir o calor do avô, silencioso, às suas costas. E, finalmente, depois das lágrimas e dos pedidos de desculpas, viriam o conforto e o perdão que iria sentir quando as mãos grandes e enrugadas do vovô repousassem sobre seus ombros.

Tao olhou em meio aos troncos e viu o imenso céu nublado. O ar da manhã já era pesado, a umidade quente infiltrando-se por entre as folhas. Sua camisa colou-se ao corpo e o menino sabia que as nuvens e a chuva voltariam à tarde. Lá de cima ouvia os rangidos e os bocejos do amanhecer. Seus braços e suas pernas começavam a se cansar, mas, quase no topo da árvore, apesar do castigo, mal podia esperar para avistar os trinta picos das montanhas White Cloud. Tao agarrou outro galho, mas soltou-o ao sentir uma dor aguda, quando um espinho penetrou a palma de sua mão. Deu um grito no mesmo momento em que seu pé escorregou no ar. Enquanto caía, teve a estranha sensação de flutuar acima do próprio corpo, ao mesmo tempo em que via os troncos quebrando e raspando sua pele, seguida pelo baque seco contra a superfície dura, nove metros abaixo. Só naquele instante ele reentrou em seu corpo, consumido por uma dor excruciante, que ia da perna até a cabeça; e, então, tudo ficou escuro.

KAI YING

Kai Ying nunca iria esquecer a cena: seu menininho, pálido, no chão do pátio, com a perna torcida sob o corpo. Um tronco quebrado, pensou ela, uma folha esmagada. Ele estava imóvel. Naquele momento ela tomou consciência de que ele poderia ficar paralisado para sempre, e o terror tomou conta dela, plantando-a ao chão como se tivesse criado raízes.

Wei, seu sogro, passou correndo por ela e ajoelhou-se ao lado de Tao. Ela plantou-se ali, o coração acelerado e o corpo trêmulo. *Ele não pode estar*, pensou, *não pode*. E, por mais que tentasse, não conseguia pensar em algum chá ou sopa que pudesse trazer um morto de volta à vida. O sogro, que normalmente era calmo e controlado, voltou-se para ela com os olhos arregalados e aflitos, as mãos acenando loucamente no ar, e gritou para que pedisse ajuda a Lau, o único vizinho que dispunha de um triciclo com plataforma plana.



Durante duas horas, Kai Ying ficou sentada ao lado do sogro na sala de espera lotada do hospital barulhento. Não conseguia imaginar como alguém podia ficar bom em um lugar tão frenético. O ar recendia a desinfetante misturado ao cheiro forte de cânfora e mentol do Bálsamo de Tigre. Com todo aquele vaivém, parecia mais uma estação ferroviária. Algumas pessoas estavam agachadas e encolhidas em silêncio, formando uma longa fila no corredor, suas faces pálidas de dor e sofrimento. Outras encontravam formas de passar o tempo, enquanto esperavam por entes queridos. Ela espantava-se com a forma pela qual tantas pessoas ficavam à

vontade; a mulher a seu lado descascava uma laranja, o homem à sua frente fumava um cigarro atrás do outro e falava sem parar com a mulher que palitava os dentes com uma lasca de madeira enquanto escutava. Outra mulher, sentada contra a parede, cantarolava baixinho, enquanto cerzia uma velha meia preta.

O grito de uma criança pairou acima de todos os outros sons. Era um coro de sons e movimentos e, em meio a tudo aquilo, Kai Ying estava paralisada. Ela evitava olhar diretamente para alguém, com medo de ter de conversar. Sua garganta estava tão seca, que mal conseguia engolir.

Correu os olhos pela sala, o ar tão quente quanto um bafejo. Eles já esperavam há tanto tempo, e ainda nem sinal do médico. Do outro lado da sala lotada, havia um grande retrato do presidente Mao com os olhos cravados nela, seus lábios finos cerrados, em tom de acusação. *Onde você estava? Como pôde deixar seu único filho cair de uma árvore?*

Dormindo, pensou ela. *Eu estava dormindo.*

Não era de admirar que a maior parte da vizinhança viesse procurá-la em busca de ervas medicinais. Kai Ying não era médica, mas orgulhava-se de ser uma fitoterapeuta atenta e eficiente, que oferecia manutenção diária. Nada lhe passava despercebido e ela dedicava um bom tempo a cada um dos pacientes; buscava sinais de doença no som da voz, na palidez da pele, dos olhos ou da língua. Observava, inclusive, se algum cheiro em particular emanava deles. Ela então pegava seus pulsos, uma pequena intimidade compartilhada antes de discutir a história da doença com eles. Sabia que as doenças podiam derivar tanto das dores emocionais como das físicas, podendo afetar diferentes áreas do

corpo, causando desequilíbrio. Depois, ela dava-lhes um sorriso tranquilizador, e selecionava ervas dispostas em jarras enfileiradas nas prateleiras da cozinha, buscando a combinação que restauraria a energia, curando de insônia a dor de cabeça, de constipação a indigestão.

Para Kai Ying, o trabalho com ervas além de ser gratificante, tinha sido também salvador. Foi ele que, em 1947, aos dezenove anos, havia lhe trazido à Guangzhou de Zhaoqing, uma cidade pequena, algumas horas a nordeste, para estudar ervas com um velho amigo de sua família, o fitoterapeuta Chu. Ela planejava ficar apenas dois anos, mas, foi em sua apinhada e empoeirada loja medicinal de cheiro adocicado que viu Sheng pela primeira vez, um rapaz de vinte e três anos, que fazia doutorado em história, e que tinha vindo comprar ervas para a mãe.

Dois anos mais tarde, em vez de voltar para casa, eles estavam casados e, um ano depois, nascia Tao. Então, seu trabalho limitava-se a receitar ervas para a família e vizinhos próximos, que vinham pedir seus conselhos. Mas no último ano, depois que seu marido fora preso por ter escrito aquela carta ao gabinete do Primeiro Ministro, criticando Mao e o partido, ele perdeu o emprego como professor, o dinheiro ficou escasso e seus cupons de alimentação foram reduzidos. Com o pouco que sobrou, Kai Ying voltou ao trabalho em tempo integral. Ela havia esquecido do quanto gostava de tudo aquilo: dos diversos aromas e texturas dos crisântemos secos, dos cogumelos gelatinosos, das algas fat choy e das raízes de angélica que renasciam nos chás e nas sopas, e sabia reconhecer sua sorte por ter uma vizinhança numerosa, que lhes permitia sobreviver.

Sentada no hospital, ela de repente lembrou-se de que a tia Song viria naquela manhã em busca de mais raízes de dan shen, para baixar sua pressão arterial. Song tinha sido grande amiga da mãe de Sheng e ajudara muito Kai Ying depois da morte de sua sogra, Liang. Ela tinha certeza de que toda a comoção em torno da queda de Tao a havia despertado e de que, ao constatar que a porta da cozinha estava fechada e que não havia ninguém em casa, ela desconfiaria de que algo estava errado. Achou que Song poderia pensar que acontecera algo com seu sogro, uma vez que, desde a prisão de Sheng, Wei raramente se afastava da casa e do pátio. A cada dia, ele parecia mais letárgico, apesar das sopas de ginseng que ela lhe ministrava. Song jamais poderia imaginar que Tao pudesse ter caído da sumaúma. Seu único consolo era saber que Song ficaria de olho na casa e que diria a todos os pacientes para que voltassem amanhã. Ela não podia dar-se ao luxo de perder nenhum deles.



À medida que o céu escurecia, por volta do meio-dia, a luz da sala de espera mudava, mergulhando o ambiente nas sombras. Kai Ying perguntava-se se estaria chovendo lá fora. Mais de três horas já haviam se passado desde sua chegada ao hospital, quando Tao foi levado às pressas para a sala de exames. Onde estaria ele agora? Será que ficaria bem? A enfermeira ríspida, sentada na recepção, dispensou-a dizendo: *Sente-se. O médico irá procurá-la quando tiver notícias.* Kai Ying sentiu-se desamparada ao retornar à sala apinhada. Ela meneou a cabeça e disse a Wei: *Nada, ainda.*

Enquanto o sogro continuava sentado tranquilamente, esperando pelo médico, ela sabia que se seu marido Sheng estivesse lá, estaria andando pelos corredores, fazendo perguntas aos médicos a

cada cinco minutos, tentando ver onde seu filho estava e como estavam cuidando dele. Naquele momento, Kai Ying achou as diferenças entre eles ainda mais gritantes, e desejou, ainda mais, a presença de Sheng com sua impaciência. Apenas duas cartas dele chegaram no último ano; a primeira, quase um mês depois de terem lhe dito que o marido estava sendo reeducado em Luoyang.

Por algum tempo, ela pensou que, ao acordar, Tao iria ver-se sozinho, em um lugar estranho, rodeado de pessoas desconhecidas. Depois, ela engoliu o pânico e congelou ao considerar que ele poderia *não acordar*. Respirou fundo e mexeu-se na cadeira. Primeiro tinha sido o aborto, há três anos, depois a prisão de Sheng, e agora... ela não se permitiria pensar nessa possibilidade. Foi então que Kai Ying sentiu a mão do sogro cobrir a sua. Wei aproximou-se dela e sussurrou: – Tao vai ficar bom. – Suas palavras tranquilizadoras roçavam-lhe a pele.



Seu sogro, um homem alto e elegante, com o cavanhaque aparado e os cabelos grisalhos raspados quase rente, era um professor aposentado de história da arte chinesa na Universidade de Lingnan. Uma autoridade em seu campo de trabalho, Wei aposentara-se aos sessenta e dois anos, depois de o partido comunista chinês ter tomado o poder, quase dez anos atrás, em uma época na qual acadêmicos e intelectuais fugiram da China para não serem perseguidos e presos pelo novo governo. Wei, que nunca se manifestara politicamente, nunca revelara suas opiniões, não chamava atenção. Devotado à arte e à pesquisa, manteve-se discreto, recusando-se a deixar Guangzhou, o lar de seus ancestrais.

– Aqui no sul – certa vez disse ele a Kai Ying –, nós fazemos as coisas de um jeito diferente do resto da China.

Ela sabia que ele referia-se ao fato de eles falarem cantonês ao invés de mandarim, preferirem a comida menos apimentada, e aludia à longa história de comércio com estrangeiros, que deixara Guangzhou menos isolada que os nortistas. O próprio tamanho da China e a dificuldade de comunicação criaram grandes diferenças.

– Metade do tempo, Beijing não faz ideia do que nós estamos fazendo por aqui – acrescentava ele, em tom de confiança.

Wei continuou sendo um acadêmico de fala mansa; Kai Ying sempre achava que essa era sua maneira de fazer-se ouvir. Seus alunos teriam de parar de falar para escutar e não perder alguma informação importante. Olhando de relance, ela pôde ver as longas pernas de Wei cruzadas, os olhos fechados, como se o sogro estivesse dormindo. Mas Kai Ying sabia que ele não estava. Simplesmente, havia se retirado para dentro de seu mundo silencioso, longe da agitação à sua volta. Com frequência, ela costumava encontrá-lo naquele estado meditativo. Era sua forma de lidar com as dificuldades da vida, voltando-se para dentro de si mesmo. Às vezes, ela sentia inveja, desejando poder desaparecer por um tempo, de vez em quando. Mas seu destino era manter-se com os olhos bem abertos. Seu marido, Sheng, também era mais ou menos assim, mas, enquanto ela era uma espectadora, que ficava a postos, assistindo o mundo a uma distância segura, Sheng era mais propenso à ação.

Sheng também era professor; lecionava história na Escola de Ensino Médio de Guangzhou. Depois que o partido comunista tomou o poder e seu pai se aposentou, Sheng não conseguiu

terminar o doutorado, mas teve a sorte de conseguir trabalho em uma escola de ensino médio perto de casa. Tanto o pai como o filho acreditavam que a história da China ensinava muitas lições. Não demorou muito para Kai Ying perceber que ambos eram prisioneiros do passado, embora cada um deles lidasse com seus desejos e suas preocupações de formas diferentes. Enquanto o único interesse de Wei era preservar o passado da China por meio da arte, Sheng acreditava que, para forjar uma nação mais forte, com um futuro vibrante, os chineses teriam de superar sua história e aprender com seus erros.

Sheng nunca se esquivava da política escolar ou dos problemas dos alunos, e foi esse tipo de comportamento, essa impulsividade, que lhe acarretou problemas no último ano. Kai Ying sempre ouvia Wei aconselhar seu obstinado marido: “Em meio à tormenta, procure sempre a quietude, e aí você encontrará as respostas às suas perguntas”. Ela, então, via o marido afastar-se do pai com um quase imperceptível aceno de cabeça. Ela sabia o que ele devia estar pensando. *Não, não, você só encontrará respostas às suas perguntas se encarar a tormenta.*

Às vezes, Sheng assustava Kai Ying. Ela sentia seu descontentamento, como se aquela tormenta estivesse fermentando logo abaixo da superfície. Ela temia que a vida tranquila que levavam por trás dos muros daquele pátio não pudesse conter todos os seus desejos e esperanças de que a China crescesse e prosperasse, tornando-se um lugar melhor para Tao e as futuras gerações. A China estava em uma encruzilhada, dissera ele, e era importante que escolhessem o caminho certo. Criada em Zhaoqing, ela tinha visto o desapontamento do próprio pai com o governo

nacionalista. O Kuomintang, sob a liderança de Chiang Kai-shek, tornara-se cada vez mais corrupto, e, enquanto os oficiais e militares tornavam-se cada vez mais ricos, o povo chinês sofria com a inflação e o desemprego. A ira do pai transformou-se em uma doença, que se espalhou por seu corpo, até que tudo o que restou foi amargura. Ela não queria ver isso acontecer com Sheng.

– Pense em Tao – pediu ela a Sheng, lembrando-o de que as mudanças que ele almejava sempre trariam consequências.

– Eu estou pensando em Tao – respondeu. Ela ainda podia ouvir sua voz subir de tom ao prosseguir: – A China precisa aceitar mudanças, se quisermos seguir em frente! O partido fez com que déssemos um passo para trás!

Ela gostaria de ter colocado os dedos em seus lábios e feito com que ele se calasse. *Por favor, por favor, não diga mais nada; guarde suas ideias para si próprio. Ninguém está seguro*, pensou ela. Kai sabia que se alguém, inclusive os vizinhos, escutasse o que Sheng estava dizendo, e o reportasse às autoridades, ele ficaria em apuros. Mas, apesar do que ele sentia, ela jamais imaginou que Sheng iria tão longe a ponto de prejudicar a si próprio e à sua família, mesmo que acreditasse que não haveria repercussão. Enquanto o partido ignorava Wei, por ser ele um acadêmico inofensivo, do velho regime, eles não hesitaram em prender Sheng por ter escrito aquela carta. No fim, o partido achou uma forma de apunhalar seu sogro, uma vez que a prisão de Sheng fora um terrível baque para ele. Wei, que tinha envelhecido muito no último ano, mantinha-se cada vez mais fechado em si mesmo e passava a maior parte dos dias lendo no pátio e cuidando de Tao.



Kai Ying contorceu-se na cadeira dura e observou a si própria. Pela primeira vez, tomou consciência de estar vestindo a túnica de algodão amarela, as calças com as quais havia dormido e o velho suéter que jogara às pressas sobre os ombros. Felizmente, tivera a presença de espírito de calçar os sapatos de rua. Kai Ying não podia deixar de pensar em como sua aparência estava caótica. Apesar do calor pegajoso, ela sentiu frio e ajeitou o suéter mais junto ao corpo. Wei ainda usava a mesma jaqueta de seda marrom puída, que ele se recusava a jogar fora, mesmo tendo uma nova no guarda-roupa. Ela inclinou-se e tocou a ponta da manga desfiada, com cuidado para não incomodá-lo. Seus olhos continuavam fechados, a respiração, regular. Por um momento ela achou que ele podia realmente ter caído no sono, mas percebeu um leve movimento na mão dele sobre o joelho, e concluiu que o sogro estava acordado. Estudou-o atentamente, buscando características que pudessem ter passado de pai para filho. Havia, sem dúvida, uma semelhança entre eles, em volta dos olhos e no queixo acentuado. Podia antever Sheng com as mesmas sobrancelhas grossas e grisalhas, quando ficasse velho. Ambos eram homens bonitos. Sheng não era tão alto, mas era magro e bem-constituído e tinha os cabelos espessos e ondulados. Sua verdadeira força e graça partiam da paixão pela família e por suas crenças. Foi por isso que ela se sentiu atraída por ele. Às vezes, ela via o mesmo destemor no filho, e, quando isso acontecia, sentia a dor de não saber quando veria o marido novamente.

Kai Ying amava ambos, pai e filho, por sua força, apesar de suas fraquezas, e ficava entre eles, equilibrando suas personalidades.

Se havia algo que unia pai e filho era o amor por Tao, disso ela tinha certeza. Diferenças à parte, que grandes professores os dois eram, de forma a sempre inspirar Tao, mantendo-o interessado no mundo à sua volta. Não conseguia imaginar o que faria se Wei não estivesse com ela no hospital.

Naquele momento, alguém tossiu e Kai Ying levantou os olhos. Do outro lado do corredor, uma jovem pálida a observava. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo e espinhas avermelhadas cobriam-lhe a testa e as bochechas. Usava jaqueta e calças sujas e folgadas, e suas mãos repousavam na protuberância arredondada de sua barriga. Parecia ter, no máximo, catorze anos, calculou Kai Ying, apenas uma criança. Mas os olhos atentos aparentavam mais idade, e havia algo naquela moça que a impedia de tirar dos olhos dela, pelo contrário, Kai Ying queria chegar mais perto, colocar os dedos em seu pulso e sentir a pulsação. Só de olhar para ela, sabia que faltava-lhe ferro e uma nutrição mais rica para o desenvolvimento e crescimento do bebê. Precisaria também de uma limpeza com ruibarbo, filodendro, solidéu e sófora, para melhorar a inflamação que causava a acne, o que ajudaria, também, a prevenir futuras cicatrizes. Por baixo daquilo tudo havia uma moça bonita.



Kai Ying de repente assustou-se com o grito de uma mulher, que dissolveu-se em um choro lamurioso. Ela endireitou-se na cadeira e seu corpo enrijeceu ao ouvir as vozes de consolo que se seguiram. *Não, pensou ela. Essa não sou eu. Tao vai ficar bom.* O medo subiu-lhe à garganta. Fechou os olhos e tentou concentrar-se em encontrar tranquilidade como o sogro, mas, tudo o que ouvia eram as vozes agitadas à sua volta.

WEI

Quando Wei fechou os olhos, sentiu-se confortado pela escuridão. Se tivesse paciência, o barulho logo diminuiria até transformar-se em sussurros e as sombras negras movimentando-se contra suas pálpebras desapareceriam gradualmente. Então, as imagens que ele cuidadosamente invocasse, aos poucos surgiriam, tal e qual o único filme que assistira, uma vez que raramente tinha tido tempo ou inclinação para o entretenimento quando lecionava e pesquisava.

Uma vez aposentado, pouco antes do nascimento de Tao, Sheng finalmente convencera o pai a assistir a um filme. Depois do partido comunista ter tomado o poder, o governo só permitia que passassem filmes antiburgueses e pró-comunistas. No centro da cidade, no Cine Golden Palace, *A Garota de Cabelos Brancos* já era um renomado filme, baseado na famosa ópera sobre uma jovem que escapa das crueldades de um malvado senhorio, depois de o pai dela ter sido morto, e, apesar de tudo, consegue sobreviver na selva. Muitos anos mais tarde, ao ser encontrada pelo jovem que a ama, seus cabelos estavam completamente brancos, devido a todas as dificuldades que a moça enfrentara.

Wei nunca esquecera-se da tela tremeluzindo antes de os atores aparecerem, como mágica, ganhando vida bem à sua frente. Naquela tarde, sentado na sala escura, ele não pôde deixar de pensar em Liang, sua esposa grisalha. Ela não tinha enfrentado o mesmo tipo de dificuldades, mas seu cabelo começou a embranquecer prematuramente, pouco depois do nascimento de Sheng. Ela se recusava a tingi-lo ou a tomar a sopa de *black moss*,

que sua mãe cozinhava com a imortal erva *He Shou Wu*, a qual ajudava a escurecer os fios. Wei amava a tenacidade e independência da esposa.

Agora, todas as vezes que fechava os olhos, em vez de esvaziar a mente, meditando, como Kai Ying e Sheng achavam que ele estava fazendo, esperava pela centelha de luz e trazia de volta à vida a memória de sua Liang. Ele a conhecera em um dia não muito diferente do de hoje, cinzento e úmido, com uma névoa que cobria e suavizava tudo à sua volta no *campus*. Lecionava na Universidade de Lingnan há três anos, quando viu Liang caminhando com outros alunos. No primeiro momento, o que o atraiu foi o modo como ela andava, flutuando entre eles, como se estivesse em uma obra do artista Pu Ru, caminhando pela névoa. E ali estava ela, com ele novamente. Wei ficava arrebatado com a forma pela qual parecia real vê-la em pé com a mão estendida em sua direção, ou imaginar seu calor ao debruçar-se e tocar seu rosto.

– Você está cansado – disse ela, com voz reconfortante e uma beleza de tirar o fôlego.

Encantar-se era tudo o que ele podia fazer para não sorrir ou rir em altos brados graças à alegria de vê-la novamente. Wei nunca sonhara que teria a sorte de conhecer e casar-se com alguém tão maravilhosa quanto Liang.

O ruído na sala de espera aumentou e aproximou-se de Wei, ameaçando levar Liang embora, enquanto ele esforçava-se para manter-se junto dela. Sentiu o coração bater mais forte. *Eu preciso de você*, pensou ele, *sempre precisei*. Sentiu na boca um gosto amargo, o gosto do arrependimento por não ter demonstrado o

quanto. Vendo seu sorriso, à medida que a imagem da esposa desvanecia, ele continuou de olhos fechados.



Longe da agitação, seu neto estava sozinho em algum lugar daquele hospital, e não havia nada a fazer a não ser esperar. Wei perguntava-se se aquilo não seria uma espécie de punição pelos anos em que esteve voltado para si próprio. Sempre fora muito envolvido no trabalho, nunca levando em consideração as pessoas à sua volta. Ao se formar na Universidade de Lingnan, em vez de trabalhar nos negócios da família como era o desejo do pai, preferiu concentrar-se nos estudos de história da arte, lecionar e pesquisar. A ideia de ganhar dinheiro nunca lhe ocorreu. Já estava com trinta anos quando finalmente casou-se com Liang, e, muito tempo depois de desistirem da ideia de ter um bebê, Sheng nasceu, dez anos mais tarde. Durante todo o tempo, Wei continuou a trabalhar por longas horas, identificando a evolução da arte em cada dinastia, catalogando cada artefato ou pintura, registrando cada informação com a consciência de que aquela era sua pequena contribuição em favor da longa e complexa história da China. Seu maior prazer era descobrir como o passado os trouxera até o presente. Dizia a si próprio que seu trabalho era parte de todos os seus legados, mas será mesmo? No momento em que parou por um tempo, Wei havia perdido tanta coisa da infância de Sheng, que quase não se lembrava da aparência do filho quando menino.

Liang faleceu um ano depois de ele ter se aposentado. Wei viveu um desespero silencioso com a perda da esposa, no momento em que, finalmente, iria poder passar mais tempo com ela. A cada manhã, precisava reunir todas as suas forças para conseguir sair da cama, e somente no ano seguinte, 1951, com o nascimento do neto,

encontrou novamente um rumo. Seu maior pesar era o fato de Tao não ter conhecido Liang, sua vovó grisalha.

Ao contrário do que fez com o filho, Wei deu ao neto total atenção. Não conseguia imaginar a vida sem o Tao; o garoto era o batimento de seu coração, seu futuro. Wei ensinara-o a recitar os nomes das quatro maiores dinastias antes mesmo de o menino conseguir formar uma sentença completa. Ele ainda conseguia ouvi-lo recitar “*Han, T’ang, Sung e Ming*” muitas e muitas vezes, como se fosse um cântico. Durante o dia, a cantoria corria pelo pátio, transformando-se na canção de ninar que levava-o para a cama todas as noites.

Wei nunca sentira tanto orgulho.



Mesmo de olhos fechados, Wei sentia o olhar da nora posado sobre ele, uma sombra e o movimento do ar quando ela aproximou-se. Continuou de olhos fechados, preso a seus pensamentos por mais algum tempo. Kai Ying era boa pessoa. Liang havia dito isso logo no começo, mesmo quando ele ainda sentia-se desconfortável pelo fato de ter uma pessoa estranha em casa.

– Ela é uma jovem de bom coração, que aprende depressa e, mais importante, dará raízes a Sheng – disse-lhe a esposa.

Naquela época, Liang não vinha se sentindo bem, e ele tomou consciência de que a vida dela estava chegando ao fim. Wei podia imaginar o alívio que Liang devia ter sentido ao entregar sua família nas mãos de uma jovem em quem confiava. Quase dez anos mais tarde, Kai Ying não a havia desapontado.

– *Lo Yeh*, o médico está aqui – Kai Ying sussurrou ao seu ouvido.

Wei abriu os olhos devagar, pigarreou e esperou um momento, até que o mundo voltasse a ter foco. Olhou de relance para Kai Ying e viu um rosto desesperado, com pequenas linhas de medo que desfiguravam os lábios crispados. Ele desejou que Liang estivesse ali; ela saberia consolar a nora. Sheng puxara a mãe nesse quesito. Ele sempre era o melhor professor, muito querido pelos alunos. A inabilidade de Wei para dizer as palavras certas eram como um nó em sua garganta. Ele se aproximou e colocou a mão sobre a da nora.

KAI YING

O médico que finalmente veio falar com eles era frio e distante. Com os olhos fixos no prontuário, contou-lhes que Tao sofrera fratura grave na perna direita. Com a mesma altura de Kai Ying, o médico tinha aparência séria, cuidada, que ia da armação preta e grossa dos óculos à risca perfeita dos cabelos. Parecia ligeiramente anêmico, sua pele pálida e clara, quase translúcida. Uma veia proeminente pulsava em sua têmpora. Kai Ying perguntou-se se passava algum tempo sob o sol e o ar fresco, e prescreveria tais medidas imediatamente se ele viesse consultá-la, juntamente com sopa de ginseng, goji berry e raízes de astrágalo que lhe dariam mais energia e melhorariam o fluxo sanguíneo.

O médico conduziu-os para um corredor abafado, para que pudessem conversar. Arranhões pretos nas paredes denunciavam as macas e cadeiras de rodas que haviam passado por ali descuidadamente. Kai Ying sentiu uma leve brisa soprar em sua nuca. A garganta estava seca. Seu sogro estava parado bem perto dela, aguardando. Enquanto escutava, não conseguia tirar os olhos da mancha amarronzada na manga do avental branco do médico. Ele contou-lhes que Tao tinha também alguns ferimentos e lacerações, e que ficaria em observação cuidadosa durante a noite devido a possíveis sinais de trauma na cabeça. Mas a maior preocupação era a perna. Na idade em que Tao encontrava-se, a fratura da placa de crescimento era sua grande preocupação; ela precisava consolidar-se por inteiro, para que o osso continuasse a crescer normalmente. Se a placa se fechasse devido à fratura, a perna direita ficaria mais curta, e ele mancaria pelo resto da vida.

Eles já haviam alinhado o osso, suturado o ferimento externo e colocado o gesso. Ele ficaria internado por sete a dez dias.

– Seu filho teve sorte – continuou o médico, olhando para ela pela primeira vez. – A perna sofreu todo o impacto da queda. Se não fosse por isso, nossa conversa estaria sendo totalmente diferente. Vocês precisam ficar profundamente agradecidos pelo fato de ele estar vivo.

A cabeça de Kai Ying disparou. *Vivo*. Ela engoliu aquela palavra como se fosse um remédio. Na mesma hora, começou a pensar nas ervas que precisaria comprar para ajudar na consolidação da fratura. Ela tinha raízes de astrágalos, tienchi ginseng e casca de tangerina, mas precisava também de óleo de cártamo e casca de *eucommia* da loja de ervas, que ela não poderia comprar até o dia seguinte, quando Tao estivesse acordado. Precisaria, também, da sopa para fortalecer seu *qi*, a energia de vida curativa que manteria o sangue fluindo dos rins para as fraturas.

Ela voltou-se para o sogro, que olhava fixamente para o médico, enquanto este falava.

– Estamos agradecidos pelas boas notícias – disse ele.

Ela ouviu um certo alívio no tom de voz de Wei.

– Podemos vê-lo? – perguntou ela, seu olhar finalmente desviando-se da manga do avental para os olhos do médico.

Por um momento um tanto longo, o médico olhou por sobre o prontuário para Kai Ying, como se, pela primeira vez, estivesse se dando conta de sua presença.

– Eu quero vê-lo – repetiu ela, falando mais alto. Somente por Tao ela tinha coragem de ser tão insistente.

– É claro – o médico respondeu.

Ao seguirem pelo corredor, o médico informou-os de que Tao estava sedado e descansando confortavelmente, de que ele dormiria até a manhã seguinte, e aconselhou-os a irem para casa descansar.

– Amanhã será outro longo dia – lembrou-os.

Ela aquiesceu educadamente, pensando que não poderia ser um dia mais longo que esse que ela acabara de passar.



O quarto de Tao era pequeno e simples. Estava escuro naquele fim de tarde melancólico. O menino parecia ter sido engolido por todos os tubos e pela máquina que monitorava os batimentos cardíacos, cujos sinais sonoros ocupavam o ambiente. *Vivo*, pensava ela cada vez que ouvia um bipe. Ela ficou parada ao lado da cama observando o sobe e desce regular do seu peito. Ele sempre fora magrinho, cheio de energia e curiosidade, um menino doce, de membros longos, cujo estirão recente fê-lo parecer mais velho.

Naquele momento, parecia tão novo e desamparado. Seu corpo frágil e ferido parecia franzino sob o lençol branco. De um tubo no braço esquerdo, um líquido claro pingava vagarosamente, enquanto o outro braço, enfaixado, descansava sobre um travesseiro. A perna direita estava engessada, apoiada e presa a um aparelho que parecia um estilingue, e que impedia totalmente os movimentos. Tudo aquilo parecia uma tortura, mas os remédios estavam ajudando-o a dormir. Ela desejava que ele não acordasse no meio da noite assustado e com dor.

Em um canto, um ventilador encarregava-se de fazer o ar quente circular. Kai Ying perguntou ao médico se poderia ficar com Tao

naquela noite, mas este insistiu que ela fosse para casa e descansasse.

– Volte amanhã, bem cedo – acrescentou ele, com voz suave.

Foi aí que ela compreendeu que, ao menos, ele era capaz de entender seus temores, deixando-a mais à vontade.

– Ele vai se recuperar totalmente? – perguntou seu sogro de repente. Ele estava parado do outro lado do pequeno quarto, perto da janela, e sua voz reverberou no ar.

O médico olhou para ele.

– Saberemos melhor depois que retirarmos o gesso – respondeu.

Wei pigarreou em resposta e virou-se para olhar pela janela.



Kai Ying debruçou-se sobre a cama e beijou Tao suavemente na testa, seus dedos pairando sobre a teia de arranhões no queixo e nas bochechas. Ela desejou ter o poder de fazê-los desaparecer. Tao parecia estar simplesmente dormindo, com a mesma respiração regular que ela ouvia quando ia ao quarto dele todas as noites, antes de dormir. De olhos fechados, sentia falta da vida que emanava daqueles olhos vivos, que nunca perdiam nenhum detalhe. Ficou ali parada, olhando para ele, em busca dos mesmos fios de conexão que fizeram de Sheng e do menino pai e filho. Mas, o que via no garoto adormecido era a si própria, as maçãs do rosto, as pálpebras duplas, combinadas com o nariz reto de Sheng e a altura da família Lee, pela qual era grata.

Kai Ying olhou para Tao, o rosto adormecido tão descomplicado. Ele fizera com que ela se mantivesse sã no último ano. A imagem do filho evocava nela sentimentos de juventude, esperança e a alegria da inocência pura, mesmo nos momentos mais sombrios.

Certa vez, Sheng contara-lhe que os pais haviam perdido a esperança de ter um filho, e que já estavam casados havia nove anos quando, finalmente, a mãe ficara grávida. E como aquele momento mudou tudo. Kai Ying não conseguia imaginar como seria sua vida se não existisse Sheng. Ou Tao.



Desde o ano em que Sheng foi preso, a vida subitamente se modificara para ela e para Wei. Ela tentava esconder o sofrimento, mas era impossível que Tao não sentisse o pavor constante, a tênue sombra de medo sempre ali, atrás dela. Ela sabia que o menino tinha curiosidade de saber por que o pai fora levado, mas o sogro e ela decidiram que ele era muito jovem para compreender o que havia acontecido. Eles lhe contariam quando fosse mais velho, depois da volta de Sheng. Agora, ocasionalmente, ele perguntava quando o papá estaria de volta. *Logo*, respondia ela, *quando terminasse seu trabalho*.

Nos primeiros meses após a prisão, Kai Ying ia à secretaria de Segurança Pública diariamente, querendo saber onde a polícia estava mantendo-o preso. Finalmente, tudo o que as autoridades informavam era que ele havia sido levado para o norte, para ser reeducado, e que entraria em contato com ela assim que se estabelecesse. Kai Ying sabia que ser “reeducado” era o mesmo que cair em um buraco negro. Alguns nunca mais eram vistos, enquanto outros voltavam derrotados, enfraquecidos pelo trabalho árduo, pela doença e pela fome. Ela desejava que ele aguentasse firme e que voltasse para eles. Não se permitia pensar no que fariam caso Sheng nunca voltasse, caso ela não mais ouvisse a sua voz ou sentisse seu contato.



Mesmo depois de o médico tê-los deixado sozinhos, seu sogro continuou olhando pela janela pequena e encardida para o prédio à sua frente. Um espaço estreito separava os dois edifícios e a parede desbotada do outro lado parecia escura e sinistra. Kai Ying sabia que Wei gostava de arte e de cores, e não conseguia imaginar por que ele preferia olhar para a parede ao invés de observar o neto. Wei finalmente voltou-se para ela.

– Não creio que bata muito sol neste quarto depois do meio-dia.
– Pelo tom de voz, parecia que ele acabava de acordar de um longo sono.

Kai Ying sentia seus olhos pousados nela, como se ela fosse um de seus alunos, de quem ele esperava uma resposta.

– Não – respondeu ela.

Finalmente, ele aproximou-se da cama e tocou a mão de Tao, tão pequena e frágil, perto da sua. Quando viu os olhos de Wei encherem-se de lágrimas, ela desviou o olhar e surpreendeu-se quando ele voltou a falar.

– Tao precisa de um quarto bem-iluminado – disse ele. – Vou falar com o médico a respeito disso.

Como uma planta, pensou ela. Ele precisará da luz do sol para ficar forte novamente.

– Sim – concordou.

SUYIN

Quando Suyin deixou o hospital em direção ao Parque Dongshan já estava quase escurecendo. A chuva havia parado e as ruas estavam mais silenciosas, mas o tempo continuava quente e viscoso e a vermelhidão das espinhas em seu rosto ardia e coçava. Por hábito, as mãos descansavam sobre a esfera em que se transformara sua barriga. Suyin esperava que o bebê estivesse bem, alojado em seu ventre naquela noite abafada. Ao contrário de outros dias, ela não sentira qualquer movimento. Estava grávida de sete meses e sentia-se, ao mesmo tempo, amedrontada e maravilhada com o fato de dar à luz em pouco tempo.

À medida em que o momento se aproximava, o único plano de Suyin era deixar o bebê no hospital depois do parto. Ela confiava nos médicos e nas enfermeiras e sabia que eles encontrariam um bom lar para seu filho. Seu único desejo era que a mulher fosse como a que ela vira na sala de espera do hospital naquela tarde. Ela lembrava-se do rosto abatido e belo da mulher, sentada ao lado de um homem idoso. Pela conversa entre eles, soube que o filho da mulher havia se machucado em uma queda. Mesmo sofrendo, Suyin achou que ela parecia jovem e cheia de vida, além de completamente devotada ao filho. O tipo de mãe que ela gostaria de ser, um dia. Olhou para baixo e acariciou a barriga. Tinha quinze anos, era muito nova e despreparada para cuidar desse pequeno ser.

A própria mãe de Suyin havia apanhado por tanto tempo, que esqueceu de que um dia fora jovem. Seu pai havia desaparecido anos atrás, deixando a mãe sozinha com três crianças em um

pequeno apartamento de dois cômodos na Velha Guangzhou. Há três anos, a mãe casara-se com seu padrasto, um homem de quem ela, desde o início, não gostava. Suyin deixou a família assim que a barriga começou a aparecer. Ela não poderia ficar em uma vizinhança cheia de fofoqueiros. Sua mãe não merecia tal vergonha, depois de ter trabalhado tão duramente para manter a família unida. E ela não podia trazer mais uma boca para aquela casa. Suyin estava completamente só, mas encontraria uma forma de sair dessa situação por si só.

Nos últimos quatro meses, vinha vivendo nas ruas. Durante o dia, pedia esmolas perto do Parque Dongshan, longe da Velha Guangzhou, onde alguém poderia reconhecê-la, e onde não havia espaços vazios, uma vez que a multidão respirava coletivamente. A mãe de Suyin limpava casas e o pai era carpinteiro, fazendo, na maioria das vezes, serviços avulsos. Quando Suyin era menina, a mãe era cheia de vida, e tinha grandes planos para a família. *Um dia, nós teremos uma bela casa no Distrito de Liwan*, dizia a mãe, sonhando alto. Era ali que os dignitários estrangeiros tinham mansões fechadas por portões, em ruas largas, arborizadas, parecidas com as de Dongshan. Sua mãe, certa vez, limpava uma daquelas casas e jamais se esquecera. Ela contava para Suyin e seus irmãos a mesma história, muitas e muitas vezes, sempre finalizando com: *Este apartamento apertado é temporário, somente até seu papá encontrar um trabalho estável*. A lembrança da mãe e dos irmãos trouxe lágrimas aos seus olhos.

Lembrou-se de que, quando era pequena, o pai aceitava todos os serviços e ficava longe de casa, às vezes, durante semanas ou meses, trabalhando em construções, em outras cidades. Enquanto

estava ausente, eles viviam com o salário escasso da mãe, e parecia que, na maior parte do tempo, apenas sobreviviam às custas de uma aguada sopa de arroz. No pequeno apartamento, Suyin e os irmãos dormiam em uma pequena alcova anexa à cozinha, em um beliche feito pelo pai. Suyin na cama de baixo e os dois irmãos na de cima. O teto era tão baixo, que os irmãos precisavam se arrastar, um de cada vez, quando entravam ou saíam da cama. Seu pai foi embora pela última vez oito anos atrás. Ele abraçou-os e disse adeus como sempre fazia, pedindo-lhes que fossem bons.

– Ajudem sua mamã – disse-lhe.

Ela nunca mais viu o pai.



Naquela tarde, quando começou a chover, Suyin entrou na sala de espera do hospital e sentou-se. A gravidez dava-lhe um ar de legitimidade, evitando assim que algum atendente ou enfermeira lhe pedisse para sair. Semanas antes, havia descoberto que aquele era um lugar seguro, fora das ruas, onde podia recobrar o fôlego. Era um lugar onde todos pareciam tão vulneráveis quanto ela, seus rostos ansiosos e a ignorância do que estava por vir. Suyin sentiu-se imediatamente confortável, ao sentar-se em frente àquela mulher e ao senhor idoso, como se estivesse esperando junto com eles. Quando, finalmente, os dois foram chamados para conversar com o médico, ela continuou sentada até as sombras aumentarem e a sala esvaziar, mas eles não voltaram.



À noite, Suyin dormia na porta dos fundos de uma loja de objetos de arte perto do parque, cuja proprietária tinha pena dela. Todas as manhãs a mulher deixava-lhe um balde de água fria para que se

lavasse. Suyin sabia que tinha mais sorte que a maioria das pessoas de rua. Estava quase completamente escuro quando a menina aproximou-se do parque, um brilho amarelado de luzes a distância. Viu um homem parado na esquina, fumando, e perguntou-se se ele lhe daria alguns trocados para que comprasse alguma coisa para comer. Seu estômago roncava.

– Por favor – disse ela ao aproximar-se, estendendo uma das mãos, enquanto cobria a barriga com o casaco de algodão. No escuro, ela só conseguia enxergar o contorno do seu rosto, enquanto o homem a examinava de alto a baixo.

– Vá embora – disse ele, com escárnio. Ela sentiu o cuspe dele lavar seu rosto.

A raiva do homem foi como um tapa, fazendo com que Suyin rapidamente se afastasse, mas não sem antes recobrar a voz e dizer:

– Seu idiota!

– Venha até aqui e repita isso, sua puta – gritou o homem.

Suyin continuou andando. A menina raramente se aproximava das pessoas para pedir dinheiro, e, normalmente, esperava até que alguém, finalmente, sentisse pena dela. Ficava no portão do parque, entre outros mendigos, segurando uma velha lata de pasta de feijão. Costumava receber o suficiente para um pãozinho ou dois, e, ocasionalmente, conseguia comprar uma tigela de macarrão. Hoje, ela passara o dia todo no hospital, na esperança de que a fome passasse. Ao mesmo tempo em que limpava o cuspe do rosto com a manga do casaco, lágrimas brotavam-lhe nos olhos. Os últimos meses de mendicância nas ruas haviam lhe ensinado que a maioria das pessoas afastava-se quando ela se aproximava, ou pior,

olhavam através dela, como se ela fosse um fantasma. Mas hoje, com a mulher da sala de espera, foi diferente. Ela sustentou o olhar por um longo tempo, e por um momento, Suyin sentiu-se real novamente.

KAI YING

Wei quase não conversou durante a volta do hospital. Havia parado de chover, e o ar pesava como um cobertor. Kai Ying tirara o casaco há tempos, e a túnica de algodão estava molhada junto a seu corpo. No último ano, ela perdera peso, e, às vezes, tinha a impressão de que seus ossos estavam encolhendo. O triciclo que servia de táxi avançava ao longo das ruas congestionadas, das lojas e restaurantes lotados de pessoas recém-saídas do trabalho, que compravam algo para comer ou tentavam conseguir um táxi ou ônibus para voltar para junto de suas famílias. Kai Ying perguntava-se quantas delas tinham meninos como Tao, saudáveis e felizes, e não sendo monitorados em uma cama de hospital. Naquele momento, sentiu inveja de toda aquela gente.

Ao virar a esquina, passaram pelo Restaurante Pearl, onde Sheng a levava diversas vezes. Ocasionalmente, deixavam Tao em casa com Wei ou com a Tia Song, e saíam para jantar. Podia ser algo simples como macarrão ou arroz com legumes, mas ela sentia-se leve e extravagante. Naquele momento, ao passar pelo Pearl, sentiu um nó no estômago. Ao mesmo tempo, lembrou-se de que eles não haviam comido nada o dia todo.

– Você está com fome? – perguntou.

Wei meneou a cabeça.



Ao chegarem em casa, Kai Ying parou no pátio para ganhar fôlego, enquanto Wei entrou rapidamente. Ela ficou ali, em pé, perto do lugar onde Tao caíra. Não havia qualquer sinal do ponto onde o corpo do menino estivera naquela manhã. Felizmente não havia

sangue. Se houvesse, seria uma mancha difícil de tirar e faria com que se lembrassem da queda para sempre. Ela não queria que Tao tivesse pesadelos todas as vezes que a visse.

Kai Ying olhou para a árvore que havia amado desde o primeiro momento em que entrara naquele pátio para fazer parte da família Lee. Lembrou-se de ter ficado deslumbrada com sua beleza. Fazia com que se lembrasse de sua cidade natal, Zhaoqing. Ela havia crescido em frente a um lindo lago, cercado de penhascos montanhosos e árvores. Em compensação, Guangzhou era fria, pesada. A sumaúma não apenas oferecia folhas e flores para fins medicinais, mas vê-la por perto fazia-a sentir menos saudade de casa.

O que será que Tao estava pensando para subir na árvore? Ele devia saber que é perigoso. Ela pensou na impulsividade de Sheng e uma certa raiva sobrepôs-se ao seu medo. O céu estava escurecendo e o pátio cobria-se de sombras. O cheiro de óleo de amendoim impregnava o ar à medida que refeições começavam a ser preparadas. Kai Ying estava aliviada pelo fato de o casarão ser só deles naqueles momentos difíceis. No início daquela semana, eles haviam ficado sabendo que os Changs, que moravam no andar de baixo, ficariam em Nanjing com a filha e o neto durante o Ano Novo. À sua volta, apenas o zumbido feliz dos mosquitos depois da chuva. Uma voz vaga, que parecia ser da Tia Song, parecia chegar de um casarão vizinho. Deveria ser como qualquer outra noite, mas não era.

Kai Ying ouviu Wei remexendo na cozinha e perguntou-se o que estaria procurando. No momento seguinte viu-o caminhando em sua direção, segurando um objeto brilhante. Antes mesmo de entender o

que estava acontecendo, Wei levantou o braço e, usando um cutelo, arremeteu contra a sumaúma. Um golpe rápido e a lâmina afiada atingiu o tronco marrom acinzentado. O sogro grunhiu e puxou o cutelo, deixando um talho de quase oito centímetros. Kai Ying viu a lâmina prateada subir novamente e agarrou o braço de Wei com força. A sumaúma não apenas produzia a flor da cidade de Guangzhou, mas era, também, sua árvore oficial. A turbulenta história recente da China ensinara que devia-se evitar problemas com vizinhos intrometidos, que podiam informar as autoridades. Kai Ying não permitiria que a sumaúma prejudicasse outro membro de sua família.

– Chega! – gritou ela. – Chega! – Sua voz soava ríspida e estranha no momento em que ela agarrou seu braço.

O pátio parecia estar sem ar, a não ser pela respiração difícil de Wei. Ele balbuciou algo, mas ela não entendeu. Lentamente, Wei baixou o braço e ela pegou o cutelo e o levou para longe. Wei ficou ali, os braços ao lado do corpo, os ombros caídos. Ela assistiu meses e meses de medo, aflição e frustração no golpe do cutelo. E ela? Não sentia a mesma coisa? Sentiu o peso do cutelo na mão, mas, naquele momento, não iria ceder.

Lado a lado, Kai Ying sentia-se grata por não ver o rosto do sogro. Ela queria o velho Wei de volta, o homem que impunha respeito no momento em que entrava na sala de aula, o homem que sentara ao lado da esposa moribunda, dia após dia, lendo baixinho para ela, que passava horas e horas rindo e conversando com o neto. Em vez disso, o que ela experimentava era a presença da sumaúma sobre eles, e a sensação de que eles também haviam caído.

O MENINO CAÍDO

AGOSTO DE 1958

Tao

Depois de subir na sumaúma, Tao só se lembrava de ter acordado no hospital e chorado, querendo estar perto da mãe. Ao mover-se, uma dor insuportável, que começava na perna, atingiu todo o seu corpo. Uma enfermeira imobilizou-o e falou delicadamente com ele, embora ele não conseguisse lembrar-se de nada do que ela dissera. Tao dormiu a maior parte do tempo, sentindo-se atordoado nos momentos em que passava acordado, mas, sempre que corria os olhos pelo quarto quente e abafado, via a mãe e o avô ao lado da cama. E fechava os olhos novamente.

Ele odiou o gesso pesado e duro. O apático médico estava preocupado com o osso fraturado e com o processo de consolidação. Naquele momento, a mãe e o avô estavam no corredor, e ele escutou enquanto o médico conversava com eles sobre a probabilidade de ele coxear pelo resto da vida se o osso não consolidasse da maneira certa. A voz do médico soava vaga e distante. Tao fingiu dormir. Tudo o que ele queria era ir para casa. E, em algum lugar em meio a todos aqueles murmúrios, ele se perguntava se seu papá saberia que ele havia se machucado e se isso o traria de volta para casa.

SONG

Tia Song estava sentada em um banco de madeira ao lado de um canteiro muito bem-plantado e organizado de *gai lan*, suas folhas, verde-azuladas e acetinadas escondendo os caules crocantes do brócolis chinês que ela adorava. Essa horta, onde ela ficava meio escondida pelas plantas que cultivava, era o lugar onde gostava de refletir. Com uma faca afiada, Song cortava a base os caules grossos, até que uma pilha de *gai lan* acumulou-se ao seu lado. Depois de duas semanas no hospital, Tao estava voltando para casa, e, naquela noite, ela iria jantar com os Lees.

Song admirava a última colheita de verão. Atrás dos brócolis estavam os melões-de-são-caetano e seus valorizados longos grãos, alguns galhos com mais de sessenta centímetros, e prontos para serem colhidos. Eles cresciam loucamente naquele clima úmido e quente. Já era agosto, e, no próximo mês, ela plantaria colheitas de outono, como *yu choy*, *choy sum* e *bok choy*, os vegetais folhosos que saboreava no inverno. Mas, se a perna de Tao não estivesse boa ainda, Song poderia adiar o plantio por algumas semanas. Desde que era ainda bebê, Tao adorava acompanhar o crescimento dos vegetais, muitos dos quais mais altos do que ele próprio. Song havia prometido que ele a ajudaria a plantar e não voltaria atrás. Haveria maneira melhor de curar-se e recuperar a energia?

Aos sessenta e oito anos, Song ainda trabalhava na horta durante muitas horas, diariamente. Ela amava o começo da manhã, a forma como a terra fresca corria por entre seus dedos quando cavava. Ela achava que o solo tinha poderes curativos e jurava que

ele aliviava a artrite que acometia seus dedos. Song endireitou-se, flexionou os dedos e sorriu. Mesmo com todas as ervas que Kai Ying lhe dava para aliviar a dor da artrite ou baixar a pressão sanguínea, trabalhar na terra era o que a fazia sentir-se mais saudável e viva. Song olhou para o céu e viu as nuvens adensando-se. O galo do vizinho Lau gralhou novamente e ela meneou a cabeça. A ave barulhenta era só chateação. Inspeccionou seu jardim florescente e sentiu-se cheia de alegria, lembrando-se de um tempo em que esse tipo de milagre, essa abundância de comida, eram apenas um sonho.

Era bem diferente do frenético distrito da Velha Guangzhou, seu lar por mais de cinquenta e cinco anos; os quarteirões com construções de três ou quatro andares, no estilo cantonês Qilou, batidas pelo tempo, com lojas e restaurantes no térreo, famosas pelas arcadas que cobriam as calçadas, deixando de fora o calor do verão e as violentas chuvas das monções. Mais uma vez, ela ouvia as vozes frenéticas barganhando nas lojas abaixo, sentia a multidão de pessoas empurrando-a no passeio frio e escuro, respirava os aromas gordurosos, tingidos de fumaça e suor, muito embora, além disso tudo, surgia o fedor de lixo e urina dos becos estreitos. Nos andares superiores de cada prédio Qilou, diversas gerações de famílias compartilhavam cômodos superlotados. Desta forma ela passou a infância, seguida de quarenta anos de casamento com o Velho Hing, a vida confinada em um pequeno e sufocante apartamento, dois andares acima de um mercado de peixes e de um restaurante *dim sum* onde trabalhara quando criança. Song sorriu ao imaginar que o Velho Hing se viraria no túmulo se a visse naquele momento.



Quando Hing finalmente faleceu, quase doze anos atrás, a amiga de Song, Lian, convenceu-a a sair da Velha Guangzhou e mudar-se para o casarão.

– Há muito lugar – disse ela, encorajando-a. – E você terá total privacidade.

Liang fora sua amiga mais próxima desde a escola fundamental, e a única pessoa por quem Song faria qualquer coisa, sem dúvida alguma. Ela achava que, em vidas passadas, elas deviam ter sido irmãs. Ou como poderia explicar aquela amizade? Liang tivera uma boa educação, crescera em uma boa família, enquanto Song crescera pobre e casara antes de terminar o ensino médio. Aos dezesseis anos, seu pai vendeu-a a Hing para que se casasse com ele. Hing tinha quarenta anos e já havia sido casado duas vezes. Havia rumores de que a primeira esposa morrera de medo – o pavor que sentia de Hing fez com que seu coração parasse. Quanto à segunda, certa noite, simplesmente desapareceu e nunca mais foi vista. Ele disse aos vizinhos que ela voltara para a vila de origem, com suas bênçãos. Seis meses depois, Hing viu Song fazendo bolinhos no restaurante do andar térreo e convenceu seu pai alcoólatra para que a vendesse a ele. Por um valor muito baixo, que compraria não mais que uma centena de bolinhos, Song transformava-se na “noiva dos cem bolinhos”, e manteve-se prisioneira virtual de um monstro mesquinho.

Após a morte de Hing, Song hesitara em mudar-se para o casarão, com medo de que pudesse não se ajustar ao silêncio da então elevada área de Dongshan. Isso antes de os comunistas assumirem o poder; depois, o governo apoderou-se dos casarões e eles passaram a ser compartilhados por famílias. Ela os visitara

diversas vezes, nunca indo além do jardim e da cozinha. Mas, quando Liang levou-a pelo passeio de tijolos até os aposentos outrora reservados aos empregados, nos fundos do casarão, Song vacilou ao deparar-se com o quintal negligenciado. Desde os tempos de mocinha, ela desejava ter um jardim, que, para ela, tinha o significado de liberdade. Ter um jardim corresponderia a escapar da abarrotada Velha Guangzhou. Com seu próprio pedaço de terra poderia plantar sementes e vê-las crescer. Song não podia imaginar maior riqueza. No primeiro mês após a mudança, Song já havia limpado a maior parte do quintal, deixando-o pronto para o plantio.



Os Lees eram agora a sua família. Song prometera a Liang, quando esta estava perto do fim, que cuidaria de Wei, Sheng e Kai Ying. A partir daquele momento, ela passara a tratar Wei como irmão, e Sheng e Kai Ying como seus próprios filhos. Tao era mais uma fonte de alegria. Os anos passados desde a mudança haviam sido bons para com ela. Mesmo agora, era difícil acreditar que nove anos haviam se passado desde a morte de Liang. Todas as alegrias que ela não desfrutara, como o nascimento de Tao e a constatação de que Kai Ying era uma ótima nora e mãe, haviam ficado para Song.

Tao ficará bem, pensou Song. A queda da árvore foi um susto, e a possibilidade de perdê-lo era uma tragédia grande demais para qualquer um deles, principalmente após a prisão de Sheng. Diariamente, ela acendia incenso e rezava para Kuan Yin, a Deusa da Misericórdia, para que Sheng voltasse logo para casa. Ainda era difícil para ela acreditar que ele havia escrito aquela carta ao Primeiro Ministro. Ela conhecia Sheng desde o dia em que este

nascera; aquela criança tão aguardada, que não prejudicaria sua família por motivo algum.



Song voltou sua atenção para o som do portão se abrindo, seguido de vozes que vinham do pátio. Tao estava chegando! Do canto do olho viu que as cebolinhas também estavam prontas para a colheita. Recolheu os vegetais apressadamente, ficou em pé e sacudiu a poeira das calças de algodão. Junto com os galhos longos e o alho-poró, os vegetais salteados adicionariam sabor ao jantar daquela noite. Carregava uma braçada deles quando caminhou em direção ao pátio para dar as boas vindas a Tao. Havia tantas vidas em uma vida, pensou Song ao parar para admirar seu querido jardim.

Tao

Tao já estava em casa há dois dias, e, embora estivesse deitado em sua própria cama, no pequeno quarto, tudo parecia tão diferente. De manhã bem cedo, com a luz passando pelas cortinas de algodão, todos os seus objetos favoritos pareciam velhos e distantes. O tigre de pelúcia desbotado, jogado na cadeira no canto do quarto. O cobertor azul-claro com o qual ele dormia quando era bebê, dobrado aos pés da cama, intocado. Até mesmo a escrivaninha do avô, encostada à parede sob a janela, onde Tao sentava-se para desenhar ou praticar os caracteres chineses, parecia uma velha relíquia. Tentou lembrar-se da última vez em que se sentara à escrivaninha, e, como de hábito, corria os dedos pelos caracteres de seu nome, Lee Tao, que, com um canivete, esculpira embaixo da gaveta da direita da velha escrivaninha. Era o seu segredo. Olhou em volta do quarto, e foi como se tivesse ficado longe por um longo tempo e, desde a sua volta, tivesse transposto a infância.

As cortinas estavam apartadas o suficiente para que Tao pudesse ver os galhos da sumaúma. O céu já estava ficando acinzentado, proclamando a tempestade que viria à tarde. Na volta do hospital, quando o avô atravessou o pátio carregando-o no colo, a visão da sumaúma fora para ele um conforto imediato. Diversas vezes, ao acordar no meio da noite no hospital, amedrontava-o a possibilidade de terem cortado a árvore, deixando no lugar um buraco, e tudo por sua causa. Tao não ousara comentar seu temor com a mãe ou o avô. Mas, ao ver a árvore no pátio apertou o avô

com força. Tao jamais culparia a árvore por ter caído. A culpa era toda sua.

Quando seu papá voltasse, Tao contaria a ele sobre seu sonho e ele compreenderia. Perguntou-se novamente se o pai sabia que ele havia caído, mas, ao ver a alegria da mãe diante de seu retorno, não teve certeza se deveria questioná-la a respeito. Desde que o pai se fora, era raro vê-la sorrir. Mas, se o pai soubesse que ele havia se machucado, não teria voltado correndo para casa? Tao não quis pensar a respeito.

O que o menino jamais diria a ninguém, nem ao pai, foi o que sentiu no dia em que caíra da árvore, como se, por um momento, estivesse voando, e como aquilo o fizera feliz. Mesmo agora, imaginava-se subindo pelos portões, além do muro Ming, muito acima dos becos estreitos e lotados onde costumava correr, e sobre as ruas arborizadas que levavam a lugares distantes que ele nunca vira. Tao tinha certeza de que, se continuasse voando, chegaria às montanhas White Cloud.



Tao estava tendo dificuldade para dormir desde que voltara para casa. Cochilava e logo depois acordava suado, afastando o lençol de algodão que o cobria. Agosto era um mês de calor implacável, tempestades vespertinas e noites úmidas e calmas. Não importava o lado para o qual se virasse, não conseguia sentir-se confortável. A perna direita imobilizada, enclausurada em um gesso pesado, repousava sobre uma montanha de almofadas. E coçava. Ele imaginava que, no momento em que, finalmente, o gesso fosse retirado, o membro iria parecer mumificado, como um daqueles objetos do avô. Se estivesse com seu canivete naquele momento, ele gravaria o que estava sentindo no gesso da perna. Sentia-se

miserável, cansado de ficar deitado o tempo todo, olhando para as manchas de umidade do teto, imaginando que eram constelações distantes. A única coisa boa que havia acontecido um dia antes de ele deixar o hospital fora a retirada das ataduras que cobriam seu braço, deixando ver os arranhões, as feridas que estavam secando. Mas, pelo menos, ele podia mexer o braço com relativa facilidade.

Tao achava que a perna também devia estar melhorando a cada dia. O médico dissera que eles saberiam melhor o que iria acontecer assim que o gesso fosse retirado. Até então, ele deveria passar a maior parte do tempo na cama.

– Tente não mover a perna – dizia a mãe muitas e muitas vezes, repetindo as instruções do médico. A última vez fora na noite passada, quando estava parada na porta do quarto.

– Você já disse isso – respondera, sentindo-se imediatamente arrependido.

Essa foi a primeira sentença completa que ele havia dito desde que voltara para casa. O que mais o contrariava era o fato de que agora a mãe olhava para ele de um jeito diferente; com os mesmos olhos tristes da época em que o pai partira.

Mas Tao não iria partir.



Pratos faziam barulho na cozinha do andar inferior. Tanto o avô como a mãe eram madrugadores. Na mesinha de cabeceira a mãe havia colocado seu café da manhã: uma torrada com manteiga, polvilhada de açúcar, e um copo de leite de soja. Tao imaginava-os sentados à mesa da cozinha, tomando chá, sua mãe comendo fatias de laranja ou papaia, o vovô tomando o mingau de arroz da tigela, como todas as manhãs. Ouviu as vozes dos vizinhos passando para saber como ele estava. Tao desejava estar lá embaixo com eles,

mas, enquanto a mãe ocupava-se dos pacientes, o avô fazia-lhe companhia, jogando, lendo para ele ou contando-lhe histórias. Ele imaginou se chegaria um momento em que as histórias do avô acabariam.

Deitado na cama, Tao preocupava-se com o fato de perder aulas quando as férias terminassem, no início de setembro. Que novos caracteres os alunos aprenderiam durante a sua ausência? E o que seu melhor amigo, o Pequeno Shan, estaria fazendo? Durante sua estada no hospital, alguns colegas de classe tinham enviado cartões, desejando-lhe pronta recuperação. Desde então, não soubera mais nada a respeito deles, muito embora o Pequeno Shan tivesse escrito que o visitaria em breve.

O que mais contrariava Tao era a certeza de que sua classificação na classe cairia se não voltasse para a escola no início do ano letivo. Ele sempre fora um estudante excelente e, antes do acidente, era o segundo melhor aluno da classe. Agora, embora fossem melhores amigos, incomodava-o o fato de que o Pequeno Shan pudesse ultrapassá-lo. A única pessoa que ele conhecia e que era melhor do que ele próprio era Ling Ling. Ela era sempre a primeira, e, além disso, a menina mais bonita da classe. Tao gostava de vê-la sentada na primeira fileira, principalmente porque se sentava atrás dela, e podia ver suas duas tranças dançando para lá e para cá, todas as vezes em que a menina levantava a mão para responder alguma pergunta. De vez em quando, ela até se virava para trás e sorria para ele, quando Tao respondia alguma pergunta corretamente. O rosto de Tao estava ficando vermelho ante a recordação. Ele queria voltar para a escola, sentar-se atrás de Ling

Ling, jogar pingue-pongue com o Pequeno Shan, e até fazer os exercícios matutinos no pátio barulhento e repleto de alunos.



Tao ouviu o estalido da panela de ferro no fogo e sabia que a mãe estava começando seu dia de trabalho. Todas as manhãs, desde que ele voltara para casa, mesmo antes de ela abrir o portão para os pacientes, ela fazia um chá especial para ele. Tinha muita esperança de que as ervas ajudariam seu corpo a recuperar-se do trauma sofrido.

– Não é apenas sua perna que precisa sarar; seu corpo todo precisa encontrar o equilíbrio novamente – dizia.

Pessoas de toda a Dongshan vinham consultar-se com ela, porque acreditavam nisso também.

Tao sorriu. Os chás eram difíceis de engolir, fervidos até se transformarem em uma essência escura e forte. Ele achava mais fácil engolir as sopas que ela fazia, de ervas e ginseng, acrescidas de carne de porco ou galinha se tivessem cupons de comida suficientes para isso no final do mês.

A mãe tinha de persuadi-lo.

– Beba isso. Eu sei que é amargo, mas vai revigorar seu sangue e ajudá-lo a ficar forte – insistia ela a cada manhã, enquanto levava-lhe a tigela aos lábios.

O chá tinha um gosto picante ao descer pela garganta. No fundo da tigela, os restos escuros lembravam-lhe um ninho feito de galhos e folhas.



Tao sempre gostou de ver a mãe trabalhando na cozinha, de sentir o aroma forte, pungente, das ervas que ela despejava dos saquinhos de papel marrom na água fervente. O perfume de terra

úmida, almiscarado, misturava-se ao aroma doce das tâmaras vermelhas e dos figos secos que ela adicionava à sopa. Entrar naquela cozinha fumegante era como adentrar em um outro mundo, onde sua mamã era uma bela alquimista, um termo que ele acabara de ler em um livro, alguém que tinha o poder de transformar e encantar. Ele via-a com os pacientes, a forma como ela escutava-os e acalmava-os. Ela conhecia cada um deles, não apenas pelo nome, mas pela doença. *Aí vem o Senhor Yee, que sofre de bursite, ou, o jovem Tan precisa de mais ervas para aquecer seu sangue, ou ainda, o reumatismo de Chong deve estar incomodando-o com este clima.* Era estranho pensar que ele, agora, era um de seus pacientes.



Antes da queda, a mãe de Tao ocasionalmente pedia-lhe que entregasse ervas aos vizinhos, o que fazia com que o menino se sentisse importante. E era sempre seu o trabalho de levar as ervas para a Tia Song, para tratar da artrite e da pressão alta. Ele sabia que a mãe gostava da Tia Song por ela ser autêntica e sensata. Se o pátio era a propriedade do avô, tudo o que ele precisava fazer era seguir pelo passeio de tijolos que levava aos fundos, à horta que pertencia à Tia Song. Quase sempre, Tao encontrava-a ali, ou então na pequena cozinha, limpando e cozinhando os vegetais frescos que acabara de colher. Para cada saquinho com ervas que levava para a Tia Song, ele trazia de volta três vezes mais vegetais que ela mandava para sua mãe.

Certa vez, ele ouviu o avô dizer que Song passara por muitas dificuldades na vida, e que fora casada, por um longo tempo, com um homem muito ruim, mas que ela era valente, e que podia suportar. Era assim que Tao a via: como alguém forte, como a

sumaúma. O menino gostava da aparência da Tia Song; a face tinha mais rugas do que a de qualquer outra pessoa, mas os cabelos tinham apenas alguns fios acinzentados. Quando ela sorria, a falta de um dente era como uma porta entreaberta. Era mais alta e robusta que sua mãe, mas não era gorda. Tia Song gostava de ocupar-se, suas mãos estavam sempre em movimento, plantando, remendando ou cozinhando, e ele sempre se sentia seguro ao lado dela.

Quase todos os dias depois da escola, Tao ajudava a Tia Song na horta. Ele arrancava as ervas daninhas, buscava baldes com água e amarrava os longos galhos. No início de março, ela o havia ensinado a plantar suas primeiras ervilhas, colocando as pequenas sementes na terra úmida, para depois cobri-las.

– Cuidado para não encharcá-las – dizia a Tia Song, debruçada sobre ele. – As sementes apodrecerão se ficarem muito molhadas.

Tao examinava-as todos os dias e ficou extasiado quando os primeiros brotos verdes emergiram do solo. Seu vovô achou que aquelas eram as melhores ervilhas que ele já havia comido.

Tao perguntava-se o que a Tia Song estaria fazendo naquele exato momento e como estaria a plantação sem ele. Olhou para o gesso duro que embrulhava sua perna; mal podia esperar pelo momento de tirá-lo. O menino estava determinado a ficar totalmente curado para a plantação de outono.

Lá fora, o vento quente estava mais intenso, as folhas já começavam a cair dos galhos espinhosos da árvore, raspando o chão de pedras. Tao mudou de posição na cama para ter uma visão melhor da janela. Todas as primaveras, sua mãe mandava-o para o pátio para colher as pétalas das flores da sumaúma, que ela secava

para fazer um chá que baixava a febre. No outono, ele recolhia as folhas verdes da árvore, que eram esmagadas e esfregadas na pele machucada. Enquanto se recuperava, sua mãe teria de fazer esse trabalho. Tao sabia que dali para a frente olharia a árvore de forma diferente. Todas as vezes em que tivesse de ir lá fora recolher as pétalas vermelhas, lisas e cerosas, ou as folhas em forma de lanças da sumaúma, ficaria grato por seu poder curativo.

SUYIN

Suyin acordou assustada. O barulho de um gato perseguindo ou de um rato fugindo no beco havia penetrado em seus sonhos, tirando-a do sono. Às vezes, se tinha sorte, conseguia dormir a noite toda e esquecia a fome torturante. Suyin ficava deitada sobre a cama improvisada, feita dos trapos e da palha que recolhera, mas que não a impediam de sentir o desconforto do chão duro da porta dos fundos da loja.

Suyin mudou de posição, sentindo a pressão do peso do bebê. Sentia dores na cabeça e na barriga. Se estava faminta, sabia que o bebê dentro dela também estaria, e isso deixava-a assustada e ansiosa. Olhou à sua volta, mas ainda estava escuro, a luz da lua lançando sombras no pequeno mundo ao seu redor. Sua túnica estava molhada de suor. Ela nunca gostara do mês de agosto, a época mais desconfortável do ano; a umidade era tanta, que fazia as paredes chorar, dissera sua mãe. Até mesmo agora, no meio da noite, o ar estava sufocante, tão pesado, que quase era possível segurá-lo nas mãos.

Ainda era muito cedo para Suyin caminhar até o *boulevard* e vasculhar as lixeiras. Ela teria, ainda, de esperar até que o mercado abrisse, atraindo a clientela da manhã. Os comerciantes estariam mais dispostos a ceder e dar-lhe algo, só para verem-se livres dela, ou estariam bastante ocupados para perceber sua mão entre os consumidores que pechinchavam, roubando um pão cozido, uma manga ou um nabo. Era bastante cuidadosa, lembrando a história do ladrão cuja mão fora cortada por um açougueiro, quando tentava roubar uma galinha. O ladrão não era mais velho que ela própria.

Suyin nunca tentara roubar nada além de frutas ou verduras; o restante era muito precioso, fazendo com que os comerciantes ficassem mais atentos.

Suyin coçou a barriga.

– Espere – sussurrou para o bebê. – Um dia nós nos refestelaremos com torta de camarão, panquecas de cebolinha verde e pães recheados com feijão azuki. – Eram seus pratos prediletos, e ela podia, apenas, sonhar com eles, mas pensar a respeito fazia seu estômago contorcer-se e ela engoliu o gosto amargo. Suyin voltou a deitar-se, sentindo-se miserável. Pegou um pouco de palha do colchão e pôs-se a mastigá-la.

KAI YING

Agora que Tao estava, finalmente, de volta, Kai Ying não parava de cuidar dele. *Ele está mesmo em casa*, pensava ela. *Mas, será que estava?* Quanto mais pensava a respeito, menos certeza tinha de que quem voltara para casa era o mesmo Tao. O outrora impetuoso e destemido menino que ela conhecia transformara-se em um garoto cauteloso, que ficava deitado na cama em silêncio, seus olhos observando cada movimento dela. Perguntava-se o que estaria procurando, e como poderia ajudá-lo a encontrar.

Os pequenos sinais exteriores de sua recuperação eram aparentes. Havia apenas pequenos arranhões em seu rosto, e as feias manchas arroxeadas espalhadas pelo corpo, graças a um creme feito de folhas de sumaúma que ela aplicava, já estavam desaparecendo. A ironia não lhe saía da cabeça: a árvore da qual Tao caíra, estava agora ajudando a curá-lo. Mas o cabelo, raspado no hospital, ainda era uma mancha escura na cabeça pálida, e

parecia que os membros esqueléticos iriam quebrar-se se ele se movesse da forma errada. O coração de Kai Ying padecia.

O que ela não podia dizer em voz alta era como Tao parecia-se cada vez mais com Sheng, como ela imaginava o marido com a mesma cabeça raspada e corpo esquelético, no campo de reeducação de Luoyang, em algum lugar das planícies centrais da China. Para ela, suas duas cartas eram um tesouro, mas não tivera notícias do marido em mais de seis meses. Estava em constante expectativa. Durante o calor do verão estava congelada, esperando o degelo. Havia inúmeras possíveis razões para o seu silêncio, mas Kai Ying não se permitia pensar nelas. Se não pensasse, não seriam verdadeiras. Esforçava-se para não parecer triste na frente de Tao. Conforme os meses se passavam, ela falava frequentemente de Sheng e lia para Tao trechos de suas cartas. Mas, desde a queda, ele nunca mais lhe perguntara sobre o seu papá. Dificilmente falava alguma coisa.

Quem era esse menino?



Todas as manhãs, depois do café, Wei subia novamente. Durante a primeira semana da volta de Tao, Kai Ying e o sogro haviam assumido seus respectivos papéis visando a sua recuperação. Enquanto Wei distraía-o com narrativas sobre a arte e a história da China, em sua voz calma e uniforme, Kai Ying achava difícil concentrar-se no trabalho, que a mantinha longe do filho durante a maior parte do dia. Ela ouvia os pacientes e tentava parecer concentrada e envolvida, mas sua mente voltava-se para o menininho lá em cima, que precisava ficar o mais imóvel possível, prisioneiro daquele gesso monstruoso, que era duas vezes maior

que sua perna. Ela não queria que ele ficasse manco pelo resto da vida. Eles já não haviam sofrido bastante no último ano?

Kai Ying via aqueles dias como uma cura também para o sogro, que sentia uma imensa alegria sempre que estava com o neto. Na manhã após o incidente com o cutelo, Wei desceu para o café da manhã e pediu desculpas: – Desculpe-me – disse ele. Suas mãos paradas no ar, porque não tinha mais como explicar-se. – Eu não sei o que aconteceu comigo. – Kai Ying viu uma ligeira contração sob o olho esquerdo. Ela não conseguia lembrar-se de alguma vez em que ele pedira desculpas, a ela ou a qualquer outra pessoa.

– Está tudo bem? – perguntou. Desde a prisão de Sheng, ela sentia que, cada vez mais, o sogro estava se afastando deles.

Ele pensou por um momento, antes de assentir e dizer: – Está tudo bem.

A árvore havia sobrevivido. Mas, quando estavam sozinhos, nas noites que se seguiram à volta do hospital, ela evitava olhar diretamente em seus olhos, temendo ter de enfrentar o olhar de dor e frustração novamente. E todas as vezes em que ela saía para o pátio, via-se a uma distância segura a sumaúma.



Enquanto esperava pelo próximo paciente, ela ouviu as risadas de Tao lá em cima. Wei estava com ele. Eram como música, um som glorioso do filho que a enchia de gratidão. Pela primeira vez em quase um mês, permitia-se relaxar. Era como se tivesse prendido o fôlego desde o dia do acidente, à espera do que iria acontecer em seguida, preparando-se, provavelmente, da mesma forma que Sheng, para enfrentar o dia.

Como Sheng ficaria orgulhoso de Tao! Kai Ying sorriu, enfiou a mão no bolso e tocou nas duas cartas do marido; seu sorriso

esmoreceu. Tirou uma das cartas do envelope, como já havia feito centenas de vezes, seus olhos percorrendo rapidamente os caracteres já familiares que cobriam as finas folhas de papel. Ele falava, de forma contida, da vida no campo e do trabalho que fazia lá.

Querida Kai Ying, Esta é a primeira carta que permitiram que eu escrevesse desde a minha chegada aqui em Luoyang, há quase duas semanas. Não havia como escrever-lhe antes, mas estou bem e vai dar tudo certo. Fiquei preso na Secretaria de Segurança Pública durante semanas, até ficar decidido que eu seria enviado para a província de Henan, para ser reeducado. E disseram que eu poderia escrever-lhe depois que chegasse lá.

Kai Ying sabia que Sheng não podia escrever tudo o que estava sentindo. A carta seria examinada pelas autoridades antes de ser despachada, e ele não poderia arriscar que não chegasse até ela. Em cada uma das linhas ela ouvia sua voz; em cada pausa, estavam as palavras que ele não podia dizer. Desde o momento da prisão, ela sabia que a polícia já o considerava culpado de atividades contrarrevolucionárias. E a carta que ele enviara ao gabinete do primeiro-ministro era a evidência de que precisavam. Outros haviam sido sentenciados por muito menos. A polícia recebera do partido plenos poderes para executar detenções administrativas sem a assistência de advogados ou do sistema judiciário, por quaisquer atos de desordem, com tanto que não fossem criminais. As mulheres e homens presos por qualquer tipo de comportamento inconformista eram, quase sempre, condenados à reeducação por meio do trabalho.

Certa vez, Sheng comentara com ela a respeito de colegas que foram sentenciados a anos de trabalho braçal, desaparecendo da vida dos conhecidos como se nunca tivessem existido.

– Transformam-se em sombras – disse ele. – Alguns por um ano ou dois, enquanto outros ainda não retornaram para junto das famílias.



As palavras do poema odiado, subitamente voltaram à memória de Kai Ying: “Deixem que uma centena de flores desabroche; deixem que uma centena de escolas de pensamento discordem”. Ela ainda escutava a voz de Sheng naquela tarde de primavera, em 1956, quando voltou do trabalho com a novidade: – O partido acaba de anunciar que vai querer ouvir todos os intelectuais e artistas, visando aperfeiçoar a China e o partido – disse, quase sem fôlego, o rosto fegoso de excitação.

– O que você está dizendo? – Kai Ying perguntou-lhe. Ela estava na cozinha, fazendo uma sopa de folhas de lírio para combater a tosse de Tao. O vapor subia, enchendo a cozinha.

– Mao está chamando o movimento de “Campanha das Cem Flores”, na esperança de construir uma China mais fortalecida – disse-lhe, desabotoando a jaqueta cinza, no estilo Mao. – É a nossa chance de dar um passo à frente e fazer com que o partido saiba o que pensamos. Se ninguém o fizer, como as coisas vão mudar?

Kai Ying viu seus olhos escuros encherem-se de vida. Ele parecia mais esperançoso, e feliz como há muito tempo ela não via.

– Como você pode confiar neles? – perguntou ela, pois sabia que Mao e seu partido vinham perseguindo todos os artistas e intelectuais na última década. Naquela época, a maioria dos intelectuais e contrarrevolucionários encontravam-se secretamente

e eram instruídos a manterem-se discretos, sendo alvo de constante desconfiança por parte dos membros do partido.

– É um armadilha – disse ela –, eles não iriam mudar de repente.
– Kai Ying não entendia como Sheng podia se deixar enganar tão facilmente com a retórica do partido.

– E se não for? – perguntou ele. Sheng sorriu, recusando-se a permitir que ela acabasse com seu entusiasmo. – E se for uma rara oportunidade para mudar?

Kai Ying meneou a cabeça e ficou calada. Temia que Mao ouvisse somente o som de sua própria voz, e não queria que Sheng fosse enganado. Ele chegou mais perto dela e segurou sua mão. Como se soubesse o que ela estava pensando, prometeu ser paciente, esperar e ver o que aconteceria antes de envolver-se em alguma coisa. E mesmo assim, ela desejava que tudo aquilo desaparecesse.

Por quase um ano a precaução prevaleceu, todos suspeitando que a Campanha das Cem Flores fosse apenas outra estratégia para que o partido extirpasse os intelectuais dissidentes. Mas, em fevereiro de 1957, o partido voltou a pedir a participação. Não era apenas Mao quem aprovava essa nova visão; Chou En-lai também clamava por críticas construtivas, reiterando a crença de que a Campanha das Cem Flores era necessária, em favor de uma China mais forte e melhor.

– Talvez não devamos confiar em Mao – disse-lhe Sheng –, mas Chou En-lai sempre foi um homem sensato e humano.

Em maio, cientistas, professores e estudantes gradualmente foram ficando mais ousados em seus discursos. E o que começou com cuidado rapidamente intensificou-se. Cartazes contrários ao

partido apareceram nas universidades, e as palavras ásperas e confiantes dos estudantes foram se tornando a cada dia mais arrogantes. “O Partido do Privilégio” era o grito de guerra que surgia cada vez com mais frequência nos jornais, em tom de acusação em letras garrafais em cartazes, e, em alto e bom som, nas reuniões, seguido de “O partido engorda, enquanto o povo sofre!”.

Durante os meses de maio e junho do último ano, Kai Ying viu a onda crescer, enquanto as vozes em volta dela subiam de tom e o furor aviltava-se de ambos os lados. Ela não podia deixar de preocupar-se, sabendo que Sheng podia ser uma dessas vozes.

– Não vá! Não vá! Não vá! – ela lhe dizia. Ele prometeu. Mas entrava e saía de encontros agitados, ainda que fosse cuidadoso e não lhe dissesse nada específico a respeito de seu envolvimento. Sheng não lhe falou nada a respeito da carta que escrevera ao Primeiro Ministro, e, apesar dos inúmeros pedidos que havia feito, até aquele momento, as autoridades recusavam-se a deixar que ela a lesse. Haveria mesmo uma carta? Por que ele assinara? Será que achava que não o encontrariam? Será que ele acreditava realmente que nenhum vizinho, colega ou aluno iria acusá-lo de ir aos encontros clandestinos? Sheng sempre fora teimoso, mas nunca arrogante. Como ele pôde ter feito isso com ela? Como ousara? Em algumas semanas, quando as críticas voltaram-se diretamente ao membros do partido e ao próprio Mao, a Campanha das Cem Flores foi, abruptamente, encerrada e todos os contrarrevolucionários foram presos. Inclusive Sheng.

No fim, a Campanha das Cem Flores falhou miseravelmente, e havia apenas uma escola de pensamento, que pertencia ao partido. Kai Ying deveria ter implorado a Sheng para que não fizesse nada

tão estúpido. Ela deveria ter gritado e chorado até que ele a escutasse. Mas, no fundo, sabia que não teria adiantado. E agora, tudo o que lhe restava era pensar: teria Sheng se tornado uma sombra? Kai Ying desviou o pensamento e olhou para a carta em suas mãos.

Luoyang é diferente. A terra é ampla e plana, e vê-se pouco verde por aqui. Penso muito na sumaúma. Durante toda a minha vida sempre foi tão natural vê-la florescer no pátio, e eu nem prestava atenção. Aqui, quando o vento sopra nas planícies infinitas, à noite, parece-se com o grito de milhares de vozes. Agora, os dias estão quentes e secos, e eu penso em como será no inverno. Tudo por aqui é extremo. Vivo em um quarto pequeno com cinco outros homens. Trabalhamos durante doze a catorze horas por dia em uma pedreira; você não imagina quão forte eu fiquei!

Kai Ying sabia que esse tipo de trabalho era perigoso e fatigante – toneladas de rochas dinamitadas, transportadas e quebradas. Era um tipo de trabalho ao qual Sheng, um professor e intelectual, não estava habituado. Era trabalho a que nenhum ser humano deveria ser submetido. Ela preocupava-se com os acidentes que poderiam ocorrer, que nada tinham a ver com outros problemas do dia a dia, tais como a luta para manter-se saudável diante da escassez de alimentos, o repouso e as condições de higiene.

Só o fato de escrever o seu nome já faz com que eu me sinta melhor, como se você estivesse, de alguma forma, mais perto de mim. Diga a meu pai que estou bem. Diga a Tao que em breve estarei em casa, e que então, finalmente poderemos fazer aquela viagem às montanhas White Cloud. Esse é o sonho ao qual me apego a cada dia.



A segunda carta chegou quase quatro meses depois, em fevereiro desse ano, e todos os sinais de entusiasmo haviam desaparecido com a notícia de que ele não voltaria para casa para o Ano Novo. Faltava muito tempo ainda. Wei e ela haviam mandado cartas, pacotes com comida seca e enlatada, adquirida com os cupons de alimentação, mas nunca ficaram sabendo se Sheng os recebera. Kai Ying havia escrito logo após o acidente de Tao. Inocentemente, tinha esperanças de que as autoridades permitissem que ele voltasse para casa para uma visita. Esperou por uma resposta, algumas poucas palavras, algo que anunciasse que ele estava bem. Era isso que deixava Kai Ying mais apavorada; ela sabia que se Sheng soubesse que Tao estava machucado, teria respondido imediatamente. Durante os momentos mais difíceis, Kai Ying recordava as poucas linhas das cartas que tratavam de assuntos pessoais, as quais ela sabia de cor: *Não se preocupe, eu estou suportando. Sinto muita saudade de vocês. Será que vou reconhecer Tao quando voltar a vê-lo? E você? Você.*

Ela ouvia a angústia em sua voz.

Ela não iria chorar.

WEI Depois do café da
manhã, Wei subiu as
escadas em direção ao seu
quarto, onde pegou o livro
de fábulas, que queria
mostrar a Tao. O cômodo,
que pertencera a seus pais
e que depois ele
compartilhara com Liang,
ficava no final do corredor,
na direção dos fundos do
casarão, e era maior e
mais fresco, durante os
dias quentes e úmidos. A

mãe de Wei havia sido a quarta esposa de seu pai, e também a mais jovem.

Mesmo enquanto era menino, Wei achava que eles pareciam mais pai e filha do que marido e esposa. Depois da morte da primeira esposa, as esposas número dois e três, suas tias, ficavam em quartos do outro lado do corredor. Suas meias-irmãs, mais velhas, eram

casadas na época em que ele foi para a escola e, por isso, ele sempre se sentiu como filho único.

Quando Wei era menino, o pai ficava no balcão vendo-o brincar no pátio abaixo, como ele próprio fazia agora com Tao. Na época, ele era muito jovem para perceber que fora o filho muito aguardado de um homem de setenta anos.



Wei procurou o livro para Tao. Todas as paredes estavam cobertas de estantes lotadas. Certa vez, Tao dissera que o quarto parecia uma livraria, Wei concordava e era grato por isso. Os livros faziam-no recordar-se de seu escritório na universidade, um lugar onde ele sentia-se seguro.

Já existira uma biblioteca de verdade no casarão. O cômodo agora era o quarto do Senhor e da Senhora Chang. Depois da morte de Liang, as estantes foram transferidas para o seu quarto. Em seus tempos de menino, Wei passava horas e horas na biblioteca do pai, sentado na poltrona de couro marrom com o encosto alto, lendo. Com frequência o pai estava ausente, trabalhando, e Wei duvidava que ele tivesse passado muito tempo lendo as centenas de livros que outrora forravam as paredes. Então, Wei tratou de ele próprio lê-los. Sorriu ao recordar-se de que, na época, quase não entendia o que lia.

Ontem cedo Tao lhe perguntara se ele havia mesmo lido todos os livros da estante. Sorrindo, Wei respondeu: – Aqueles são apenas alguns dos que eu li. Você devia ver todos os que guardei – disse ele. – Escondi.

– Escondeu? – perguntou Tao. – Por quê?

Wei sorriu e chegou mais perto.

– Bem, diferentemente dos meus tempos de menino, o governo atual não gosta de certos tipos de livros.

– Por quê?

– Porque todos os bons livros estão repletos de verdades e ideias diferentes, e o partido desaprova livros de autores que dizem algo diverso daquilo no qual eles acreditam. Eles temem que se tivermos nossas próprias opiniões deixaremos de obedecê-los. Se encontrarem os livros do vovô, vão destruí-los.

– Seus livros são ruins?

– Não, são bons – respondeu. – Precisamos entender e levar em conta todos os aspectos antes de tomarmos decisões.

– É por isso que você os escondeu?

Wei assentiu.

– Estou guardando-os para você. Quando você crescer, poderá lê-los e decidir por si mesmo que vida deseja viver.

– Onde você os escondeu? – perguntou Tao.

Ele baixou o tom de voz.

– É o nosso segredo. Quando sua perna sarar, vou mostrar-lhe.



Enquanto Wei vasculhava as estantes, seu olhar deteve-se em um livro de poesias bem fino, que lhe fora dado como presente de aniversário há muitos anos, por um Sheng ainda adolescente. Quando jovem, Wei escrevia poesias e chegou a pensar em tornar-

se poeta. O livro, do famoso poeta da dinastia Tang, Tu Fu, era um de seus favoritos. Ao pegá-lo naquele momento, Wei desejava ter dito a Sheng que aquele continuava sendo um de seus presentes mais queridos. Todas as manhãs desde que Sheng fora levado, Wei lia algum poema do livro, fazendo com que, de certa forma, ele se sentisse mais perto do filho. Sentou-se à escrivaninha e folheou as páginas desgastadas do livro, que se abria, naturalmente, nos poemas em cuja página a lombada estava quebrada. Leu a primeira estrofe do poema apropriadamente chamado *Pensando em Meu Menino*, escrito para o filho predileto do poeta.

*Vem a primavera novamente Menino Pônei, e ainda Não podemos
estar juntos; Conforto-me com a esperança De que você esteja
cantando Com os pássaros ao sol...*

Wei parou de ler, sentindo uma raiva súbita. Ele sabia que Sheng não estava em um lugar onde podia cantar com os pássaros ao sol. Pouco antes deste ser levado, Kai Ying implorara, sem sucesso, para que os policiais lhe dissessem para onde o estavam levando. Dois meses mais tarde, eles receberam o aviso de que Sheng havia sido mandado para Luoyang, na província ocidental de Henan, a fim de ser reeducado. Ao ler a nota para Wei, o rosto de Kai Ying ficou pálido. Luoyang situava-se na planície central da China, a mais de mil e seiscentos quilômetros de trem, a um mundo de distância. Eles desejavam que Sheng estivesse mais perto da província de Guangdong; pelo menos assim, poderiam visitá-lo e talvez ele tivesse uma licença de uma semana e pudesse voltar para casa para as comemorações de Ano Novo. Mas levaria esse tempo só para ele ir e voltar de Luoyang.

Wei já havia estudado artefatos da região de Luoyang, um dos berços da civilização chinesa e uma das quatro grandes e ancestrais capitais da China. Mas agora, só podia imaginar aquele como um lugar escuro e desolado, onde homens e mulheres trabalhavam ou apanhavam até a morte ou então morriam de fome, um lugar onde os pássaros jamais se aventuravam, a menos que fossem abutres.

Wei tinha um velho colega, o Professor Wong, de Lingnan, um homem determinado e inteligente, crítico veemente do presidente Mao. Sua família implorou para que ele deixasse a China antes que os comunistas tomassem o poder, mas ele se recusara. Poucas semanas depois de o novo governo ter assumido o poder, ele foi pego no meio da noite pela polícia, e enviado a um campo de reeducação na província de Shandong, para trabalhar nas minas. A cada manhã, antes de o sol nascer, os prisioneiros eram mandados para túneis úmidos e escuros de onde saíam quando já estava noite. Será que Wong pensava que a luz do sol o havia abandonado? Ele tinha setenta anos de idade, inapto para o trabalho pesado, seu corpo fraco, ainda que o espírito se mantivesse forte. As autoridades disseram que ele havia morrido de causas naturais, mas Wei sabia que o haviam matado, como se tivessem colocado uma bala em sua cabeça.



Os olhos de Wei encheram-se de lágrimas. Engoliu em seco; as palavras do poema haviam deixado um gosto amargo em sua boca. Ele fechou o livro e colocou-o sobre a escrivaninha. Então, destrancou uma gaveta e pegou seu velho diário com capa de couro. Dentro dele estava uma cópia amassada da carta que remetera ao gabinete do Primeiro Ministro. As linhas queimavam em

sua memória. *Para que a China se torne uma nação mais forte, o partido deve abrir os olhos e constatar que o poder emana da livre expressão. Que liberdade temos nós em uma sociedade comunista, se os artistas e os intelectuais são torturados por seguirem o que mandam seus corações? Que liberdade temos nós, se a arte, as ideias e a política não podem ser contempladas e discutidas livremente? Como pode haver força na proibição?*

Wei escreveu seus pensamentos com tanta clareza e honestidade, como se, subitamente, um raio de luz tivesse aclarado um quarto há muito tempo escuro. Agora, essas mesmas ideias haviam se transformado em agulhas que furavam sua pele, e a verdade que ele escrevera havia condenado seu filho. Após ficar de boca fechada por tanto tempo, o que fizera com que ele escrevesse e assinasse a carta? Um momento de vaidade e presunção, uma necessidade de sentir-se importante novamente, que só servira para culpar o filho. Sheng, aquele que sempre foi ativo na política e nos fóruns escolares, e cujo nome, Weisheng, significava a *grandiosidade nasceu*, ambos filhos há muito desejados. Wei e Liang chamavam-no de Sheng desde que nascera, para que ele não fosse confundido com o pai. Para não causar confusão. Confusão.



Wei engoliu em seco. Ele era nada mais que um velho louco, doente de arrependimento. Na manhã em que haviam levado Sheng, ele segurou o braço do filho, aproximou-se e disse ao seu ouvido *Eu escrevi a carta, fui eu*, antes que o puxassem e o levassem embora. Mas não sem antes notar um momento de compreensão cruzando o rosto do filho. Ele segurou o braço de um policial e repetiu diversas vezes: – Fui eu, não ele. Leve-me! – Mas foi empurrado com firmeza, e tropeçou. – Não se preocupe – disse-

Ihe Sheng –, não diga nada. Eu ficarei bem. – Seus olhos transmitiram confiança ao pai. Um olhar de segurança que um pai costuma dar ao filho. E Sheng se foi. E ele ficou, desamparado e com o coração partido.

Wei não conseguia imaginar o que Liang pensaria a seu respeito. Que tipo de pai permitiria que o filho tomasse o seu lugar? Wei reclinou-se na cadeira e fechou os olhos, mas nem Liang queria voltar para ele.



Wei ficou parado à porta do quarto de Tao. Mal conseguia ver o neto sob o gesso, mas podia sentir sua inquietação aumentando a cada dia, à medida que recobrava a energia. Quase duas semanas haviam se passado desde a sua volta para casa, e ele estava conseguindo observar similaridades entre Sheng e o neto que antes não eram tão aparentes. Somente Tao lhe dava momentos de consolo. Wei correu os olhos pelo quarto, achando que levá-lo ao andar de baixo, para jantar naquela noite, poderia fazer bem ao garoto. Mesmo assim, precisaria discutir isso com Kai Ying. O gesso seria retirado dentro de poucas semanas, e ela não queria que ele se movesse, temendo que a perna não se consolidasse corretamente, o que poderia deixá-lo manco.

Ontem pela manhã, Kai Ying pareceu relaxar ao seu lado pela primeira vez, desde que ele cravara o cutelo na árvore. Wei pediu desculpas, mas, como poderia ele dizer-lhe que a árvore, que ele sempre amou, de repente tornara-se sua inimiga, a única coisa na qual podia lançar a raiva por ter ferido seu neto. Parecia bobagem de um velho louco, quando, na verdade, a fúria reprimida era dirigida a uma única pessoa: ele mesmo.



– É você, vovô? – perguntou Tao, esforçando-se para ver por cima do gesso.

Wei entrou no quarto e sorriu.

– Sim, sou eu.



O livro parecia pesado e sólido nas mãos de Wei.

– Você não está com fome? – perguntou Wei, apontando para o café da manhã que não havia sido tocado.

Tao negou com a cabeça.

Wei sentou-se na cadeira ao lado da cama.

– Bem, talvez você devesse comer alguma coisa para conseguir aguentar até a hora do almoço. Você precisa de energia para melhorar.

Tao assentiu. Wei ofereceu-lhe um pedaço de pão, e deu umas batidinhas no gesso.

– Como você está se sentindo?

– Coça – reclamou Tao. Wei aproximou-se. – Aqui? Ou aqui? – Ele coçou diversos pontos ao longo do gesso, até que, finalmente, Tao sorriu. – Vejo que está se sentindo melhor.

– Um pouquinho.

– Ótimo – disse Wei. – Um pouquinho de cada vez, e você estará em pé e correndo, logo, logo.

Tao deu de ombros.

– Veja o que eu trouxe hoje. – Wei exibiu um livro, não muito diferente do que trouxera na manhã anterior, e do outro, de dois dias atrás. Devagar e com muito carinho, abriu o livro com capa de couro, enquanto Tao assistia em silêncio. – Achei que você gostaria de ver isto aqui – disse, voltando as figuras na direção do menino.

Ele ajudou Tao a sentar-se de forma a poder ver os belos quadros de dragões, tigres, fênix e tartarugas.

– Estas são as quatro criaturas do mundo – explicou Wei.

Tao pareceu distraído. Ele olhava em direção à janela e Wei levantou-se e abriu as cortinas para que entrasse mais luz.

– Assim é melhor – voltando a sentar-se ao lado do neto. – Quer que eu faça mais alguma coisa? – perguntou-lhe.

Tao meneou a cabeça e terminou de comer a torrada. Olhou para as figuras do livro.

Wei recordou-se de uma noite em que Sheng, não muito mais velho que Tao, ficara em pé à porta, olhando para ele, estudando-o. Instintivamente, ele levantou os olhos do livro que estava lendo e viu o filho ali parado. *O que foi?*, perguntou-lhe abruptamente, distraído, como se Sheng fosse, simplesmente, um aluno. O menino olhou para ele ligeiramente embaraçado, demorou um pouco, finalmente respondendo: *Não é nada*. Então, virou-se e saiu. Apenas agora Wei reconhecia aquele como um dos muitos momentos em que deveria ter se aproximado do filho. *Venha falar comigo*, deveria ter dito. *Conte-me como foi o seu dia*. Tudo parecia tão mais fácil com Tao.



Wei olhou para Tao.

– Veja – disse-lhe, apontando para as pinturas. – Cada animal representa uma das quatro direções e uma das quatro estações: o dragão verde representa o leste e a primavera; o tigre branco, o oeste e o verão; a fênix vermelha, o sul e o outono e a tartaruga negra, o norte e o inverno – disse com sua voz subindo de tom dramaticamente. Ele esperava que o neto ficasse intrigado com a lenda e com o fato de eles serem protegidos por tais criaturas. – E

qual criatura você acha que está sendo protegida bem no centro pelas quatro outras? – perguntou.

Tao olhou para a figura com atenção e finalmente respondeu: – Um macaco?

Wei sorriu e negou com a cabeça. Viu os olhos de Tao iluminarem-se com interesse.

– Um boi?

O avô voltou a negar.

– Um cavalo?

– Não.

– O galo do vizinho Lau?

Wei deu risada. Tao também riu. De repente, ali estava o menininho que ele conhecia, e isso trouxe-lhe um momento de alegria. O que ele não dera ao filho, pelo menos estava dando ao neto.

– É uma cobra enrolada no centro dos quatro – disse. – E, exatamente agora, você está igual àquela cobra, sendo protegido pelas quatro criaturas do mundo, até ficar melhor.

Tao sorriu, e voltou a ficar pensativo.

– Eles vão proteger o papá também?

Wei hesitou. Olhou para o neto, cuja aparência, tão igual à de seu filho, cortava-lhe o coração. Ele chegou mais perto.

– Sim – respondeu –, eles vão proteger vocês dois.

Tao sorriu. Então, estendeu os braços e fez o que Sheng nunca teria feito quando menino: acariciou a barbicha grisalha e espetada do queixo do avô.

Tao

O avô de Tao carregou-o escada abaixo até a cozinha, onde ele ouviu as vozes da mãe e da Tia Song antes mesmo de ver seu rostos familiares e sorridentes.

– Ah, aqui está ele – disse Tia Song, com um leve assobio escapando da janela escura onde o dente lhe faltava. Ela beijou-lhe a bochecha e ele sentiu nela o cheiro da terra. Ele sentia falta dos dias que os dois passavam lá fora, juntos. Sua mãe ficou um pouco atrás, observando. Tao achou que ela parecia cansada e um pouco nervosa, mas ela deu um passo à frente e apertou sua mão.

A cozinha estava cálida e repleta de seus aromas prediletos: arroz frito com cebolinhas e camarões secos, vagens e cogumelos com molho de ostra. Tia Song voltou a cortar e picar. A porta da cozinha estava entreaberta e Tao olhou para fora, para o pátio. Uma tempestade vespertina havia começado e terminado. Antes de o avô acomodá-lo nas duas cadeira, uma de frente para a outra, uma para ele e a outra, com duas almofadas, para a perna, Tao perguntou: – Podemos ir lá fora, só um pouquinho?

O avô olhou para sua mãe e Tao presenciou uma daquelas silenciosas conversas entre adultos, nas quais decisões eram tomadas com simples trocas de olhares ou gestos.



Passada a tempestade, o pátio estava quente e úmido. Ar puro fazia bem, depois de semanas no hospital e quarto. A sumaúma parecia escura e silenciosa. Seria este o mesmo pátio onde ele brincava desde os tempos em que era um bebê? Tao fechou os olhos e voltou a abri-los. Olhou para o muro estilo Ming, para o

desbotado portão vermelho, para o terraço do segundo andar, onde ele e o pai ficavam admirando as montanhas White Cloud; tudo estava voltando a ficar familiar.

Seu avô deu alguns passos vagarosos, excepcionalmente quieto. Tao percebeu que ele estava tomando o cuidado de evitar a árvore e o local onde ele caíra, mesmo quando tentava virar-se para olhar melhor para a sumaúma. Desde que o pai os deixara, seu vovô não era mais o mesmo. Certa vez, ele presenciou o pai e o avô discutindo a respeito de alguma coisa, suas vozes ásperas e tensas. Ao verem que ele estava ali, os dois sorriram e baixaram o tom de voz, mas um dia inteiro havia se passado até eles voltarem a agir normalmente. Seu vovô estava diferente há muito tempo. A mãe e ele estavam tristes, mas a tristeza do avô era diferente, mais carregada, como se um peso o estivesse puxando para baixo. Tao só queria trazê-lo de volta para cima, mas não sabia como. Perguntou-se se sua mãe teria algum chá ou sopa que ajudasse o vovô a melhorar, e, caso a resposta fosse positiva, por que ainda não os havia feito.

Seu avô parou por um momento. Devia ter se cansado de carregá-lo, pois só o gesso já era bem pesado. Então, como se soubesse o que Tao estava pensando, ele caminhou a passos largos até o banco de pedra e sentou o menino ali, baixando o gesso cuidadosamente sobre o banco.

- Como está? – perguntou, friccionando seu braço.
- Bem – respondeu Tao. – Sou muito pesado?
- Você está fazendo com que eu ganhe músculos – respondeu, sentando-se ao seu lado. – Avise-me quando quiser entrar.

Ele assentiu e recostou-se no avô. Tao olhou em volta e quase pôde sentir a presença do pai. Se o papá estivesse ali, poderia carregá-lo, com facilidade, até o canal onde veriam os patos, mesmo que sua mãe não concordasse. Se voltasse para casa, eles estariam comemorando de verdade.

Seu avô respirou fundo e esticou as longas pernas.

– Vale a pena tolerar a tempestade vespertina para poder desfrutar momentos como este – disse.

Tao respirou profundamente, o ar pesado com cheiro adocicado, como a grande árvore de magnólias florescendo na rua. Ele ouviu a voz da mãe vindo da cozinha e o barulho do óleo na frigideira. De longe, vinham outras vozes. Tao estava voltando a ser ele mesmo.

– Podemos entrar? – o avô perguntou. – Estou ficando com fome.

Ele assentiu.

Seu vovô sorriu e pegou-o no colo com um grunhido baixo. Havia acabado de virar-se quando Tao viu; o fino, pálido corte no tronco da sumaúma. Não era mais longo que a sua mão; mesmo assim, estremeceu ao pensar na cicatriz, que seria permanente.

FESTIVAL DA LUA

SETEMBRO DE 1958

Tao

Tao ouviu o portão do pátio abrir-se e fechar-se novamente. Na noite anterior, sua mãe lhe dissera que sairia cedo de casa para ir ao mercado, por isso ele ficou na cama, escutando. Desde que voltara do hospital, há mais de seis semanas, ela raramente ficava longe dele. Tao podia imaginá-la caminhando pela rua, olhando para trás uma vez antes de virar a esquina e desaparecer. Ele já sentia sua falta. Mas sabia que ela não ficaria ausente por muito tempo, e estava muito animado para conseguir dormir, uma vez que seu gesso seria retirado naquela tarde. Tao mal podia esperar para mover-se livremente e, finalmente, voltar à escola.

Era o mês de setembro, e o novo ano letivo havia começado há quase duas semanas. Seu melhor amigo, o Pequeno Shan, tinha vindo visitá-lo na semana passada, trazendo com ele um ar de importância pelo fato de estar ocupando o segundo lugar, que, anteriormente, pertencera a Tao.

– Por enquanto, Ling Ling ainda está em primeiro lugar – o Pequeno Shan jactou-se. – Você tem sorte por estar em casa; nós tivemos de aprender, pelo menos, doze novos caracteres até agora.

Tao deu de ombros e agiu como se aquilo não o estivesse incomodando.

– Eu vou conseguir alcançar vocês – respondeu. Estava mais determinado que nunca a recuperar seu lugar.

– O Professor Eng transpira muito e sempre tem manchas escuras embaixo dos braços – riu o Pequeno Shan. – Espere até poder vê-lo.

Tao sorriu e observou o amigo divagar. Há pouco tempo, ele estaria rindo junto, animado com a companhia que o estava tirando da solidão, mas ainda estava tentando recuperar-se da surpresa que o pegara completamente desprevenido. Aquele Pequeno Shan baixinho e rechonchudo que ele conhecia transformara-se em uma versão alta e magra de si próprio, um surto de crescimento que havia acontecido durante o verão. Tao estava aliviado pelo fato de estar sentado com a perna para cima, mas, mesmo assim, podia, facilmente, perceber que o amigo estava muito mais alto que ele. Constatar o quanto a vida à sua volta mudara desde a queda da árvore provocou em Tao uma dor de barriga repentina e aguda. Era outro pequeno golpe que ele tentava ignorar depois que o Pequeno Shan partiu.

KAI YING

Após um agosto sufocante e letárgico, setembro começou de forma rápida e urgente. Kai Ying havia cancelado todos os pacientes daquele dia e saiu de casa bem cedo. As tardes ainda estavam frescas e úmidas, a ameaça de chuva sempre pairando no céu baixo e cinzento. Pela primeira vez em muitos anos, fora um verão de precipitações amenas, sem as pesadas chuvas de monções. Ela sentia a mudança das estações no ar, a chegada de dias mais curtos e escuros. A iluminação já estava mudando.

Mesmo assim, Kai Ying estava grata pelo final do verão, época que demandara muito dela, com o acidente de Tao, tornando a falta de Sheng ainda mais difícil de suportar.

Era bom estar fora de casa, caminhando, longe da cozinha quente e abafada e das doenças que Kai Ying tratava diariamente. O frescor da noite anterior ainda estava impregnado no ar, e ela respirou profundamente, enchendo os pulmões. Havia esquecido como era sentir-se alegre. Naquele momento, Kai Ying ousava ter esperanças, acreditar que a perna de Tao ficaria completamente boa quando o gesso fosse retirado naquela tarde, e imaginar que eles poderiam celebrar o fato juntamente com o Festival da Lua que seria na noite seguinte.

Kai Ying queria chegar ao mercado cedo, antes que ficasse lotado de compradores competindo pelas poucas galinhas ou patos ou pelos escassos pedaços de porco para preparar o jantar do Festival da Lua. Desde a chegada do partido ao poder, havia cada vez menos fartura. Era preciso contentar-se em satisfazer as necessidades básicas com os cupons e o dinheiro, suplementados

pelos vegetais plantados por Tia Song. Kai Ying trabalhara mais nos últimos dois meses, na esperança de comprar uma caixa dos caros bolos da lua, os favoritos de Tao. Tratava-se de um luxo que ela esperava que o partido não tivesse abolido.



Longe da vila, a curta distância trouxe-lhe clareza. Kai Ying estava livre para pensar e sentir tudo o que escondia quando estava em casa. Precisava manter-se forte e não entristecer sua família ainda mais. Durante a convalescença de Tao, seus bem-intencionados vizinhos tinham vindo com laranjas e carambolas, e, embora ela lhes fosse grata, Kai Ying desejava apenas que suas vidas voltassem a uma certa normalidade. Às vezes, ela escutava os vizinhos consolando seu sogro em voz baixa. *Ele é um menino forte*, diziam. Ainda assim, ninguém ousava falar sobre outras pequenas mortes que poderiam ocorrer: a fratura poderia não se consolidar corretamente, a limitação da perna direita, o defeito que poderia permanecer para sempre, fazendo com que Tao mancasse. Como ele poderia conviver com isso em um mundo já tão difícil? Kai Ying passara muitas noites em claro, preocupada. Ela não estava sozinha.

Quase todas as noites, Kai Ying ouvia a tosse abafada do sogro e sabia que ele estava tendo dificuldades para dormir. Ele não tivera uma única boa noite de sono desde a partida de Sheng. Às vezes, ela escutava-o caminhar em silêncio pelo corredor, abrir as portas do terraço e sair. Ela imaginava-o olhando para a noite, como se pudesse desaparecer em meio a ela. Até então, nenhum dos chás ou sopas que ela fazia haviam feito com que ele recuperasse a energia, nem aqueles preparados com o mais potente e caro ingrediente, o ginseng negro. Nas poucas vezes em que tentara

conversar, Wei mantinha-se distante e desconfortável, um comportamento que lembrava o dos primeiros tempos de seu casamento, quando viera morar com a família de Sheng.

Os pequenos detalhes ainda voltavam-lhe à memória: como era jovem e amedrontada, como a sogra, Liang, recebera-a bem, enquanto Wei mantinha-se quieto e reservado, observando-a, examinando-a. Mesmo sem dizer nada, Kai Ying sentia seu desapontamento, o sentimento velado de que o filho poderia ter se casado com uma mulher mais bem-formada, de uma família mais rica, de Guangzhou. Ela era uma intrusa e Dongshan ficava a um mundo de distância de onde crescera, em Zhaoqing. Seus pais eram modestos comerciantes, enquanto o casarão dos Lee era a maior casa em que ela já estivera. Depois que entrou na família, Wei sempre foi cordial, mas parecia pouco à vontade na presença da nora, sempre surpreso quando a encontrava na cozinha ou no corredor. *Ele demora para se acostumar com as pessoas* – Sheng procurava tranquilizá-la –, não se preocupe.

Kai Ying nunca esquecera a alegria que sentiu quando, pela primeira vez, quase um ano depois do casamento, finalmente, o sogro apresentou-a a um velho amigo da família como sua nora. Mesmo assim, lá no fundo, Kai Ying sempre perguntou-se se a única razão pela qual, finalmente, Wei aceitara-a na família foram os problemas de saúde de sua amada esposa. A ideia ainda martelava sua cabeça.



Ao longo dos anos, Kai Ying achou que Wei e ela haviam encontrado uma forma de convivência que incluía apoio e compreensão mútua, os quais vinham esvanecendo no momento em que ela mais precisava: depois da prisão de Sheng. Será que

Wei achava que ela tinha conhecimento da carta que Sheng escrevera? Estaria o sogro culpando-a por não tê-lo impedido de escrever? Ele tornara-se distante com todos, exceto Tao. Depois do acidente, o sogro havia entrado em um novo estado de sofrimento. Ela não apenas preocupava-se com sua saúde física, mas com seu estado emocional. Kai Ying escutava a voz de Sheng dizendo-lhe mais uma vez: *Preocupar-se com o pior e esperar pelo melhor requerem a mesma quantidade de energia. Cabe a você decidir.*

Onde estaria ele?

Tao

Enquanto a mãe estava fora, Tao consolava-se. Não apenas ele tiraria o gesso, mas, na noite seguinte seria o Festival da Lua, a festa do meio do outono, no auge da lua cheia. Era uma de suas celebrações prediletas. Ele adorava comer os bolos da lua, do tamanho da palma da mão, recheados de feijão doce, e pasta de semente de lótus, uma gema de ovo cozida no meio, cheias como a lua. Eles começariam a celebração com um jantar especial e ele ajudaria a fazer a decoração pendurando lanternas vermelhas e douradas no pátio. À mesa, sofisticada, a louça azul e branca com o desenho em forma de arroz na borda, que pertencera à sua avó. Seu vovô havia lhe contado que o uso das cores azul e branca nos vasos de porcelana e nas louças havia ficado popular durante a dinastia Yuan, quando os artistas começaram a expressar-se livremente, ao invés de seguir as ordens do imperador e da corte. Aqueles haviam sido os pratos preferidos de sua avó. Ao lado das tigelas estariam os pauzinhos de marfim com os quais eles comeriam em lugar daqueles feitos em madeira.

E, antes que ficasse escuro, o avô e ele iriam lá fora, no pátio, onde o vovô lhe contaria a lenda de Houyi, o arqueiro, e de sua esposa, a bela donzela Chang'e, a deusa da lua, que bebe o elixir da imortalidade. Embora os dois continuassem sendo sempre os personagens centrais, seu avô explicava, havia diversas versões em torno da mesma lenda, e cada ano ele contava a Tao uma versão diferente.

O início da história sempre continuava igual: O Imperador Yao ordena que Houyi use suas habilidades como arqueiro para matar

nove dos dez sóis, a fim de evitar que a Terra pegue fogo. Ao completar a tarefa, o imperador dá ao famoso arqueiro uma pílula que lhe garantia a vida eterna. Sabendo o valor da pílula, ele deixa-a em casa, com Chang'e, quando é enviado, pelo imperador, para uma nova missão. Daí em diante, a história de por que Chang'e engole a pílula da imortalidade tem diversas variações. Até aquele momento, a favorita de Tao era a de que Chang'e teve de proteger a pílula de Peng, um dos aprendizes de arqueiro de Houyi, que tentara, à força, tomar posse dela. Sabendo que não conseguiria lutar contra ele, sua única opção foi engolir o comprimido. Depois, Chang'e escapa e voa para o céu. Quando Houyi volta para casa e descobre que a esposa havia desaparecido, ele tenta segui-la, mas é forçado a voltar quando Chang'e alcança a lua, onde descobre que nunca mais poderia voltar para a Terra e para junto do marido. Com o tempo, Houyi passa a viver no sol e visita a amada esposa uma vez por ano, na noite do Festival da Lua.

Tao se perguntou se o pai voltaria para visitá-los na noite de amanhã. Uma vez ao ano era melhor que nada. Ele sabia que quando olhasse para a lua cheia, a primeira coisa que faria seria fechar os olhos e, com toda a força, pedir para que seu papá fosse conduzido, pela luz da lua, de volta para casa.



Tao ouviu que o avô estava lá embaixo e apressou-se para comer um pedaço de pão e beber o leite de soja. Pela janela, viu as folhas da sumaúma balançando para lá e para cá, como se acenassem para ele. Amanhã, a essa hora, tudo voltaria ao normal. Ele estaria lá embaixo na cozinha tomando o café da manhã com a mãe e o avô. Sem o gesso, Tao ficaria tão leve quanto Houyi, o arqueiro, voando para o céu. Ficaria mais alto, aprenderia doze

caracteres e voltaria a encontrar-se com os amigos. Seus colegas ficariam à sua volta e ele lhes contaria a história sobre sua queda, enfatizando alguns detalhes como o seu avô, que era o melhor contador de histórias de Guangzhou, fazia. Tao acrescentaria apenas alguns metros à altura da qual caíra, ou diria que tinha conseguido avistar os picos das montanhas White Cloud antes de escorregar. Os amigos perguntariam: *Você não teve medo? Doeu?* Ele olharia no fundo dos seus olhos, mas não lhes contaria que não conseguia lembrar-se de nada que se seguiu ao momento em que chegara ao chão. *Não houve tempo para sentir medo*, ele lhes diria. *Foi tudo tão rápido*. Mas Tao sabia que se seu avô estivesse lhes contando uma lenda, no final, Tao teria voado para o céu, como Chang'e e Houyi, e agora estaria vivendo na lua ou no sol.

KAI YING

Ao aproximar-se do mercado, Kai Ying achou que parecia que Dongshan inteira havia começado, bem cedo, a fazer as compras do Festival da Lua. As barracas estavam lotadas; as vozes de três ou quatro pessoas barganhando espalhavam-se pelo ar. Em gaiolas de madeira empilhadas, galinhas vivas cacarejavam freneticamente, ainda mais agitadas devido ao barulho. Kai Ying percebeu que suava por causa da umidade embora estivesse vestida com calças e uma túnica cinza de algodão bem leve. Esperava ansiosa pelos dias mais frescos de inverno. Ao invés de entrar na briga pelo pouco que havia disponível, ela rapidamente virou a esquina, evitando o empurra-empurra da multidão. Ainda tinha em casa um pedaço de peixe seco e decidiu arriscar. Kai Ying continuou andando na direção do centro, até ficar a alguns quarteirões do mercado e da loja de ervas Dai On. Primeiro ela queria pegar algumas ervas de que precisava, e, depois, comprar uma caixa de bolos da lua na loja do Sr. Lam, antes de voltar ao mercado para ver o que havia sobrado.



O aroma de castanhas assadas na rua remetiam Kai Ying à primeira vez em que desembarcara na estação de trens, assim que chegou a Guangzhou para estudar com o Fitoterapeuta Chu. Sua cidade natal, Zhaoqing, era um outro mundo. Kai Ying crescera cercada por beleza natural, um presente que ela jamais reconhecera, até chegar a Guangzhou e ser confrontada pelo barulho incessante, pelo congestionamento de tantas pessoas, prédios e ruas. Achou a cidade sufocante e a população pouco

amigável. As bicicletas e os triciclos andavam à sua volta como se ela fosse um obstáculo no caminho. Nos primeiros dias naquela cidade, Kai Ying sentia-se como se tropeçasse o tempo todo. Nunca se afastava muito da loja de ervas de Chu, sentindo-se segura dentro de seus cômodos pequenos e abarrotados. Durante o primeiro mês em Guangzhou, sentia muita saudade de casa, da família, das montanhas e dos lagos de Zhaoqing. Não havia um dia em que ela não desejasse pegar um trem e voltar ao lar.



A loja de ervas Dai On parecia ter parado no tempo. Kai Ying parou por um instante, antes de entrar no velho prédio que ostentava uma placa desbotada sobre a porta gasta pelo tempo. Estava igual ao que fora durante muitas gerações da família do Fitoterapeuta Chu, e como era quando ela entrou ali pela primeira vez, aos dezenove anos. Foi, imediatamente, confrontada com o aroma familiar de mofo e almíscar dos cogumelos, matizados com o cheiro docemente medicinal das ervas, frutas vermelhas e tâmaras secas. Levou um tempo para que seus olhos se ajustassem à penumbra da loja, seu olhar posando na parede de gavetas estreitas por trás do balcão de madeira escura, que guardavam as centenas de ervas que ela acabara conhecendo tão bem. Kai Ying sentiu um imenso conforto, como se estivesse recebendo o abraço de um velho amigo.

O passado voltava a Kai Ying sempre que entrava naquela loja. Voltava a ser aquela jovem, comovida com as diferentes ervas guardadas em cada uma das gavetas. Havia seiscentas ervas comumente usadas e milhares de outras que não se usava regularmente. E, embora cada erva carregasse uma qualidade única, era necessária uma combinação delas para restaurar o

equilíbrio dos cinco principais órgãos: o fígado, o coração, o baço, os pulmões e os rins.

O Fitoterapeuta Chu havia lhe dito que as ervas mais caras e difíceis de ser encontradas, bem como o melhor ginseng, ficavam guardados na sala dos fundos. Era ali também que ele guardava-o, extremamente caro, chifre de veado, que possibilitava a um homem *voltar a ser jovem*, dissera piscando para ela, revelando o pó que deixava uma película amarronzada na palma da mão. Naquela época, Kai Ying não podia imaginar como iria lembrar-se de cada erva e, constantemente, tinha dúvidas em relação à sua capacidade e inteligência para sair-se bem como fitoterapeuta, ou como curandeira.

Olhando para a loja agora, Kai Ying perguntou-se se o Fitoterapeuta Chu havia escondido as ervas mais caras antes dos comunistas tomarem o poder. Na parede oposta às gavetas, havia prateleiras com grandes jarras de vidro, que outrora continham rabo de veado seco, barbatanas de tubarão, vieiras secas e ninhos de pássaro. O chão continuava atravancado com grandes barris de madeira, embora não mais repletos de Lingzhi secos ou cogumelos espirituais, cascas de frutas cítricas, frutas secas, canela em pau, inhame selvagem e ginseng de pobre. Mesmo assim, ainda era uma das melhores lojas de ervas de Guangzhou.

Kai Ying olhou para a fileira mais alta de gavetas, tão altas, que era preciso uma escada para alcançá-las. A terceira gaveta da esquerda antigamente guardava seu segredo predileto – as pequenas e translúcidas pérolas rosa e brancas que o Fitoterapeuta Chu moía e cujo pó transformava em um creme que conservava a pele jovem e lisa. Naquela época, mulheres vinham de todos os

lugares para comprar aquele creme caro. Quanto menores as pérolas, mais custoso era o creme. Havia muitas pequenas pérolas naquela gaveta e Kai Ying gostava de segurá-las na palma da mão, ciente de que só os ricos podiam dar-se ao luxo de possuí-las. Uma vez por mês, ela colocava uma delas no bolso, uma para cada mês que teria de ficar e estudar em Guangzhou. Kai Ying sabia que o que fazia era errado, mas dizia para si mesma que aquilo não era roubo, uma vez que pretendia colocar as pérolas de volta na gaveta antes de partir. Se o Fitoterapeuta Chu sabia, nunca disse nada. Ela mantinha as pérolas escondidas em uma bolsinha de algodão, em sua mesa no andar superior, cada uma delas uma lembrança de que o dia de sua volta para casa estava cada vez mais próximo.

Na época, Kai Ying acreditava que os cômodos abarrotados da loja de ervas eram tudo o que uma menina, vinda de uma pequena cidade, precisava até voltar para casa, em Zhaoqing. Porém, ela conheceu Sheng, entrou para uma família de intelectuais, e ficou morando na cidade que, de início, só pretendia visitar.



Depois de comprar as ervas e o bolo da lua, Kai Ying voltou ao mercado, onde a multidão parecia ter crescido juntamente com o calor. Consumidores carregados de sacolas rapidamente juntaram-se à sua volta e cachorros de rua perambulavam, farejando sacolas e procurando restos de comida, até serem chutados para fora. O entusiasmo que Kai Ying sentira há uma hora desapareceu. Ela comprou laranjas e *taro*, que iam ficando cada vez mais pesados, à medida que ela ia de uma barraca para a outra. Tudo o que queria era voltar para casa e ver como Tao estava.

Kai Ying virou-se rapidamente ao escutar alguém chamar seu nome. Era uma das vizinhas, a Sra. Sai, que se aproximou

queixando-se de mais um incômodo para o qual ela esperava que Kai Ying tivesse algum tratamento. Seus problemas mudavam diariamente.

– Estou com uma tosse terrível – disse, antes mesmo de dizer bom dia. – Esta noite, quase não dormi, de tanto tossir. – Ela virou-se e deu uma tossidinha.

– Venha consultar-se amanhã – disse Kai Ying sorrindo. – Não estarei em casa hoje à tarde.

– Mas o que vou fazer esta noite? E se essa tosse não me deixar dormir? Você não pode me dar alguma coisa hoje?

– Não estou trabalhando hoje.

– Nem mesmo para mim? – Sra. Sai insistiu. – Sem Sheng, deve estar sendo difícil financeiramente. E agora, com Tao...

– Está tudo bem – interrompeu Kai Ying. Estava muito quente para ficar parada ali, escutando uma vizinha sabe-tudo. A mulher era uma chata, mas, na verdade, Kai Ying não estava em condições de recusar trabalho. – Venha a minha casa à uma hora.

A Sra. Sai deu um sorriso largo.

– Você é tão boa comigo – disse, apressando-se para terminar as compras.

Kai Ying viu a Sra. Sai partir. Era bem simples. Ela lhe receitaria uma sopa contendo raiz de *figwort*, raiz de grama preta e tâmaras, para curar a tosse e aumentar sua *yin*, e, rapidamente, mandaria a paciente embora. Naquele momento, ela ainda tinha de comprar cevada e uma galinha, ou, quem sabe, até um pato, cortesia da tosse da Sra. Sai.

Kai Ying dirigiu-se à outra barraca quando, com o canto do olho, reconheceu a menina que passava por ela. Levou alguns instantes

para que ela lembrasse onde a havia visto antes, pela forma como as mãos da garota repousavam sobre o ventre saliente. Mas, no momento em que Kai Ying virou-se, a menina grávida da sala de espera do hospital havia sido engolida pela multidão.

SUYIN

Suyin não esperava voltar a encontrar a mulher do hospital. Guangzhou era uma cidade muito grande e gente de toda a província de Guangdong frequentava o hospital. Mesmo assim, ela reconheceu-a imediatamente. Naquele breve instante, Suyin teve esperança de que a mulher também lembrasse dela. Sua mãe teria dito tratar-se de um presságio, e quer fosse bom quer fosse ruim, o destino as havia aproximado novamente. Ela precisava de algo para tirá-la daquela miséria.

Durante a última semana, Suyin havia se sentido muito mal. Seus pés e suas mãos estavam inchados e cada gole de água que bebia provocava azia. Acordava a noite toda, com vontade de urinar. Queria ir ao hospital, mas teve medo de que a mandassem embora e impedissem-na de voltar. Aquele era o único lugar onde se sentia segura. Entretanto, sofria todas as noites, suas costas doíam, e a barriga estava tão grande e pesada, que ela achava que iria explodir. Antes, a ideia de dar à luz era o seu maior pesadelo. Agora, rezava para que o bebê viesse o mais rápido possível. Preferia uma dor excruciante que teria começo e fim ao desconforto que vinha sentindo todos os dias.

Era muito difícil para Suyin ficar em pé pedindo esmolas por muito tempo; então, passou a ir ao mercado todas as manhãs, na esperança de que alguém se apiedasse dela. Agora, seus movimentos estavam lentos e ela estava chamando muita atenção para tentar roubar e, normalmente, algum vendedor, vendo-a tão jovem e grávida, cedia e dava-lhe algumas verduras murchas ou uma fruta. No outro dia, uma mulher havia lhe dado uma toranja,

fruta que ela adorava desde criança. Faminta como estava, Suyin segurou a fruta nas mãos por um momento, antes de descascar a casca grossa e esponjosa, expondo a fruta, maior e mais doce do que os gomos de *grapefruit*. Comeu a toranja de uma vez, mas logo se arrependeu, já que a dor de estômago durou a noite toda. Mesmo assim, foi a melhor coisa que comera em muitos meses. Usualmente, nos dias em que tinha energia, voltava ao mercado depois que este fechava, na esperança de encontrar alguma coisa, algo que fora esquecido. Ela perambulava por entre as barracas, mexia no lixo, chegando à conclusão de que o mundo não tinha muito a oferecer a ela e ao bebê.

Suyin sabia que não seria capaz de suportar por muito tempo. Estava exausta; não sentira o bebê mexer nos últimos dias e estava achando que havia algo errado. E se o bebê tivesse morrido? E se o bebê e ela morressem durante o parto? Seu coração acelerou de medo. Recostou-se e respirou fundo até se acalmar.

Na maioria dos dias, Suyin desejava estar em casa, entalada em sua cama beliche, embaixo dos dois irmãos, no apartamento pequeno e abafado, ouvindo as vozes dos vizinhos através das paredes finas, como se eles estivessem no mesmo quarto. Ou de volta à escola, à classe barulhenta e úmida, onde fora quase invisível, a não ser durante a semana que precedera sua partida. Suyin cometera o erro de contar a uma garota, na qual acreditava poder confiar, que achava que estava grávida. No dia seguinte, seus colegas seguiram cada um de seus movimentos e provocaram-na, incansavelmente, repetindo: *Suyin pegou a gripe dos nove meses*. Na época, a escola tornou-se um lugar intolerável, e agora, ela sabia que o mundo era um lugar pior ainda.



Suyin quase não foi ao mercado naquela manhã, mas a fome foi maior que o desconforto. Ficou no meio da multidão e viu a mulher voltar, como se tivesse lembrado de algo. Estaria ela procurando por Suyin? A menina sentiu um arrepio. Ela observava a mulher por entre o formigueiro de gente se empurrando quando, de repente, sentiu o bebê chutar. Era um bom presságio. A mulher hesitou antes de voltar, e foi embora. Suyin queria chamá-la. *Estou aqui*. Em vez disso, esperou um pouquinho e passou a segui-la a uma distância segura.

WEI Wei parou no caminho de tijolos que levava aos aposentos de Song, nos fundos, tentando decidir se deveria continuar. Kai Ying voltara para casa do mercado e estava preparando Tao para a visita ao hospital; ele saiu e dirigiu-se, naturalmente, para lá como fizera tantas vezes no passado. Antes de Sheng partir, com frequência, Song e ele

sentavam-se e juntos
faziam reminiscências em
torno de Liang e dos
velhos tempos. Ela nunca
media as palavras, e ele
gostava da sua companhia.
Apesar de serem tão
diferentes, Song era a
única que entendia que o
passado ainda era muito
presente para ele.

Wei sentia falta de suas conversas, mas achava que não podia confiar nela no que tangia à sua participação na prisão de Tao. Sua vergonha ainda era uma ferida aberta. E, pior ainda, Wei sabia que se olhasse fundo nos olhos de Song, esta perceberia que havia algo muito errado, e faria perguntas. E aí? O que ele diria? Mais fácil seria evitá-la.

Mas, alguma coisa havia mudado desde a queda de Tao. Sua solidão passara a pesar mais que a vergonha. Naquela manhã, depois de um sono agitado, ele havia acordado com uma necessidade súbita de falar com Song, mesmo sem ter a menor ideia do que iria dizer. Ela jamais o perdoaria, mas talvez compreendesse como algo assim pôde ter acontecido. Era tudo o que esperava.

Wei sabia que a encontraria junto ao jardim, e ali estava ela.

– Bem a tempo – disse Song, chamando-o para o lugar onde estava, perto de um espaço de terra vazio.

Ao se aproximar, Wei sentiu cheiro de esterco, antes de ver o balde ao lado dela, aguardando para ser colocado no solo. Ninguém produzia legumes tão bem quanto Song.

– Eu não tenho tempo para ajudar agora – disse. – Estamos de saída para o hospital. Só vim para ver como você está passando. Faz tempo...

– Você nunca gostou de sujar as mãos – disse Song, rindo.

Ela continuava sendo a pessoa mais forte e produtiva que ele conhecia. Durante todos aqueles anos em que ele se escondia por trás dos muros da universidade, catalogando artefatos, ela lutava para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

– E, se parece que faz tempo que você não me visita, é porque *faz* tempo – acrescentou Song.

Wei sorriu e pegou seu braço, quando Song aproximou-se. Sua altura sempre o surpreendia – ela era mais de meia cabeça mais alta que ele.

– Você tem tempo, pelo menos, para uma xícara de chá?

Ele assentiu e seguiu-a. Song olhou para o céu.

– Parece que o tempo está mudando.



Song ganhara uns quilos a mais nos últimos anos, mas Wei achava que lhe caíam bem, suavizando os traços, agora que estava envelhecendo. Song era o oposto de Liang, tanto em aparência como em comportamento. Suas emoções vinham à tona a qualquer momento, enquanto sua esposa era sempre calma e equilibrada. Logo após a morte de Liang, Wei não conseguia andar pela rua sem reparar em mulheres da mesma idade de sua esposa, que estavam vivas e saudáveis. Ele as desprezava. Por que elas estavam vivas, enquanto Liang não? Tratava-se de um traço de maldade que ele não sabia possuir. Mas não sentia o mesmo em relação a Song. Somente após a morte da esposa foi que ele se deu conta de que o coração e a cabeça das duas eram parecidos, e de que a tristeza mútua abria a porta para sua amizade.

Wei olhou para as próprias roupas; ele não podia imaginar como Song estaria avaliando sua aparência. Quando trabalhava, procurava cuidar da imagem de professor e intelectual. Agora, via tudo aquilo como mais uma fraqueza. A prisão de Sheng não seria consequência de sua vaidade? Durante o último ano, Wei perdera peso, sua pele estava flácida, e as roupas estavam penduradas sobre os ombros curvados. As maçãs do rosto projetavam-se sob os olhos, dando-lhe uma aparência de exaustão. Qualquer um que não o tivesse visto por algum tempo acharia que ele estava enfrentando uma grave doença. E era isso que Wei pensava.

Ele seguiu Song pela porta de seu pequeno apartamento. Fechou os olhos por alguns instantes, para que se ajustassem à luz. Wei achava que durante o verão os cômodos dos fundos eram mais frescos que a casa principal. No inverno, ela sempre usava dois

casacos acolchoados para proteger-se do ar frio e úmido. Em março e abril, durante a sombria estação das chuvas, achava seu apartamento parecido com uma caverna quente e escura. Qualquer que fosse a estação, não havia luz solar direta antes do final da tarde, quando o sol estava se pondo, fazendo com que a porta permanecesse sempre aberta, um feixe de luz na cozinha. Se a cozinha de sua nora recendia a ervas medicinais, a de Song estava repleta de aromas de comida, que nunca deixavam de dar-lhe água na boca.

Wei entrou.



Song serviu-lhe uma xícara de chá; ele olhou para cima e acenou com a cabeça, agradecendo. Quando ela sorriu ele pôde ver o espaço escuro que um de seus dentes ocupara. Ele já havia comentado com ela que, se ela quisesse, o dente poderia ser recolocado. Song negara, dizendo: *Para quê? Sou muito velha e isso não tem mais importância. Pelo menos assim, posso me lembrar de todas as batalhas que travei para chegar até aqui.* Ela, então, fez questão de entreabrir os lábios, mostrando o espaço vazio como se fosse uma medalha de honra. Song nunca lhe contou como havia perdido o dente, e, se Liang o fez, era mais uma daquelas coisas que ele não ouvira ou que esquecera, perdido em seu próprio mundo.

– O que você tem feito? – perguntou Song. Ela colocou um prato de pastéis de nata sobre a mesa e sentou-se à sua frente.

– Contado histórias para Tao – respondeu. Olhou para a xícara de chá.

– Ele vai ficar bem – disse ela.

– Sim, vai.

– Sheng também vai ficar bem – acrescentou Song.

Ele permaneceu em silêncio.

– O que a faz ter certeza disso? – perguntou finalmente. Wei podia sentir o olhar dela sobre ele.

Ela esticou o braço e acariciou a mão de Wei, seu toque, cálido e seco.

– Ele é forte – respondeu –, e todos vocês são motivos para ele voltar.

As palavras chegaram à ponta de sua língua e, então, ele não as engoliu.

– Tenho sido um tolo. Cometi um erro terrível – disse baixinho.

– Que erro? – perguntou Song. Ela suspirou. Sua voz adquiriu um tom baixo, suave, o tom que uma mãe usaria para falar com o filho, quando soubesse que algo estava errado.

Ele ouviu o vapor subindo da chaleira que ela colocara no fogo, o assobio suave do ar subindo, a tampa chacoalhando. *O que estaria ela cozinhando?* – perguntou-se. O som encheu sua cabeça e fez com que tudo à sua volta parecesse nebuloso e longínquo. O assobio suave parecia cada vez mais forte e barulhento. Wei levou a xícara aos lábios e bebeu o chá. Olhou fundo nos olhos dela. Era o mínimo que podia fazer: aceitar a responsabilidade com o pouco de dignidade que lhe sobrara. O líquido quente queimou sua língua e garganta. Não era o bastante para compensar o que havia feito, mas era um começo.

– Que erro? – ele ouviu Song perguntar.

Olhou em volta e ali estava ele, em sua cozinha, enquanto ela enchia a xícara novamente, colocando-a à sua frente sobre a mesa. Nada havia mudado; ele continuava sendo um velho tolo. Song não

fazia ideia do que estava acontecendo com ele, e ele, por sua vez, não tinha energia para começar do princípio.

– Você está se sentindo bem? – perguntou Song. Ele viu o olhar de preocupação no rosto de Song. – Faz tempo que você não é mais o mesmo.

Song não tinha ideia do quanto estava errada. Ele estava sendo o que sempre fora, um covarde, que não merecia a sua amizade. Entretanto, pigarreou e olhou para ela.

– Eu estou bem – disse.

Tao

Tao sentiu cheiro de fumaça. Como uma sequência de fogos de artifício que, depois de espocarem durante o Ano Novo, deixam um cheiro de fumaça no ar. Sua mãe estava ao lado da cama do hospital onde ele estava deitado, apertando a sua mão, enquanto a serra cortava o gesso. Ele olhou para baixo e viu quando os resíduos do gesso, na forma de um pó branco, flutuavam no ar. O quarto era pequeno; seu avô teve de esperar por eles no corredor. O médico havia pedido a ele que relaxasse e disse que o gesso seria retirado rapidamente. Tao segurava a mão da mãe com força.

Tao fechou os olhos por um momento; seus pensamentos vagavam. O barulho da serra transformou-se no zumbido de milhares de abelhas. O polegar de sua mãe acariciava sua mão, assegurando-lhe que tudo estava bem. Estava quase terminando. Ele jamais esqueceria do momento em que sua mão se separou da de sua mãe em uma região muito movimentada do centro da cidade. Na época, ele estava com quatro anos e, de repente, viu-se perdido na multidão. Lembrava-se de ter sentido como se tivesse caído em um poço e, olhando para cima, pudesse ver apenas um pequeno pedaço do céu, ao mesmo tempo em que tentava tomar fôlego e manter-se em movimento. De repente, foi como se não conseguisse mais respirar. *Não, não, não!* Ele parou e começou a gritar. Corpos empurravam-no para lá e para cá, até que uma mão segurou-o pela parte de trás da gola e puxou-o para o lado. Sua mãe chamava o seu nome muitas vezes, quando o homem fez sinal para ela. Tao estava chorando, e quando a viu correndo em sua direção, chorou mais ainda, até ela pegá-lo no colo e ele sentir que estava em seus

braços. *Estou aqui, estou aqui*, repetia ela, acariciando-lhe as costas. Aquela era uma lembrança que ainda o assustava.



O barulho parou. Tao abriu os olhos e sua mãe continuava ali, segurando sua mão.

– Finalmente! – disse o médico, olhando para eles e sorrindo, pela primeira vez.

O gesso estava aberto no meio, dois lados exatamente iguais, como a casca de uma ervilha. Entretanto, em vez de ervilhas, o que estava ali era sua perna, pálida, magricela, embrulhada em gaze. Cuidadosamente, o médico levantou a perna e começou a desenrolar a gaze, eliminando o azedume do gesso fechado e da perna suja, e examinou-a.

– Quero que você tenha cuidado – disse, olhando para Tao e dirigindo-se ao menino pela primeira vez. – Não suba mais em árvores.

Tao assentiu. *Não subir mais na sumaúma e não se perder na multidão*, pensou ele, *com esta perna tão fraca*. Imaginou-se em volta de uma multidão que o empurrava para frente; só que, dessa vez, ele se via ficando para trás.

– Você precisará garantir que ele não se exceda, quando chegar em casa. A perna ainda está muito fraca; ele precisa ir aos poucos – disse o médico, dirigindo-se à sua mãe. – Vamos fornecer-lhe um par de muletas, que ele deverá usar até que sua perna recupere o vigor.

Tao viu-a umedecer os lábios com a língua. Ele queria contar ao médico que sua mamã cuidava de pessoas diariamente. Ela saberia o que fazer.

– Sim, é claro – respondeu a mãe, ainda segurando sua mão com força.



Começou a chover na tarde do Festival da Lua. O som da água caindo dos galhos da sumaúma e dos ladrilhos do muro do pátio ocupava a casa. Durante o jantar, Tao levantou-se da mesa e, sem usar as muletas, coxeou devagar até a janela. Sua perna estava fraca e nua, e ele tinha medo de colocar muito peso sobre ela. Por que não conseguia andar direito, depois de todas aquelas semanas engessado? Pela janela, o menino avistou a escuridão, a lua totalmente escondida pelas nuvens.

– Você quer ouvir a história de Houyi e Chang’e agora? – perguntou o avô?

Tao virou-se e fez que não.

– Não há lua – respondeu.

– Mas ainda há história.

– Sem lua não é a mesma coisa.

O avô cofiou o bigode.

– Mas nós sabemos que a lua ainda está aí, atrás da chuva e das nuvens.

Qual a vantagem da lua, se não podemos vê-la? pensou Tao. Se ela não estava ali para ajudar seu pai a encontrar o caminho de casa? Mesmo assim, ele assentiu, coxeou de volta até a mesa e sentou-se, sem voltar a pensar em qual versão da fábula o avô lhe contaria.

KAI YING

Choveu durante toda a noite do Festival da Lua, e continuou chovendo na manhã seguinte. Os ventos pioraram, uivando no pátio e assobiando em volta da casa. Kai Ying, na cozinha, aguardando o primeiro paciente do dia, pegou diversas jarras com ervas da prateleira, colocando-as sobre o balcão. Ela esperava ter um pouco de raiz de *teasel* e de casca de *eucommia* para colocar na sopa que estava fazendo para fortalecer a perna de Tao. No fogão, vapor subia de uma chaleira com água; a cozinha estava quente e úmida.

Naquela noite, Kai Ying teve dificuldades para dormir. Sentiu o desapontamento de Tao por não ter podido avistar a lua cheia; além disso, o dia havia sido difícil para ele de outras maneiras. A partir do momento em que o gesso foi retirado, ela pôde sentir a frustração do menino por não conseguir caminhar normalmente. O médico lhes deu uma lista de exercícios diários, que ele precisaria fazer para que a perna recuperasse a força e a flexibilidade. Tao não gostava de usar as muletas e ela via como estava sendo difícil para ele andar sem elas. Era como se ele voltasse a ser um bebê, dando passos lentos, inseguros, sempre próximo a uma parede ou cadeira, para poder apoiar-se. Ele era muito jovem para entender que levaria algum tempo até que a perna voltasse ao normal. Paciência vinha com a idade e com a experiência, algo que ela fora obrigada a aprender no último ano.

Kai Ying desejava poder fazer mais para apressar a recuperação de Tao. Perguntava-se o que Sheng diria para que o filho se sentisse melhor, e, de repente, a percepção de que, provavelmente, nunca teria a resposta abateu-se sobre ela, como se a voz do

marido tivesse se dissipado. Lembrou-se da voz baixa, calma, pontuada pelo riso expressivo. Por que não estava conseguindo escutá-la? Inesperadamente, o rosto de Kai Ying cobriu-se de lágrimas. Ela nunca chorava durante o dia, e apressou-se em enxugar as lágrimas com a manga da túnica.



– Você está bem?

Kai Ying viu a tia Song fechando depressa a porta da cozinha, para proteger-se da chuva e do vento. Virou-se, envergonhada, e enxugou o rosto.

– O vapor – justificou-se, embora soubesse que Song não acreditaria. Sua própria voz soava estranha. Ela pigarreou e fingiu estar ocupada com as ervas. – Eu estou bem – disse, enxugando o rosto novamente. Sentiu-se aliviada por ter sido a tia Song, e não um paciente quem acabara de entrar.

– Nada como um bom choro para aliviar a alma – disse a tia Song. E ficou ali, alta e imponente, a túnica de algodão e as calças molhadas da chuva e enlameadas depois do trabalho no jardim. Lá fora, a chuva aumentava, tocando um concerto contra o telhado. – Parece que cheguei bem a tempo – acrescentou.

– Estou aprontando as suas ervas – disse Kai Ying. – Iria entregar-lhe assim que a chuva permitisse.

– Não há pressa – disse Song. – Quis vir para ver como está Tao.

– Ele ainda está lá em cima – respondeu Kai Ying, colocando água para ferver para o chá.

– Estou começando a plantar. Tive esperanças de que Tao pudesse ver o jardim hoje – disse a tia Song, enquanto escutava o barulho da chuva. – Parece que vamos ter de esperar mais um dia.

– Ele adora o seu jardim – disse Kai Ying. – Lo Yeh está lá em cima com ele. Está sendo difícil. O médico não quer que ele coloque muita força na perna durante mais algumas semanas. Mas, agora, sem o gesso, Tao não entende por que não pode simplesmente voltar à escola, correr e andar como costumava fazer.

– Qualquer garoto da idade dele pensaria assim – Deu um sorriso tranquilizador e sentou-se. – Meus irmãos não ficavam quietos nem por um minuto, sempre fazendo alguma travessura. Tao ficou acamado por uns dois meses – acrescentou. – Não se preocupe, em algumas semanas a perna ficará forte e ele poderá voltar à escola. Ele vai superar tudo isso.

Kai Ying assentiu, suspirou profundamente e voltou a mexer nas ervas. Em um quadradinho de papel, colocou quantidades iguais de *tang-kuei*, canela, astrágalo, peônia e ginseng, para fazer um chá que aliviaria a artrite de tia Song.

– Eu sei que uma mãe sempre tem fardos – disse a tia Song. – Isso nunca tem fim, não é?

– Não, não têm – respondeu Kai Ying. – Como também não têm fim os fardos de uma esposa. Ela serviu uma xícara de chá para tia Song. O prolongado silêncio de Sheng estava sendo um peso para todos eles.

– Estou certa de que deve haver uma boa explicação para o fato de Sheng não ter escrito – disse Song.

– Sim, eu sei. Mas é que...

– Ele só não teria escrito se algo estivesse errado... e ele não pudesse escrever.

– Pode haver todo tipo de explicação – respondeu tia Song. – Você sabe que nada é tão simples. Nós não sabemos o que ele está

passando, portanto, não adianta tentar adivinhar. Isso só vai deixar você louca de preocupação. Posso não ter sido abençoada com filhos – disse tia Song enquanto bebericava o chá –, mas tive a minha dose de fardos como esposa.

Kai Ying parou o que estava fazendo. Ela não sabia o que faria sem a tia Song sempre ali para ajudá-la nos momentos difíceis.

– Fardos suficientes para duas vidas – reiterou.

– Três! – corrigiu tia Song.

Elas riram, e Kai Ying sentiu-se melhor.



Além de Liang, Kai Ying era a única pessoa com quem Song confiava sobre seu passado. O casamento de Song com o Velho Hing só lhe trouxe sofrimento. Kai Ying sabia que tivera sorte casando-se com um homem como Sheng, que tinha os melhores predicados de ambos os pais, a compaixão de Liang e a inteligência de Wei. Ela rezava aos deuses para que ele estivesse bem e voltasse logo para casa. Mas, ultimamente, esperança só vinha lhe trazendo angústia no final de cada dia.

Elas ouviram Tao e Wei rindo lá em cima, mas ficaram caladas. Lá fora, a tempestade estava mais forte. Kai Ying tirou a chaleira de água quente do fogo, encheu novamente as canecas de chá e continuou embrulhando as ervas de tia Song.

SONG

Ao longo dos anos, Kai Ying havia se tornado a filha que ela nunca tivera. Song observava-a na cozinha, magra e cansada, seus olhos ainda inchados de tanto chorar. O brilho de juventude acabara de dobrar a esquina e desaparecia, dando lugar ao lado sério da vida. Song desejava poder extinguir a dor de Kai Ying, como esta, certa vez, fizera por ela.

– Você se lembra da tarde em que nos conhecemos? – perguntou Song, quebrando o silêncio.

– Sim, é claro – respondeu Kai Ying.

– Você me ajudou muito.

– O destino trouxe-a à loja de ervas.

– O destino trouxe-me a você naquele dia.

Kai Ying sorriu.

– Eu nunca lhe contei por que fui à loja de ervas naquela tarde.

– Não foi para comprar alguma coisa para dor?

Song meneou a cabeça.

– Eu tinha esperança de que o Fitoterapeuta Chu me ajudasse a acabar com a minha vida.

Kai Ying parou de embrulhar as ervas e olhou para ela, surpresa.

– O que você está dizendo? – Ela foi em direção à mesa e sentou-se em frente a Song.

Song pigarreou.

– Eu achava que o Velho Hing era o diabo em pessoa. E, como é possível vencer o diabo? Eu havia desistido e esperava que o Fitoterapeuta Chu tivesse pena de mim e me desse algo que acabasse com tudo, um veneno de sapo seco ou cinabre, ou ainda

folhas de oleandro. Eu estava muito fraca para fazer aquilo sozinha. – Song parou e bebeu o resto do chá. – Em vez disso, encontrei você.



Song jamais esqueceria aquela tarde de 1947. Lá fora estava frio, e ela usava uma echarpe que cobria o rosto inchado, enquanto sentia uma dor excruciante, que ia da boca até o alto da cabeça. Quando ela entrou, não havia outros clientes na loja de ervas Dai On. Antes, Song nunca vira a mulher que encontrava-se sentada atrás do balcão, com a cabeça baixa, lendo um livro. Justamente hoje, onde está ele? Onde está Chu? Mais tarde ela ficaria sabendo que o fitoterapeuta havia saído, deixando Kai Ying, sua jovem aprendiz, que chegara de Guangzhou havia menos de um mês, atendendo aos pedidos.

O Fitoterapeuta Chu era um amigo muito compreensivo. Ele já detestava o Velho Hing muito antes de Song casar-se com ele. Conhecia a maioria dos clientes pelo nome e por seus históricos de saúde. Song confiava nele. Ela pensou em sair da loja e voltar mais tarde, ou esperar até que Chu voltasse, mas isso implicaria ter de suportar a dor na boca, que naquele momento era insuportável. Song aproximou-se do balcão devagar.

Kai Ying olhou para a cliente.

– Posso ajudar? – perguntou.

– Eu preciso... – Song começou, embora fosse como se sua língua estivesse colada ao céu da boca. A jovem inclinou-se para a frente, tentando entender o que a mulher dizia. – Preciso de... – Song tentou novamente.

Era o tom de sua voz, sua gentileza, que fizeram com que Song olhasse para a jovem por um momento. Era só uma menina, pensou

Song. O que poderia ela saber? Ainda assim, sem falar mais nada, Song afastou a echarpe, expondo o inchaço do lado direito do rosto que mal permitia que o olho abrisse.

Kai Ying levou Song a uma sala nos fundos e ofereceu-lhe chá, enquanto tentava descobrir o que ocasionara o inchaço. Song fazia força para abrir a boca. Estava sentindo muita dor para preocupar-se com o que quer que fosse. Um cheiro horrível de algo podre invadiu a sala. Rapidamente, Kai Ying esterilizou uma agulha e drenou o pus do abscesso formado no lugar antes ocupado pelo dente da frente de Song. Ela então limpou a região e fez um cataplasma com folhas de jasmim e ervas, a fim de estancar o sangramento.

– Por que você esperou tanto? – perguntou Kai Ying quando acabou. – Você deve estar sofrendo há dias.

– Eu não pude sair – Song sussurrou.

– Por quê?

Era uma palavra pequena, para uma explicação tão difícil. Depois que o sangramento estancou, elas ficaram sentadas em silêncio. Lá fora, o vento soprava em volta do velho prédio. Song sorveu em um cataplasma, seus dedos fortes e com grandes juntas em volta do calor da xícara de chá, que não tinha sido bebida. E, por um momento, ela achou que xícara poderia estourar entre suas mãos.

Essa jovem abrandara sua dor, fizera-a sentir-se humana novamente. Então, pela primeira vez, Song contou a uma estranha sobre seu marido, o Velho Hing, chamando-o de monstro violento, de porco furioso e de ferida purulenta. Quando começou a falar, não parou mais, mesmo com a dor. Há algumas noites, por não ter

gostado do que ela fizera para o jantar, ele arrancou seu dente com um soco, durante uma surra. O dente apodreceu quando parte dele permaneceu em sua cavidade, e a dor foi tão forte, que ela saiu escondida quando o marido estava dormindo. Seu casamento tem sido uma sequência de brigas, que já eram legendárias na vizinhança, escalando ao nível de batalhas que chamavam atenção de toda a comunidade. Os vizinhos precisavam conter Hing e achavam que era uma questão de tempo até que ele a matasse.

Ninguém sentiu pena quando o Velho Hing morreu, de causas naturais, seis meses mais tarde.



Um ano depois, o destino entrevistou novamente, quando Song soube que o filho de Liang queria se casar com a jovem fitoterapeuta que havia sido tão boa com ela. Após a morte de Liang, quando Wei estava de luto e inconsolável, Song ficou grata por ter podido ajudar a guiar Kai Ying durante seus primeiros anos na família Lee, tornando a ausência de Liang mais suportável também para ela.

E assim, ao longo dos anos, Song aprendeu que havia várias formas de cura.



Song lembrava-se daquele dia como sendo o início tanto de sua amizade como da carreira de Kai Ying como fitoterapeuta. Quase doze anos mais tarde, Song estava feliz por estar viva e sentada em frente a Kai Ying mais uma vez.

- Você nunca me contou qual era a sua intenção naquela tarde.
- Kai Ying serviu mais chá a Song.
- Você era tão jovem, no início de carreira – disse Song. – Estava ali aprendendo a curar e não a dar cabo de vidas. Decidi

esperar por Chu.

– E, quando ele voltou?

– Todos temos nossos fardos – disse Song relembrando. – Mas, de alguma maneira, os meus pareciam mais leves depois daquela tarde com você. Quando voltei para ver Chu, ainda não estava pronta a deixar este mundo. Song, finalmente, percebera que o Velho Hing tornara-se a ferida purulenta em sua vida e ela não iria deixar que ele vencesse, de jeito nenhum.

– Fico muito grata por isso – disse Kai Ying.

Lá fora, o vento e a chuva estavam mais fortes. A primeira verdadeira tempestade de monção da estação finalmente chegara. Song estava aliviada por não ter começado o plantio. Ambas ouviram o rangido do portão do pátio quando este se abriu e bateu contra o muro.

KAI YING

Kai Ying ficou em pé e olhou em direção ao pátio.

– O vento? Ou talvez um paciente? – disse ela a tia Song. – Deve ser algo grave, para alguém ter se aventurado a sair em meio a essa tempestade.

Ela apressou-se em terminar o resto do chá e abriu a porta da cozinha. Por mais que gostasse de seu trabalho com as ervas, havia ocasiões em que desejava ter mais tempo para si própria. Aquela manhã úmida e tempestuosa era uma delas.

– Vou subir e cumprimentar Tao – disse tia Song. Levantou-se, pegou os pacotes com as ervas que Kai Ying lhe preparara e colocou no bolso da túnica.

No instante seguinte, ouviu-se um grito alto e penetrante vindo do pátio. Sem dizer nada, Kai Ying correu para fora e viu uma menina dobrando-se de dor, ao lado da sumaúma, não longe do lugar onde Tao havia caído. Ela segurava a barriga, e Kai Ying reconheceu a garota grávida do hospital. Quando se aproximou, a menina estava frenética.

– Alguma coisa acaba de acontecer – disse ela, arfando. – Eu senti alguma coisa. O bebê...

– Vai ficar tudo bem – disse Kai Ying. – Venha comigo. – Ela ajudou a menina a entrar na casa, o vento empurrando-as para frente. As chuvas de monções iriam trazer aquele bebê. – Respire devagar e fique calma. Não vai demorar muito.

– Não posso – disse a menina, seu rosto contorcido de dor, enquanto ela apertava a mão de Kai Ying com força.

– Só mais alguns passos – disse, fazendo-a entrar.

Mas as pernas da garota dobraram-se sobre si própria, e Kai Ying baixou-a no chão molhado, ajoelhando-se ao seu lado, enquanto a chuva golpeava-as. Com a palma da mão, Kai Ying protegeu a cabeça da menina contra o piso duro e repetiu: – Respire devagar, inspire e expire.

A menina estava assustada, mas prestava atenção.

– Posso ajudar? – perguntou tia Song, subitamente ali, ao lado de Kai Ying.

Kai Ying não tirou os olhos da garota.

– Ela vai ter o bebê a qualquer momento. Acho que a bolsa rompeu – disse, levantando o tom de voz, por causa do barulho da chuva. – Rápido, vá buscar Lo Yeh; precisamos levá-la para dentro de casa depressa.

Song correu e ela ouviu-a chamando Wei. A garota apertou sua mão e chamou pela mãe. A chuva estava caindo de lado, batendo no rosto de Kai Ying, as folhas da sumaúma enchendo o pátio à sua volta. Kai Ying mudou de posição, tentando proteger a menina contra a chuva.

– Vai ficar tudo bem, eu prometo.

O parto de Tao havia sido rápido; uma dorzinha incômoda que foi aumentando, seguida de uma dor lancinante durante as últimas contrações, e pronto. Mas ela sabia que cada caso era um caso; algumas mulheres levavam horas e horas em trabalho de parto, ou morriam dando a luz. Certa vez, ela soube de uma colega de classe cujo bebê estava morto em sua barriga há semanas, e, finalmente, no momento do parto, o veneno havia contaminado a mãe.

Kai Ying olhou para a menina, que era muito magra, a não ser pela barriga. Suas roupas estavam sujas e Kai Ying perguntava-se

quando teria sido a última vez em que ela tivera uma refeição decente. Como teria chegado a Dongshan? E como havia conseguido encontrá-la?

– Eu não posso. Eu não posso fazer isso – gritava a menina. Ela gemia e contorcia-se.

Kai Ying segurou-a com força. Será que o bebê teria alguma chance? Mas, logo, tentou afastar da mente tais pensamentos. Ela nunca perdera uma paciente, e não perderia agora.

– Você pode, pode sim – Kai Ying encorajou-a. – Ficarei aqui com você.

A menina gritou novamente e Kai Ying abaixou-se mais um pouco para protegê-la da tempestade. Foi como se elas estivessem em um vácuo, à parte do resto do mundo.

– Como você se chama? Diga-me o seu nome – perguntou Kai Ying, na esperança de acalmá-la.

Entre uma respiração e outra, a menina finalmente disse: –Suyin. Meu nome é Suyin.

WEI

Mesmo assim, o mundo se intromete. O verso, de repente, surgiu na mente de Wei quando, finalmente, eles conseguiram carregar a menina para dentro de casa e deitá-la no chão da sala. Ele acendeu o fogo da lareira de pedra e eles colocaram cobertores sob ela. O bebê nasceria ali, todos eles ensopados. Lá fora, a chuva ficava cada vez mais forte, relampejava e os ventos batiam contra as janelas. Incomodava-o o fato de não lembrar-se de onde viera aquele verso.

Wei viu que Kai Ying estava séria. Seria um parto difícil, pensou ele. A menina já estava fraca e exausta, e o bebê empurrava seu corpo magro. Kai Ying puxou seu cabelo molhado para trás, e ele viu um suspiro de medo em sua nora, algo que ele jamais presenciara, em todos aqueles anos em que ela trabalhava com ervas.

– O que eu posso fazer? – perguntou ele.

Kai Ying suspirou novamente e, olhou, nervosa, para a chuva lá fora, antes de dizer:

– Você pode chamar a parteira, a Senhora Lu, o mais rápido possível?



Wei sentiu-se confiante e forte novamente, ao apressar-se para chamar a Senhora Lu. Lutando contra o vento e a chuva, percorrendo as ruas, o verso veio-lhe à memória, mais uma vez: *Mesmo assim, o mundo se intromete.* Deve ter sido um verso de algum poema famoso da dinastia Tang, que há muito tempo ele memorizara. Incomodava-o ainda mais o fato de não recordar os

versos seguintes. Quando voltasse para casa, Wei procuraria em seus livros de poesia, até encontrar aquele poema. Passara a maior parte da vida evitando o mundo, mas, ironicamente, o mundo aterrissara logo ali, à sua porta.

Quando Wei voltou com a Senhora Lu, o bebê já havia nascido.

KAI YING

Depois de três dias, a chuva finalmente passou. Kai Ying ficava deitada em sua cama, ouvindo o choro do bebê. Suyin quase não havia se mexido desde o parto, virando-se apenas para dar de mamar ou alimentar-se com a sopa de galinha preta e estômago de peixe, adoçada com tâmaras e goji berry, que Kai Ying lhe preparava para que ela recuperasse a energia. Suyin perdeu muito sangue durante o parto e quase não tinha mais forças quando o bebê, finalmente, nasceu.

Kai Ying nunca tinha feito um parto e ficou apavorada quando as contrações ficaram próximas umas das outras e Lo Yeh ainda não havia voltado com a Senhora Lu. Tia Song subira para ver Tao. Ela não podia deixar que a menina e seu bebê morressem. Kai Ying estremeceu ao pensar em tudo o que poderia ter dado errado durante o parto, ao cogitar que um dos dois, ou ambos, pudessem ter morrido.

Exausta, Suyin dormia. Kai Ying perguntava-se há quanto tempo Suyin não tinha uma boa noite de sono. Tudo o que ela e tia Song conseguiram saber era que a menina vivia nas ruas e pedia esmolas para sobreviver. Ela nunca mencionou sua família.



Kai Ying adormeceu e logo em seguida foi acordada pelo choramingo, muito parecido ao de Tao quando bebê. Kai Ying apressou-se em direção ao corredor.

O quarto estava escuro e abafado. Um cheiro de mofo abraçou Kai Ying ao abrir a porta e ela parou por um instante, até que seus olhos se ajustassem. Suyin era uma figura escura no meio da cama.

A menininha, que dormia no velho cesto de vime de Tao, agora chorava. Kai Ying pegou o bebê, pequenino e leve. Ela estava abaixo do peso e a pele das bochechas e da barriga estavam vermelhas, mas seus pulmões eram fortes, e parecia bem alerta. Kai Ying não sabia o quanto sentia falta de ter um bebê em seus braços, e não podia deixar de perguntar-se o que Sheng pensaria a respeito. Fazia quase nove meses que ela não tinha notícias dele, o mesmo tempo que levava para criar-se a vida que ela tinha nos braços.

Esteja vivo, pensou ela. Por favor, esteja vivo.

O bebê agitou-se e Kai Ying relaxou os braços em torno dele. Quando Tao nasceu, Kai Ying ficava ansiosa o tempo todo, com medo de que algo lhe acontecesse. O mundo à sua volta estava repleto de ameaças. Este bebezinho era diferente; já era resistente, em face de tudo o que a mãe suportara antes e durante o seu nascimento. Havia até sobrevivido às monções. A menininha parou de chorar e olhou para ela, debatendo-se. A cabecinha era coberta de cabelos macios e pretos, e ela tinha os olhos da mãe, bem-abertos e curiosos, com cílios longos e negros. Por mais um instante, ela olhou fixamente para Kai Ying, resmungando, antes de recomeçar a chorar.

– Quietinha agora, ou você vai acordar sua mamã – sussurrou Kai Ying. Ela segurou o bebê mais de perto e verificou se ele estava molhado, antes de levá-lo para o andar de baixo. A menina parecia não ter leite o suficiente para amamentar no momento, por isso Kai Ying estava suplementando com leite de soja, até que, com a ajuda da Senhora Lu, encontrasse uma ama de leite.

Suyin precisaria de mais algumas semanas para se recuperar, até que tivesse condições de cuidar de si própria; o que dizer, então, de um bebê chorão e faminto. Nesse meio-tempo, mesmo sem todas as festividades formais de uma festa do ovo vermelho e do gengibre, para anunciar seu nascimento, eles fariam o melhor possível para dar àquele bebê as boas-vindas. Kai Ying começaria dando-lhe o costumeiro primeiro banho naquela tarde, três dias após o parto.

Havia tantos detalhes em que pensar. Ela sabia que não se devia chamar o bebê pelo nome no primeiro mês, pois isso poderia atrair os maus espíritos, que voltariam e levariam a criança. Eles haviam chamado Tao de macaquinho durante o primeiro mês, já que os maus espíritos não iriam querer um animal. Kai Ying costumava seguir as velhas tradições chinesas, ensinadas por sua mãe, mas, olhando para aquela criança, pensava de um jeito diferente. A menina já havia suplantado o primeiro obstáculo, sobrevivendo ao nascimento. Até que Suyin estivesse em condições de dar-lhe um nome, Kai Ying iria dar-lhe um nome, em segredo.

– Você deve estar com fome, Meizhen, vamos descer – ela sussurrou. O nome significava pérola formosa, e era o nome que ela teria escolhido para sua própria filha.

A caminho do andar inferior, Kai Ying parou no balcão. Abriu a porta com cuidado e saiu, sentindo o ar puro. A noite estava calma após a tempestade, e o bebê em seus braços caíra no sono novamente. Kai Ying olhou para a lua, brilhante e maravilhosa no céu escuro, embora já tivesse minguado. Eles haviam perdido a chance de vê-la durante o festival. Ao contrário de Houyi e Chang'é, seu sonho de uma reunião teria de esperar por mais um ano.

O MUNDO SE INTROMETE

OUTUBRO DE 1958

Tao

Finalmente, Tao voltaria para a escola, duas semanas depois da remoção do gesso, e ele mal conseguia dormir, de tanta inquietação. Ainda era cedo, a luz mortiça de outubro iluminando seu quarto, e ele desejando que as horas passassem rapidamente, para que o dia comesse. Fechou os olhos e abriu-os, inspirando e expirando profundamente, e enchendo os pulmões de ar. Seu vovô contara-lhe, certa vez, que se ele prestasse atenção, poderia sentir o cheiro e até o gosto das estações do ano. Ele começou a notar que o cheiro forte das flores da sumaúma diziam ser o final de março, ou que o gosto adocicado e pegajoso das mangas e abacaxis vinham no outono, enquanto que o período de verão mais intenso trazia o mau cheiro do durião, que o fazia sufocar só de pensar. No próximo mês, novembro, haveria o aroma cítrico do inverno, seguido pelo ano novo chinês em janeiro ou fevereiro. Ele ficou deitado, perguntando-se se o pai estaria sentindo aquelas mesmas coisas, onde quer que estivesse.

Tao empurrou as cobertas e sentou-se na cama. A luz da manhã clareava o quarto. Sua perna direita ainda estava tão pálida e fina quanto um palito de dentes, como se o gesso tivesse sugado toda a vida que havia nela. Tao não queria mais usar as muletas, mas a perna ainda estava fraca e instável, e ele tinha medo de que, caso colocasse muito peso, ela quebrasse novamente. Um estalo, uma fratura. Estremeceu só de pensar.

Ele sabia que teria de levantar-se e caminhar. Só assim a perna recuperaria os músculos e a força necessária para acompanhar os

colegas de classe. Por que parecia que ele precisava aprender a andar novamente?

– Não se preocupe muito – dizia o avô. – Em pouco tempo você estará correndo mais que seus colegas.

Ele estava cansado de esperar.



Tao andou da janela até a porta do quarto. *Um, dois, três, quatro.* Contou cada passo. Seu pai costumava passear para lá e para cá no pátio, quando algo o estava aborrecendo, ou quando precisava clarear os pensamentos. Da janela de seu quarto, Tao via-o caminhar da porta da cozinha, passar pela sumaúma, ir até o portão, e voltar. Houve um dia, quando seus pais brigaram acerca de alguma coisa, que ele contou as vezes que o pai fez esse trajeto, antes de parar e voltar à cozinha para falar com sua mãe; tinham sido cinquenta e duas. Comparando com seu papá, os passos de Tao ainda eram lentos e hesitantes. Ele abriu a porta e espiou o corredor. Às vezes, o avô acordava cedo e vinha vê-lo, mas, naquela manhã, tudo estava em silêncio.

Tao virou-se e deu mais um passo; à frente, a perna esquerda, mais forte, a direita acompanhando, rígida e inflexível. Ele queria ter deixado de mancar quando voltasse para a escola, mas a recuperação estava levando muito mais tempo do que ele esperava. Perturbava-o pensar que seus colegas o veriam de forma diferente agora, como um aleijado. Ele teria de provar-lhes que estavam errados. Tao esfregou a perna delicadamente, para fazer com que o sangue circulasse, como sua mãe ensinara, antes de mancar de volta em direção à janela. O sol, finalmente, havia nascido por entre os galhos da sumaúma, e, logo em seguida, o galo do vizinho Lau

cantou mais uma vez, anunciando sua chegada. Tao tentou ouvir algum som na casa, mas só o que havia era silêncio.

Em sua escrivaninha ficavam os livros escolares, que ele estudara diligentemente, todos os dias. O Pequeno Shan havia trazido suas tarefas, para que ele não ficasse muito atrasado. Havia um maço de papéis, nos quais ele praticava a escrita dos novos caracteres. Tao memorizara todos eles, e iria conseguir fazer os exames semanais quando voltasse. Estava decidido a sentar-se atrás de Ling Ling novamente, o mais depressa possível.

Tao debruçou-se sobre a escrivaninha e, subitamente, sentiu-se muito cansado. À noite ele havia acordado diversas vezes, ouvindo a mãe levantar-se todas as vezes em que o bebê chorava. No início, ele achou que o choramingo fosse de gatos, no pátio. Depois, sua mãe lhe contou que uma paciente havia tido um parto difícil, e que ela e o bebê ficariam com eles até que a mãe se recuperasse. Tao tinha escutado os gritos, na manhã em que a garota teve o bebê, lá embaixo. Ele ficou nas escadas, sem saber o que fazer, até tia Song levá-lo de volta para cima, dizendo-lhe para que não ficasse preocupado; sua mãe estava ajudando uma paciente a ter seu bebê. *Por que a mulher não ficava em sua própria casa?* Ele perguntara à mãe. *Porque ela não tem casa*, respondera. Tao perguntou-se se levaria tanto tempo para ela recuperar-se quanto estava levando para que sua perna ficasse boa.

Tao achava estranho ter uma garota e seu bebê no quarto ao lado do seu. Ele havia visto a garota de relance algumas vezes, da porta do quarto, mas não o bebê. Estaria ele doente também? O quarto pertencera à segunda esposa de seu bisavô, tia-avó Shu. O aposento estava sempre escuro e cheirava a naftalina. Certa vez,

ele ouvira tia Song dizer que a tia-avó Shu gostava de vinho de ameixa e mantinha o quarto às escuras devido às dores de cabeça matutinas. Seu próprio quarto pertencera à primeira esposa de seu bisavô, mas, quando se tornou seu, ela já havia morrido há muito tempo.

A tia-avó Shu era bem mais jovem que a primeira esposa, e a mãe de seu vovô, mais jovem ainda. Tao não entendia por que seu bisavô quis tantas esposas. Ao fazer essa pergunta à mãe, ela sorriu. *Bem, se ele não tivesse tido três esposas, não haveria o vovô, nem o papá e nem você. E aí, onde estaria eu?* Ele pensou a respeito por um longo tempo. Tao imaginou que sua mamã ainda estaria vivendo em Zhaoqing, casada com outra pessoa, e com outro filho, que não ele. Depois disso, todas as vezes em que olhava para o retrato do bisavô, ele lembrava-se de agradecer-lhe por ter se casado com tantas esposas.

Tao parou e escutou, mas o quarto ao lado estava em silêncio, a não ser pelo bebê que chorava. Se a garota estava dormindo no mesmo quarto da filha, o menino não compreendia por que ela própria não tomava conta do bebê? Porque, explicara a mãe, depois do parto ela ainda está muito fraca, e um bebê necessita de cuidados o tempo todo.

Tao olhou pela janela. Ele não era um bebê chorão, necessitando de alguém que cuidasse dele o tempo todo. Estava bem o suficiente para ir à escola, desacompanhado.



Você acordou tão cedo, disse sua mãe. Ela estava parada na porta de seu quarto, como se seus pensamentos tivessem-na invocado. Normalmente, seus cabelos estavam presos às costas ou

levantados em um coque, mas ele gostava de vê-la com os cabelos soltos, que faziam com que ela parecesse mais nova.

– Estou fazendo exercício – disse ele, usando o mesmo tom de voz que o médico usava quando discutia a necessidade de ele exercitar-se para fortalecer a perna. Tao caminhou até ela, tentando não claudicar.

Sua mãe sorriu e ele percebeu como ela estava feliz por vê-lo caminhar novamente, e como ela ficava bonita nas raras ocasiões em que sorria.

– Muito bem, homenzinho; estou tão orgulhosa de você – disse, abrindo seus braços para o menino.

Homenzinho. Era como o pai costumava chamá-lo, um apelido que ele não ouvia desde que o pai fora levado embora. Tao mal alcançara a mãe, quase não tendo tempo de sentir seus braços em torno dele, quando o bebê começou a chorar no quarto ao lado. Sua mãe deu-lhe um abraço rápido e um beijo no alto da cabeça e se afastou.

Wei Wei sentia-se
desconfortável com uma
estranha na casa. Durante
a noite, ele pôs-se a
escutar possíveis
movimentos inesperados.
Já tinha havido problemas
em número suficiente. Ele
nunca se adaptara com
facilidade quando jovem,
por que o faria agora, no
fim da vida? Como Kai
Ying sabia que eles podiam
confiar na menina? Eles

não sabiam nada a
respeito dela. Ela,
simplesmente, saíra da rua
para entrar em suas vidas.
E, onde estaria o pai do
bebê?

Ao comentar suas preocupações com Kai Ying, uma ou duas vezes, ela respondera: – O que eu deveria fazer? Jogá-la na rua logo depois de ela ter tido o bebê? Ela própria é uma menina.

A garota devia ter vindo de algum lugar, pensava ele, portanto poderia voltar para lá quando ficasse mais forte. Por enquanto, ele esperaria e ficaria de olho nela.

Wei não havia visto a garota desde que esta passara a ocupar o quarto de sua tia Shu. Embora o aposento ficasse localizado no final do corredor, com frequência, durante a noite, ele ouvia o choro do bebê. Logo em seguida, ele ouvia a nora atender ao chamado. Wei não podia deixar de pensar que, se fosse para Kai Ying ter outro filho, ela não teria sofrido um aborto. Ele sabia também que, se Liang estivesse ali, ela ficaria brava com ele por pensar assim.

Wei balançou a cabeça. Ele não compreendia essa geração mais jovem, menos ainda comparada a de seus pais. No espelho sobre a pia viu que, à medida que envelhecia, seu reflexo ficava

cada vez mais parecido com o de seu pai. Ele não era mais velho agora do que seu pai, quando Wei nascera. Perguntava-se como seria ter um pai jovem, como Sheng era para Tao. Teria ele sido uma pessoa diferente, caso seu pai tivesse mais tempo e energia para dedicar-se a ele, ou caso sua mãe fosse menos distante? Teria ele sido menos autocentrado e menos desconfiado do mundo à sua volta? Quando era menino, ele fora muito curioso a respeito dos pais. Certa vez, ele perguntara à ama, Ching, que também cuidara de suas meias-irmãs antes dele, se sua mãe amava seu pai.

Ela olhou para ele e sorriu; depois de um longo tempo respondeu: – É uma questão de dever, não de amor.

– Ela não ama o papá? – perguntou ele, confuso.

– A família de sua mamã fez um ótimo acordo. E sua mamã e seu papá amam muito você.

Wei ainda não compreendia o que ela estava dizendo. É claro que o amavam. Mas, como poderiam amá-lo e não um ao outro? Era tudo tão complicado. Seu rosto devia estar revelando o quanto ele estava confuso.

– Não se preocupe – sorriu sua ama. – O amor nem sempre está onde deveria. Você entenderá isso quando crescer.



Duas décadas se passariam até que Wei lembrasse das palavras de sua ama. Quando tinha quase trinta anos, época em que a maioria dos homens já estavam assentados, Wei estava mais interessado em suas pesquisas; casar-se e ter uma família eram pensamentos distantes. Seu pai havia morrido há muitos anos, sem saber se a família Lee teria descendentes. Sua mãe e meias irmãs haviam desistido de encontrar-lhe uma esposa. *Wei nunca se casará*, brincavam elas. *Ele nunca encontrará nenhuma mulher tão*

bonita quanto seus preciosos artefatos! Ele não se preocupava com o que elas diziam, até que, menos de um ano depois, viu Liang pela primeira vez. Foi ela quem o fez compreender o que seus pais nunca tinham tido, e foi ela quem lhe deu felicidade por quase trinta e cinco anos. E então, ela se foi.

Wei olhou no espelho e viu um homem velho. Molhou o rosto com água fria e pensou ouvir um bebê chorando. Ele afastou os pensamentos tristes da mente e vestiu-se. Afinal, aquela era a manhã pela qual vinham aguardando. Kai Ying tinha seus pacientes para atender e o bebê para cuidar, por isso Wei acompanharia Tao em seu primeiro dia de aula.



Wei esperou no portão, enquanto Kai Ying abraçava Tao, vestido em seu uniforme escolar azul, bem-passado, dizendo-lhe palavras de encorajamento.

– Vá devagar – disse. – Você não precisa fazer tudo no primeiro dia.

Tao assentiu, abraçou-a novamente e claudicou até a sumaúma. Ele tocou a cicatriz no tronco da árvore antes de caminhar ao encontro do avô.

– Você fez aquilo por quê? – perguntou Wei, apontando para a árvore. Ele queria esquecer que fora o responsável pelo talho.

– Para que ela sintasse-se melhor – respondeu Tao.

Wei olhou para o neto. Até aquele momento, ele havia se esquecido de contar-lhe que árvores eram seres vivos. Ele esquecera muita coisa.

– Você é um bom menino.



Era outubro e soprava uma brisa suave. Wei estava aliviado pelo fato de a temperatura estar ficando mais amena, finalmente. Fora do portão e por todo o caminho, folhas de magnólia, sumaúma e bordo forravam a calçada. Ele perguntou-se se isso dificultaria a caminhada do neto.

– Por que não pegamos um triciclo em seu primeiro dia de aula?
– sugeriu Wei.

Eles ficaram parados por alguns instantes, enquanto Tao decidia. Muito cedo naquela manhã, ele vira o neto andando para lá e para cá, no pátio, tentando agir como se estivesse tudo normal, embora fosse demorar meses até que ele voltasse a andar sem claudicar.

– Vamos caminhar – disse Tao.

Wei sorriu e colocou a mão sobre o ombro do neto.

– Acho que o Pequeno Shan ficará feliz por tê-lo de volta.

Tao assentiu.

– Mas ele não ficará feliz quando eu voltar a ocupar minha carteira – respondeu.



Mesmo caminhando mais devagar do que normalmente, eles chegaram cedo à escola. Ele esperou com Tao no portão, até um homem mais velho chegar para abri-lo. Então, como se o simples ato de abrir o portão tivesse feito soar um sino invisível, outros alunos começaram a chegar. Rapidamente, o pátio encheu-se de vozes, meninos e meninas em seus uniformes azuis, balançavam malas com livros ao mesmo tempo em que caminhavam em grupos.

– Você pode ir embora, se quiser – disse Tao.

Ele viu o neto olhar para o pátio, apreensivo.

– Você se importa se eu esperar aqui mais um pouco? – perguntou.

Tao concordou, mas soltou sua mão.

No instante seguinte eles ouviram o Pequeno Shan, do outro lado do pátio, chamar pelo nome de Tao. O rosto do menino iluminou-se.

– Ali está ele – disse Wei, sorrindo. – Eu irei embora agora. Estarei esperando aqui, na hora da saída. – Ele pôs a mão sobre a cabeça do neto. – Não exagere em seu primeiro dia.

– Não vou exagerar – disse Tao, já caminhando, lenta e progressivamente, em direção aos amigos.

KAI YING

Quando Kai Ying virou a esquina, viu o feio prédio de tijolos, de três andares, que abrigava a Secretaria de Segurança Pública. Há meses ela não voltava ali, mas, com a volta de Tao à escola naquela manhã, pediu que a tia Song cuidasse de Suyin e do bebê, dizendo que iria visitar um paciente. Desde que Tao caíra, ela estava mais determinada do que nunca a descobrir se Sheng estava em Luoyang, e, mais importante, se estava bem. Kai Ying precisava saber alguma coisa; qualquer coisa era melhor que nada.

Nervosa e sentindo calor, esperou em uma sala anexa e descolorida, por um tempo que lhe pareceu muito longo, até que uma mulher séria, com os cabelos trançados, usando uniforme verde-oliva conduziu-a a outra sala. Kai Ying odiava pensar em todas as consultas que estava deixando de ganhar enquanto esperava por mais uma hora, antes de, finalmente, ser chamada para ir ao encontro de um certo Camarada Cheng. Ele era uma pessoa muito ocupada, informou-lhe a garota, e só poderia vê-la por poucos minutos.

O escritório do Camarada Cheng era pequeno e abarrotado, e o ar ali era denso, devido à fumaça de cigarro. Uma grande foto de Mao dominava uma das paredes e, na parede oposta, ficava uma série de arquivos pretos, abarrotados. Sobre uma pilha de pastas em um dos armários, um ventilador portátil equilibrava-se, fazendo um zumbido, semelhante ao som de seixos sendo jogados contra vidro. Não havia janelas, e, durante o verão, ela imaginou que a sala devia ser sufocante.

O Camarada Cheng era um homem gordo, careca, cuja testa e pescoço brilhavam de suor que ele enxugava com um lenço azul-escuro. Passadas as amabilidades iniciais, ele serviu-lhe uma xícara de chá morno, acendeu um cigarro e recostou-se em sua cadeira, observando-a de um modo que fez com que Kai Ying se sentisse desconfortável.

– Como posso ajudá-la? – perguntou. Ele exalou e a fumaça foi em direção ao ventilador.

Kai Ying pigarreou; sua boca, seca. Ela observou que havia uma pequena foto de família sobre a escrivaninha, o que lhe deu esperança. Pelo menos, ele tinha família.

– Estou aqui para ter notícias de meu marido – disse. – Seu nome é Lee Weisheng, e disseram-me que ele foi levado a Luoyang para reeducação.

– E de que forma poderia eu ajudar? – perguntou ele novamente.

Seu sorriso transformou-se em um olhar sério, que ela não conseguia decifrar, fazendo-a ficar ainda mais nervosa.

– Não tenho notícias dele há nove meses. Por favor, camarada Cheng, há como eu descobrir se ele ainda está em Luoyang? Ou se ele não está bem?

Cheng desprezou o cigarro no cinzeiro já lotado.

– Centenas de homens são enviados a Luoyang diariamente. Levaria muito tempo para que eu rastreasse seu marido, Senhora Lee, e eu simplesmente não tenho tempo.

– O senhor tentaria? – perguntou ela, sentindo o coração bater forte enquanto tentava manter-se calma.

Ele apontou para os arquivos abarrotados.

– Você pode ver o que eu tenho de enfrentar.

– Por favor... – disse ela, bebericando o chá que tinha gosto de água suja.

– Qual a acusação contra ele? – perguntou Cheng, acendendo outro cigarro.

– Ele foi acusado de ter escrito uma carta ao primeiro ministro durante a Campanha das Cem Flores. Eu nunca vi a carta. Se é que ela existe, foi escrita com a intenção de tornar a China um país melhor e mais forte, exatamente como o Presidente Mao pedia. Meu marido é um bom homem.

Ela precisava lembrar-se de ir devagar e dar um tempo. Implorar mostraria fraqueza.

Cheng recostou-se em sua cadeira e enxugou a nuca com o lenço.

– Acho que há muito pouco que eu possa fazer nesse caso. Desculpe-me.

– Vejo que tem família – disse ela, apontando para a foto sobre a mesa. – O senhor precisa entender o quanto é difícil, não apenas para mim, mas para o nosso filho.

– Sim, minha família é muito importante para mim – disse Cheng, concordando. – Seu marido deveria ter pensado mais na família antes de escrever aquela carta. Agora, por favor, Senhora Lee, eu realmente não tenho tempo. – Ele levantou-se abruptamente dando a entender que o encontro havia terminado.

Kai Ying ficou em pé e sentiu o olhar dele percorrendo seu corpo. Ela sentiu um calafrio. Correndo o risco de contrariá-lo, ela insistiu: – Quer meu marido estivesse certo ou errado, o senhor não faria tudo o que pudesse por sua família?

Cheng parou por um instante e examinou-a de alto a baixo.

– Seu marido é um homem de sorte por ter uma esposa tão devotada. É claro, eu também sou um homem de família, e detesto pensar em seu filho triste. Você deve estar muito solitária sem seu marido; quem sabe encontramos uma forma de fazer esta situação funcionar, enquanto, ao mesmo tempo, ajudamos um ao outro?

Levou um momento até que Kai Ying entendesse o que ele dizia, seus olhos fixos nos dele. Sentiu-se enjoada e só o que queria era fugir daquela sala sufocante. Em vez disso, aprumou-se e ignorou a pergunta. Ele estendeu um envelope vermelho contendo cem *yuan* que havia economizado.

– Por favor, se encontrar alguma coisa... – disse.

Seu olhar passou de sua túnica para o envelope vermelho, e ele molhou os lábios.

– É claro, é claro – disse. – Mas lembre-se, minha oferta para ajudá-la está sempre em aberto. Ele saiu de trás da mesa e apanhou o envelope.

SONG

Quando o bebê começou a chorar, Song pegou-a no colo e ela adormeceu. Song, então, ficou sentada ao lado do berço, com medo de que ela acordasse, caso a colocasse de volta. Song não segurava um bebê desde que Tao nasceria. O pacotinho macio em seus braços era algo novo para ela, cálido e vivo. Sorriu ao pensar que abóboras d'água eram mais pesadas que a menina. Song ficou sentada no quarto escuro, enquanto a menina dormia, uma vez que prometera cuidar dela enquanto Kai Ying visitava um paciente.

Houvera um tempo em que Song desejava um momento como aquele. Seu casamento com o Velho Hing era um passado remoto, e muita da sua raiva já havia passado. Mesmo assim, de vez em quando, aquele gosto amargo voltava-lhe à boca, como agora, enquanto segurava aquela criança. Quase cinquenta anos depois, ela ainda se lembrava da dor no abdômen, onde o Velho Hing lhe dera um soco. Ela não deveria ter provocado, embora não fosse necessário muito para acender sua ira; um olhar estranho ou um tom de voz bastavam. Ele era como brasa; Song nunca sabia quando poderia entrar em chamas. Sua gravidez deu-lhe uma falsa sensação de segurança; ela começou a ter esperanças e a fazer planos. O Velho Hing deixou-a em paz durante a primeira metade da gestação, por isso ela cometera o erro de tornar-se complacente, achando que não apanharia enquanto estivesse grávida de um filho dele. Mesmo agora, Song perguntava-se se deveria ter feito algo de forma diferente. Ela deveria ter dado as costas e fugido quando ele aproximou-se, ao invés de ter protegido o rosto com os braços. Ela deveria ter protegido o bebê ou lutado contra o marido. Aceitava sua

responsabilidade, também. Mas o Velho Hing só ficou mais enfurecido e bateu com mais força. Song teve um aborto no sexto mês de gravidez. Seu bebê, morto, era uma menina. Depois do ocorrido, durante anos Song consolou-se com o fato de que, pelo menos, sua filha nunca teve de conhecer o pai, o Velho Hing.



Quem é você?

A voz da garota assustou Song. Ela viu a menina deitada olhando para ela. Normalmente, ela costumava dormir enquanto Song cuidava do bebê.

– Meu nome é Song – respondeu. – Eu moro aqui, com Kai Ying, a mulher que fez o seu parto, e a família dela.

– Meu nome é Suyin.

Song sorriu.

– Você nos disse seu nome, pouco antes de ter o bebê.

– Meu bebê?

– Está aqui. Song ficou em pé e levou o bebê até a mãe.

– Eu não me lembro se é menina ou menino.

– Uma menininha – disse Song, colocando-a nos braços de Suyin. A garota cheirava a azedo, e seu cabelo estava oleoso e jogado de um só lado da cabeça.

Suyin segurou a criança desajeitadamente e olhou-a. Quase imediatamente a menina acordou e começou a chorar. A garota mudou de posição, tentando confortar o bebê, mas nada parecia ajudar. O choro aumentava como aumentavam também os embalos que Suyin fazia.

– Peque-a, pegue-a de volta – implorou.

A garota tinha muito que aprender sobre a maternidade, pensou Song, reclinando-se para pegar o bebê.

Tao

Na escola, tudo havia mudado, a partir do primeiro momento em que Tao caminhara, coxeando, até a mal-iluminada sala de aula, impregnada de pó de giz, para sentar-se na fileira de trás, e várias carteiras atrás do Pequeno Shan e de Ling Ling. Ele esperava sentar-se bem atrás do amigo, ou, pelo menos, uma ou duas carteiras para trás. Surpreendeu-o saber que muitos outros alunos também o haviam ultrapassado. A voz do Professor Eng zumbia sem parar e Tao teve dificuldade para concentrar-se. No final do primeiro dia de aula sua perna estava fraca e dolorida devido ao esforço e, ao ver o avô esperando por ele no portão, respirou fundo e tentou sorrir.

– Como foi seu primeiro dia? – seu vovô perguntou.

– Foi bom.

– Como está a perna?

– Um pouco cansada. – Ele puxou a gola da camisa. O céu estava limpo e o sol brilhava.

Seu avô pegou os livros de sua mão.

– Vai levar algum tempo, mas tudo vai voltar ao normal.

Tao permaneceu calado.

– Você não acha? – perguntou o avô.

Tao sabia que estava sendo grosseiro por não responder a pergunta do avô pela segunda vez, mas não queria dizer nada, com medo de começar a chorar. Ele não era um bebê, mas sabia que nada mais seria como antes, não desde que seu pai se fora. Tao simplesmente olhou para o avô, assentiu e pegou sua mão.



Tao foi recebido em casa pela mãe e por tia Song com torta de coco, sua favorita. Elas lhe fizeram uma porção de perguntas que ele não tinha vontade de responder, mas o fez, para que elas não percebessem como estava triste. Cada dia foi pior que o anterior, até que, ao final da semana seguinte, Tao já não se importava em voltar à escola. Durante a sua ausência, o Pequeno Shan fizera novas amizades, e, por mais que ele tentasse adaptar-se, não conseguia compreender por que o amigo estava gostando dos mesmos garotos grosseiros que costumavam aborrecê-los por serem “garotas medrosas” e “cachorrinhos do professor”. Parecia que tudo acerca do amigo havia mudado, não apenas a aparência. Agora que Tao estava de volta, sua esperança era de que o Pequeno Shan percebesse o erro que estava cometendo e tudo voltasse a ser como antes.



Todas as manhãs Tao fazia um grande esforço para descer as escadas, a perna ainda rígida. Ele se apoiava no corrimão, na esperança de que sua mãe dissesse que podia ficar em casa, para que a perna repousasse. Mas isso nunca aconteceu. Ao invés disso, ela parecia preocupar-se mais com a estranha garota e com seu bebê. Ele mal a vira nas semanas em que estava lá; ela não descia antes de ele sair para a escola, e passava a maior parte dos fins de tarde e noites no quarto da tia-avó Shu. Na primeira vez em que ele encontrou Suyin, achou que ela se parecia com qualquer outra garota da escola e não conseguia imaginar que ela tinha tido um bebê. Era pálida e magra, como se não tivesse comido por muito tempo. Sua pele era esburacada e o olhar, melancólico, embora ela o tenha cumprimentado agradavelmente quando foram

apresentados. Mesmo assim, ele procurava por qualquer coisinha a seu respeito que pudesse, imediatamente, desgostar.

Por um lado, Suyin era egoísta, quer ela soubesse disso quer não; ela ocupava demais o tempo de sua mãe. Todas as manhãs, sua mamã ia ou voltava do mercado ou da loja de ervas com alguma coisa para fazer-lhe chá ou sopa. Naquela manhã, quando desceu, ela estava na cozinha enxaguando pés de porco, disse ela, para colocar na sopa de vinagre preto e gengibre. As mulheres precisavam tomar aquela sopa durante duas semanas após darem à luz. *Tem muitos nutrientes que ela está precisando*, acrescentara sua mãe. Ele viu enquanto ela colocava os ingredientes em uma panela, um cheiro azedo e picante subindo com o vapor. Quando ele não disse nada, a mãe, finalmente, olhou para ele.

– Está tudo bem? – perguntou ela.

Tao olhou para ela e, antes que pudesse dizer qualquer coisa, sentiu todas as lágrimas que vinha segurando vir à tona e correr por seu rosto.

– O que foi? O que aconteceu? É sua perna?

Ele queria dizer à mãe que odiava a escola, que odiava a garota que estava vivendo em sua casa, que odiava coxear, mas que, acima de tudo, odiava um de seus colegas de classe, Lai Hing. Eles nunca se deram bem, mas sempre escolhiam ficar longe um do outro. Mas agora o Pequeno Shan seguia-o como um cão faminto, e não havia nada que ele pudesse fazer. No dia seguinte à volta de Tao para a escola, Lai Hing havia gritado: *Você ficará manco para toda a vida?* no meio da sala de aula, para que todos os colegas escutassem. Tao sentiu o rosto arder e levou muito tempo até que respondesse. No momento em que conseguiu dizer alguma coisa, a

resposta ficou perdida em meio aos risos e vozes dos companheiros de classe.

E ontem, enquanto estavam no pátio, Lai Ying perguntara: – Onde está seu pai?

– Ele está fora, trabalhando – foi a resposta de Tao.

– Meu pai disse que ele foi mandado embora porque é um traidor e não um verdadeiro camarada do partido.

Lai Hing não era muito mais alto que ele, mas era mais gordo e forte, comparável a um pequeno touro.

Tao deu um passo à frente, sua raiva subindo-lhe à cabeça.

– O que é que seu pai sabe?

– Muita coisa. Meu pai trabalha na Secretaria de Segurança Pública e disse que seu papá foi enviado para longe, para trabalhar em um campo para traidores, que são contra o partido.

– Você é um mentiroso! – gritou Tao.

Ele podia sentir o sangue subindo-lhe. Viu que o Professor Eng estava do outro lado do pátio. Sem pensar, Tao fechou o punho e arremeteu em direção a Lai, errando por pouco. *Nunca deixe que sua raiva comande seus atos*, dissera-lhe certa vez o avô. Na época, ele não entendeu, mas agora sim. Lai empurrou-o com força e Tao caiu para trás, o cóccix batendo no chão primeiro. Sentiu uma dor aguda nas costas. Em vez de defender seu papá, ele apenas o decepcionara.

Quando Tao tentou levantar-se, sentiu uma pontada na perna. Ouviu Lai Hing e os amigos rindo dele. *Pare, fique calmo*, pensou. *Não há pressa*. Devagar, ele levantou-se, endireitou-se e esperou um momento. Então, bateu novamente, dessa vez atingindo Lai Hing no estômago. O garoto dobrou-se. As risadas pararam, e, no

instante seguinte, Tao foi afastado por outro menino, que ameaçou bater nele. *Bata em mim! Quebre minha perna de novo*, pensou Tao, *ambas se quiser*. Dessa vez Tao não se importaria de ficar em casa para sempre.

Ao invés disso, o Pequeno Shan colocou-se entre eles e levou Tao para longe dos outros. Naquele momento, foi como se seu velho amigo tivesse voltado para ele.

– O que você está fazendo? – perguntou o Pequeno Shan. – Lai Hing vai derrubar você com um soco.

– Ele é mentiroso – repetiu Tao. – Eu não gosto dele.

O Pequeno Shan, uns bons centímetros mais alto que Tao, deu um passo para trás. Ele parou por alguns instantes antes de dizer: – Bem, eu gosto.



Lembrar-se do fato fez Tao chorar mais ainda. O Pequeno Shan podia fazer o que quisesse, ele não se importaria. A dor no cóccix passaria. Por entre as lágrimas, viu a mãe caminhando em sua direção e, rapidamente, desviou-se; ele ainda estava triste pelo fato de ela o estar ignorando. O que ele queria mesmo saber, e que tinha um gosto amargo, estava na ponta de sua língua. O cheiro de azedo da sopa fê-lo sentir-se enjoado. Ele respirou fundo e limpou o nariz com a manga da camisa.

– Diga-me... – disse em meio a um soluço. – Diga-me por que a polícia veio e levou o papá?

WEI Mesmo antes de entrar
na cozinha, Wei sentiu
pânico. Tao estava
consternado, desviando-se
da mãe e recusando-se a ir
à escola.

– O que foi? – perguntou. – Tao? – olhando para o neto, viu sofrimento. O cheiro avinagrado da sopa que Kai Ying cozinhava pairava, pesadamente, no ar.

Tao chorava tanto, que não conseguia ouvi-lo. Kai Ying abraçava-o, seu rosto pálido e cansado. No último mês, ela perdera ainda mais peso.

– Ele quer saber por que seu papá foi levado embora – disse Kai Ying. – Aconteceu alguma coisa na escola... – ela começou a explicar, mas as palavras ficaram presas na garganta e ela não conseguiu terminar.

Wei gostaria de poder recomeçar o dia. A ironia era o fato de ele ter acordado sentindo-se melhor do que há muito tempo. O dia estava lindo, límpido e claro, uma rara manhã na qual o peso em seu coração e em sua mente pareciam mais leves. Wei sabia que a verdade estaria sempre ali, aguardando para revelar-se. Ele só não esperava que fosse nessa manhã, e que deveria estar preparado.

Wei não conseguia respirar na cozinha quente e fumegante. A porta que dava para o pátio estava aberta, e, de vez em quando, uma brisa fresca soprava, proporcionando certo alívio. Ele engoliu o medo e apoiou-se na mesa; então, tocou o braço da nora para que ela se virasse.

– O que foi? – perguntou Wei. Sua voz, surpreendentemente calma. Ele fez com que o neto se sentasse e sentou-se ao seu lado. Tao olhou para o avô e tentou parar de chorar. Os soluços foram diminuindo.

– Eu não quero ir à escola – respondeu Tao.

– Mas na semana passada você mal podia esperar para voltar à escola.

– Agora é diferente.

– O que houve com o Pequeno Shan?

– Eu odeio o Pequeno Shan.

– É difícil conseguir melhores amigos.

– Ele não é meu melhor amigo.

– É por causa do seu papá?

Wei sabia que não poderia mais voltar atrás. Perguntou-se se Sheng algum dia o perdoaria pelo que fizera à sua família.

– Há um garoto em minha classe que disse que meu papá foi levado embora porque é um traidor.

– É nisso que você acredita?

Tao meneou a cabeça.

– Isso é bom, porque seu papá não fez nada de errado – explicou Wei. – As autoridades acusaram-no de ter escrito uma carta criticando o partido, quando, de fato, ele nunca escreveu a tal carta.

Wei olhou de relance para Kai Ying, que havia pegado a xícara de chá vazia.

– Como você sabe?

Wei nunca antes mentira para o neto. Ele podia ter embelezado uma história aqui ou ali, mas os únicos segredos que tinha eram aqueles que o neto ainda era muito jovem para conhecer. Wei nunca mentira e sabia que não poderia fazê-lo agora. Deu uma olhada em direção ao pátio e à sumaúma. Quando voltou a olhar para o menino, viu Sheng com aquela idade, sempre tão formal e de boca fechada por perto. Lembrou-se de todas as vezes em que ouvia Sheng conversando com Liang, rindo e fazendo piadas. No momento em que ele entrava na sala, era como se o ar mudasse. Ele e Sheng só tornaram-se amigos quando ele já estava velho. Agora, só o que ele desejava era ter o filho de volta em casa.

– Eu sei... – Wei começou, percebendo que as palavras a seguir mudariam a vida de todos eles para sempre. – Eu sei, porque fui eu. Fui eu quem escreveu a carta, não seu pai.

Wei sentia que no último ano vinha caindo e que só agora, finalmente, chegava ao chão. Fixou o olhar na mesa, incapaz de encarar Kai Ying e Tao. Sentiu-se exausto. Só o que queria era deitar-se e fechar os olhos. A cozinha estava em silêncio, como se tudo tivesse estacado. Por um momento, Wei nem tinha certeza de ter falado em voz alta.

– Foi você? – disse, finalmente, Kai Ying. Suas palavras reverberaram contra as paredes e voltaram a ele. Ele sentiu-a parada atrás dele.

Ele olhou para Tao.

– Seu papá não teve nada a ver com aquilo – repetiu. – Ele é um filho bom e corajoso, que assumiu a minha culpa. Seu único defeito é ter um pai covarde.

– Eu não entendo. Por quê? Por que você iria escrever uma carta ao Primeiro-Ministro? – perguntou Kai Ying, aumentando o tom de voz a cada palavra. – Você nunca se preocupou com política. Quantas vezes você disse a Sheng para que se preocupasse com a própria vida e ficasse longe de confusões?

Wei meneou a cabeça como se não tivesse a resposta. Ele ficou em pé e virou-se para Kai Ying, que estava parada como uma pedra, segurando sua xícara de chá.

– Kai Ying, eu sinto muito – disse, tentando explicar o que não tinha explicação. – Não sei o que se apossou de mim para que escrevesse aquela carta. Eu não sei por quê. Sheng parecia tão certo de que o partido não faria nada desta vez, e eu pensei...

– Você pensou? – Kai Ying interrompeu-o. – Você pensou? – Seus olhos estreitaram-se à medida que sua voz ganhava um tom de fúria e precisão gélida. – Você achou que o grande Professor Lee, da Universidade Lingnan fosse intocável. Achou que fosse mais esperto que todos os outros. Foi isso que pensou! – gritou Kai Ying. Ela deu um passo atrás e arremessou a xícara contra a parede.

As palavras duras de Kai Ying pairavam pesadas no ar. Ela sempre fora a pacificadora da família. Wei puxou sua túnica e sentiu que o aposento rodava, mas não desviou os olhos da nora, em cuja testa pulsava uma pequena veia e cujo corpo todo tremia. Seus olhos escuros estavam irreconhecíveis, plenos de algo pior que cólera: desapontamento. Cada barulhinho, subitamente, parecia

intensificado; o borbulhar da sopa, o tique-taque do relógio, o pulsar do seu sangue, fino e quente, do coração até o cérebro. Por um momento, Wei pensou se seria possível afundar de dentro para fora.

Da rua veio a voz melodiosa do vendedor de frutas, anunciando: *Bananas! Laranjas! Mangas!* Todas as manhãs ele subia e descia a rua carregando dois cestos pesados equilibrados às costas em um bastão de madeira. Wei achava as lichias e as mangas que ele vendia melhores que aquelas vendidas no mercado. Queria correr para fora e comprar todas as frutas que o vendedor tinha em suas cestas, e fazer uma oferenda, mas sabia nem as frutas mais doces de toda a Guangzhou lhe comprariam o perdão.

Quando o som do choro do bebê, repentinamente, alcançou o andar inferior, Kai Ying desviou o olhar e também, repentinamente, deixou a cozinha.

Tao continuou sentado. Seu neto não mais chorava, mas observava-o com o olhar distante de um estranho. Wei tinha esperanças de que Tao compreendesse que ele nunca desejou que nada daquilo acontecesse. Mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Tao arrastou a cadeira para trás e pôs-se de pé.

- Tao, desculpe-me – disse Wei.
- Você fez com que o papá fosse embora.
- Eu não sabia.
- Eu odeio você.

DEPOIS

OUTUBRO DE 1958

KAI YING

Foi necessário todo o empenho de Kai Ying para que ela fingisse que nada acontecera, quando, de fato, todo o mundo deles mudara. Até mesmo o ar que ela respirava parecia contaminado de amargura. Havia uma carta e Wei a havia escrito. Os pensamentos de Kai Ying fervilhavam enquanto ela preparava o arroz e lavava as folhas de mostarda fornecidas por tia Song. Cortou um pequeno pedaço de porco e as raízes de lótus e cebolinhas, e, em seguida, picou o alho. Acendeu o fogo, colocou óleo de amendoim na panela *wok* e esperou até que esquentasse. Suas mãos moviam-se sem pensar no que estavam fazendo. Eles tinham de comer, certo? Tinha de encontrar uma maneira de viver com aquela verdade, não tinham?

Kai Ying via aquilo com tanta clareza, a culpa que devia estar consumindo Wei a cada dia, enquanto ele se refugiava cada vez mais dentro de si próprio. Por mais difícil que fosse, Kai Ying compreendia o porquê, com a chegada da polícia, Sheng tomara o lugar do pai. Wei jamais sobreviveria fora da vila, muito menos em um campo de reeducação. Mas por que Wei não lhe contou a verdade? Por que permitiu que ela sofresse durante mais de um ano, sem ao menos saber se de fato existia uma carta, deixando que ela acreditasse que Sheng havia colocado em perigo tudo o que eles tinham? E, como poderia ela perdoar um homem que deixara o orgulho trair a família?

Kai Ying colocou o alho e as cebolinhas na *wok*, seguidas do porco, das raízes de lótus e da pasta de feijão preto, fritando tudo rapidamente, com seus longos pauzinhos de madeira remexendo os

ingredientes de maneira uniforme. O óleo quente respingava e um aroma convidativo espalhava-se pela cozinha, mascarando o amargor que pairava sob a superfície. Era um dos pratos prediletos de Sheng e pensar nisso trouxe-lhe outro tipo de dor.

Tao

Tao mal falou com o avô. Suas respostas monossilábicas surgiram apenas quando a mãe ficou brava com ele por não responder ao avô durante o jantar.

– Tao, seu vovô está falando com você – dizia ela, sua voz carregando um tom mordaz como ele raramente escutava quando dirigida a ele.

Em seu quarto, naquela noite, ela continuava distante e séria quando lhe disse que não queria mais vê-lo desrespeitar o avô ou qualquer outro adulto novamente. Ela não o estava criando para ser esse tipo de pessoa.

– Você entendeu? – perguntou ela. Tao mordeu dentro da bochecha e fez que sim com a cabeça. O que ele não conseguia entender era como ela podia falar com seu avô depois de tudo o que ele fizera, mas Tao achou melhor não perguntar.

– Isso não é resposta – disse.

– Sim – disse ele. – Entendi. – Ele mordeu a bochecha novamente, até sentir gosto de sangue.

SONG

Song cortava os pés de *yu choy* e *bok choy* e lavava-os no balde de madeira ao seu lado, sacudindo o excesso de água para em seguida colocá-los em uma cesta. Colher seus vegetais era uma tarefa que costumava dar-lhe muito prazer, mas hoje ela estava distraída. Song levantou os olhos quando ouviu um barulho vindo do pátio, o brilho do sol do meio dia cegando-a por um instante. Em meio à forte luz, ela pensou ver uma sombra à distância, que vinha em sua direção. Tinha esperanças de que fosse Wei, mas, ao levantar a mão contra a luz, viu que não havia ninguém.



Há apenas dois dias, Song ouviu, incrédula, quando Kai Ying, abalada e à beira das lágrimas, contou-lhe que a carta fora escrita pelo sogro. *Isso é impossível; Wei não se interessa...* disse, lembrando-se, subitamente, de sua última visita, no mês anterior, quando Wei devia estar tentando contar-lhe algo. *O que estaria ele pensando para ter escrito a tal carta?* Em todos os anos em que o conhecia, ele sempre se recusara a acompanhar Sheng a qualquer tipo de encontro político, achando ser perda de tempo. Sua vida começava e terminava com a família e o trabalho na universidade.

Desde então, Song queria, desesperadamente, saber como o amigo estava. Ela o vira uma vez apenas, no pátio, e sua aparência envelhecida e frágil fê-la ficar temerosa. Ele havia perdido muito peso, suas roupas pareciam penduradas no esqueleto alto e fino. Por que ela não vira o que estava bem à sua frente? Ele evitava seus pedidos para que se sentasse e conversasse com ela.

– O que há para falar? – disse ele. – O que está feito precisa ser desfeito.

– Você cometeu um erro.

– Fui tolo – disse, com um sopro de voz.

– Meu pai costumava dizer que o único tolo é aquele que não admite ser um. Você não vê que Sheng sabia o que estava fazendo? Foi escolha dele.

– E fraqueza minha – disse Wei. – Eu fiquei ali e permiti que o levassem em meu lugar.

– Ele sabia o que estava fazendo – repetiu.

– Eu nunca deveria tê-lo colocado nesta situação!

– Você não sabe nada a respeito de seu filho – disse Song, subindo o tom de voz. – E este deve ser seu maior arrependimento. Você viveu no passado por tanto tempo, que não pôde ver o que estava bem à sua frente. Você cometeu um erro, um erro não intencional. Quem, nesta vida, já não atravessou esta ponte? – perguntou ela, sua voz, agora, mais baixa. – Sheng nunca permitiria que levassem você. Ele é jovem e forte, e vai sobreviver.

Wei desviou o olhar. Song perguntou-se se ele ouvira alguma coisa do que ela havia dito. Ao voltar a olhar para ela, Song viu em seus olhos o mesmo desespero e a mesma tristeza que havia quando Liang morrera.

Desde então, Song não o viu mais.

SUYIN

Suyin estava deitada na cama, sem conseguir dormir. Depois de meses morando nas ruas, em constante estado de exaustão, passara as duas primeiras semanas depois do parto alheia ao mundo à sua volta. Era como se estivesse em um sonho sem fim. A cama era um lugar seguro e aquecido, de onde não queria mais sair. Suyin mal conseguia manter os olhos abertos e só despertava para tomar um pouco de sopa ou dar de mamar ao bebê. Mas tudo parecia distante e obscuro, e, antes que qualquer outra coisa lhe viesse à mente, voltava a cair em um sono profundo.



Agora, no escuro, totalmente desperta, Suyin olhava para o teto. Seu bebê estava com quase um mês, ela não se encontrava mais à beira da exaustão e já conseguia pensar com clareza. Após seguir Kai Ying do mercado até em casa, ela passou a caminhar pelo distrito de Dongshan pelo menos duas vezes por semana. Suyin gostava das ruas limpas e largas, com árvores frondosas, onde podia mover-se devagar, sem ser incomodada, sonhando acordada em como seria morar em um daqueles velhos casarões acerca dos quais sua mãe costumava falar, por trás dos muros altos, segura do mundo exterior. Suyin lembrava-se de que chovia muito na manhã em que sentira a primeira contração intensa, uma dor lancinante que fê-la parar e dobrar-se. *Ainda não, ainda não, ainda não*, repetia. Respirou fundo diversas vezes. Quando a dor finalmente diminuiu, ela continuou caminhando. Estava a alguns quarteirões de distância de onde Kai Ying vivia e desejava continuar andando. A segunda contração veio no momento em que ela abria o portão do pátio.



Suyin perguntou-se por quanto tempo mais ela poderia ficar no casarão. Na semana passada ela ouviu Kai Ying e o velho professor conversando na cozinha, embora não tivesse podido compreender o que estavam falando. Depois disso, eles mal se falavam. Suyin não podia deixar de pensar que talvez estivessem falando a seu respeito; ela tinha vindo do nada para a vida deles.

Desde então, durante muitas noites, Suyin ia à cozinha, procurar qualquer tipo de comida que pudesse armazenar. Ela apanhava pouco, pensava, para não levantar suspeitas. Precisava estar preparada se a mandassem embora; ameixas secas, amendoins verdes, biscoitos, qualquer coisa que a mantivesse em pé, até decidir o que fazer em seguida. Suyin sabia que a fome nunca a abandonaria, e agora não era apenas ela, havia o bebê com que se preocupar.

Olhou em volta do quarto escuro, para a sombria mobília, para o berço ao lado da cama onde o bebê dormia. Ainda era difícil acreditar que ela dera à luz e que o bebê estava vivo e bem, no quarto com ela. A escuridão não mais a amedrontava como quando era pequena. Os velhos fantasmas que ela imaginava estarem à espreita eram nada se comparados ao que ela vira à luz do dia. Suyin virou-se para o lado e sentiu uma tensão repentina, quando seus pensamentos voltaram-se para aquela tarde.



O padrasto de Suyin nunca vinha para casa durante o dia. Ela se lembrava de ter ouvido a porta se abrindo, achando que seus dois irmãos haviam voltado mais cedo, e visto surgir em seu lugar aquele sorriso sebo. Por que ele estaria em casa? Normalmente, ele não voltava até a hora do jantar, ou mais tarde ainda, e cheirando a

bebida alcoólica, na maioria das noites. Até aquela tarde, ele nunca prestara atenção nela.

– Você está crescendo – disse ele. Suyin não achou nada estranho e serviu-lhe uma xícara de chá, embora estivesse sentindo o bafo de aguardente de arroz.

– Por que você não está trabalhando? – ela ousou perguntar.

– Porque hoje eu já terminei – respondeu, olhando para ela de um jeito estranho.

Ela desejou que os irmãos estivessem ali. Ao dizer-lhe que precisava sair, ele bloqueou a porta impedindo-a de deixar o apartamento. Ele não a deixaria sair e ela sentiu o coração acelerar e a boca secar. Tinha lição de casa para terminar e os meninos estariam ali a qualquer minuto, disse. Ele olhou para ela novamente, e ela sentiu algo pesado no meio do estômago e o terrível hálito dele sobre ela.

– Você está uma moça agora – disse ele, colocando a mão sobre sua boca, seu corpo comprimindo o dela, enquanto Suyin tentava empurrá-lo. – Você é uma moça tão bonita.

Ao terminar, ele deixou-a no chão, sem sequer olhar para ela. Suyin ficou ali, paralisada, até ouvir que os irmãos estavam de volta, rezando para voltar a sentir os braços e as pernas.



Suyin sentou-se na cama, o coração batendo forte com a lembrança. O bebê resmungou e, rapidamente, começou a chorar. Com a mesma rapidez, Suyin estava ao lado do berço e pegou-a no colo. No início, ela era tão pequena e delicada em suas mãos, que Suyin tinha medo de machucá-la. Mas, tia Song havia lhe ensinado que amparando a cabeça e o pescoço tudo ficaria bem. Desde então, Suyin sentia-se mais relaxada e segurava-a constantemente,

mesmo depois que o bebê adormecia. Ela acariciou os cabelos escuros da filha.

– Quietinha, quietinha – sussurrou, aconchegando-a. Ela nunca pensaria em seu bebê como sendo dele. Nunca.

Suyin voltou para a cama sentindo falta do calor do bebê em seu colo e perguntando-se o que seria delas. Tocou as espinhas vermelhas em seu rosto, tentando não as coçar, conforme Kai Ying a aconselhara. Ela desejava ver a mãe e os irmãos, mas, naquele momento, isso seria impossível. Sentia o coração acelerar ao pensar nisso. Respirou fundo e fechou os olhos. Queria dormir e dormir e nunca mais acordar.

WEI

Wei saía de casa cedo todas as manhãs e caminhava, sem qualquer destino em mente. Andar proporcionava-lhe conforto. Não estava dormindo muito, suas palavras revolvendo-se em sua mente. *Fui eu. Eu escrevi a carta.* Quase que imediatamente depois de tê-las dito, foi como se uma carga lhe tivesse sido tirada dos ombros, e substituído por outra, mais pesada e nebulosa. Como poderia ele consertar as coisas com Kai Ying e Tao?

Wei nunca esqueceria os olhos de Kai Ying e como ele, de repente, parecia diminuído diante dela. Ele não era o professor reverenciado que todos consideravam, dissera-lhe ela. E estava certa. Hoje ele tinha dúvidas se algum dia o fora. Tantas vezes quis dizer a Kai Ying que escrevera a carta, mas sempre havia algo impedindo, as palavras ansiosas na ponta da língua. E, agora, tudo acontecera da forma como ele temia; tudo o que ele passara a vida construindo parecia sem sentido.

Naquela noite, durante o jantar, Kai Ying fingiu que nada mudara, mesmo com a comida congelando em suas tigelas, com Tao recusando-se a olhar para ele e com Wei esperando que o bebê chorasse mais uma vez, para quebrar o silêncio.



O dia estava nascendo, o ar ainda fresco com os resquícios da noite. Wei evitava as vias principais, lotadas, procurando ruas secundárias e caminhando de um lado a outro das estreitas alamedas. Percebeu que andava pela mesma rota que percorrera durante os mais de quarenta anos em que lecionara na Universidade Lingnan. Velhos hábitos eram seu modo de vida. Conhecia, intimamente, os labirintos das ruas estreitas e não queria enfrentar multidões de pessoas e bicicletas empurrando-o para direções que não desejava ir. Wei nunca ficara confortável ao redor de muita gente fora da sala de aula, e, ao longo dos anos, foi encontrando formas de evitar as multidões, locomovendo-se em seu próprio ritmo, e mantendo-se o mais imperceptível possível.

À medida que se aproximava do Rio Pearl, observou a água, serena e escura, e os barcos amarrados à borda, balançando suavemente de um lado para o outro. Escutou risos abafados e mudou de direção, caminhando devagar, ao longo da margem lotada, onde vira-latas perseguiam uns aos outros, enquanto velhos e mulheres, sentados nos bancos, fofocavam ou dormitavam e madrugadores exercitavam-se. Um grupo dedicado fazia *tai chi*: os vagarosos e deliberados movimentos ondulatórios de suas mãos e pernas eram como poesia. Um homem acenou para ele, perguntando se gostaria de juntar-se ao grupo. *Venha, venha*, disse, mas Wei recusou acenando, e continuou andando.

Quando Wei estava na calçada escura, sob uma ponte, parou para observar uma senhora solitária de meia-idade que praticava uma espécie de dança. Ao contrário das outras pessoas, que vestiam as túnicas verde-oliva do partido, a senhora usava uma roupa vermelha leve. A mulher levantava a perna bem alto, no ar, e abria um leque vermelho, em perfeita sincronia. O leque se fechava ao mesmo tempo em que a perna baixava. Ela poderia ser presa, dado o comportamento sugestivo. Ainda assim, Wei estava intrigado com seus movimentos precisos, sua total concentração e com a eficiência do leque vermelho se abrindo e se fechando de forma sincronizada. Ela parou e olhou na direção de Wei, antes de começar a próxima série de movimentos. Wei observava-a com admiração enquanto se perguntava como seria ter tanta agilidade, mover-se com tanta facilidade e graça pela vida, sem medo de apresentar uma dança que ela amava, um remanescente da decadência burguesa. Wei voltou a caminhar, olhando para trás ao escutar a batida do leque ecoando pelo túnel.

SUYIN

Suyin não conseguia voltar a dormir. Sem fazer barulho, saiu do quarto sem acordar o bebê. Desceu as escadas e dirigiu-se não à cozinha, mas à sala de visitas, onde sua filha nascera. Estava curiosa para saber como era o restante do casarão. Kai Ying havia mencionado que outra família vivia no andar inferior, mas que estavam fora, visitando a filha. *Só uma olhada rápida*, pensou Suyin, *eu não tocarei em nada*. Ela gostaria de ter uma vela ou um lampião. Felizmente, havia a luz da lua, permitindo que se locomovesse. Morando nas ruas, ela sempre se sentira melhor em noites de lua cheia, quando a escuridão não era completa.

Suyin abriu a porta da sala e parou na soleira por alguns instantes, antes de entrar. No início, tudo o que via eram sombras que, aos poucos, começaram a tomar forma. Eles carregaram-na até ali, empurraram o sofá e deitaram-na no tapete, sobre um cobertor, em frente à lareira de pedra. Ela se lembrava de que sobre a lareira havia o retrato de um homem. Suyin não conseguia ver suas feições com clareza, nem antes, por causa das dores, nem agora, no escuro, embora sentisse que ele pairava sobre ela durante todo o parto. Suyin tocou o tecido do sofá, afagando o material sedoso e macio. Ela não se imaginava sentada em algo tão lindo.

– O que você está fazendo aqui?

A voz veio do nada, abrupta e acusadora. O que *e/la* estava fazendo, vagando pela casa no escuro? Parecia exatamente aquilo que ela não queria. Ela engoliu em seco e virou-se lentamente, seu coração disparado. E se estivesse na cozinha, mexendo nos

armários? O velho professor estava de pé atrás dela, esperando por este momento para confirmar suas suspeitas a respeito dela.

– Eu queria ver a casa – respondeu, com voz baixa e hesitante.

– No escuro?

Suyin não sabia o que responder.

Sua figura alta e sombria esperava uma explicação. Na maior parte do tempo, o professor parecia perdido em seu próprio mundo, sentado no pátio com os olhos fechados, enquanto Tao estava na escola. Mesmo assim, quando descia, ela sentia que Wei observava-a, à espera de um passo em falso, à espera deste momento.

– Eu não conseguia dormir – disse, finalmente, quase sussurrando.

Ela concentrou-se aguardando o que viria em seguida, esperando que ele a chamasse de ladra, o que ela de fato era, ou que a expulsasse imediatamente, com o bebê.

Em vez disso, ele ficou olhando para ela por um longo tempo, antes de pigarrear e dizer baixinho: – Nem eu.



Ele caminhou em sua direção e acendeu o lampião. Subitamente, a sala surgiu à sua frente.

– Com a luz acesa se vê melhor – disse ele.

– Eu preciso subir – disse ela.

– Você não disse que queria ver a casa?

Suyin afastou-se do sofá e olhou à sua volta. Imaginava um aposento enorme, com belos móveis e quadros, mas agora, sob a luz amarelada, viu que havia apenas o sofá descorado, cujos braços estavam puídos e cujas almofadas haviam cedido, e o tapete surrado sobre o qual ela dera à luz. A lareira de pedra parecia

abandonada, coberta de fuligem. O olhar de Suyin dirigiu-se para o retrato sobre ela. O homem, de cabelos grisalhos, parecia ser importante, vestindo um traje longo de seda. Quando ela voltou a olhar para o professor pôde ver a semelhança.

– Meu pai – disse ele.

– Você se parece muito com ele.

– Mais ainda à medida que fui envelhecendo – disse. – Nós éramos muito diferentes em todo o resto.

Pela voz, o velho professor não demonstrava estar zangado. Parecia sim estar cansado e triste, tal qual o aposento em que se encontravam.

– Creio que todos os filhos dizem isso a respeito de seus pais – disse ela.

Ele quase sorriu.

– Sim, acho que você tem razão. Se tivermos sorte, chegamos a um ponto em nossas vidas em que começamos a nos encontrar no meio do caminho. Antes disso, passamos o tempo caminhando em direções opostas. Às vezes – acrescentou ele –, é muito tarde para se encontrar o caminho de volta.

Suyin não estava entendendo o que ele dizia. De repente, sentiu-se exposta vestindo uma fina túnica e calças de algodão. Quando o professor ficou em silêncio, ela disse: – É melhor voltar para cima; o bebê pode precisar de mim.

Ele assentiu.

– Sim, é claro – disse. – Boa noite.

– Boa noite.

– Havia uma biblioteca – disse ele de repente –, no final do corredor à esquerda. Passei grande parte de minha infância ali.

– Você sempre viveu aqui? – perguntou Suyin.

Ele assentiu.

Seus olhos vagaram pela sala.

– Deve ter sido maravilhoso crescer aqui.

Suyin queria ver a biblioteca, mas não ousou pedir.

– Eu preciso ir – disse, sem saber o que dizer em seguida.

– Sim, claro. – Foi apenas o que Wei respondeu.

Suyin passou por ele e correu para fora da sala. Afinal de contas, o velho professor não era tão ruim. Ela quase podia vê-lo em pé, na frente dos alunos, altivo e cativante, ensinando-lhes acerca do mundo. Suyin perguntou-se se algum dia voltaria para a escola. No passado, pensou em ser professora, mas, agora, isso parecia um sonho de criança. Ela virou-se para ver se o professor a estava seguindo, mas, assim que saiu da sala, a luz se tremulou e tudo voltou a escurecer.

WEI

Wei não esperava ver a garota, Suyin, perambulando pela casa no meio da noite. Esperava pegá-la de surpresa, mas, estranhamente, ao invés de ficar bravo, ficou aliviado ao descobrir alguém em casa que ignorava a existência da carta. No início, surpreso ao encontrá-la ali, foi agressivo, mas, ao ver como era jovem e como estava amedrontada, achou que talvez a tivesse julgado mal, e tentou colocá-la à vontade. Seria esse o efeito que ele causava na maioria das pessoas? Com certeza, seus alunos deviam ter medo dele também, sempre tão distante e egocêntrico. Talvez esse fosse como todos os outros erros que ele cometera ultimamente, e o fato de ela ter encontrado Kai Ying tenha sido ironia do destino. Ela parecia ser suficientemente inteligente, curiosa e interessada em tudo o que para ele era natural.

Na manhã seguinte, mais uma vez, Wei saiu de casa cedo. Recordou sua infância, quando sua ama, Ching, levava-o para a escola todas as manhãs. Houve um tempo em que Guangzhou era uma cidade amigável, famosa pelo grande porto que abrigava navios de todas as partes do mundo. Às vezes, depois da escola, Ching levava-o até o porto para ver os navios chegando, suas bandeiras coloridas, tremulando no topo de cada um deles. Ele escutava línguas do mundo inteiro e tentava imaginar de que país as pessoas vinham. Decorava as bandeiras, e ia para casa pesquisá-las na biblioteca do pai. América, Espanha, Holanda. Era uma lembrança de amplitude e distâncias percorridas que o enchiam de inesperado contentamento.

Mais uma vez, Wei dirigiu-se ao Rio Pearl, escuro e agitado ante a brisa da manhã. Seguiu à beira do rio até chamar um triciclo para que o levasse ao porto. À medida que se aproximavam das ruas próximas ao porto, o triciclo passou por uma multidão de fregueses madrugadores e camelôs. Wei sentiu, no ar, o cheiro de peixe salgado, de castanhas e dos longos e gordurosos bolinhos, fritos em grandes panelas do tipo *wok* e comidos com mingau de arroz. Sentia-se animado por estar de volta ali, vendo os grandes navios entrando no porto de Guangzhou, vindo do Rio Pearl, que já fora chamado de “Rota Marítima da Seda”, durante as dinastias Ming e Qing. Quanta coragem tiveram aqueles homens, que deixavam suas casas e famílias por meses, ou até mesmo anos a fio, navegando por mares abertos, levando consigo apenas seus desejos de aventura e as constantes ameaças de nunca voltarem para junto dos entes queridos.

Wei pagou o motorista do triciclo e caminhou pelo velho cais de madeira, onde Ching costumava levá-lo. Ficou observando o turvo e tenebroso Rio Pearl, que se juntava aos Rios Dong, Bei e Xi, os quais corriam por toda a China. Os rios jamais mudariam, por mais que Guangzhou tivesse se modificado desde os seus tempos de criança, os rios sempre correriam seus próprios cursos, e ele era grato por isso. Eles já haviam sido as principais artérias para o resto do mundo. Ele imaginava quantos dos artefatos que estudara em Lingnan tinham sido transportados por aqueles rios, vindos de outras partes da China, em grandes navios de carga. Wei gostaria que Tao estivesse ali, para que pudesse contar-lhe como, no passado, a China havia sido um país poderoso, e como tudo mudara desde que o partido assumira o poder. Toda a vibração e o

colorido tinham sido drenados da cidade de sua infância. Os tempos estavam mais difíceis e as oportunidades, mais escassas, restritas sob o controle do partido. Seria essa a razão que o levara a escrever a carta? Para clamar por seu passado? Que importância tinha aquilo agora, se ele não tinha mais sua família com quem compartilhar?

Wei passou a vida escondendo-se por trás de muros, primeiro na universidade e, depois, no casarão. Era chegado o momento de seguir em frente e fazer algo mais, além de sentir-se derrotado, à espera de notícias de Sheng. Precisava saber se o filho continuava vivo. As autoridades não informavam nada. Se ele pudesse, ao menos, ver Sheng, a situação não se modificaria, mas daria a Kai Ying alguma paz de espírito. Era o mínimo que podia fazer, depois de todo o sofrimento que causara. De repente, lembrou-se do velho provérbio, dos seus tempos de criança: *uma formiga pode, muito bem, destruir uma barragem inteira. E um pai pode, muito bem, encontrar seu filho*, pensou.

Vendo os navios entrarem e saírem do porto, era a primeira vez em um ano que Wei sentia um pouco de paz. Fechou os olhos, protegendo-os do brilho intenso do sol, percebendo Liang ao seu lado. A presença da esposa, após muitas semanas, fez seu coração bater mais forte. Ele não estava mais sozinho. *Vou consertar tudo*, sussurrou para ela. *Onde você estava com a cabeça?* Ele pôde escutá-la questionando-o, embora o tom de voz estivesse calmo. Ele, então, a viu sorrir e sentiu o calor de sua mão na dele.

Naquele momento, Wei teve certeza do que deveria fazer.

SONG

Song cortou mais um galho de *bok choy* de seu jardim para Kai Ying, antes de ficar em pé. Escutou um barulho vindo do pátio e dirigiu-se até lá, parando no final do passeio de tijolos, onde havia visto Wei saindo pelo portão algumas horas antes. Atualmente, ele vinha saindo de casa todas as manhãs muito cedo e, conforme lhe contara, caminhava, para clarear os pensamentos. Song iria chamar seu nome, quando algo a fez parar. Ele parecia estar com pressa para chegar a algum lugar e Song achou melhor não o interromper. Pensou em segui-lo, para ver aonde Wei ia todas as manhãs, até se dar conta de que suas roupas estavam enlameadas. Só quando o portão se fechou foi que ela se deu conta de que ele carregava algo que parecia uma velha sacola de couro.

Song ouviu passos novamente e cobriu os olhos, protegendo-os do sol. Era Kai Ying correndo em sua direção. O sorriso de Song desapareceu ao ver a ansiedade no rosto de Kai Ying.

- O que foi? Está tudo bem?
- Lo Yeh partiu.
- Não, não, ele só foi caminhar. Eu o vi saindo esta manhã...
- Não. Ele partiu para Luoyang – disse Kai Ying, com voz apreensiva.

Song colocou o cesto de verduras no chão e olhou para as palavras escritas por Wei. Recordou o que Liang certa vez lhe dissera. *Em outra vida, Wei deve ter sido um escriba imperial.* Era verdade. Em sua maravilhosa caligrafia ele havia escrito: *Fui para Luoyang encontrar Sheng.*

HISTÓRIAS

NOVEMBRO DE 1958

WEI O último dia de outubro trouxe temperaturas mais frias e amenas, e o sol estava carregado e cinzento. Wei saiu de casa cedo, como fazia durante as últimas semanas, para que sua ausência não levantasse suspeita. Ele deixara uma carta para Kai Ying sobre a mesa da cozinha, e quase fora alcançado por Song, mas apressou-se para sair e

fechar o portão antes que ela o abordasse. Não havia mais nada a dizer, e ele não queria explicar por que estava carregando sua velha sacola de couro, com uma calça, algumas camisas e um casaco de lã para Sheng. Usava, também, sua nova jaqueta. O clima estaria frio e seco em Luoyang, uma região plana, rodeada por terreno

montanhoso, muito diferente de Guangzhou.

Desde que visitara o porto, há duas semanas, Wei vinha planejando a viagem. Conferiu, uma vez mais, se o dinheiro estava no bolso, enquanto caminhava em direção à estação rodoviária. Havia tantas perguntas, mas ele evitou preocupar-se com elas naquele momento, na esperança de encontrar as respostas pelo caminho. Nada impediria que ele visse Sheng. Depois de tantos anos estagnado, Wei tinha um propósito. Não estava mais parado, como um inútil.



À medida que Wei se aproximava da estação, o sol surgiu entre as nuvens. Era um bom sinal. Ele mudou a sacola para a outra mão, conseguindo sentir a fumaça dos ônibus a um quarteirão de distância.

A viagem de ônibus seria mais vagarosa, mas, talvez, mais barata. Ele não fazia ideia de quanto tempo levaria até que pudesse ver Sheng. Até então, teria de dispor de suas economias com moderação. Durante os últimos anos em Lingnan, Wei havia poupado algum dinheiro, escondido entre seus livros. Antes de partir, dividiu o dinheiro em dois envelopes, um no bolso da jaqueta e outro entre as roupas da sacola.

Wei não havia comido antes de sair e seu estômago estava reclamando. Parou para comprar um saquinho de ameixas secas e alguns biscoitos em uma lata, que o sustentariam durante a primeira etapa da viagem. Compraria mais alguma coisa quando chegasse à próxima cidade.

Ansioso, Wei apressou-se. A última vez que deixou Guangzhou fora há mais de vinte anos, quando pegou o trem para Xangai, para dar uma aula sobre a arte durante a dinastia Sung. Naquela ocasião, sua sacola estava repleta de anotações sobre a complicada dinastia, dividida em dois períodos distintos: o primeiro, marcado por arte, filosofia, desenvolvimento e estabilidade, e o último, por guerra, brutalidade e mudança. Tudo isso lhe voltou à memória naquele momento. Levava também reproduções coloridas das obscuras, etéreas obras de arte daquele período, que refletiam os conflitos da época. Como poderia ele ter sido tão confiante, tão seguro de si próprio, ter ficado em frente a centenas de professores e alunos, e, nos últimos dez anos, ter se escondido por trás dos muros do casarão? Wei interpretava isso como duas metades conflitantes de sua vida. Como pôde ele saber tanto e tão pouco?

Wei parou por um momento para tomar fôlego. A cidade despertava. Começou a ver mais gente nas ruas, segurando suas bolsas e seus pertences, enquanto ciclistas, transportando gaiolas com galinhas e carcaças de porco precariamente amarradas às bicicletas, desviavam com habilidade. Mas, o que mais intrigou Wei foi ver dois ciclistas pedalando lado a lado em perfeita sincronia, enquanto transportavam colchões de palha presos à traseira de ambas as bicicletas. Tal simplicidade, de certa forma, lhe fazia bem, vidas inteiras movendo-se na traseira de bicicletas.

Wei foi ficando com calor. Desabotoou a gola da túnica, mas preferiu manter a jaqueta, mesmo com o ar fuliginoso ficando cada vez mais opressivo, à medida que se aproximava da estação.

A Estação Rodoviária de Longa Distância de Guangzhou compartilhava o mesmo prédio da Estação Ferroviária de

Guangzhou. A estrutura cavernosa era um mundo à parte, com gente chegando e partindo de e para toda a China. Caminhando na estação ferroviária, Wei foi, no mesmo instante, rodeado de pessoas apressadas e vozes de mercadores vendendo de pipas a potes e panelas. Agasalhos e pijamas de seda de todos os tamanhos, echarpes em cores vibrantes, guarda-chuvas e canetas Parker de todas as cores. Vozes estridentes vinham de todas as direções, competindo por sua atenção. *Aqui, aqui, as melhores da cidade e os menores preços!* Há muito tempo ele não se via em meio de tantas pessoas movendo-se com tanta pressa.

Wei abriu caminho entre a multidão, até o fundo do prédio, onde ficava a bem mais silenciosa estação rodoviária. Poucos passageiros, sentados em bancos de madeira, aguardavam chegadas ou partidas e uma mulher mais velha apontou-lhe o painel com os horários dos ônibus. Era um quadro preto com nomes e números brancos que mudavam a todo o momento. Wei não viu Luoyang no painel, por isso aproximou-se de um rapaz que lia uma revista, sentado atrás de um balcão.

– Você pode me informar se há algum ônibus que vai diretamente a Luoyang? – perguntou Wei.

– Luoyang?

– Na província de Henan – completou Wei.

Wei viu o rapaz folhear um livro azul, seu dedo movendo-se pelas colunas, linha por linha, até encontrar Luoyang. Ele perguntou-se como o rapaz conseguira o emprego, se não sabia onde ficava Luoyang.

– Há um ônibus partindo em uma hora, mas a viagem é longa. São cerca de vinte paradas – disse o rapaz.

– Quanto tempo vai levar?

– De três a quatro dias – disse ele. – Talvez mais.

– Tudo isso? – perguntou Wei. Ele sabia que Luoyang era distante, mas saber que ficaria dias dentro de um ônibus fê-lo sentir-se derrotado.

O rapaz olhou para Wei pela primeira vez.

– Você deveria ir de trem. É mais rápido e vai levar metade do tempo para chegar a Luoyang. E mesmo o assento mais barato será mais confortável.

Wei sorriu e achou que o rapaz se parecia, ligeiramente, com um de seus antigos estudantes, apesar de que ele achava a mesma coisa a respeito de muitos jovens que via.

– Você sabe quanto vai custar?

– Você precisa perguntar na estação – o rapaz apontou na direção de onde Wei viera.

Wei assentiu.

– Obrigada – disse, afastando-se.



Wei olhou em volta, tentando encontrar um lugar para comprar uma xícara de chá e algo para comer. Sentia-se tonto naquele local barulhento e movimentado, cheirando a fumaça de cigarro, suor e urina. Recostado na parede de concreto, por um momento, achou que iria desmaiar; um amargor subiu-lhe à boca, e ele engoliu-o prontamente. Ele não ia desmaiar antes mesmo de a viagem começar! Wei procurou no bolso da jaqueta até encontrar o saquinho de *mui*, as ameixas secas salgadas. Chupou-as até sentir que o mal-estar havia passado. Era o que sua mãe costumava dar-lhe quando sentia enjoo, um daqueles hábitos de infância que duravam para sempre.



Ao contrário do jovem na estação rodoviária, a mulher magra, de cabelos curtos, e uniforme verde-oliva, da estação de trens foi lacônica e rude.

– Compre uma passagem ou saia da fila! – gritou, enquanto ele tentava explicar-se. Nunca alguém falara com ele de forma tão rude nos tempos de universidade. Pensar nisso deixou-o indignado e encheu-o de coragem: – Que esperem – replicou. E ficou ali, calculando. Ainda que comprasse a passagem mais barata, um quarto de suas economias seriam gastos antes mesmo de deixar Guangzhou, mas a viagem seria mais rápida e menos cansativa. – Uma passagem para Luoyang – disse ele, com relutância. E então, sentou-se e esperou a partida do trem.

KAI YING

Quando tia Song e Kai Ying pegaram o triciclo em direção à estação ferroviária, o trem para Luoyang já havia partido e Wei não estava mais ali. Por um momento, Kai Ying ficou parada no meio da movimentada estação, sentindo-se perdida. Foi Song quem cochichou em seu ouvido: – Vamos embora. Wei encontrará seu caminho. – E levou-as para fora dali, para o ar puro e a luz do sol.

Desde a volta para casa, Kai Ying tentava não mostrar-se angustiada, mas suas emoções oscilavam entre o medo e a raiva. O que estava Wei pensando, para achar que poderia ir tão longe, sozinho? Como ele encontraria o caminho? Apesar de toda a sua cultura e inteligência, Wei era inocente em relação ao mundo, um lugar que nunca lhe interessara muito. Ele passara a vida em um mundo privado, por isso Kai Ying não conseguia imaginar como o sogro sobreviveria fora de Guangzhou, em uma situação que não poderia controlar. Não havia como saber onde ou como Wei se encontrava enquanto o trem distanciava-se cada vez mais de Guangzhou, para uma região da China que mais parecia outro país.

Kai Ying não podia imaginar-se perdendo também Wei.



Na hora do jantar, Kai Ying contou a Tao que o avô partira por um curto período de tempo. Agora, Suyin comia com eles todas as noites, e assistia calada, do outro lado da mesa.

– Onde ele foi? – perguntou Tao.

Kai Ying decidira contar a verdade ao filho.

– Ele foi para Luoyang, na esperança de ver o papá.

Tao olhou para ela.

– Por que ele não me contou?

– Eu estou contando.

– Eu poderia ter ido com ele.

Ela escutou a voz lamuriosa, percebendo que ele estava chateado.

– A viagem é muito longa e você precisa ir à escola. De qualquer forma, isso é algo que o vovô precisa fazer sozinho. Ele é um homem esperto e sabe cuidar bem de si próprio – respondeu, em tom conclusivo.

– Qual a distância até lá?

– Mais de mil e seiscentos quilômetros. Levará dois dias ou mais para chegar lá de trem – respondeu em voz baixa, como se estivesse falando para si própria.

– Ele vai voltar logo?

– É claro que sim. Ele só precisa... – Ela parou e olhou para o menino. – Ele só precisa ver se consegue visitar o papá, para ter certeza de que tudo está bem.

– Você já viajou tão longe alguma vez?

– Não.

– Quando ele vai voltar?

– Não tenho certeza. Depende.

– Depende de quê? – perguntou Tao.

Kai Ying parou e respirou fundo. O que ela queria era levantar-se e fugir das perguntas do filho.

– Um dia espero poder conhecer toda a China – disse Suyin. – Primeiro, eu iria a Beijing e Xangai –acrescentou.

Tao voltou-se para ela.

– E o bebê?

A voz de Suyin era uma grata surpresa. Kai Ying sorriu para ela, agradecida.

– Ela irá comigo – disse Suyin. – Ou, talvez, eu precise esperar até que ela fique mais velha.

Kai Ying ficou ouvindo-os conversar. Eles podiam ser irmãos. Suas vozes preenchiam a sala, enquanto ela tomava fôlego. Descansada e com um pouco mais de peso, Suyin era uma menina de boa aparência. Havia apenas um problema. Kai Ying havia descoberto que a comida vinha desaparecendo durante a última semana. Ela esperava não estar errada a respeito da garota que, com seu jeito sério e laborioso, dava uma boa ajuda a Kai Ying. Elas haviam iniciado uma rotina confortável; Suyin estava aprendendo a tomar conta do bebê, enquanto ajudava, também, com a casa e ia ao mercado e à loja de ervas.

Suyin parecia muito interessada no trabalho com as ervas, fazendo perguntas e prestando atenção em tudo. Kai Ying começara a ensinar-lhe as propriedades de cada erva e como estas trabalhavam juntas para restabelecer a saúde do corpo de dentro para fora. Para deleite da menina, ainda outro dia, Kai Ying mostrara-lhe as ervas básicas que eram os principais ingredientes de uma sopa revigorante: tâmaras vermelhas, goji berries, ginseng e raízes de astrágalos.

Suyin nunca falara sobre a família e Kai Ying não insistia. Sua história viria à tona no momento certo. O bebê acabara de completar seis semanas e nenhuma delas mencionara um nome para a criança ou o que estava por vir. De uma coisa Kai Ying tinha certeza: não queria ver ninguém mais partindo inesperadamente.

WEI O trem deixou a
estação pouco antes das
nove horas da manhã, e o
vagão onde Wei viajava
estava com a metade da
lotação. No ar, o forte odor
de cânfora e mentol,
próprio do Bálsamo de
Tigre, misturado com
fumaça de cigarro. Wei
passou os olhos pelos
passageiros, decidindo que
o Bálsamo de Tigre vinha
de uma ou das duas

senhoras sentadas na
frente do vagão. O cheiro
familiar trazia-lhe
lembranças, tais como a de
seu pai esfregando a
pomada no pescoço e
ombros sempre que o
reumatismo o incomodava,
enquanto sua mãe preferia
usar o óleo de *Hua Tuo*
Luo Li. Kai Ying havia lhe
preparado um linimento
para alívio de suas
eventuais lombalgias, e

esta era mais uma coisa que ele se esquecera de trazer.

Wei havia escolhido sentar-se no meio do vagão, onde diversas fileiras de assentos, à frente e atrás, estavam vazias. Bitucas de cigarros e cuspe forravam o chão, e os assentos eram duros, mas suportáveis. Com sua sacola bem-guardada na prateleira superior, Wei acomodou-se perto da janela, de onde acompanhou a partida lenta do trem. Lá fora, a chuva havia passado e as ruas movimentadas da cidade desfilavam à sua frente à medida que o trem ganhava velocidade na periferia de Guangzhou. Logo em seguida, a paisagem mudou, ganhando árvores e terrenos abertos. Wei recostou-se e passou os olhos pelos passageiros a caminho de Shaoguan, Chenzhou ou outra das muitas cidadezinhas no caminho de Luoyang. Além das duas senhoras sentadas na frente, um homem magro, de trinta e poucos anos, imerso em pensamentos e que fumava um cigarro após o outro, estava sentado do outro lado do corredor. Havia também algumas mulheres de meia-idade, viajando juntas e um grande grupo de homens barulhentos no fundo do vagão, todos vestidos com as roupas casuais dos trabalhadores diaristas.

Desde o momento em que o trem partira, os trabalhadores falavam e riam sem parar; suas caixas e sacolas, amarradas com barbante, estavam enfiadas nas prateleiras superiores. Wei perguntou-se se esses homens moravam em Shaoguan e

trabalhavam em Guangzhou ou vice-versa. Se trabalhassem no turno da noite, estariam voltando para casa. Wei imaginou que todos os dias eram, para eles, uma festa durante essas viagens de trem, sendo aquela camaradagem uma parte boa de suas vidas. Ele tivera poucos amigos íntimos na vida; Song e sua família constituíam seu pequeno mundo, e mesmo isso ele conseguira destruir.

Durante a última semana, na expectativa da viagem, ele dormira menos ainda. Wei voltou-se para a janela e fechou os olhos, voltando a abri-los ao perceber que alguém falava com ele. Wei voltou o rosto e captou a última palavra da pergunta dirigida a ele.

– ... Luoyang?

– Desculpe-me... – disse Wei.

O homem magro, sentado do outro lado, dirigia-se a ele. Pigarreou e repetiu a pergunta a Wei: – Você está indo para Luoyang?

Wei assentiu.

– É a primeira vez? – Um cigarro queimava entre seus dedos enquanto ele observava Wei.

– Sim. É tão óbvio assim? – perguntou.

– Pela forma como você está observando tudo, como se não tivesse visto antes.

Wei pigarreou.

– Nunca mesmo.

O chacoalhar do trem e o balanço constante provocaram-lhe enjoo. O homem veio sentar-se em frente a Wei. Ele usava uma túnica azul larga, calças de algodão e sandálias. O cabelo, bem-cortado, começava a ficar grisalho. Era um homem bonito e mais jovem do que achara quando o vira pela primeira vez. Não era mais

velho que Sheng, e não parecia um trabalhador diarista ou aposentado, com tempo para longas viagens de trem pela China. O homem cruzou as pernas e ofereceu-lhe um cigarro. Quando Wei recusou, ele inalou profundamente, a fumaça saindo-lhe pelo nariz e pela boca.

– Eu conheço bem Luoyang – disse. – Costumava fazer a viagem entre Guangzhou e Luoyang com frequência, mas esta é a primeira vez em muitos anos.

Enquanto observava o cigarro queimar entre os dedos longos, percebeu que o homem queria puxar conversa. Mesmo achando que dessa forma as horas passariam mais depressa, apenas acenou com a cabeça, esperando ser deixado em paz. O trem chiava e os trabalhadores no fundo do vagão estavam em silêncio.

– Meu nome é Tian – disse o homem e estendeu a mão.

– Lee Wei – disse, apertando a mão de Tian. Agora, a chance de ser deixado em paz era pequena.

– Você vai visitar alguém em Luoyang ou vai ver os pontos turísticos? – perguntou Tian.

Wei ponderou a questão. Fazia a viagem parecer-lhe real agora. Até aquele momento, ainda parecia algo distante e imaginário, e ele nunca pensara em fazer turismo em Luoyang.

– Há alguém que eu espero ver lá – ele finalmente respondeu.

– Um amigo? – Tian perguntou e sorriu.

– Meu filho.

De repente, o trem diminuiu a velocidade, cambaleou e retomou a velocidade, enquanto passava por pequenas fazendas a distância. Tian sorriu abertamente e voltou a colocar o cigarro na boca.

– Seu filho mora em Luoyang?

– Temporariamente – respondeu Wei.

Tian assentiu.

– Morei lá por um curto período de tempo, mas Guangzhou sempre será o meu lar. Por um lado, o clima, para mim, é muito mais agradável.

– Você disse que costumava viajar para Luoyang. Você tem família lá? – perguntou Wei. Ele desejava que Sheng deixasse de ser o tema da conversa.

– Não, minha família é da área de Fukien, no sul. Fui criado em Guangzhou. Tian jogou a bituca do cigarro no chão, apagando-a, cuidadosamente, com a sola da sandália. – Antes, minhas viagens tinham a ver com uma garota com quem eu namorava na época. Esta viagem é mais uma peregrinação.

Ele observou os movimentos simples e graciosos do homem. Havia algo nele que inspirava curiosidade. Luoyang estava a quilômetros de distância se não houvesse alguém ou algo no fim do caminho.

– Ela ainda vive ali? – perguntou Wei. – Espero que não se importe com a minha pergunta.

Tian olhou nos olhos de Wei, e este viu tristeza ali, algo que há muito se instalara bem fundo dentro dele.

– Eu gostaria de saber – respondeu, finalmente, Tian.

Wei recostou-se. Coisas piores podiam acontecer durante uma viagem do que ouvir um homem contar uma história de amor.

– Você se mudou para lá para ficar com ela?

Tian acendeu outro cigarro, deixando-o queimar entre os dedos. A fumaça subia em direção ao teto do vagão e se demorava ali.

– Não foram mais que alguns meses – disse ele, com ar de arrependimento. – Nós éramos jovens na época.

Wei observava Tian com interesse. Por que estaria ele voltando a Luoyang, depois de tantos anos, se não estava mais com essa mulher? E por que suas palavras ainda vinham com aquele matiz de urgência?

– O que aconteceu?

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, o trem parou abruptamente. As rodas chiaram contra os trilhos e o vagão balançou, jogando Wei para frente. Seu ombro bateu no assento à sua frente. Do canto do olho, viu que o cigarro de Tian voou da mão quando este se segurou no braço do assento para evitar uma queda. O grito de um dos passageiros seguiu-se de vozes alteradas de outros, à medida que o trem ia parando.

– Você está bem? – perguntou Tian.

– Sim, estou bem – respondeu Wei, massageando o ombro.

A verdade era que ele não havia pensado em todos os imprevistos e acidentes que poderiam lhe acontecer, devido à idade, em uma viagem longa como aquela. No entanto, Wei não conseguia lembrar-se da última vez em que se sentira assim tão vivo. No momento em que olhou pela janela, para ver a causa daquela parada abrupta, o trem já estava em movimento novamente.



O trem foi reduzindo a velocidade ao chegar à periferia de Shaoguan. Os homens no fundo do vagão voltaram a fazer algazarra, em antecipação à chegada, e o som de atividades tomava conta do ambiente enquanto pertences iam sendo guardados e malas, recuperadas. Nos arredores da cidade, prédios de dois andares, caiados e simples enfileiravam-se nas ruas.

Pessoas demoravam-se à porta de seus pequenos comércios vendendo de vegetais a roupas e pneus de bicicletas, enquanto grupos de ciclistas dirigiam-se ao centro da cidade.

– O trem para aqui por meia hora. Sugiro descermos e comprarmos algo para comer e beber – disse Tian. – Chegaremos a Chenzhou só no fim da tarde.

Quando o trem parou totalmente, Wei ficou em pé e, ao pegar a sacola, sentiu o ombro dolorido e as costas enrijecidas. Com Tian à frente, Wei desceu do trem em direção a uma rua estreita e empoeirada, próxima da estação, que se abria para um mercado superlotado. Para Wei, estava sendo ótimo ter feito amizade com Tian, que sabia exatamente o que fazer, e com quem ele se sentia seguro. Pela primeira vez desde que deixara Guangzhou naquela manhã, ele enfrentava a dura realidade de ter deixado para trás tudo aquilo que lhe era seguro e confortável. A cada parada, Wei estava um pouco mais longe daqueles que amava e mais perto de um lugar a respeito do qual não sabia nada.



Eles compraram sopa de macarrão e bolinhos de uma das barracas do mercado e comeram, rapidamente, em pé, o prato quente nas mãos e a sopa quente na língua. Wei havia esquecido de que estava com fome, e teria comprado outra porção se eles não tivessem de voltar correndo para o trem. Tian parou em outra barraca, e comprou duas garrafas de aguardente de arroz enquanto Wei esperava. Antes de entender o que estava se passando, Wei foi empurrado pelas costas e caiu. Um rapaz ajudou-o a levantar-se, pedindo desculpas enquanto tentava limpar a poeira na jaqueta de Wei. Este ficou tremendo, massageando o cotovelo, que mostrava a manga da jaqueta nova rasgada.

– Você está bem? – Tian perguntou, aproximando-se depressa.

O homem que o derrubou havia desaparecido na multidão. Wei assentiu, mexendo na manga rasgada, que doía mais que o cotovelo.

– Isto vai ajudá-lo a sentir-se melhor – disse Tian sorrindo, com as garrafas nas mãos.

Wei assentiu novamente.

– Imagino que sim – disse.

Ele nunca fora chegado à bebida, e não conseguia lembrar-se da última vez que bebera aguardente de arroz. Sheng, por sua vez, com frequência voltava da escola ou de encontros com amigos, ruborizado e cheirando a bebida barata. Antes de casar-se com Kai Ying, Wei achava que o filho bebia um pouco além da conta, mas, depois do casamento e do nascimento de Tao, passou a beber apenas em ocasiões especiais.



Quando voltaram ao trem, o grupo de trabalhadores que estavam sentados no fundo do vagão havia desembarcado em Shaoguan. Sem seu vozerio, o vagão, que já estava meio vazio, pareceu mais vazio ainda. Wei notou que todas as mulheres que haviam embarcado em Guangzhou continuavam ali, enquanto que um homem e uma mulher mais jovens sentaram na frente deles. Wei sentou-se e examinou com cuidado a jaqueta. Sentiu-se melhor ao concluir que Song ou Kai Ying poderiam remendar o rasgo quando voltasse para casa. Só então deu-se conta de que mais alguma coisa parecia estranha. Ele checou o bolso interno da jaqueta e, com o coração em passo acelerado, confirmou aquilo que já sabia: o envelope com o dinheiro havia desaparecido. Wei ficou

em pé, mas o trem já estava em movimento e o homem do mercado devia estar longe.

O álcool queimou a garganta de Wei, mas ele estava apreciando o calor que se espalhava por seu corpo a cada gole, que estava, inclusive, ajudando a abafar o tormento de ter sido assaltado. Wei estava com metade do dinheiro, antes mesmo de chegar a Luoyang. Felizmente, ele havia comprado a passagem de trem e guardado a outra parte do dinheiro na sacola. Agora, não havia nada a fazer, por isso focou no que estava à sua frente. Desde que o trem deixara Shaoguan, estava fazendo mais frio, o ar estava mais fresco e revigorante e Wei abotoou a jaqueta. Seus pés estavam frios e ele desejava ter trazido mais pares de meias além dos dois que colocara na sacola.

Lá fora, Wei viu mais fazendeiros trabalhando na terra. Tudo parecia estar se movendo em câmera lenta. Conferiu as horas em seu relógio; quase três da tarde, e, subitamente, deu-se conta de que era quase hora da saída de Tao. Será que Kai Ying ou Song estariam esperando pelo menino à porta da escola? O que fazia ele nesse trem, com sabe-se lá que destino, quando, normalmente, estaria esperando por Tao para levá-lo de volta para casa? A lembrança da tristeza do neto, e a consciência pesada por ter sido responsável por isso deixavam seu coração em frangalhos. De tudo o que acontecera, perder o amor e o respeito de Tao era o que mais doía.

– Outro drinque – disse Tian, entregando-lhe a garrafa. – Aquece o coração.

Wei bebeu mais um gole, estremecendo à medida que a bebida descia pela garganta. Ele esperava que ela entorpecesse seu

coração.

Tian riu.

– Vejo que já começou a fazer efeito.

– Acho que não sou um grande bebedor – disse e devolveu-lhe a garrafa.

– Mas será, até chegarmos a Luoyang – disse Tian.



Wei acordou assustado. Levou alguns instantes para que percebesse onde estava; a dor aguda nas costas e no pescoço fizeram-no lembrar-se do assento duro do trem e da estranha forma como sua cabeça estava caída contra a janela. O cotovelo pulsava e doía. Wei lembrava-se de ter se sentido tonto por causa da bebida e de ter fechado os olhos enquanto Tian falava com ele. Agora, Wei acordou devagar, sem deixar que o matraquear oco ou o ar rançoso do vagão se intrometessem, pois ele ainda não estava pronto para voltar ao mundo real do trem. Olhou para o relógio, surpreso ao constatar que havia dormido por quase duas horas.

Do outro lado, Tian lia um jornal, a garrafa pela metade descansando no assento ao seu lado. Lá fora, o céu estava escuro, com nuvens baixas e cinzentas. Aos poucos, Wei foi voltando ao pequeno espaço do vagão de trem. Dentro de uma hora estariam chegando a Chenzhou e ele decidiu fechar os olhos até lá.



O trem havia parado por um período de tempo mais curto, apenas o suficiente para que Tian saísse correndo para comprar-lhes algo para comer. Observando, pela janela do trem, Tian pechinchar com os vendedores de comida, ele pensava na rapidez com que a aliança entre eles se desenvolvera. Enquanto isso para Liang fosse algo natural, era a primeira vez que ele se aproximava

de um estranho tão depressa. Havia algo a respeito daquele homem, que dava a impressão de calma e inteligência. E algo mais, uma tristeza com a qual Wei se identificava, como se fossem duas almas perdidas, viajando em direção a uma paisagem desconhecida. Ou assim seria, em uma história que ele fosse contar a Tao.

Tian trouxe duas garrafas de cerveja e *zong*, arroz empapado, porco salgado, amendoins cozidos e um pouquinho de ovos de pato salgados, tudo embrulhado em folhas de bambu. Havia *zongs* de diferentes sabores e preços; os favoritos de Wei eram feitos anualmente por Song, durante o Festival do Barco-Dragão, e sempre incluíam salsichas chinesas ou camarões secos e cogumelos pretos chineses, que davam sabor. Tian trouxe leite de coco e gelatina de coco picada para a sobremesa. Apesar de simples, ele não apreciava uma refeição como essa há muito tempo. Wei agradeceu Tian. Este se recusara a aceitar dinheiro, então, ficou acertado que Wei pagaria a próxima refeição.

Quando terminaram de comer, já estava escuro lá fora, uma luz amarelada e fraca iluminava o vagão e a janela escura refletia para Wei um velho cansado. Ironicamente, pela primeira vez naquele último ano, ele sentia-se com energia. O ruído do trem parecia mais alto àquela hora. Os demais passageiros já haviam começado a preparar-se para a noite à sua frente, tirando travesseiros e cobertores das sacolas. Só então Wei percebeu como estava despreparado para aquela longa viagem. As próximas paradas seriam rápidas, até que chegassem à Linxiang bem cedo na manhã seguinte, quando então, pelos cálculos de Wei, já teriam viajado mais de oitocentos quilômetros.

KAI YING

Kai Ying não conseguia dormir. No escuro, toda sua raiva transformara-se em preocupação com Wei. Ela imaginava sua noite igualmente insone, no trem. As costas deviam estar incomodando-o, como sempre acontecia quando ele ficava muito tempo sentado, sem se mexer. Ela perguntou-se se ele teria levado o vidro de gengibre e óleo de gergelim que lhe preparara, e se tinha roupa em quantidade suficiente para mantê-lo aquecido. Kai Ying pensou em olhar no quarto de Wei o que ele levara, mas, de certa forma, fazer isso lhe parecia uma invasão, e então pensou: amanhã, amanhã farei isso.

Desde que o sogro se aposentara, seu quarto passara a ser, também, seu escritório, sua biblioteca e seu santuário, onde, normalmente, ela encontrava-o sentado à escrivaninha, de cabeça baixa, lendo algum livro. No momento em que entrava ali, sentia-se pequena, hesitante e insegura, como se tivesse se tornado pequena e insignificante entre as coisas dele. Até mesmo Sheng e Tao sempre batiam à porta antes de entrar.

A casa rangeu e Kai Ying pensou ouvir passos. Antes do nascimento de Tao, uma das primeiras histórias que Wei lhe contara girava em torno de dois fantasmas que rondavam o casarão. *Você não precisa ter medo deles*, disse ele. *Quem são eles?* Perguntou ela. Wei explicou que, quando era pequeno, sua família tinha três empregadas em tempo integral, que viviam ali. A ama, Ching, era a babá, e dormia na pequena alcova junto ao seu quarto; a cozinheira, Sun e a arrumadeira, Moon, viviam nos aposentos dos fundos, onde hoje vive a tia Song.

Kai Ying tentou imaginar como seria ter empregados fazendo tudo o que hoje em dia ocupava seus dias. Era o estilo de vida burguês que Mao e o partido comunista desprezavam e contra o qual lutavam, declarando vitória para o povo. Apesar disso, por que não havia arroz, óleo ou carvão em quantidade suficiente para o povo?

Wei contou-lhe que Sun e Moon trabalharam para sua família desde muito jovens. Antes disso, elas haviam sido trabalhadoras da seda na vila de Shun-de. Quando Wei era um garoto, de nove ou dez anos de idade, Sun e Moon já eram mulheres de meia-idade, e já estavam com sua família há mais de vinte anos. *Eram tão diferentes quanto o sol e a lua*, o sogro dizia, rindo. *Não havia um momento em que não discordassem acerca de alguma coisa. Se tivessem tempo, discutiriam até sobre as horas do dia.*

Antes de Wei completar quinze anos, Moon ficou doente. Sun dedicou-se a ela até sua morte, seis meses mais tarde. Depois disso, Sun continuou com eles até ficar bem velhinha, mas nunca mais foi a mesma. Ela faleceu logo depois de Wei graduar-se em Lingnan. Ela perguntou se ele havia visto seus fantasmas. O sogro negou com a cabeça. *Elas só apareciam para as mulheres da casa*, respondeu. Alguns anos após a morte de Sun, sua mãe via Moon levando lençóis limpos para um dos dormitórios ou Sun entrando e saindo da cozinha. Ele recordava ter sentido um vento frio soprando no corredor, em meio ao calor de agosto. *Eu sabia que eram elas*, disse. O casarão fora sua única casa de verdade e ele não podia imaginá-las em nenhum outro lugar. Kai Ying pensava o mesmo a respeito dele. Ela escutou outro rangido. Seriam Sun e Moon voltando ao casarão, e perguntando-se para onde Wei fora.



Kai Ying bocejou e tentou clarear os pensamentos. Mas o que lhe veio à mente foi a pergunta inocente de Tao. *Você já esteve lá?* O lugar mais distante de Guangzhou em que já estivera era sua cidade natal, Zhaoqing; nunca precisara ver mais do mundo do que aquilo que estava à sua frente. Ela virou-se para o lado e fechou os olhos, mas, ainda assim, o pensamento profundo continuava ali: por que ela não fora suficientemente corajosa para tomar o trem para Luoyang, à procura de Sheng?

WEI Wei olhou pela janela
do trem, para a escuridão.

Imaginou que todos os
fazendeiros que vira nos
campos estavam dentro de
casa, jantando com suas
famílias e contando
histórias a respeito de seus
dias ou preparando-se
para dormir. Olhou além de
seu reflexo, para o vagão
mal-iluminado. Tudo
parecia tristonho e tedioso
sob a luz sombria, e a

maioria dos outros
passageiros dormiam.
Subitamente, Wei sentiu
saudades de casa. Sentiu-
se triste. Ele não estava
mais cansado e desejava
não ter cochilado antes,
assim poderia dormir para
passar o tempo. Mas não
havia mais nada além da
longa noite à sua frente.
Viu Tian ainda acordado,
com um livro nas mãos,
mas percebeu que este

não parecia estar virando as páginas.

Wei mudou-se para o assento do corredor, mais próximo de Tian.

– Você não vai dormir ainda? – perguntou.

Tian virou-se em sua direção e disse: – Eu não preciso dormir muito.

– Você não terminou de contar sua história.

– Que história?

– O que aconteceu com a mulher que vivia em Luoyang?

Tian deixou o livro de lado.

– Ah, sim, aquela história – disse. Quando pegou a garrafa de aguardente, Wei viu um leve tremor em sua mão. – Isso requer um pouco de coragem líquida.

Wei recusou quando Tian ofereceu-lhe a garrafa. Este bebeu um gole, acendeu um cigarro e deixou-o queimar entre os dedos.

– Desculpe-me – disse Wei. – Se for difícil, você não precisa me contar.

– Seu nome era Ai-li – disse Tian, reclinando-se para ficar mais perto de Wei. Era evidente, pelo brilho em seus olhos, que ele decidira contar a história. – Ficamos juntos por cinco anos. Ela era de Luoyang, onde ficara morando e trabalhando em um escritório durante nosso namoro. Eu tomava o trem para Luoyang a cada dois ou três meses, para vê-la. Quando tivéssemos economizado, iríamos nos casar e Ai-li mudaria para Guangzhou. Tínhamos planos de comprar um apartamento pequeno e, mais tarde, um maior. No começo, ela sonhava em ter uma casa e um filho. – Tian sorriu com

a lembrança. – Naquela idade, os sonhos parecem mais tangíveis que a realidade. Você vê e sente o gosto da alegria bem à sua frente. Eu, simplesmente, me sentia feliz ao estar com ela.

– Como vocês se conheceram?

– Nós nos conhecemos em Guangzhou, onde eu frequentava a escola. Ai-li era amiga de uma amiga, a quem ela visitava em Guangzhou, quando nos encontramos em uma reunião. Era o ano de 1946, época de desafios para todos os estudantes. A Segunda Guerra Mundial terminara havia pouco tempo, e nossa Guerra Civil voltava a tomar corpo. Estávamos todos preocupados e esperançosos e tínhamos aquela energia que acompanha a juventude.

Wei recordou muitos de seus alunos ao longo dos anos em Lingnan. Eles deviam reunir-se fora da sala de aula, em seus dormitórios ou em restaurantes onde pequenos dramas deviam ocorrer diariamente. Sentiu-se estranhamente próximo a eles naquele momento; muitos dos quais deviam ter, agora, a idade de Tian ou pouca coisa mais. Havia muita confusão e revolta na universidade naquela época, e eles estavam em uma idade vulnerável e eram ousados. Na época, ele nunca parara para pensar em quantos estudantes viveram e morreram pelas causas comunista e nacionalista. Como pôde ele ser tão alienado? Subitamente, Wei perguntou-se se Tian estudara em Lingnan.

– Você estava na faculdade, na época? – perguntou.

Tian meneou a cabeça.

– Nunca fui para a universidade. Eu estudava em uma escola técnica quando conheci Ai-li. E você?

Wei assentiu e disse apenas: – Estou aposentado. Eu era professor.

– Eu deveria ter adivinhado. – Tian riu. – Você tem olhos de professor.

– Como assim?

– Uma curiosidade intelectual.

– Ah, boa desculpa para eu bisbilhotar – disse Wei, rindo. – Então, posso perguntar como essa mulher, Ai-li, roubou seu coração?

– Isso é exatamente o que eu esperava – disse Tian, e bebeu mais um gole. – Ela tinha acabado de fazer dezenove anos, longos cabelos negros, lábios cheios, e uma expressão tímida, que logo relaxou à medida que a noite passava. Desde o primeiro momento em que a vi, quis beijar aqueles lábios. Ela roubara meu coração. Soa como clichê, mas realmente, aconteceu comigo.

Wei pensou em Liang.

– Creio que acontece com mais frequência do que se imagina.

– Nosso primeiro ano juntos foi perfeito – Tian prosseguiu. – A luta entre os Kuomintang e os comunistas tornava nossas viagens mais difíceis, mas o namoro a distância era, de certa forma, mais precioso, mais desafiador. Mesmo afastados, nós estávamos completamente felizes. Por mais estranho que pareça, nunca me preocupei que ela pudesse conhecer outra pessoa. Teria me casado com ela no primeiro mês em que a conheci se pudesse ter... – disse com voz mais suave. – Eu deveria ter me casado.

– Vocês eram muito jovens.

Tian concordou.

– Parecia haver todo o tempo do mundo, mas, de repente, não havia mais.

– O que aconteceu? Ela conheceu outra pessoa?

– De certa forma – Tian respondeu. Bebeu outro gole e apagou o cigarro. – Depois que eu terminei os estudos, enquanto o fervor do partido continuava a crescer, mudei-me para Luoyang, para ficar com Ai-li. Aluguei um quarto. Fico embaraçado ao dizer isso, mas não me adaptei muito bem à cidade. Ai-li trabalhava o dia todo, e eu estava tendo dificuldades para encontrar emprego. Antes de me mudar para Luoyang, Ai-li não me disse que estava frequentando as reuniões do partido à noite. Ela havia ficado amiga de uma jovem de seu escritório, que a convencera a acompanhá-la a uma dessas reuniões. Ironicamente, foi Ai-li quem voltou semana após semana, enquanto a amiga perdeu o interesse. Suas crenças pró-comunistas cresciam a cada reunião. Era o início de 1949, e, como você bem sabe, a China inteira fervia com a revolução, mas eu não fazia ideia de que Ai-li estava tão envolvida com o partido. Quanto mais ela falava, mais me magoava o fato de o partido ter se tornado uma parte tão importante em sua vida. Pensando bem, acho que tive alguma culpa. Na época, eu não era uma pessoa fácil – disse Tian, olhando para Wei. – Visitar Luoyang era bom, mas, conviver, durante meses, com o clima árido e quente, sem perspectivas de emprego, e Ai-li passando cada vez mais tempo em suas reuniões... Comecei a sentir falta de minha família e de meus amigos em Guangzhou. Nós tínhamos pequenas discussões, mas nada fora do comum para um casal que estava tentando se acertar.

Wei assentiu e pensou em Lian, em como ela sempre mantinha sua vida calma e equilibrada, para que ele pudesse se concentrar

no trabalho. Quanto ela deve ter tido de relevar para agradá-lo? Ele estivera tão cego em relação à vida que levava.

– Meses mais tarde – Tian prosseguiu –, quando voltei para Guangzhou para visitar minha família e meus amigos, recebi uma oferta para trabalhar na empresa de papel da família de um amigo. Minha intenção era voltar para Luoyang e ganhar a vida ali, mas eu acabava de completar vinte e três anos, e o emprego oferecia uma remuneração que eu jamais tivera. Encantava-me achar que Ai-li e eu poderíamos, finalmente, nos casar e viver em Guangzhou, mas, quando voltei para Luoyang com a notícia, em vez de ficar feliz, ela ficou visivelmente chateada.

Tian parou de falar e esfregou os olhos.

– Preciso, também, mencionar – continuou ele –, que a aparência de Ai-li foi mudando gradualmente durante os últimos dois anos em que estivemos juntos. Na época em que o partido declarou a vitória, em 1949, ela havia parado de usar qualquer tipo de maquiagem e desdenhava de toda falsa propaganda que representava a sociedade burguesa. Quando voltei de Guangzhou, fiquei chocado ao ver que ela havia cortado seus lindos cabelos, que ela sabia que eu adorava. Estava com um corte curto e reto, igual a tantas outras mulheres, membros do partido. Se um corte de cabelo pudesse expressar raiva, era o dela. Fiquei contrariado, mas tentei não demonstrar. Continuei dizendo-lhe: Você conseguirá outro emprego e fará novas amizades em Guangzhou. Com o meu salário, poderemos nos casar e começar nossa vida, como sempre quisemos. Ela apenas sorria, distraída. Qualquer pessoa que não estivesse apaixonada como eu estava poderia ver que ela não acreditava mais naquele tipo de vida.

– Ela lhe disse alguma coisa antes disso? – perguntou Wei.

– A maioria dos nossos desentendimentos tinha a ver com política – respondeu ele.

Tian parou e olhou em volta do vagão, para ter a certeza de que ninguém mais estava escutando.

– Logo que me mudei para Luoyang, Ai-li implorou para que eu a acompanhasse a uma das reuniões do partido. *Você verá como tudo é correto*, ela dizia. *Nossa vida juntos ganhará mais força por meio da dedicação*, dizia. Mas eu não me interessei. *Eu não basto para você? Por que você precisa do partido comunista para fazê-la feliz?* Perguntava. *Por que o mundo é maior do que nós dois*. Ai-li dizia-se arrependida de nossas conversas bobas e via nossas esperanças e sonhos como nada além de ideais burgueses abraçados por crianças estúpidas.

Tian parou para tomar mais um gole.

Wei não sabia quando, mas a luz difusa do vagão tinha sido apagada, deixando-os às sombras. A única luz, agora, era o feixe da lâmpada de leitura de Tian, derramando-se tristemente sobre ele, como se estivesse sendo interrogado.

– Você não precisa continuar – disse Wei.

– Está tudo bem – disse, calmamente. Ele pigarreou e prosseguiu. – Após uma semana muito difícil, Ai-li, de repente, relaxou, como se todas as brigas tivessem vertido de dentro dela. Pela primeira vez em um ano, eu revia os traços da velha Ai-li. Ela parou de ir às reuniões do partido à noite e vinha me encontrar. A semana seguinte foi como se tivéssemos nos reencontrado. Devagar, voltamos a discutir nossos planos e concordamos que eu voltaria para Guangzhou primeiro, para começar no novo emprego e

Ai-li iria para lá um ou dois meses depois, assim que finalizasse suas coisas em Luoyang, para que começássemos nossa vida juntos.

Tian olhou para Wei.

– Você acha que fui tolo por acreditar, mas, naquele momento, eu precisava acreditar nela. Será que eu não saberia, se ela estivesse mentindo? Era muito mais fácil ver aquilo que eu queria. Ai-li parecia ser ela mesma novamente, alegre com a mudança, e eu, aliviado por poder ficar em Guangzhou e trabalhar, ansioso para mostrar-lhe mais a cidade e como seria maravilhoso para nós morar aqui.

Wei pegou a garrafa das mãos de Tian, bebeu um gole e devolveu-a. Mas, em vez de beber, Tian simplesmente ficou segurando a garrafa.

– Quase três meses depois, Ai-li estava pronta para vir a Guangzhou – continuou ele. – Na sexta-feira em que era prevista sua chegada, deixei o trabalho mais cedo e corri para a estação, para esperá-la. Ainda me lembro do sentimento de antecipação que corria pelo meu corpo. Quando o trem chegou, procurei por ela em todas as janelas, e esperei, e fiquei olhando para cada passageiro que desembarcava, achando que, certamente, ela seria a próxima. Mas não era.

– O que aconteceu? – perguntou Wei, embora ele já soubesse que Ai-li nunca embarcara naquele trem.

– Meu primeiro pensamento foi de que ela devia ter perdido o trem. Contatei seu trabalho, mas ninguém a havia visto. Ela tinha poucos amigos íntimos, exceto aqueles do partido. Sua família vivia longe, no interior, perto de Fuzhou, e eu só havia conhecido uma

prima dela durante todo o tempo em que estivemos juntos. Ai-li dizia que, na verdade, não pertencia a lugar algum. Mas pertencia a mim. Esperei pelo próximo trem, acreditando que ela chegaria. Estava escuro quando o último trem chegou, e Ai-li não estava nele.

Tian balançou a cabeça, como se ainda não acreditasse. Ele jogou o cigarro e apagou-o com a sandália.

– O que você fez? – perguntou Wei.

– Naquele momento eu estava fora de mim. Voltei para o meu quarto, muito nervoso e preocupado, achando que algo devia ter acontecido com ela. Lembro-me que era uma noite muito quente; o quarto parecia sugar todo o meu ar. Deitei na cama, suando e esperando para, na manhã seguinte, tomar o primeiro trem com destino a Luoyang. Na última vez em que nos encontramos, parecia estar tudo bem entre nós novamente. Ela havia abandonado o partido e voltado a ser a garota doce, meiga que sempre fora. Durante nossa última semana juntos, ela estava feliz com a mudança para Guangzhou, cheia de planos. Recordei todos os momentos daquela época e um único detalhe permaneceu como uma dúvida até agora em minha cabeça, mesmo depois de todos esses anos. Quando Ai-li deixou-me na estação de trens, ela não olhou para trás como sempre fazia. Ela desceu os degraus, virou a esquina e se foi.

Tian parou de falar. Olhou além de Wei, pela janela, como se procurasse por ela.

Wei recostou-se e massageou o ombro, sentindo o cotovelo raspado pulsar. Ele não havia sentido o mesmo desespero? O mesmo vazio frenético de ter um filho desaparecido? Ai-li escolhera desaparecer; Sheng não teve escolha. Por que, há tanto tempo, não

tinham notícias dele? Wei perguntou-se se Luoyang seria uma cidade de fantasmas. Olhou em direção a Tian e viu que este fechara os olhos. Estaria sonhando com a possibilidade de reencontrar Ai-li? O que ele ainda amava era sua lembrança. Wei, entre todas as pessoas, sabia o poder daquele sentimento. Ele recostou-se e ajeitou a jaqueta em torno do corpo. O mundo era um lugar cruel para corações partidos.

KAI YING

Em silêncio, Kai Ying desceu as escadas. Ela tinha ouvido barulho na cozinha, e, por um instante, pensou que Wei tivesse voltado, mas, em vez disso, ao acender o lampião, viu Suyin mexendo nos armários.

– Se precisar de alguma coisa é só pedir – disse, com voz regular e firme.

A menina virou-se, assustada, a luz do lampião captando surpresa e medo em seus olhos.

– Eu não queria... – começou a dizer.

– Preciso que você prometa que isso vai acabar, aqui e agora – disse Kai Ying.

– Tive medo... – Suyin parecia estar à beira das lágrimas. – Eu prometo – disse delicadamente.

Sem mais nenhuma palavra, Kai Ying virou-se e voltou para cima.



Kai Ying revirava-se na cama, incapaz de dormir. Estava chateada. Não era raiva, mas desapontamento. Ela gostava de Suyin, mas, se a garota fosse ficar na casa por mais tempo, Kai Ying precisava confiar nela a partir daquela noite. Kai Ying esperava ter tomado a decisão correta ao dar-lhe mais uma chance, mas não podia imaginar o que seria de uma garota de quinze anos com um bebê, sozinha pelas ruas.

SONG

Nem mesmo o jardim lhe oferecia consolo. O dia estava só começando, a terra ainda molhada e fria, enquanto ela desenterrava velhas raízes e revirava o solo, já pensando no plantio de primavera. Mas nem a visão das vagens longas e dos brócolis chineses aliviava sua inquietação. Ela não se sentia assim, nervosa, há muito tempo, desde a época do Velho Hing, quando nunca sabia se ele encontraria defeitos onde não havia e teria um ataque de fúria. Song sempre se sentiu como se andasse no gelo, pronta para mergulhar nas profundezas geladas a qualquer momento, a água gelada cobrindo seu corpo, percorrendo-lhe as veias e roubando seu último suspiro. Ela precisava fazer algo para ter a vida de volta antes que fosse tarde demais.

Song nunca havia contado a ninguém, nem mesmo a Liang. Aquele seria seu fardo. Naquela época difícil de sua vida, depois do dia em que conhecera Kai Ying, ela voltara à loja para conversar com o fitoterapeuta Chu. O assunto não era a respeito de como ela poderia pôr fim à própria vida. *Um problema com ratos, creio*, disse o fitoterapeuta Chu, perguntando se ela tinha certeza do que estava fazendo. *Sim*, respondeu, sem qualquer hesitação. Ela nunca tivera tanta certeza.

Tudo aconteceu mais depressa do que ela esperava; um pouquinho de *chuan wu* na comida do Velho Hing e, no segundo dia ele já estava preso à cama, com dificuldade para respirar, lutando por ar à medida que os batimentos cardíacos iam caindo; no terceiro dia os batimentos pararam por completo. Apenas uma vez, depois de ter perdido a voz, ela viu que ele a observava, sua respiração

ofegante invadindo o ambiente. Song podia vê-lo perguntando-se se ela teria coragem de acabar com sua vida, suas pupilas escuras, em fúria revelando tudo. A conclusão era a de que ela era muito fraca e idiota para tê-lo envenenado. Song conseguia ler seus pensamentos: *Sim, sim, fui eu*, disse, ao ouvido do marido, garantindo, assim, que ele a escutasse.

Ele morreu naquela noite.

O Velho Hing estava com quase oitenta e cinco anos de idade, e a maioria dos vizinhos escolheu acreditar que ele morrera por causas naturais. *Um homem de sorte*, disseram-lhe, *morrer assim tão depressa*. Entretanto, ela sabia que algumas pessoas perguntavam-se como um homem cruel podia ter sido levado durante o sono e sem sofrimento. Song esperou, pronta para receber a punição que viesse, mas semanas e meses passaram-se antes que ela, calmamente, assumisse o novo papel de viúva.



Song compartimentou todos aqueles sentimentos de medo e desespero que haviam assombrado sua vida. Agora, outro tipo de medo tomava conta dela, dessa vez por Wei. Song rezava para Kuan Yin, a Deusa da Misericórdia, para que Wei chegasse a Luoyang em segurança. Por que ela não o chamou ao vê-lo partir naquela manhã? Ela poderia ter impedido que ele partisse, ou, pelo menos, argumentado com ele. Agora, era inútil lamentar. Ele é um homem inteligente, pensou ela, e vai dar tudo certo. Mas ela não estava totalmente convencida disso. Song olhou para o céu, não conseguindo deixar de pensar em Liang.

WEI

O trem atravessava a noite. Em algum momento durante a longa pausa, ambos, Tian e Wei recostaram-se nos assentos duros e dormiram durante algumas horas. Wei fechou os olhos e sonhou com Liang. No sonho, ela estava brava com ele, mas Wei não conseguiu saber por quê. Acordou sentindo-se desconfortável, ciente de que eles estavam à beira de uma briga. Suas discussões nunca duravam muito tempo; palavras duras, sinais de desapontamento, seguidos de silêncio que, normalmente, terminavam algumas horas depois. Pensando bem, a maioria de suas discussões era causada por algo que ele se recusara a fazer. Houve uma única vez, durante o longo tempo em que estiveram casados, em que a mágoa de Liang persistiu por alguns dias. Foi pouco antes de o partido comunista assumir o poder, e ele, de propósito, mentiu para Lian quando esta lhe pediu que a acompanhasse a um comício político. Ele lhe disse que um novo carregamento de antiguidades estava chegando à Universidade e que precisava recebê-las e catalogá-las. Na verdade, ele não queria que ela fosse; mais do que ninguém, ela sabia que ele não tinha interesse em assuntos políticos. Contanto que continuasse com suas pesquisas, ele seria um homem feliz. Além disso, ele achava que o partido tinha os olhos em tudo, e que, mais tarde, Liang e ele próprio seriam considerados agitadores. Wei esperava que, sem ele, a esposa não fosse, e isso de fato ocorreu. Na manhã seguinte, durante o café da manhã, ela ficou calada. Ao perguntar-lhe se estava tudo bem, ela respondeu, em voz controlada: *Eu só queria*

que você me desse uma noite do seu precioso tempo, para algo em que eu acredito. Eu lhe dei minha vida inteira.

A história de Tian trouxe de volta todas aquelas memórias. Por que ele não lhe disse que temia por eles? Como em tudo em sua vida, era muito tarde.



Lá fora, o céu começava a clarear e ele ouviu os murmúrios das duas mulheres da frente. Wei ficou em pé e alongou as costas enrijecidas. Estava com fome, e, mais do que qualquer outra coisa, precisava aliviar-se. Não tinha certeza de conseguir encontrar o banheiro no vagão ainda escuro e caminhou devagar, desequilibradamente para os fundos. Não tendo encontrado o banheiro, deu um passo para fora do estreito corredor, e, no espaço onde dois vagões ficam ligados, segurou-se nas barras de ferro e aliviou-se rapidamente nos trilhos abaixo. Em seguida, Wei ficou observando as sombras dos campos despertarem, respirando o ar frígido até sentir-se totalmente desperto e entorpecido de frio.

De volta ao vagão, sentiu o ar aquecido e rançoso. Wei havia perdido a noção do tempo. Estava viajando por quase um dia, mas era como se tivesse deixado Guangzhou há uma semana. Checou a sacola para certificar-se de que o resto do dinheiro continuava ali. Perguntou-se se Kai Ying e Tao ainda estariam bravos com ele. Poderiam o tempo e a distância trazer o perdão? Agora, que estava mais longe deles e mais perto de Sheng, havia outros problemas em que pensar. Wei alongou-se novamente e voltou a sentar-se. Então, virou-se para a janela e esperou que o dia começasse.



Quando o trem parou em Linxiang, Tian estava sentado e olhava para frente. *O que estaria pensando, pensou Wei. Que tipo de paz*

esta longa viagem de retorno a Luoyang lhe trouxe, depois de oito anos?

Mas, quando se voltou para Wei, Tian, com certeza, tinha outra coisa em mente.

– O que devemos comer? Estou faminto.

Apesar de ainda muito cedo, os vendedores estavam prontos para a chegada do trem. Wei e Tian compraram *jook*, bolinhos fritos e panquecas de cebolinha-verde, e beberam chá quente até o momento em que a partida do trem foi anunciada. Então, relutantemente, embarcaram.

Tao

Tao sentou-se na sala de aula, olhando fixamente para o quadro negro, enquanto o avô estava no trem, a caminho de um lugar chamado Luoyang. Ele partira há dois dias, e Tao estava preocupado que o avô podia não estar prestando atenção, que estivesse fechando os olhos e sonhando acordado. E se algo lhe acontecesse nesses momentos? Certa vez, seu vovô lhe contara que quando fechava os olhos sua vovó aparecia. *Ela fala com você?* Tao perguntou. *O tempo todo*, o avô respondeu. *Não feche os olhos, não feche os olhos*, Tao repetia para si mesmo. Seu vovô era um velho, que estava muito distante de casa, e precisava manter os olhos abertos o tempo todo.



Tao teve dificuldades para voltar à rotina escolar. Era o que a mãe mais queria, por isso ele não lhe contou que tudo mudara. Ele, agora, distraía-se facilmente e quase não prestava atenção na voz monótona do Professor Eng. Era como se houvesse uma barreira entre ele e os outros alunos. Tao não se preocupava mais com o que Lai Hing dizia a seu respeito, o que fez com que este fosse procurar outra pessoa para provocar. Além disso, tentou ignorar o fato de que continuava mancando e, conseqüentemente, as provocações dos colegas, chamando-o de “Velho Senhor Lee”, sempre que ficava para trás durante as aulas de educação física, ou quando sentia câimbras, por ficar sentado durante longos períodos de tempo. Aprendeu a bloquear as vozes dos colegas e a locomover-se em seu próprio ritmo. Ainda assim, Tao exercitava-se diariamente, ansioso para recuperar-se até a volta do pai e do avô.

Durante as caminhadas para ir e voltar da escola podia sentir que a perna estava ficando mais forte. Somente no fim do dia, quando já estava cansado e o osso voltava a doer, sentia a perna arrastar-se um pouquinho.

Sem muito esforço, Tao alcançou os colegas de classe e, bem depressa, conseguiu sentar-se na terceira carteira, logo atrás do Pequeno Shan e, inadvertidamente, ganhando a mão levantada. O Pequeno Shan estava tão desconfortável; a toda hora, virava-se para trás, para ver o que Tao estava fazendo, o que lhe trazia problemas com o professor. No momento, ver o Pequeno Shan contorcer-se era a única coisa que lhe dava prazer na escola, puxar as costas de sua camisa ou colar nelas anotações dizendo *Desculpe-me por peidar* ou *Estou atrasado em tudo*. Era o lugar perfeito para Tao ficar o maior tempo possível. Ele era bom na empreitada de atormentar o Pequeno Shan, um talento que não sabia que tinha. Essas eram coisas que ele não podia contar para a mãe, cujo único conselho seria para que se comportasse. Por isso, ele guardou todas as suas histórias sobre o Pequeno Shan para a volta do papá e do vovô.

SUYIN

Suyin colocou o bebê no berço para a soneca da tarde. Viu quando ela contorcia-se, virando-se para um lado e o outro antes de cair no sono. Cada dia com a filha tornava mais difícil desistir dela. Assombrava-a pensar o que poderia ter-lhes acontecido se não fosse por Kai Ying. Sua recuperação após o parto devia-se às suas poderosas sopas e chás, e ela retribuía a bondade roubando. A possível permanência delas no casarão de Dongshan com Kai Ying e sua família ficara por um fio, e a única culpada era ela própria.

O pequeno estoque de comida que ela escondia sob a cama era como um espinho. Desde a noite em que Kai Ying descobrira que ela estava roubando, um clima desconfortável criou-se entre elas; falavam-se, mas não se falavam. Suyin esperava isso do velho professor, mas não com Kai Ying, nunca com ela.

Por força do hábito, Suyin tocou o rosto, sentindo as manchas espalhadas e cascas das espinhas que, finalmente, estavam desaparecendo. Algumas semanas antes, Kai Ying dera-lhe uma pequena embalagem com um creme, para ser usado todas as noites, antes de dormir. *Você não precisa colocar muito*, disse. *Assim*, e Kai Ying espalhou uma fina camada de creme sobre as espinhas, seus dedos tocando, delicadamente, as bochechas de Suyin como beijos rápidos. Ela teve vontade de chorar.

– Foi você quem fez? – perguntou Suyin.

Kai Ying assentiu.

– O que é?

–Qualquer dia eu lhe mostro – respondeu Kai Ying sorrindo.

Mais do que tudo, a habilidade de Kai Ying como fitoterapeuta fascinava Suyin. O simples ato de preparar chás e sopas com as combinações perfeitas de ervas concedia-lhe o poder de restaurar a saúde e prevenir doenças. Suyin começava a descobrir que algo que para ela era natural podia ser usado para curar. Kai Ying já havia lhe ensinado que havia possibilidades em tudo o que estava à sua volta, e Suyin adorava vê-la criar mágica a partir de ervas secas, folhas e raízes dispostas nas jarras enfileiradas nas prateleiras e perguntava-se se, algum dia, poderia aprender a ser uma fitoterapeuta tão boa quanto ela.

No final da primeira semana usando o creme, as irritadas espinhas avermelhadas começaram a secar. Sentada em frente ao espelho embaçado, pela primeira vez em meses, ousava olhar sua imagem, e via sinais da garota saudável de outrora. Tocou novamente a face, maravilhada com aquele novo milagre.

Suyin precisava encontrar uma forma de consertar as coisas.

WEI Enquanto o trem
continuava sua marcha,
Wei olhava pela janela até
que o trem deixou a
periferia de outra
cidadezinha. Ele, então, se
voltou para o outro lado do
corredor.

– Você encontrou Ai-li?

Tian virou-se em sua direção e pôs-se a falar, como se não tivesse havido qualquer pausa desde que parara de contar sua história: – Peguei o primeiro trem que saiu de Guangzhou naquele sábado – disse, em voz baixa e séria –, e cheguei a Luoyang na segunda-feira. Ai-li não estava mais na pensão onde morava, e, no local de trabalho, ninguém a viu depois que guardou seus pertences e saiu, na sexta-feira. Andei por toda a cidade procurando por ela, finalmente decidindo informar seu desaparecimento na Secretaria de Segurança Pública. Então, aluguei seu velho quarto e esperei, por dois dias, como um bobo, na esperança de que ela

voltasse, embora o aposento estivesse completamente despojado de sua existência. A dona da pensão contou-me que ela havia distribuído tudo o que tinha. Achei que ficaria louco.

– Ninguém sabia onde ela estava? – perguntou Wei.

Tian bocejou e meneou a cabeça.

– Finalmente me lembrei do endereço onde ela frequentava as reuniões do partido, mas seus camaradas estavam bem-preparados e não disseram nada. Minha suspeita era de que eles não só sabiam onde ela estava como, muito provavelmente, ajudaram-na a desaparecer. Quando eu estava de saída, uma camarada magra, com nariz adunco observou: *Acho que você não era homem o suficiente para a nossa Camarada Ai-li!* Fiquei louco e bati na idiota até ser arrastado para fora, espancado e ferido.

– Você nunca mais a viu?

Tian meneou a cabeça.

– No final da semana, até mesmo a dona da pensão pediu que eu partisse, pois estava amedrontando os outros inquilinos. Fiquei em Luoyang durante duas semanas e não encontrei sequer um sinal dela ou pista de onde poderia ter ido. A polícia não encontrou nenhuma evidência de algo errado, concluindo que ela devia ter se mudado por vontade própria e aconselhando-me a voltar para Guangzhou e seguir com a vida. Para eles, eu era apenas um amante desprezado.

– Você voltou a Guangzhou?

– Não havia mais nada a fazer. Eu não sabia se ainda tinha meu emprego em Guangzhou, mas esta era a única coisa que me parecia real. Todo o resto, tudo aquilo em que acreditava, fora destruído. Às vezes, chego a desejar que tivéssemos nos casado,

brigado ainda mais e começaram a odiar um ao outro. Pelo menos assim, eu estaria livre de seu fantasma.

As palavras de Tian pairavam no ar e tremulavam entre eles. Ele pôs um cigarro na boca, tragou e expeliu a fumaça que emergiu do nariz e da boca, subindo pelo ar.

– Continuei furioso por muitos anos – disse Tian. – Finalmente, decidi voltar a Luoyang este ano, mas não consigo entender por quê. Talvez, porque, para mim, ela continua sendo parte integral da cidade e eu preciso dizer adeus de maneira apropriada – disse, voltando-se para Wei. – Você deve estar me achando completamente louco.

– Não –disse Wei –, de jeito nenhum. – Como poderia ele explicar seus próprios demônios. – Você se casou? – perguntou Wei.

Tian meneou a cabeça.

– Tive diversas mulheres, boas mulheres, mas nunca encontrei alguém que me fizesse esquecer Ai-li.

– Não é tarde.

Tian olhou para ele sorrindo. Parecia cansado, consumido.

– Talvez, um dia – respondeu.

– Eu me casei tarde – disse Wei, como se quisesse provar que a vida guarda surpresas.

– E agora seu filho está em Luoyang.

– Sim.

Ele observou Tian e concluiu que esta devia ser uma das poucas pessoas que poderiam compreender como ele também havia sido levado a essa remota cidade em busca de um fantasma.

– Você se importaria – disse Wei, pigarreando – de escutar minha história?

Tao

Na ausência do avô, a casa parecia mais vazia na hora de dormir. Tao remexia-se na cama, puxava as cobertas e ouvia sua mãe. Agora, era ela quem o levava para a cama, aplacava os seus temores e lia histórias.

A mãe costumava contar histórias lidas em livros, enquanto o avô sabia-as de cor, ou inventava-as ali, na sua frente. *História é uma série de histórias reunidas*, dissera o avô. *E arte é um registro vivo da história*. A voz do avô subia, adquirindo um ritmo alegre enquanto falava, e era a primeira vez que Tao percebia o quanto seu vovô devia sentir falta de lecionar em Lingnan, e quão felizado era pelo fato de ser seu único aluno no momento.

Há muito tempo, todas as histórias favoritas de Tao como *O rei macaco* ou *O romance dos três reinos* eram lidas para ele pelo pai ou pelo avô, antes de dormir. Seu vovô lia também outros clássicos mundiais como *As noites árabes* e *Os três mosqueteiros*, os quais, segundo ele, o Presidente Mao não aprovaria, por isso eles mantinham os livros escondidos. Um por um, os livros surgiam, carinhosamente, nas mãos do avô todas as noites, e voltavam a desaparecer quando ele terminava de lê-los para Tao. Um pensamento incômodo surgiu de repente: e se ele não encontrasse o esconderijo dos livros?



Tao queria que seu vovô voltasse, mas não se isso significasse que seu papá tivesse de partir. Ele apenas queria tudo como era antes de o avô partir. Tao queria pedir-lhe desculpas pelo que dissera. Ele nunca percebera como a palavra odiar podia ocupar

uma sala inteira e engolir o ar. Mas todas as vezes em que tentara aproximar-se do avô sua língua enrolava, seus lábios crispavam-se e as palavras não saíam. Um dilúvio de emoções conflitantes tomava conta de Tao, sem que este soubesse como controlá-las; ele nem mesmo sabia se queria, de fato, dizer alguma coisa. Era como se seu vovô estivesse, ao mesmo tempo, muito perto e muito longe dele. E agora ele tinha receio de que poderia ser tarde demais.



Tao ainda estava ajustando-se às mudanças. Sua mãe não lia para ele com aquela voz profunda e professoral do avô ou com as vozes engraçadas que o pai fazia para que ele risse, mas o menino gostava de sua voz calma e ponderada; era confortadora. Tao imaginava ser a mesma voz que os pacientes ouviam e que os colocava à vontade e acalmava-os.

Ele virou-se na cama para olhar para a mãe enquanto ela escolhia um livro e abria-o. Tao não sabia mais em que acreditar. A vida toda, sua mamã era que lhe ensinava o que era certo e errado, como comportar-se e ter boas maneiras e como dobrar suas roupas e arrumar a cama. Ela também lhe contara o nome das ervas, flores e folhas que curariam sua tosse e dor de barriga. Desde os tempos em que era bem pequeno, ela lembrava-o de que era importante que ele soubesse cuidar de si próprio. Tao não sabia por quê, uma vez que ela, seu papá e seu vovô é que deviam cuidar dele. *Porque haverá um momento em que nós não estaremos aqui*, dizia ela, colocando as mãos quentinhas em suas bochechas frias. *Não agora, mas daqui a muito, muito tempo.*

Antes que a mãe começasse a ler para ele, Tao queria dizer-lhe que ele não estava pronto para tomar conta de si próprio. Não obstante, comprimiu os lábios e guardou as palavras. Não queria

deixá-la chateada, mas desejava ter coragem para dizer em voz alta: *Ainda sou um menino pequeno e não foi daqui a muito tempo como você prometeu, então, por que os dois, papá e vovô, foram embora?*

KAI YING

Wei já havia partido há três dias e ainda não havia notícias dele. Kai Ying percebia a ansiedade de Tia Song, pelo número de vezes em que esta a visitava, perguntando se ela sabia de alguma coisa. *Amanhã, eu tenho certeza*, Tia Song havia dito, antes de sair na noite passada, uma nuance de desapontamento na voz.

Kai Ying pegou um pijama de Tao. Ela permitira que o menino ficasse acordado até mais tarde, com Tia Song e Suyin, e agora estava exausta, desejando que o filho adormecesse depressa.

– Conte-me uma história – pediu Tao.

– Que história você gostaria que eu lhe contasse? E foi em direção à prateleira de livros.

– Nenhuma dessas – disse ele. – Conte-me uma história a respeito de sua vida.

Kai Ying parou por um momento. Ler para Tao era uma coisa, mas ela estava cansada e contar histórias era tarefa de Wei e Sheng. Ela ficava muito mais confortável curando uma dor de cabeça ou de barriga. Kai Ying pensou em sua infância e perguntou: – Você sabia que Zhaoqing, o nome da cidade onde eu fui criada, significa o começo da ventura e da boa sorte? Ela é chamada de Cidade da Alegria.

Tao meneou a cabeça.

– Você era feliz lá? – perguntou.

Ela tirou sua camiseta e vestiu a blusa do pijama pela cabeça.

– Sim, eu era. Era um lugar maravilhoso. Lembra-se de que eu lhe disse que a cidade de Zhaoqing cerca o Lago Star, que, na verdade, é dividido em cinco lagos menores, com sete picos

montanhosos à sua volta? É muito lindo. Tia Lan e eu crescemos passeando de barco e nadando nos lagos.

Tao vira a irmã mais nova da mãe algumas poucas vezes, quando ainda era muito pequeno, para lembrar-se dela.

– E então você veio para Guangzhou e casou-se com o papá.

Ela assentiu.

– E agora sou feliz aqui com você.

– E com o papá.

– E com o papá – repetiu ela.

– E com o vovô.

Ela hesitou por um instante.

– Sim, é claro, o vovô também – rematou.

– Porque ele voltará logo – Tao acrescentou, sua voz subindo. Ele voltou-se para a mãe e perguntou: – O vovô foi embora por minha causa?

– É claro que não – disse ela. – O que o faz pensar assim?

– Eu falei com ele de um jeito maldoso.

Kai Ying ajudou-o a colocar as calças do pijama. Seus olhos observavam-na atentamente, um traço de ansiedade no rosto.

– Seu vovô o ama mais do que qualquer outra coisa no mundo. Você poderia dizer-lhe mil coisas maldosas e isso não mudaria o que ele sente por você.

Tao abraçou-a e seu corpo relaxou.

– Você sabe que nós temos planos de levar você a Zhaoqing para uma nova visita? – disse ela, mudando de assunto.

– Conte-me uma história a respeito de Zhaoqing.

Kai Ying acomodou-o na cama e puxou as cobertas.

– Deixe-me ver – disse. – Quando eu tinha mais ou menos a sua idade, e tia Lan não mais que cinco anos, antes de dormir meu pai sempre nos contava uma história em particular chamada “A pérola brilhante”. Era nossa fábula predileta, pois nosso papá, seu outro avô, contava-nos como, exatamente, todos os lagos e montanhas de Zhaoqing haviam se formado, muito tempo atrás.

– Então me conte essa – pediu Tao.

Kai Ying hesitou, mas sentou-se na cama ao seu lado.

– Está bem – disse. – Mas apenas porque é uma história bem curta.

Era uma vez uma pérola branca mágica que caiu do céu e, no chão, transformou-se em um lindo lago. Mas não se tratava de uma pérola branca mágica qualquer; era cobiçada pelo dragão de jade branco e pela fênix de ouro, sendo que nenhum dos dois podia suportar a ideia de abandonar a pérola quando ela converteu-se em lago. Então, eles transformaram-se nas montanhas que cercavam o lago, para que pudessem permanecer ao seu lado para sempre. E foi isso que sua Tia Lan e eu pensávamos todas as vezes que olhávamos para o Lago Star, que se tratava da pérola branca mágica, cercada de montanhas que, outrora, haviam sido o dragão de jade branco e a fênix de ouro.

Kai Ying parou abruptamente e percebeu que não contara a história muito bem.

– Foi muito curta, não foi? Creio que não sou tão boa para contar histórias quanto papá e seu vovô – disse, com a garganta apertada e os olhos marejados. Ela desviou o olhar para que Tao não percebesse as lágrimas.

– Eu gostei da história – ele apressou-se em dizer, pegando a mão da mãe.

É claro que ele perceberia, pensou ela. E, então, Tao repetiu, em suas próprias palavras, o que ela acabara de contar, embelezando algumas passagens, e dando vida à história. E, pela primeira vez, Kai Ying percebeu que ele tinha o mesmo dom de contar de histórias, passado de Wei para Sheng, e agora para Tao. Kai Ying não podia deixar de imaginar como ambos ficariam orgulhosos dele.

– As montanhas de Zhaoqing são tão grandes quanto as montanhas White Cloud? – perguntou ele.

Kai Ying meneou a cabeça.

– São bem menores, mas mesmo assim, muito bonitas. Elas erguem-se acima do lago, como se estivessem flutuando sobre a água. Mal posso esperar para mostrá-las a você.

Falar sobre Zhaoqing estava fazendo com que ela se sentisse mais animada. Deve ser a cidade da alegria, se podia fazê-la sentir-se melhor em momentos tão difíceis.

– Podemos ir lá quando o papá voltar? – perguntou Tao, deitando-se mais perto dela.

Ela sorriu e abraçou-o.

– Sim, quando o papá voltar – disse.

– E o vovô também?

– Sim, e o vovô. E tia Song e Suyin e o bebê, se quiserem juntar-se a nós – disse ela.

Ela viu um grande sorriso no rosto de Tao, algo que não via há muito tempo. Ela desejou que a habilidade para contar histórias melhorasse até a volta de Wei e Sheng.

À ESPERA

NOVEMBRO DE 1958

Tao

Todas as manhãs ainda surpreendia Tao o fato de suas vidas terem continuado como sempre. O vazio deixado pela falta do pai e do avô era preenchido, a cada dia, pelos pacientes da mãe, pela cozinha transbordando com suas vozes e com os aromas medicinais. A escola ainda se arrastava, e tia Song continuava com seu trabalho no jardim, enquanto Suyin e o bebê haviam desabado em sua casa e em sua família. Agora que estava melhor, a garota ajudava sua mãe nos afazeres domésticos e sua mamã parecia mais feliz com o bebê em casa. Tao ainda não tinha muita certeza a respeito de como se sentia em relação a Suyin, mas achava que sua opinião não tinha muita importância.

O mundo de Tao mudara, subitamente, para uma família repleta de mulheres, diferente da qual ele estava acostumado. Somente quando via a sumaúma imponente e silenciosa no pátio é que sentia a presença do pai e do avô por perto.

KAI YING

Kai Ying não esperava ver Suyin sentada à mesa da cozinha tão cedo naquela manhã. Desde que a surpreendera mexendo nos armários há algumas noites, ela dera um passo atrás em relação à garota, desapontada por esta ter tirado vantagem e concluindo que Lo Yeh tinha razão. Eles nada sabiam a seu respeito.

– Está tudo bem? – perguntou Kai Ying. Ela ouviu certa tensão na própria voz, que não conseguia esconder.

Suyin assentiu.

– Eu só preciso falar com você.

– O que foi? Kai Ying não se sentou; em vez disso manteve-se ocupada colocando água para ferver e escolhendo as ervas de que precisava para fazer chá.

Suyin parou por um instante antes de endireitar-se na cadeira.

– Sei que pegar comida foi um erro. Mas eu não sabia quando você iria querer que eu partisse. Tive medo de voltar a passar fome, principalmente com o bebê. Precisava de alguma coisa para sobreviver até decidir o que fazer. Desculpe-me – disse ela.

Suyin colocou uma sacola de pano sobre a mesa. Dela tirou biscoitos, amendoins, ameixas e damascos secos, arrumando tudo em pilhas, como Kai Ying fazia com as ervas.

– Isto é tudo – disse. – Prometo que isto não se repetirá.

Kai Ying assentiu.

Era um passo na direção certa, pensou. Ela não percebera o medo constante que Suyin tinha de voltar a ficar sozinha, e não conseguia imaginar como sua vida nas ruas devia ter sido angustiante. Kai Ying aproximou-se e pegou a sacola vazia das

mãos da menina. Então, dirigiu-se aos armários, colocando o restante dos biscoitos e frutas secas até praticamente encher a sacola.

– Fique com isto – disse, em tom suave –, assim você não precisará se preocupar – devolveu a sacola para Suyin, que pareceu surpresa.

Então, Kai Ying abriu a porta que dava para o pátio e saiu para destrancar o portão e receber o primeiro paciente. O ar fresco constituiu um grande alívio.

WEI O trem chegou a
Luoyang assim que
amanheceu. As duas
velhas senhoras, sentadas
na frente do vagão, e que
ele notara logo após o
embarque, em Guangzhou,
havam feito a viagem toda
com eles e agora estavam
desembarcando. Wei
sentia-se estranhamente
desolado, como se alguma
jornada íntima que todos

eles tivessem feito estivesse perto do fim.

Wei pegou sua sacola e desceu do trem. Suas pernas estavam fracas e ele sentiu-se desorientado pela primeira vez desde que deixara Guangzhou. O sol brilhava e o céu estava claro, mas ele sentia muito frio. O terreno era seco e montanhoso, totalmente diferente de Guangzhou. Um vento forte e gelado soprava e, por um instante, Wei pensou em vestir o casaco de lã que havia trazido para Sheng. Em vez disso, agasalhou-se melhor na jaqueta que vestia e decidiu deixar o casaco limpo para o filho.

Tian seguia de perto atrás dele. Wei aguardou na plataforma e viu quando o homem mais jovem parou, por um momento, no último degrau do trem e olhou para a direita e para a esquerda, examinando a plataforma. Wei viu certa vulnerabilidade desprotegida passar pelo rosto de Tian. Seria aquele o momento de esperança e resolução para o qual ele viajara até Luoyang? Será que ele realmente acreditava que Ai-li poderia estar ali, à sua espera? O coração de Wei acelerou diante da possibilidade. Depois de tantos anos, que reunião preciosa seria aquela para Tian! Nada era impossível. Mas quando a plataforma se esvaziou, o momento passou e Ai-li não se materializara.

– Venha por aqui – disse Tian, recuperando-se rapidamente. Ele desceu o último degrau e pegou Wei pelo braço, conduzindo-o por dentro da estação até alcançarem a rua. – Vamos comer alguma coisa e então podemos decidir o que você deve fazer em seguida.



Luoyang não era o que Wei esperava. Ele esperava escuridão e um ambiente desolado, mas o que encontrou foi uma cidade tão movimentada quanto qualquer outra, repleta de pessoas e ciclistas acordando para a vida junto com o despertar do dia. Havia algo de tão familiar na visão de uma mãe levando seu filho para a escola, que o fez pensar em Tao. Wei sentiu saudade de casa e perguntou-se como Kai Ying e Tao estariam passando. Durante todos aqueles anos eles lhe haviam sido sua tábua de salvação, e, agora, ele esperava poder retribuir. Tirou coragem do fato de saber que, em breve, veria Sheng e levaria para casa notícias a seu respeito.



Não muito longe da estação de trens, eles sentaram-se em uma pequena lanchonete que servia bolinhos e macarrão. Wei sentia-se aliviado pelo fato de estar sentado em um local aquecido, sem o constante movimento do trem repercutindo em seu corpo. O ambiente zumbia ao som do dialeto de Luoyang, similar a uma versão mais complicada e monótona do mandarim. Tian não parecia ter qualquer dificuldade para comunicar-se com a garçonete alta, de rosto largo. Feitos os pedidos, Wei fechou os olhos por um momento. Estava exausto, com a cabeça rodando com toda aquela mudança.

– Você está bem? – perguntou Tian.

Wei abriu os olhos.

– Sim, sim, estou bem.

– Aqui é outro mundo.

– Sim, ainda estou me ambientando, mas você é muito bom com o dialeto.

Tian riu.

– Eu apenas tento imaginar-me como um ator da Ópera de Pequim – disse ele. – É o mesmo mandarim, mais arcaico, usado nas óperas.

Wei escutou as vozes e reconheceu as similaridades.

– Estou ouvindo – disse ele.

A garçonete voltou com uma bandeja com sopa e bolinhos.

– Estava determinado a aprender o dialeto quando vivi aqui – Tian prosseguiu. – Ali-li falava o cantonês, mas eu ainda achava importante aprender.

– Imagino que deva ser ainda mais difícil viver em um lugar sem falar a língua – disse Wei.

Tian assentiu e continuou comendo.

– Estive pensando – disse –, que seria de bom senso visitar a Secretaria de Segurança Pública primeiro, para vermos se eles podem localizar seu filho, e se você pode conseguir uma visita através deles.

Wei não sabia o que faria sem a ajuda de Tian. Com toda a sua educação e capacidade, sentia-se como uma criança que fora jogada em um lugar estranho a quem pedissem para encontrar seu caminho.

– Sim – disse Wei, agradecido. – Ótima ideia. Obrigado, Tian.

Tian não fizera qualquer tipo de julgamento quando Wei terminou de contar sua história a respeito de Sheng. *Você deve me ter em baixa conta*, disse Wei ao terminar. As luzes estavam fracas e ele mal podia ver o rosto de Tian, embora visse o brilho do cigarro e o perfil de sua sombra. *Imagino que, se eu fosse seu filho*, disse Tian, *teria feito a mesma coisa*.

– Seria possível enviar um telegrama para casa? – perguntou Tian. – Minha nora deve estar preocupada.

– É claro. Pararemos no escritório dos Correios e Telégrafos antes de ir à Secretaria de Segurança Pública.



Como era de se esperar, Wei aguardou por um longo tempo na Secretaria de Segurança Pública. Quando, finalmente, sentou-se em frente a um funcionário uniformizado, este lhe pediu para que preenchesse um formulário e voltasse no dia seguinte. O funcionário, Hu, falava um pouco de cantonês, e disse que precisaria de tempo para procurar as fichas dos internos antes de fornecer a Wei mais informações.

– Você sabe se poderei ver meu filho? – perguntou.

O homem magro, de meia-idade, mal levantou os olhos enquanto continuava a mexer nos arquivos.

– Não tenho ideia de onde seu filho se encontra – respondeu. – Deve levar alguns dias, semanas, ou até meses.

– Meses? – disse Wei, começando a sentir raiva. – Eu não tenho meses!

– Então sugiro que vá para casa e deixe-me fazer meu serviço – disse o homem.

– Quem você pensa que é? – perguntou Wei. Ficou em pé e olhou para o homem de cima para baixo.

O oficial Hu finalmente parou o que estava fazendo e olhou para Wei.

– Sou a pessoa que está lhe dizendo que vá para casa e volte amanhã. No momento, não posso dizer mais nada.

Tian deu um passo à frente e pegou Wei pelo braço.

– Obrigado, camarada, voltaremos amanhã. Somos muito gratos por tudo o que fizer para encontrar o filho do senhor Lee.



Estava frio e escuro quando eles chegaram à mesma pensão onde Tian se hospedara há alguns anos, cujo quarto era quente e cheirava a mofo. Tamanho era o cansaço, que Wei mal enxergava. Sentia, apenas, que o corpo precisava de um descanso. Na manhã seguinte, tudo estaria claro novamente. Aquilo era apenas fadiga, disse para si mesmo. Nada de desespero. Wei tentou não antecipar as coisas; daria um passo de cada vez ou tropeçaria. Estava em Luoyang há menos de vinte e quatro horas, embora já parecesse uma semana. Tian pegou Wei pelo braço e arrastou-o até uma cama estreita, onde este dormiu um sono sem sonhos.

Tao

Tao estava cansado de esperar. Após três dias, ainda não havia notícias do avô. Quando terminou os deveres de casa naquela tarde, Tao foi para o pátio e sentou-se no mesmo banco de pedra onde o vovô costumava sentar-se, mas, mesmo isso o deixava inquieto. A sumaúma assistia a tudo, em silêncio. Sem dizer nada, Tao ficou em pé e coxeou, rapidamente, para fora do pátio, em direção à rua, tentando imaginar o caminho que o avô fazia em suas longas caminhadas matutinas. Quanto mais caminhava, menos aparente era a coxeadura. Tao sentia-se igual a qualquer outro garoto indo em direção à loja, mas havia quebrado duas regras: primeiro, ele entrara, sorrateiramente, no quarto da mãe e pegara duas das moedas que estavam sobre a mesinha. Havia mais moedas, por isso ela não sentiria falta, pensou ele. E agora, havia saído de casa sozinho e sem pedir permissão. Não tinha volta.

Tao decidiu não ir à loja do senhor Lam. Este já o trouxera de volta para casa uma vez, logo depois de o papá ter sido levado. Isso não aconteceria novamente. Por isso, Tao decidiu ir à loja que ficava do outro lado do parque. Era mais longe, mas, ali, ninguém o conhecia e, se fosse rápido, sua mãe nem sentiria sua falta.

Seu papá certa vez lhe contara a história de um garoto que cruzou o parque sozinho e nunca voltou para casa. *O que aconteceu com ele?* Perguntou Tao. O pai quis dar-lhe uma lição, para que ele não saísse sozinho. *Ele nunca mais foi encontrado, por isso, nunca vá a nenhum lugar sem nos avisar.* Na época, Tao era menor e nunca ia sozinho a nenhum lugar. As coisas eram

diferentes agora que era mais velho e o único homem da casa. Além disso, foram eles quem o deixaram.

Tao aproximou-se da entrada do parque e parou. E se o menino ainda estivesse lá, dando voltas e voltas, sem encontrar o caminho de casa. *Mantenha-se na trilha*, disse para si mesmo. *Mantenha-se na trilha e sairá do outro lado do parque*, repetiu. Ele apertou o passo e entrou.



O céu estava mais limpo no final da tarde e os raios de sol haviam trazido muita gente para passear no parque: soldados em seus uniformes, pessoas idosas sentadas nos bancos, mulheres e homens mais jovens, com crianças, vira-latas farejando latas de lixo. Havia um mundo de gente à sua frente – não havia o que temer. Ele já estava pensando no que iria comprar na loja, doce de papel de arroz ou doce de barba de dragão, feito de açúcar e amendoim. Tao continuou andando até que o espaço aberto deu lugar a uma área mais arborizada e deserta. As árvores proviam sombra, por isso o ar estava mais frio. *Fique na trilha*, repetiu mentalmente. Tao percebeu que havia deixado sua casa com tanta pressa, que se esquecera de pegar uma jaqueta. Começou a caminhar mais depressa, na esperança de aquecer-se, mas a perna começava a dar sinais de cansaço, e, ao chegar a uma encruzilhada, que desviava para a direita e para a esquerda, Tao lembrou-se do menino que fora ao parque sozinho e nunca mais foi visto. Quando se virou, havia um jovem soldado parado a alguns passos dele.

– O que você está fazendo aqui sozinho? – perguntou o soldado. Este usava um casaco militar longo e pesado, que parecia muito grande para ele.

– Vou à loja – Tao apressou-se em responder. – Para minha mãe – acrescentou.

– E o que você vai comprar?

Tao pôs a mão no bolso e agarrou as duas moedas, achando que o soldado iria roubá-lo. Olhou em volta e viu que estavam ali sozinhos; seu coração disparou. Talvez fosse esse o homem que levara o menino que desaparecera no parque. Ele olhou mais de perto e viu que não se tratava de um soldado. Seu cabelo estava muito longo e oleoso e ele usava sandálias no lugar de botas. Deu um passo atrás.

O homem olhou para Tao e sorriu, colocando a mão dentro do casaco.

– Eu preciso ir – disse Tao.

– Você não quer ver o que eu tenho aqui? – perguntou o homem.

Ele abriu o casaco no momento em que Tao correu, a perna arrastando-se com um pequeno atraso. *Siga a trilha, siga a trilha*, repetia ele para si mesmo. Do canto do olho viu o homem segurando aquilo que certa vez ouvira tia Song chamar de *pescoço de peru*.

SONG

Ao escutar uma batida na porta, Song viu, com surpresa, Suyin parada à soleira. A garota aventurara-se a vir ao seu jardim e seus aposentos só uma ou duas vezes, para trazer algum recado de Kai Ying ou pegar algumas verduras para o jantar. Agora, a sombra de Song oscilava inesperadamente à sua porta.

– Entre, entre – disse Song.

Suyin entrou no quarto, para longe da luz do sol daquela tarde luminosa. Parecia outra pessoa, diferente daquela com quem Song falara pela primeira vez nos aposentos da tia-avó Shu. Ela não parecia mais um cãozinho desnutrido, tremendo nas ruas. Mas a mudança não era só física; Song via, também, em seus olhos, a energia e vigor que voltavam a emanar dela.

– Tia Song, você viu Tao? – Suyin perguntou.

– O que houve? Está tudo bem? – perguntou, empurrando a tigela com ervilhas para o lado.

Depois de toda a turbulência do último ano, o primeiro pensamento de Song era de medo. *Não outra vez*, pensou ela. *Novamente, não.*

– Kai Ying não está conseguindo encontrá-lo, e achou que ele poderia estar aqui no jardim, com você.

– Não, não, ele esteve aqui ontem – disse Song –, mas não esta tarde. Você olhou lá em cima?

Suyin fez que sim.

– Ele não pode ter ido longe – disse.

Elas ouviram vozes que vinham do pátio, e Song sorriu.

– Deve ser ele – disse.

Elas olharam uma para a outra e, sem dizer mais nada, correram na direção das vozes.



O portão do pátio acabava de fechar-se e Kai Ying estava ali parada, com um pedaço de papel nas mãos.

– O que é isso? – perguntou Song.

Olhando para ela, respondeu aliviada: – Finalmente, um telegrama de Wei.

– Finalmente! – exclamou Song.

Sentiu que o sangue voltara a circular, o calor espalhando-se pelo corpo. *Ele conseguiu*, pensou ela. O velho louco tinha conseguido chegar a Luoyang.

Kai Ying entregou um pedaço de papel fino, amarelo, para que Song lesse: *CHEGUEI EM SEGURANÇA A LUOYANG*.

Elas voltaram a olhar quando o portão abriu-se novamente e Tao entrou correndo, suando e arrastando a perna. Ele parecia à beira das lágrimas.

– O que aconteceu? Onde você estava? – perguntou Kai Ying.

Tao permaneceu em silêncio.

– Você está bem?

O menino assentiu e claudicou para perto da mãe. Tirou duas moedas do bolso e colocou-as em suas mãos antes de entrar em casa.

Tao

Era tia Song quem levava Tao para a escola diariamente, mas quem o esperava no portão todas as tardes era Suyin. Desde o dia em que o menino fora ao parque sozinho, ele precisava ir direto para casa depois da escola, para fazer os deveres. Tao não contou a ninguém o que havia acontecido e não se importava se nunca mais voltasse a colocar os pés no parque. Estava, secretamente, feliz pelo fato de Suyin esperar por ele depois das aulas. Ela não parecia mais tão doente e sua pele havia melhorado. Andando ao seu lado ele percebera que ela era quase tão alta quanto sua mãe e bem magra. Tao não conseguia imaginar como um bebê podia ter vindo dela. Normalmente, ela usava uma túnica de algodão escura e calças, e ele reconheceu que ela usava um dos casacos de sua mãe.

Tao gostava de voltar para casa com Suyin; fazia-o sentir-se mais velho. Gostava também da forma como esta o cumprimentava sem dizer nada, sem os alaridos de tia Song, que tentava ajudá-lo com os livros e forçava-o a colocar a jaqueta à medida que os dias ficavam mais frios. Com Suyin as coisas eram mais simples; quando ele não tinha vontade de falar, ela não insistia.

– Vamos? – disse ela.

Tao assentiu.

– Preciso fazer um serviço rápido para sua mãe – disse. – Só vai levar alguns minutos.

– É claro – respondeu, seguindo-a quando esta virou a esquina, no caminho contrário ao de casa.

Conforme os dias foram passando, ele começou a gostar também da forma como ela ajudava-o com sua mala de livros, sem dizer nada, e como diminuía o passo para que ele conseguisse acompanhá-la, sem que parecesse algo deliberado. De vez em quando, ela perguntava-lhe alguma coisa sobre a escola e o que ele aprendera naquele dia, mas nunca dizia nada sobre seu pai ou avô, e ele nunca fazia perguntas a respeito de sua família.

À medida que se desviavam das pessoas, ela pegou-o pela manga, para que não fosse empurrado para longe dela. Suyin não podia imaginar quão grato ele ficava por isso.

– Como está sua perna? – perguntou ela.

– Melhor.

Suyin abaixou-se e perguntou: – Onde você foi no dia em que estivemos procurando por você?

A pergunta foi tão inesperada, que ele parou por um instante antes de dizer: – Fui dar uma volta.

– Parecia que você estava fugindo de alguém – disse ela.

Tao ficou em silêncio. Sua mãe ficara brava com ele por ter pegado moedas e ter saído sem avisar, mas achou que ele estava a caminho da loja e simplesmente mudara de ideia e voltara para casa. Tao não tinha certeza se deveria contar a Suyin a respeito do homem, mas, quando finalmente decidiu fazê-lo, viu que ela soltara sua manga e não estava mais ao seu lado. Ele virou-se e viu que ela parara na esquina e que observava alguma coisa na rua.

– Está tudo bem? – perguntou Tao.

Suyin não respondeu.

– O que foi? – perguntou ele. – O que você está olhando?

Tao seguiu seu olhar e não viu nada especial. Era uma rua apinhada de pessoas, como muitas outras no centro de Guangzhou. Ele viu pessoas andando para lá e para cá, uma avó com o neto, dois garotos um pouco mais velhos que ele, parados em frente a uma loja, um casal conversando, nada de extraordinário.

Quando Suyin finalmente respondeu, foi de um jeito sério e distante.

– Está vendo aqueles dois garotos? São meus irmãos.



Mais tarde naquele dia, Tao parou em frente à porta aberta do quarto de Suyin. Ele nunca pensou que ela tivesse família por perto. Por que não dissera nada a respeito? Por mais que quisesse perguntar-lhe, sabia que seria melhor não fazê-lo, ainda não. Ela estava parada perto da janela, com o bebê nos braços e, subitamente, ele sentiu pena pelo fato de estar sozinha.

Suyin virou-se de repente e surpreendeu-o olhando para ela.

– Quer entrar? – perguntou.

O rosto de Tao ficou vermelho. Ele estava pronto para dizer não, mas seu pé esquerdo arrastou-o, e ele entrou.

– Como está seu bebê? – perguntou, tentando parecer mais velho.

Ela riu.

– Crescendo. Crescendo mais a cada dia, e parece que a erupção está desaparecendo. Veja. E segurou o bebê na sua direção.

Tao deu mais um passo para dentro do quarto. Com as cortinas abertas, raios intensos de sol iluminavam tudo. Era a primeira vez que via o cômodo à luz do dia, com as manchas de umidade no teto tais quais poças escuras, a pintura descascada nos cantos das

paredes, a poltrona desbotada no canto do velho quarto de tia-avó Shu.

Paradas no meio do aposento estavam Suyin e a filha. Esta era tão pequena, pensou ele, e tinha a cabeça coberta por um monte de cabelos pretos. Ela abriu os olhos e levantou o pequeno punho em sua direção.

– Acho que ela gosta de você – disse Suyin.

Tao tocou a mão do bebê com o dedo e sorriu.

– Como ela vai se chamar? – perguntou.

– Ainda não sei. Não tenho certeza...

– Mamã disse que você precisa esperar um mês – disse Tao, lembrando-se do que ouvira.

– Acho que já passou da data – disse ela. – Ela está com quase sete semanas.

– Então é melhor começar a pensar – disse Tao.

Suyin olhou para o bebê e novamente para ele.

– Talvez você possa me ajudar a encontrar o nome certo para ela.

Tao pensou por um momento. Certa vez, houve um gato de rua, que vagava pelo pátio, que ele chamou de Mao, não em homenagem ao presidente, mas porque tinha o mesmo som da palavra gato em chinês. Mao vinha diariamente, durante muitos meses, até que o menino começou a achar que o gato lhe pertencia. E então, um dia, Mao parou de vir e Tao nunca mais o viu. Ele chorou quando o gato deixou de vir por três dias, mas seu avô sentou-o em seu colo e disse-lhe que Mao era um gato muito ocupado e que tinha outras crianças para visitar. Alguns gatos iam de um lugar para o outro, nunca criando laços, disse ele, portanto, o

fato de Mao ter vindo visitá-lo por tanto tempo era algo muito especial.

Agora, Tao perguntava-se se Suyin e o bebê também desapareceriam de repente.

– Vou pensar – respondeu –, saindo do quarto devagarzinho.

WEI

Wei acordou com o nascer do sol. Por um momento, não conseguiu lembrar-se de onde estava, até ouvir Tian roncando baixinho na cama ao lado. Estava em Luoyang, esperando para ver Sheng. Suas costas doíam e, ao espreguiçar-se, os pés ficaram pendurados para fora do pequeno leito, que devia ter pertencido a uma criança da idade de Tao. Pensar no neto fez seus olhos lacrimejarem naquele quarto sombrio.

Quando Wei era menino, o mundo era outro, era aquele que hoje Mao e o partido comunista rejeitavam por considerarem-no extravagante e dispendioso. Mas ele lembrava-se também da beleza e da curiosidade intelectual de um país que poderia ter alcançado, com facilidade, o resto do mundo, se não tivesse sido, constantemente, puxado para trás. E agora ele não sabia se Tao viveria, algum dia, a glória da China, a não ser pelos livros de história lidos para o ele. Na China em que seu neto crescia, ocupar-se com a sobrevivência de cada dia permitia muito pouco tempo para outras coisas.

Wei puxou o cobertor fino para proteger-se do frio, grato pelo fato de estar, ainda, totalmente vestido: do contrário, teria congelado durante a noite. Olhou em volta do quarto minúsculo, viu os dois pequenos leitos, a cadeira e a mesa de madeira, e um pequeno fogão a carvão em um canto. Uma rachadura ziguezagueava ao longo do teto e percorria toda a extensão de uma das paredes. Ele esperava que as coisas tivessem melhor aparência à luz do dia, mas, à medida que o sol iluminava o quarto, tudo parecia ainda mais triste e lúgubre. O coração de Wei pesava ao pensar que teria de

voltar à Secretaria de Segurança para mais um longo dia à espera de informações a respeito de Sheng.

Tian tossiu e Wei percebeu que o amigo estava acordado.



Wei viu Tian jogar alguns pedaços de carvão no fogão para aquecer a água para o chá. Quando ficou pronto, ele aproximou um dos leitos da mesa de madeira. Wei sentou-se na única cadeira disponível, massageando as costas.

– Você dormiu bem? – perguntou Tian.

Wei assentiu.

– Durante a maior parte do tempo – disse, as duas mãos em volta da xícara. Aquele era o maior calor que sentia em muitos dias. Sobre a mesa estava seu café da manhã: o pacote de ameixas secas e uma lata de biscoitos que comprara em Guangzhou. – Aqui em Luoyang faz mais frio – acrescentou.

– Pedirei à senhora Lai mais alguns cobertores – disse Tian. – Havia me esquecido como o frio seco daqui faz doer os ossos.

– Não sei como lhe agradecer – disse Wei. – Não entendo o que estava pensando. É óbvio que vim sem planejar a viagem. Se não fosse por você, eu não saberia o que fazer.

Tian sorriu.

– Eu sabia que havia uma razão para que eu voltasse a Luoyang neste momento. É bom saber que esta viagem renderá alguma coisa.

Wei passara a vida ocupando-se de antiguidades, tentando preservar o passado e deixando de viver o presente. E agora, ele daria o que lhe restava de vida para saber se Sheng estava bem.

– É hora de seguirmos adiante – disse Wei.

Tian sorriu e bebericou o chá.



Depois de comer, Wei sentiu-se melhor. Preparou-se para o longo dia que tinha pela frente enquanto Tian limpava a mesa. Wei via o amigo mover-se com facilidade no pequeno quarto e não ousou perguntar quando este pretendia voltar a Guangzhou. Naquele momento, sentia-se grato pelo entusiasmo de Tian com o dia que tinham pela frente.

Tao

Tao ouviu alguém nas escadas e viu Suyin parada na porta, segurando o bebê.

– O que você acha do nome Meizhen? – perguntou ela. – Sua mamã a chama assim quando acha que eu não estou escutando – disse, rindo. – Agora, eu também me vejo chamando-a de Meizhen, ou Mei Mei.

– Tudo bem – disse ele, sentindo-se bem com o fato de Suyin confiar nele. – Eu gosto.

– Eu também – disse Suyin. – Então, boa noite.

SUYIN

Suyin caminhava apressada pela rua. Uma ou duas vezes por semana, pela manhã, ela executava serviços para Kai Ying enquanto tia Song cuidava de Mei Mei. Dongshan parecia diferente agora que ela, realmente, vivia ali; os casarões por trás dos muros altos não eram mais um mistério. Havia ali famílias e problemas, tal qual na Velha Guangzhou. Mas, no lugar da multidão de vozes gritando todas juntas nos apartamentos apinhados, em Dongshan havia um silêncio fervilhante, logo abaixo da superfície. Examinando cuidadosamente, ela via rachaduras nos muros de pedra e, por trás destes, as grandes casas desmoronando aos poucos, necessitando de reparos, pintura e novos azulejos. Todas as ilusões de grandeza que Suyin alimentava, desapareceram repentinamente. Ela nunca voltaria a ser a colegial de olhos arregalados que andava pelas ruas pela primeira vez, e este pensamento trouxe-lhe, ao mesmo tempo, alívio e pesar.

Era uma manhã agradável. A maioria das árvores que enfeitava a rua estava, agora, desfolhada. Já se passavam dois meses desde a última vez que Suyin andara pelas ruas na chuva, com o bebê querendo vir ao mundo. A dor era insuportável. Suyin não sabia o que teria feito se não tivesse chegado à casa de Kai Ying.



Os vendedores começavam a expor suas mercadorias quando Suyin chegou ao mercado. Kai Ying lhe pedira que comprasse um pedaço de carne magra de porco, antes que o produto estivesse esgotado. Porco era o principal ingrediente da maioria das sopas,

conferindo-lhe sabor e um pouco de gordura. Se não tivesse porco, ela deveria trazer frango.

Suyin perguntou-se se algum vendedor a reconhecia como sendo a mendiga grávida que, em outros tempos, furtava frutas e verduras. Só com muita observação, eles conseguiriam encontrar alguma semelhança com a pessoa que ela fora, e Suyin sabia que eles nunca prestaram muita atenção nela. No momento, o que pensavam dela não deveria ser importante, mas, para ela, era.

Suyin comprou um pedaço de carne de porco de uma mulher que certa vez dera-lhe um saco de ossos para sopa, por não ter ideia de que, na época, ela não tinha como fazer sopa. Ela roeu os ossos e os pedacinhos de carne crua e seca, chupou a medula e deu o que sobrou para um cão faminto. A mesma mulher, agora, entregava-lhe o pacote com a carne de porco e pegava as moedas sem olhar para ela uma segunda vez.



Do mercado Suyin caminhou em direção à Velha Guangzhou. Era ainda muito cedo. Desde que vira os irmãos, ela desejava, ardentemente, voltar a encontrar a mãe. Se Suyin se apressasse, poderia vê-la, de relance, quando estivesse saindo para trabalhar.

Fazia mais de oito meses que Suyin partira da Velha Guangzhou, o único lar que conhecera. As ruas que dominava tão bem desfilavam à sua frente: os edifícios Qilou, com corredores assobradados, enfileirados com as lojas abarrotadas de sua infância, a mistura pulsante de vozes, aromas e pessoas morando juntas, em espaços pequenos e apinhados.

Suyin parou do outro lado da rua, em frente ao prédio de dois andares onde sua família morava, atrás de um pilar, escondida na sombra do beiral de um mercadinho de verduras onde a mãe, às

vezes, fazia compras. O movimento de pedestres aumentava, incluindo consumidores que madrugavam e pessoas a caminho do trabalho. Suyin respirava lentamente e tentava acalmar-se, sabendo que, a qualquer minuto, a mãe apareceria à porta e que ela estaria a menos de cinco metros dela. Tudo o que precisava fazer era atravessar a rua, jogar os braços em volta dela e contar-lhe que era avó. O pensamento encheu-a de esperança, quando a porta do prédio abriu-se e sua mãe surgiu, mais magra e envelhecida. Ela sorria e falava com alguém que a seguia. Suyin achou que poderia ser um de seus irmãos mais novos.

Suyin saiu de trás do pilar e a palavra mamã estava na ponta de sua língua no momento em que a mãe virou-se na direção da porta. Naquele instante, Suyin viu-o. O padrasto surgiu na calçada, logo atrás dela. Aquela visão trouxe-lhe lembranças horríveis: a expressão de seu rosto, a palma da mão suada sobre sua boca. Suyin sentiu-se enjoada ao vê-los caminhar juntos pela rua. Recostou-se no pilar, sem conseguir mover-se. Uma brisa mais fria soprava e ela sentiu o prenúncio do inverno que chegava. Agasalhou-se no casaco de Kai Ying e foi-se embora da Velha Guangzhou.

KAI YING

Kai Ying achava as noites os momentos mais difíceis, quando ficava deitada na cama, desesperada, com a escuridão envolvendo-a. Durante o dia, tudo parecia como sempre fora. Kai Ying esforçava-se para que assim parecesse também para Tao, embora, dificilmente, deixasse de sentir-se ansiosa, desde a semana passada, quando chegou o telegrama contando que Wei havia chegado a Luoyang.

Ela não se permitia ter esperanças de receber notícias de Sheng. E se fossem notícias que ela não queria ouvir? O que faria ela então?

Às vezes, quase chegava a sentir o corpo de Sheng contra o seu, a respiração do marido contra sua nuca, o frescor de sua pele. Ela sentia falta do seu contato, de sua mão na curva de seus quadris. Amedrontava-a pensar que ela e Sheng poderiam nunca mais desfrutar daquela intimidade. Não havia ervas que parassem o tempo, que recuperassem o tempo perdido. Os problemas do último ano, as histórias que cada um, individualmente, criara, haviam-nos afastado da vida que outrora compartilhavam. Será que ainda conheciam um ao outro? Kai Ying sabia que estava apenas triste, mas a distância e o silêncio produziam pensamentos obscuros. Se ao menos ela conseguisse curar o medo e a inquietação com a mesma facilidade com que curava uma indigestão ou constipação...

Kai Ying sentou-se ao escutar um choro fraco seguido de silêncio. Às vezes, Mei Mei dormia a noite toda, e, quando não, Suyin, que estava se tornando uma ótima mãe, estava ao seu lado para pegá-la. Kai Ying adorava ter um bebê em casa, uma nova vida

que lhes permitia pensar no futuro. Ela não podia deixar de perguntar-se se as coisas estariam sendo diferentes, caso seu outro bebê, que agora teria três anos de idade, tivesse sobrevivido. O aborto ocorrera no início da gestação, por isso ela não sabia se era menina ou outro menino. Será que ter duas crianças teria mudado seus destinos? Mantido todos muito ocupados, sem tempo para ir a comícios políticos ou escrever cartas ao primeiro-ministro? Ela não era do tipo que sentia pena de si própria, mas era isso o que estava sentindo. Kai Ying sabia que era afortunada. Tudo o que precisava fazer era olhar para Tao para ter certeza de que Sheng estava sempre com ela.

Diga-me que ele está vivo, pensou Kai Ying. Voltou a deitar-se e fechou os olhos, desejando que Wei a escutasse. *Diga-me que ele voltará logo para casa.*

WEI

Durante dois dias, Wei sentou e esperou, em um banco de madeira duro, do corredor carregado de correntes de ar, da Secretaria de Segurança Pública. Em Luoyang ele sentia um frio constante, a jaqueta abotoada até o pescoço. Achava que caso se sentasse com as costas eretas, estas doeriam menos. A cama onde dormia, na pensão, era muito macia, e, a não ser pela primeira noite, quando estava exausto, ele não vinha dormindo bem.

Durante a maior parte do tempo, Tian lhe fazia companhia, embora saísse para passeios frequentes, e sempre voltasse com algo para Wei comer. Quem poderia culpá-lo? Tudo o que Wei fizera, desde sua chegada a Luoyang, fora sentar e esperar. Wei fechou os olhos, na esperança de que Liang viesse confortá-lo, mas ela não veio. Voltou a abrir os olhos e olhou em volta do lúgubre prédio, muito distraído por pensamentos desesperadores e pelo barulho constante no corredor apinhado, para que conseguisse concentrar-se. Por que estaria demorando tanto? Se Sheng estivesse em Luoyang, será que já não o teriam encontrado?



O oficial Hu havia lhe dito que primeiro teria de localizar Sheng, para depois obter uma autorização para que o pai visitasse o filho. Ele lembrou Wei de que havia outros na sua frente aguardando a autorização. Mas, em vez de se antagonizar, Wei decidiu mudar sua tática e agradecer a Hu polidamente.

– Sim, é claro, eu compreendo – disse, de um modo quase cordial.

– Vejo que está aprendendo – disse Tian, brincando com ele.

Wei surpreendeu-se com a facilidade com que falava com Tian, que, há menos de uma semana, era um estranho.

Wei pigarreou e disse:

– Você conhece o ditado: *O sábio adapta-se às circunstâncias do mesmo modo que a água se molda à jarra*? Parece que durante a maior parte da vida eu fui a jarra. Havia esquecido como ser fluido, mas sinto que finalmente estou aprendendo.

Tian sorriu.

– Você lembra meu pai – disse –, embora eu ache que ele nunca aprendeu.



Na manhã do quarto dia, quando Tian estava fora, comprando alguma coisa para comerem, o oficial Hu saiu de seu cubículo e aproximou-se de Wei, que estava sentado no corredor.

– A autorização para que você veja seu filho foi concedida – disse ele, empurrando-lhe um pedaço de papel fino e amarelo em sua direção.

Levou um instante para que Wei percebesse o que Hu dizia.

– Vocês o encontraram?

– É claro – disse o oficial Hu. – Eu havia lhe dito que levaria algum tempo.

Ele poderia ver o filho. Significava que Sheng estava vivo e em Luoyang. Vivo.

– Vivo – sussurrou, olhando para o oficial Hu.

Até aquele momento, Wei não se deixara pensar o contrário. Mas, conforme os dias passavam, ele começara a perder as esperanças. Chegou a imaginar que Sheng havia morrido devido à sua covardia. Se assim fosse, o que ele diria a Kai Ying e Tao? Agora que sabia que o filho estava vivo, Wei sentia uma chama

espalhar-se pelo corpo, e, pela primeira vez em quase uma semana, não sentia frio.

Wei levantou-se e agarrou o pedaço de papel, lutando para conseguir falar.

– Obrigado – disse finalmente, embora Hu já tivesse voltado para o seu cubículo.

A CIDADE DOS FANTASMAS

NOVEMBRO DE 1958

WEI Estava programado
que Wei visitaria Sheng na
tarde seguinte, na
instituição correcional do
distrito de Ruyang, distante
uma hora de Luoyang via
transporte público. O oficial
Hu lhe disse tratar-se de
uma cidade vizinha da
pedreira onde Sheng
trabalhava e na linha de
ônibus da cidade. Foi a
coisa mais útil que ele

fizera durante toda a semana.

Quando ele e Tian saíram da secretaria e caminharam pela rua apinhada, Wei sentiu-se um homem completamente diferente daquele que entrara no prédio há algumas horas. Sheng estava vivo. O fio de esperança ao qual todos eles se agarraram durante quase um ano agora era uma realidade.

– O que você gostaria de fazer agora? – Tian perguntou.

Wei queria contar a Kai Ying e Tao as boas-novas, mas decidiu esperar até que visse Sheng.

– Poderíamos ver os horários dos ônibus para Ruyang? – perguntou Wei. – Eu não gostaria de chegar até aqui e perder o ônibus que me levaria ao destino final.

Tian sorriu.

– Nada neste mundo o faria perder aquele ônibus amanhã.

– Não diga mais nada – disse Wei. – Eu não gostaria de provocar os deuses.

– Eu acho que os deuses já se manifestaram.

Wei riu.

– Então, nós não queremos que eles mudem de opinião.



De acordo com a tabela de horários, o ônibus para Ruyang partia a cada duas horas. De lá, Wei poderia caminhar até a instituição correcional. Wei contou tudo isso a Tian, na esperança de que este dissesse que iria com ele, mas Tian simplesmente assentiu e ficou em silêncio. Naquela tarde, enquanto os dois caminhavam pelo Parque Wangcheng e visitavam o famoso jardim das peônias, Wei

ficou sabendo que Tian voltaria para Guangzhou na manhã do dia seguinte. Quando ele estivesse embarcando no ônibus com destino a Ruyang, Tian já estaria no trem, voltando para Guangzhou.

– Desculpe-me – disse Wei. – Eu tomei muito do seu tempo aqui em Luoyang.

– De jeito nenhum.

– Para você, não deve ter sido uma boa viagem, tendo de pajear um velho na maior parte do tempo.

– Sua companhia foi muito bem-vinda – disse Tian. – Às vezes, as melhores lições estão na jornada, e não no resultado.

Wei viu-o acender um cigarro. Tian era tudo o que Wei não era.

– Você encontrou o que procurava?

– Descobri que não tenho nada aqui em Luoyang – disse Tian, inalando a fumaça. Ele soltou-a e sorriu. – Portanto, sim, encontrei o que procurava. Voltar aqui me ajudou a perceber que a Ai-li que conheci e amei não existe mais – Tian pigarreou. – Nós vínhamos sempre aqui, ver as peônias, mas até elas pareciam mais bonitas em minhas memórias.

– Fui mestre em viver no passado – disse Wei. – É um lugar muito solitário. Aceite meu conselho: vá para casa e viva sua vida.

Tian sorriu e assentiu.

– Sim – disse ele.

Eles chegaram a uma encruzilhada no caminho e Tian conduziu Wei para a esquerda.

– Você tem sido uma grande ajuda – disse Wei. – Eu não sei o que...

– Você teria feito exatamente a mesma coisa, sozinho – disse Tian.

– Por que será que eu consigo me abrir com tanta facilidade com você, e, ao mesmo tempo, não faço a mínima ideia do que direi ao meu próprio filho quando o encontrar? – perguntou Wei.

– O fato de você ter viajado até aqui para vê-lo já diz muito – disse Tian. – O resto virá naturalmente. Portanto, venha, vamos celebrar com uma bela refeição.

O céu havia clareado quando eles saíram do parque, embora o espírito de Wei continuasse sombrio devido à partida de Tian, no dia seguinte. Era como se ele estivesse abrindo mão de um filho por outro.

SUYIN

Quase todas as tardes, enquanto Mei Mei dormia, Suyin voltava para a cozinha tomada de vapor e aroma. Durante a curta calmaria logo depois do almoço, Kai Ying continuava a lhe dar aulas sobre ervas. Suyin aproveitava todas as oportunidades de que dispunha para aprender. Quanto mais compreendia, mais fascinada ficava com o meticuloso processo, grata a Kai Ying por suportá-la. As lições sempre começavam com o mesmo mantra: *Lembre-se sempre, se você conserva o sistema imunológico sadio, poderá evitar doenças antes que elas surjam. Esse é o fundamento da medicina fitoterápica.*

Suyin ouvia estas palavras durante o sono.

Ela começara a ajudar Kai Ying a empacotar as ervas básicas que os pacientes vinham comprar para uso diário. Suyin aprendeu que juntamente com os ingredientes básicos, ginseng, goji berries, inhame chinês e astragalus, outras ervas, tais como raiz de alcaçuz, gengibre e efedrina eram colocadas em sopas, dependendo da área do corpo que apresentasse carência de *qi*, a energia que mantinha os órgãos vitais funcionando sem problemas. Os ingredientes eram cozidos com um pedaço de carne de porco magra ou de peixe branco, para acrescentar sabor, se você tivesse a sorte de ter dinheiro e se conseguisse encontrar um desses ingredientes no mercado.

Cuidadosamente, Suyin pegou diversas jarras e delas retirou as ervas, medindo-as sobre pedaços de papel branco e embrulhando-as em dois pacotinhos perfeitamente quadrados.

– Ótimo – disse Kai Ying. – O senhor Wong virá buscá-los a qualquer momento.

Suyin sorriu. Ela não havia percebido a falta que sentia da escola e de aprender. Kai Ying era a primeira pessoa, desde então, que despendia tempo para ensiná-la. Mais do que qualquer coisa, ela queria provar que era uma aluna que valia a pena.

– Obrigada – disse.

– Eu é que devia lhe agradecer – disse Kai Ying –, por distrair Tao na noite da partida de Lo Yeh, quando ele estava fazendo todas aquelas perguntas. Às vezes eu não tenho todas as respostas.

Suyin viu-a pegar uma jarra de vidro da prateleira mais alta e tirar dali um fungo seco de aparência complicada, que ela achou parecer com uma orelha murcha.

– Eu tenho dois irmãos mais novos – repentinamente Suyin deixou escapar. Era a primeira vez que ela, voluntariamente, contava alguma coisa sobre sua família. – Eles também fazem muitas perguntas.

Kai Ying parou o que estava fazendo e olhou para a menina.

– Por isso você é tão boa com Tao.

Suyin sentiu a face corar. Seus dois irmãos mais novos tinham pouca diferença de idade, e ela nunca pensara de si própria como nada além de irmã mais velha, que apartava brigas e ameaçava-os quando não se comportavam. Eram particularmente difíceis durante as longas tardes, depois da escola, quando os dois ficavam por conta dela. Suyin perguntou-se se sua mãe achava que ela sabia cuidar deles, que era boa com os irmãos. Em caso positivo, ela nunca lhe dissera. Mas tudo estava bem até a mãe voltar a se casar.

– Minha mamã criou nós três, sozinha, por diversos anos – Suyin prosseguiu. As palavras que ela guardara por tanto tempo de repente disputavam para libertar-se. – Certo dia, quando eu tinha oito anos, meu papá saiu para trabalhar e nunca mais voltou. Minha mãe voltou a se casar quando eu tinha doze.

– Sua família vive em Guangzhou?

Suyin hesitou. Talvez Kai Ying a mandasse voltar para casa, se soubesse que eles viviam em Guangzhou. Mas mentir não fazia sentido. Tao tinha visto seus irmãos.

– Sim – respondeu ela, finalmente.

– Sua mãe sabe a respeito do bebê?

Suyin fez que não.

– Saí de casa quando a barriga começou a aparecer. – Ela sentiu um gosto amargo e tentou não pensar no padrasto.

Kai Ying colocou a jarra com o fungo de volta na prateleira e virou-se para ela.

– Então, ela não sabe onde e como você está?

Suyin voltou a negar.

– Nem que é avó? – Kai Ying perguntou, elevando, ligeiramente, o tom de voz.

Suyin permaneceu em silêncio. Inconscientemente, levou a mão até a bochecha, a pele feia agora quase imperceptível. Sentiu uma dor aguda no estômago, ciente de que seu tempo em Dongshan estava perto do fim. O que deveria fazer agora? Tinha quinze anos de idade e um bebê. Não podia voltar para casa e morar com o monstro, no mesmo apartamento.

Foi Kai Ying quem voltou a falar: – Vamos pensar em alguma coisa – disse ela, antes de tirar a mão de Suyin de seu rosto e

segurá-la.

Suyin não se moveu. Fazia tanto tempo que alguém não segurava sua mão. A mão de Kai Ying era quente e macia e a menina segurou-a com firmeza, como se estivesse prestes a cair, como se a parede que construía tão meticulosamente durante o último ano estivesse despencando sobre ela.

– Ele chegou bêbado, certa tarde – começou Suyin, com o coração acelerado. – Eu não sabia o que fazer. Antes de entender o que estava acontecendo ele me agarrou, me jogou no chão e estava em cima de mim – disse ela em um só fôlego.

– Quem? – perguntou Kai Ying. – Quem fez mal a você?

Nas semanas que se seguiram ao estupro, Suyin fantasiava ter reagido, ter pegado um dos velhos martelos do pai e golpeado o padrasto com toda a força, repetidas vezes, até que ele parasse de se mexer, empurrado seu peso morto para longe dela, enquanto a sala girava e o devaneio terminava com um momento de puro alívio, antes que a sensação voltasse a desaparecer.

– Meu padrasto – disse ela, cuspiendo as palavras.

Suyin não ousou olhar, quando Kai Ying, de repente, tirou a mão. Ela ficou olhando para a mesa, suas lágrimas caindo na madeira arranhada e manchada, compreendendo que sua fome não era apenas de comida. Durante todos aqueles meses, ela tivera fome de calor, abrigo e família. A menina não conseguia parar de chorar, até sentir os braços de Kai Ying em volta de seu corpo, aquecendo-a.

– Está tudo bem – sussurrou Kai Ying em seu ouvido. – Você pode ficar aqui pelo tempo que desejar. Aqui você sempre terá um lar.

Suyin tentou dizer alguma coisa, mas tudo o que conseguiu fazer foi soluçar. *Um lar*, pensou ela, chorando ainda mais.

WEI

O dia começou com um sabor agridoce. Wei sugeriu que parassem para tomar o café da manhã, a caminho da estação de trem. Seria bom caminhar antes da longa viagem que Tian tinha pela frente. Wei memorizou as ruas, para não se perder depois da partida do amigo. Eles já haviam combinado voltar a encontrar-se em Guangzhou, quando Wei voltasse. Wei havia esquecido que a vida ainda podia surpreender um velho, como ele, que tivera de viajar até Luoyang para encontrar um amigo em Guangzhou.

Na estação de trens, Wei não achou que seria tão difícil despedir-se de alguém que, há uma semana, ele mal conhecia.

– Obrigado, Tian, por tudo o que você fez por mim – disse Wei. – Sua orientação foi muito importante.

– Eu não fiz nada – disse Tian. – Apenas sinto pelo fato de não poder estar aqui para saber como foi o encontro com seu filho.

– Eu lhe contarei tudo quando voltar a Guangzhou.

– Mal posso esperar.

Wei e Tian trocaram um aperto de mãos; em seguida o rapaz embarcou no trem, virando-se para acenar antes de desaparecer dentro do vagão. Pelas janelas, Wei viu passageiros dispersos, ocupando seus lugares. Viu, também, Tian passar por eles, e escolher um assento junto à janela, nos fundos do vagão; agora que sua história chegava ao fim, ele preferia um local silencioso, longe das outras pessoas.

Wei virou-se quando uma mulher, que vendia bolinhos fritos, puxou seu braço. Ele balançou a cabeça e afastou-se. Desanimada, ela batia nas janelas do trem, na esperança de que algum

passageiro comprasse sua mercadoria. Wei deu um passo atrás e esperou. Quando o trem começou a movimentar-se, procurou por Tian, mas não conseguiu mais ver o amigo sentado perto da janela. Mesmo assim, levantou o braço e acenou.

Tao

Foi o Pequeno Shan quem se aproximou primeiro, no pátio da escola, certa manhã. Embora não estivesse muito frio, Shan usava um suéter, jaqueta acolchoada e uma echarpe de lã em volta do pescoço. Tao sabia que era sua avó quem o fazia usar aqueles agasalhos, todos os anos, depois do Festival do Meio do Outono, fizesse frio ou calor. Ele lembrava o velho Pequeno Shan que fora um dia.

– O que foi? – perguntou Tao, abruptamente.

– Acho que precisamos dar uma trégua – disse o Pequeno Shan, que mantinha as mãos nos bolsos, apoiando-se, alternadamente, em um pé e no outro, como se estivesse mesmo com frio.

Trégua. Era o que sempre diziam quando ainda eram amigos e tinham algum desentendimento e nenhum dos dois queria ceder e pedir desculpas.

Tao pensou a respeito. O Pequeno Shan o havia traído, para ser um dos cães de guarda de Lai Hing, e agora queria voltar a ser seu amigo. Mao o teria mandado embora por menos que isso, como fizera com seu pai. Ele estudou o rosto do Pequeno Shan, tentando entender o que havia acontecido durante os últimos meses, como toda a sua vida virara de cabeça para baixo desde que caíra da sumaúma. No entanto, ali estava ele. O Pequeno Shan não o abandonara totalmente, salvara-o do ataque de Lai Hing e sua turma. *Melhores amigos são difíceis de encontrar*, dissera seu avô. Seu vovô era difícil de encontrar. Jamais haveria alguém como seu avô, e Tao desejava tê-lo de volta, mas, até lá, o Pequeno Shan estava ali, esperando bem à sua frente.

– Trégua – disse Tao.

KAI YING

Kai Ying tentava manter a rotina e não pensar, a não ser no que precisava fazer no dia a dia. Ela aguardava, ansiosamente, por um novo telegrama de Wei, contando que Sheng estava vivo e bem, porém, mais uma semana de silêncio sufocante já se passara.

Seus momentos mais gratificantes eram as tardes, quando ensinava Suyin, e esta escutava, atentamente, tudo o que ela dizia sobre ervas, e questionava-a acerca de remédios simples e tratamentos básicos. Seu ritmo era confortável e Kai Ying gostava de ensinar. Ela, agora, compreendia a satisfação que Wei e Sheng sentiam com seus estudantes, pois suas aulas com Suyin eram cada dia mais longas.

– Que erva você prescreveria para dor de garganta e febre? – perguntou ela para Suyin.

O rosto da garota ficou sério e pensativo. Kai Ying viu um momento de hesitação, que, prontamente, transformou-se em certeza.

– A raiz da dedaleira – respondeu Suyin.

– Sim – disse Kai Ying, sorrindo.

O rosto de Suyin iluminou-se de alegria.

Dessa vez ela não hesitou.

– Ajuda a tirar o calor do corpo e a esfria o sangue.

Suyin tinha talento. No final daquela aula, Kai Ying subiu e procurou por algo na gaveta de sua escrivaninha. Encontrou o saquinho de algodão. Nele estavam as pérolas que pegara do Fitoterapeuta Chu, na época em que era sua aprendiz. Sua intenção

sempre fora devolvê-las, mas agora ela sabia que havia uma razão pela qual não o fizera: precisava passá-las para um novo aprendiz.

De volta ao andar inferior, colocou as pequenas pérolas translúcidas na palma da mão.

– O que é isso? – perguntou Suyin.

– Cada uma destas pérolas representa o tempo que levará para você aprender o trabalho básico com as ervas.

Suyin parecia confusa.

– Lembra-se do creme para a pele que eu lhe dei? – Kai Ying perguntou.

Suyin assentiu, seus dedos acariciando a face, as marcas escuras agora quase imperceptíveis.

– As pérolas são o ingrediente secreto do qual lhe falei – disse Kai Ying, colocando uma delas na mão de Suyin. – Quando você tiver colecionado todas estas pérolas na palma de sua mão, vinte e quatro meses terão se passado, e você terá aprendido mais sobre ervas do que jamais imaginara – explicou Kai Ying. – Isso se você quiser – acrescentou.

– Sim – respondeu Suyin, fechando a mão em torno da pérola –, eu quero.

WEI Wei partiu para Ruyang no ônibus do meio-dia. Mexeu diversas vezes no bolso, para certificar-se de que a autorização dos administradores do campo, fornecida pelo oficial Hu, estava ali. Ver o nome de seu filho impresso no papel havia trazido Wei de volta à vida, tornando tudo real. No colo de Wei estava a sacola que continha o casaco de lã, trazido de

Guangzhou. Ele não fazia
ideia se o filho poderia
receber alguma coisa, mas
estava determinado a dar-
lhe o casaco de qualquer
maneira.

O ônibus estava lotado de trabalhadores barulhentos a caminho do serviço. Ele sentou-se na frente, perto da janela, e fechou os olhos por um instante, protegendo-os da luz do sol. Desde a primeira noite, no trem, Liang não voltara a aparecer para ele. Sua maior mágoa era o fato de amá-la mais na morte do que em vida.

Wei abriu os olhos e observou as planícies áridas cercadas de altas montanhas a distância. Perguntou-se se a famosa Gruta de Longmen e o Templo de Fengxian com seus muitos Budas escavados na pedra, estariam ali. Pela primeira vez desde que chegara a Luoyang, Wei pensava naquele lugar como o outrora berço da civilização chinesa, local de encontro dos maiores poetas e escritores chineses e onde foram produzidas grandes obras da literatura. No passado, o coração de Wei teria disparado de excitação por estar tão perto de antigos tesouros artísticos, mas, naquele momento, aquela era apenas uma memória distante, e o

local, uma região distante para onde Sheng fora trazido a fim de ser reeducado.

A instituição correcional era um prédio caiado de três andares, cercado de muros altos com arame farpado. Wei segurava a autorização e, em seguida, observou enquanto o papel passava das mãos de um oficial uniformizado para as dos seguintes, até que lhe foi permitido passar por um corredor escuro e lhe foi dito que esperasse no final desse corredor.

– Seu filho será trazido, em breve – disse-lhe uma mulher, seu tom de voz monótono e cansado. E então, ela se foi.

A sala, sem janelas, era fria e inóspita. Diversas lâmpadas fracas pendiam do teto. Havia três fileiras de cinco mesas de madeira com cadeiras umas em frente às outras. Wei sentou-se na que estava mais próxima da porta, enquanto outra mulher, mais velha, aguardava sentada à mesa do outro lado da sala. Ela observou Wei de relance. Wei fora alertado de que havia recebido direitos especiais de visita, uma vez que visitas eram permitidas apenas no início ou fim do mês. Ele perguntou-se se a mulher também teria vindo de longe. Ficou tentado a iniciar uma conversa, perguntar-lhe quem ela viera visitar, mas eles haviam escolhido mesas distantes uma da outra, resguardando sua privacidade. Por isso achou melhor desistir da ideia.

Quando a porta, finalmente, abriu-se, o coração de Wei deu um salto. Ele respirou fundo, deixando o ar escapar lentamente, ao ver entrar uma moça magra, com a cabeça raspada, acompanhada de uma agente. A prisioneira estava curvada para frente e movia-se devagar, como se estivesse sentindo muita dor, mas com a cabeça erguida o suficiente para que Wei pudesse ver o olho roxo, os lábios

inchados e o quanto era jovem. Não era mais velha que Suyin. Quando passou por ele, deixou um rastro fétido, forçando Wei a dar-lhe as costas.

A mulher mais velha já estava pondo-se de pé, mas a oficial levantou a mão, impedindo-a. A velha, que Wei assumiu ser mãe da menina, hesitou e voltou a sentar-se. Wei pôde ver como estava ansiosa para aproximar-se da garota. Em vez disso, agarrou a borda da mesa e esperou. A agente empurrou a jovem para uma cadeira em frente à da velha e deu um passo atrás.

– Quinze minutos.

Respeitosamente, Wei ficou olhando para a mesa. Não havia para onde escapar. Sabia que privacidade podia advir, apenas, de pequenos gestos como olhos fechados, dar as costas ou olhar fixamente para o tampo da mesa. Pelo menos, propiciaria distância emocional. Ficou observando o tampo pegajoso e desgastado. Alguém acrescentara ao desespero uma ranhura profunda ao tampo da mesa, que fazia uma curva de uma borda à outra. Quanto mais Wei estudava a ranhura, mais esta parecia seguir o traçado do Rio Amarelo, que corria ao longo da região central da China. Ele passara horas sem fim escrutinando mapas e rastreando artefatos naquela área onde tanto da civilização chinesa tivera início. O rio percorria nove províncias, de Qinghai ao Mar de Bohai, onde a mesa terminava. Wei não deveria estar imaginando aquilo, mas a ideia encantava-o. O Rio Amarelo representava o espírito do povo chinês, e não era apenas apropriado, mas inspirador, o fato de alguém ter se preocupado em riscá-lo na mesa, como um símbolo para todos aqueles que vinham visitar seus entes queridos. Ainda

que ele fosse o único a ter feito aquela analogia, já dava certo entusiasmo.

Ele estudou o tampo da mesa com atenção, perguntando-se como a ranhura teria sido feita, e por quem, visitante ou interno. Com uma caneta? Um objeto pontiagudo? Por rebelião ou desespero? Deve ter requerido planejamento cuidadoso e habilidade para não ter sido impedido pelos guardas. Ele imaginava a sala repleta de visitantes, vozes exacerbadas para que fossem ouvidas, os guardas reunidos no canto, fumando, ignorando as reuniões. O dedos de Wei percorreram a linha e ele sorriu face ao segredo. Ele havia sido revistado com cuidado antes de entrar no prédio, e tinha tido a presença de espírito de vestir o casaco de Sheng ao invés de carregá-lo. Perguntou-se quantos outros já deviam ter preparado planos intrincados e desafiantes, para os dias de visita.

Quando Wei voltou a olhar para cima, a prisioneira do outro lado da sala baixara a cabeça sobre a mesa, como se não conseguisse mais mantê-la. A mãe acariciava a cabeça da menina, enquanto murmurava algo, baixinho. Wei tentou ouvir o dialeto e achou que compreendia algo sobre tempo e paciência. No momento seguinte, um grito assustado partiu da moça. *Quieta, agora, quieta, agora*, a mulher mais velha acalmava-a, levantando a voz para que a oficial soubesse que as coisas estavam sob controle. Naquele momento, a porta abriu-se e ele virou-se para ver se era Sheng quem entrava.

O guarda que se aproximou de Wei era um homem graúdo, com cabelos cortados bem curtos e olhos sonolentos. Este se debruçou sobre a mesa o suficiente para prender Wei entre ele próprio e a mesa, a sombra do oficial fazendo sombra sobre ele.

– Lee Wei? – perguntou ele. Sua voz era surpreendentemente alta para um homem tão grande.

Wei assentiu.

– Sim, sou Lee Wei.

O guarda endireitou-se.

– Sinto informar que houve uma confusão. Seu filho partiu para a mina esta manhã, antes de saber que o senhor o visitaria. Ele não se encontra aqui.

Wei ficou confuso.

– Você está dizendo que não poderei ver meu filho hoje?

– Hoje não.

– Mas esta permissão – disse, tirando o papel do bolso –, está com a data de hoje. Veja. Posso encontrá-lo na pedreira? Caso contrário, poderei usar esta permissão amanhã?

O guarda deu de ombros.

– Os visitantes são recebidos apenas aqui. Você terá de reaplicar com o gerente da unidade ou no gabinete de segurança pública.

Wei estava incrédulo. Tinha vindo tão longe, estava tão próximo de encontrar Sheng, quase podendo ouvir sua voz, ver seu sorriso pueril. Em vez disso, teria de começar tudo outra vez.

– Não pode ser – murmurou para si mesmo, mas o guarda já havia fechado a porta atrás dele.



Do outro lado da sala, a agente aproximou-se da menina, fazendo sinal de que o tempo havia se esgotado. Wei ouviu o grito agudo da garota quando a agente pegou-a pelo braço erguendo-a da cadeira.

– Vá tranquilamente, vá tranquilamente, eu voltarei em breve – disse a mãe, em tom suplicante. A garota agarrou a mão da mãe pelo tempo que foi possível, até ser arrastada para longe.

SONG

Song examinou seu jardim, ciente de que a área vazia, onde Tao acabara de plantar novas sementes, em breve estaria preenchida. No início da primavera o jardim floresceria, provendo uma nova safra de verduras para os meses seguintes. Ela observava aquilo dia pós dia, já na forma de repolhos, cebolinhas e brotos de ervilha brotando, e rezava para que Kuan Yin já tivesse trazido Wei, em segurança, na época de colher as cebolinhas, e que Sheng estivesse de volta até a próxima colheita.

Os últimos anos haviam sido benevolentes e ela era grata por isso. Mas Song não esqueceria que tudo podia acontecer, que a natureza tinha formas de dar e também de tirar.



O único ano em que o jardim de Song não floresceu foi durante seu segundo ano no casarão. Chovera incessantemente, durante semanas, e o solo no qual ela trabalhara tão arduamente para limpar alagara, transformando-se em um charco, a terra tomando volume com toda aquela água e as sementes que ela plantara, boiando na superfície, como pequenos cadáveres. Qualquer fruto depois daquilo seria um milagre.

Quando as chuvas, finalmente, deram uma trégua, Song levantou a barra da calça de algodão e pisou, descalça, na lama, tentando descobrir sua profundidade e se algo poderia ser salvo. Seus pés afundando no lodo, acima dos tornozelos, toda vez que tentava levantar um dos pés, afundava um pouco mais, escutava um som de algo sendo sugado e via bolhas de ar atingindo a superfície. Precisava de uma alavanca em que se agarrar. Song tinha vontade

de rir de sua estupidez, e não podia deixar de perguntar-se se ser sugado em areia movediça seria assim. E se não conseguisse sair, morreria ali, em pé, coberta de lama? Que jeito idiota de morrer, pensou.

– Posso ajudar? – Sheng perguntara.

Ele havia aparecido do nada, na época um adolescente alto e desengonçado. Ela não o havia escutado e nem percebido que ele estava ali, observando-a, divertido.

– É claro que pode – disse ela, pegando sua mão, sem palavras para agradecer o fato de ele estar ali.

Sheng debruçou-se, pegou as mãos de Song, primeiro uma, depois a outra, e, devagar, puxou-a para fora. Quando seus pés deram o pontapé final fora da lama, esta cobriu de respingos as roupas de Song. Ele começou a rir e, pela primeira vez, Song deu-se conta de que Sheng estava crescendo, tornando-se uma pessoa cheia de vida e malícia. Com o tempo, seu temperamento ia ficando cada vez mais parecido com o de Liang. Ao contrário de Wei, ambos eram capazes de rir de si mesmos. Sheng nunca contara a ninguém sobre ter ficado presa na lama, e, ao longo dos anos, aquele fato converteu-se em uma piada que pertencia apenas aos dois. Depois disso, ele nunca deixava de checar Song logo após uma tempestade.

Há muito tempo, aquele episódio não lhe vinha à mente, e recordá-lo fez seus olhos encherem-se de lágrimas. Song lembrava-se da surpresa que teve, semanas mais tarde, ao ver alguns brotos verdes na terra há pouco encharcada – as sementes que restaram buscando a luz do sol. Ela maravilhava-se ante a resiliência da natureza, sua teimosia em sobreviver.

Era exatamente o que pensava a respeito de Sheng.

WEI

Quando Wei chegou de volta a Luoyang, era muito tarde para encaminhar-se à Secretaria de Segurança Pública. Levaria, pelo menos, dois ou três dias, até que uma nova permissão fosse processada, isso se o destino estivesse a seu favor. Wei não tinha certeza de que teria energia para passar por tudo outra vez. Estava cansado e faminto, e perguntava-se quantas vezes teria de enfrentar aquela burocracia infundável, até, finalmente, encontrar Sheng.

O quarto parecia vazio sem Tian, e a presença da derrota era sentida em cada canto. Mas, ao sentar-se na cama envelhecida, pôde ouvir a voz encorajadora de Tian: *Venha agora, você está cansado, amanhã voltará lá e o oficial Hu lhe dará uma nova autorização. Você sabe o que precisa fazer, e, da próxima vez, verá seu filho.* Wei tentou sorrir, mas, com a mesma facilidade, poderia chorar, seu coração tão pesado com a perda.



Na manhã seguinte, o oficial Hu reagiu com pouca ou nenhuma simpatia. Preencheu um novo formulário e mandou que Wei esperasse, como da outra vez. Mas deve ter sentido pena. Dois dias depois, Wei estava no mesmo ônibus, rumo a Ruyang. Estava começando a sentir-se um nômade, indo de um lugar para o outro, sem lar, como os *hakka*, o povo chinês conhecido como o “povo visitante”, que migrou para o sul ao longo das dinastias, devido à inquietação social. A nova autorização estava em seu bolso e Wei não se permitiu pensar no que faria se não visse Sheng. O dinheiro estava acabando; o que ele tinha era suficiente para mais uma,

talvez duas noites na pensão e para a passagem de volta. E depois? Ele não poderia voltar a Guangzhou, para Kai Ying e Tao, sem ter visto Sheng. O que pensariam dele? Wei tentou tirar da cabeça os maus pensamentos.

O ônibus seguia e Wei fechou os olhos. No início, havia apenas a escuridão, mas, em seguida, tudo começou a iluminar-se. *Você se lembra, ele ouviu a voz de Liang, quando Sheng era menino, e estava determinado a empinar sua pipa em forma de dragão mesmo quando não havia vento?* Ele assentiu ante a lembrança, a voz calma de Liang e a sua própria voz voltam a ele, depois de tantas semanas. *Sim*, disse ele. Wei podia vê-la sorrir. *Lembra-se de como ele corria pela rua, tentando conseguir vento, até finalmente desistir? E como era você quem lhe dizia que o vento voltaria logo, mas que ele precisava ser paciente? O vento voltará*, disse Liang. *Você veio até aqui, agora ouça suas próprias palavras.*

Wei queria tocar Liang, mas tinha medo de que ela desaparecesse; contentou-se com o fato de senti-la ao seu lado. Pouco tempo depois, o ônibus fez uma curva acentuada antes de parar e Wei foi forçado a abrir os olhos. Piscou contra a claridade e viu que havia chegado ao centro da cidade de Ruyang, a uma curta caminhada da instituição correcional.

KAI YING

Kai Ying havia acabado de atender um paciente quase cego, cuja esposa conduzia pelo pátio. Pouco podia ela fazer pelo paciente, que se recusava a consultar um médico, a não ser oferecer-lhe um chá adocicado à base de goji berries e flores de crisântemos, conhecidos por sua ação em doenças relacionadas à visão.

Enquanto aguardava o próximo paciente, Kai Ying fazia um balanço das ervas que estavam terminando. A casa estava em silêncio, durante a pausa daquela manhã atribulada, conferindo-lhe um momento para organizar os pensamentos. Tao estava na escola, tia Song estava com Meizhen no jardim e ela mandara Suyin comprar arroz e óleo de cozinha com seus últimos cupons mensais.

Kai Ying olhou para o teto ao escutar o que parecia ser passos, vindos do quarto no andar de cima, seguidos de um rangido nas escadas, embora não houvesse mais ninguém na casa. *Trata-se, apenas, do velho casarão pregando peças, deslocando-se e suspirando com a idade*, pensou ela. Ou os fantasmas das empregadas de Wei, Sun e Moon, à espreita. Ela sorriu para si mesma. Durante os dez anos em que vivia ali, Kai Ying nunca vira nenhuma delas. Talvez estivessem, enfim, fazendo-lhe uma visita.

Kai Ying percorreu os aposentos. Não havia ninguém no andar de cima. *O que está acontecendo comigo?* Perguntou para si mesma. O único aposento em que não entrara era o do sogro, o qual vinha evitando desde que este partira para Luoyang, há quase duas semanas. Agora, embora não houvesse mais ninguém em

casa, Kai Ying bateu na porta e esperou pela resposta de Wei, que não viria. Abriu a porta com cuidado e entrou.

O quarto estava escuro e tinha cheiro de mofo, dos velhos livros, e de óleo de gengibre e gergelim, que ela preparara para ele. A garrafa sobre a escrivaninha fez com que ela se preocupasse por ele não tê-la levado, no caso de suas costas doerem. As cortinas estavam abertas apenas o suficiente para que um raio de luz prateado iluminasse o móvel de madeira escura.

Kai Ying abriu as cortinas e a luz empoeirada da manhã inundou o aposento, fazendo com que parecesse tedioso e pesado. Ela costumava entrar e sair daquele quarto para limpar ou trazer chá para o sogro. Agora, estava parada ali, e olhava com atenção. As prateleiras, que forravam as paredes, transbordavam de livros, dando ao quarto um ar pesado e único. Sobre a escrivaninha havia papéis, um livro de poesia do poeta Tu Fu, uma foto de Liang e Sheng, quando este era menino. Era a foto que ele manteve em seu escritório em Lingnan por mais de trinta anos. Ela imaginou-o olhando para ela diariamente, e perguntando-se para onde havia ido todo aquele tempo.

Como a maior parte do casarão, o quarto estava em estado deplorável. Kai Ying viu as manchas de umidade no teto, a pintura que descascava, e a intrincada moldura nas paredes, agora escondida sob anos de negligência. O majestoso casarão era, agora, o invólucro consumido do que fora outrora.

Kai Ying fechou os olhos e imaginou o que deveria ter sido para Wei crescer no casarão no auge de sua beleza e da prosperidade de sua família, quando as ideias de Mao e do partido eram inconcebíveis. Mais tarde, Liang e a universidade eram a vida dele,

e Kai Ying nunca deixara de perceber o quão solitário ele devia sentir-se agora, sem nenhum dos dois, apegando-se ao pouco que restara do passado. Ela também não seria capaz de esquecer.

Kai Ying abriu os olhos e debruçou-se sobre a escrivaninha de Wei para arrumar uns papéis e canetas. *Ele devia ter escrito a carta ali*, pensou ela, sentindo-se triste. Cuidadosamente, fechou o livro de poesias, presente de Sheng de muito tempo atrás. Sua mão descansou sobre a capa por um instante, antes que ela se virasse e abrisse a janela, deixando o ar fresco entrar.

RUYANG, 21 DE NOVEMBRO DE 1958.

Querida Kai Ying,

Tenho pouco tempo para explicar-lhe tudo. São quase cinco horas da manhã e estava de partida para a pedreira, quando Hou, meu gerente de unidade, informou-me que a petição de meu pai para visitar-me havia sido concedida e que eu o veria por um breve período nesta tarde. Não pude acreditar no que ouvia. Meu pai. Parece que tenho olhado para a escuridão por tanto tempo, que havia esquecido que existem raios de luz. Tenho apenas alguns momentos roubados para usar com você nesta carta, e parece que estou tropeçando em todas as palavras que quero lhe dizer. Meu grupo de trabalho vai partir em poucos minutos, e então, não haverá tempo para voltar a escrever-lhe. Pela primeira vez em muitos meses, sou um homem feliz, pois sei que meu pai lhe entregará esta carta.

Foi o líder do meu grupo de trabalho quem parou de enviar minhas cartas a você, e foi o mesmo bastardo quem reteve todas as cartas e pacotes que você deve ter enviado para mim. Eu estava frenético nos primeiros meses, quando não recebia suas cartas, achando que algo devia ter acontecido com algum de vocês. Mas outro interno informou-me que minhas cartas estavam sendo destruídas por um dos administradores. Desde o início, ele e eu éramos como dois gatos de rua, que haviam sentido antipatia instantânea um pelo outro, ainda que eu tentasse permanecer invisível e ficar longe de problemas. Mas há momentos em que é difícil evitar as tempestades, que levam a pequenas discussões. Se eu soubesse que o resultado de minhas convicções levaria à falta

de suas cartas, de sua voz, teria sido mais criterioso. Mas por favor, entenda que, sem nossos padrões de moral, onde estaríamos?

Perdoe-me, Kai Ying.

Desde então, diariamente, preocupo-me com você, pensando no pior – que eu me tornei uma sombra que você poderia não mais ouvir ou ver. Estou tão bem quanto possível. Tudo o que posso prometer é que sobreviverei a este lugar por você e por Tao; os longos e árduos dias de trabalho, que começam e terminam na escuridão, as condições precárias e superlotadas, os intermináveis pães e repolhos, os desejos, as necessidades. O tempo é feito dos dias que passam até que eu possa voltar para você.

Lembra-se do início do nosso casamento, quando fomos a Zhaoqing visitar sua família? Cruzamos o Lago Star de barco, para explorar os penhascos montanhosos, e ficamos separados um do outro, em barcos diferentes. Lembro-me de vê-la através da água e perguntar-me o que havia feito para merecer tanta sorte. Pense na alegria que sentimos quando nos reencontramos naquela tarde. Pense nisso também quando eu voltar para casa.

Até então, estou aqui. Estou aqui.

Wei Wei esperou por Sheng na mesma sala inóspita e sem janelas da instituição correcional. Desta vez, ele estava sozinho, sem outros visitantes para captar sua atenção. Sentou-se à mesma mesa, próxima da porta, seu dedo, traçando, automaticamente, a rota do Rio Amarelo entalhada no tampo. De certa forma,

aquilo o acalmava, uma forma rápida de fuga.

Wei ouviu o som de passos vindo do corredor e olhou em direção à porta, mas os passos seguiram e o som desapareceu. Não muito tempo depois, ouviu vozes no corredor, ao mesmo tempo em que a sala ficava cada vez mais quente e abafada. Ele colocou o casaco de Sheng nas costas da cadeira. Seu plano era dá-lo a Sheng quando estivessem se despedindo, como se o casaco já pertencesse ao filho anteriormente.

Mais meia hora se passou quando, finalmente, a porta abriu-se e ele viu um Sheng magro, franzino, com a cabeça raspada, parado à porta. Vislumbrou o jovem que ficava parado, quieto, à porta da biblioteca, muito tímido para lhe falar. O coração de Wei acelerou ao ver o filho. Queria dizer seu nome em alto e bom som, para ter certeza de que era ele mesmo, e não sua imaginação, mas o rosto de Sheng parecia duro e fechado, por isso Wei apenas sussurrou seu nome para si mesmo. Apenas naquele momento ocorreu a Wei que o filho poderia não querer vê-lo.

O guarda empurrou Sheng para frente e este caminhou em direção a Wei e sentou-se em uma cadeira à sua frente. Somente ao sentar-se frente a frente com o pai, Sheng relaxou e ficou mais parecido com ele próprio.

– Papá – disse Sheng, com voz baixa e rouca, os olhos abrandando-se. – Você está mesmo aqui.

– Eu tinha de vir – disse.

Sobre o tampo riscado da mesa, Wei tocou a manga da túnica de algodão do filho. Precisava tocá-lo, para ter certeza de que este estava, realmente, sentado à sua frente. Luoyang cobrara um preço alto sobre Sheng. Ele envelhecera, estava muito magro, a pele muito pálida, os olhos, fundos, e as mãos, machucadas e cheias de calos, tinham sangue seco nas juntas; a barba por fazer e a sombra de cabelo na cabeça raspada faziam-no parecer ainda mais doente. E, pela primeira vez, via traços de seu próprio pai nos olhos escuros do filho.

Wei pigarreou.

– Não tivemos notícias suas por muito tempo, não sabíamos o que pensar. Eu tinha de vir – repetiu. – Tinha de ter certeza...

– Eu sei. – Sheng apressou-se em terminar a frase. – Sou grato. Não havia nada que eu pudesse fazer. O chefe do meu grupo de trabalho parou de enviar minhas cartas. Nunca recebi nenhuma das suas depois das primeiras.

– Mas por quê? – perguntou Wei.

– Foi a sua forma de punir-me.

Wei absteve-se de fazer muitas perguntas. O tempo era muito curto para explicações detalhadas. Aquele era um mundo que não fazia sentido para Wei, e ele precisava lembrar-se só do que era importante para levar para Kai Ying e Tao.

– Como estão eles? – perguntou Sheng. – Kai Ying e Tao? Tia Song?

Foi como se ele tivesse lido a sua mente. Wei sentiu um tom de desespero na voz do filho.

– Estão bem – respondeu Wei. – Sentem a sua falta. – Contou, rapidamente, a Sheng todos os detalhes importantes, inclusive a

chegada de Suyin e do bebê, e minimizou a queda de Tao da sumaúma e a fratura da perna.

– Mas ele está bem? Meu menino? – Sheng perguntou, parecendo preocupado.

– Ele manca, mas vai melhorar com o tempo e com exercício, e tem sido um garoto muito corajoso.

Sheng passou a mão pela cabeça.

– O que estaria ele pensando? Por que, de repente, subiu na árvore?

– Ele é um menino – disse Wei. – Lembro-me de que, no seu tempo, você também subia na árvore.

– Sim – disse Sheng, e finalmente sorriu.

Quando o guarda afastou-se para acender um cigarro, Sheng debruçou-se para ficar mais perto de Wei.

– Tenho uma carta que quero que entregue a Kai Ying.

– Sim, é claro.

Wei não havia pensado sobre o que Kai Ying gostaria que ele trouxesse para Sheng; uma carta ou mensagem, ervas, qualquer coisa que o ajudasse a suportar. Mais uma vez, ele falhara com ela.

– Kai Ying não sabia que estava vindo vê-lo – disse Wei. – Tive medo de que ela me impedisse. Deixei um recado. – Ele parou por um instante e continuou: – Eu deveria estar aqui, não você.

Sheng meneou a cabeça.

– Kai Ying sabe que eu escrevi a carta – prosseguiu Wei. – Todos eles sabem. Criei um mundo de dor para todos nós. Ele engoliu em seco.

– Papá, você não precisa explicar...

Wei levantou a mão para interrompê-lo.

– Você está aqui. Eu vi você, toquei em você. Pelo menos posso levar isso a Kai Ying. Mas será que algum dia você poderá me perdoar por ter escrito a carta? – perguntou. Seus dedos sentiam a ranhura na mesa, seguindo-a até a extremidade.

Sheng debruçou-se para aproximar-se ainda mais.

– Perdoá-lo? Você não precisa pedir perdão por ter escrito a verdade. Com o tempo, eu teria feito o mesmo. Estou aqui por nós dois. Somos mais parecidos do que jamais imaginamos.

Wei viu a cor voltar à face de Sheng enquanto falava. *Somos mais parecidos do que jamais imaginamos.* Suas palavras pairavam no ar viciado daquela sala horrível.

Sheng continuou a falar.

– A coisa mais difícil tem sido não ter contato com você e Kai Ying. A todo o resto eu sobreviverei. – Olhou em volta e, rapidamente, tirou a carta de dentro da túnica, passando-a a Wei, que a colocou no bolso da jaqueta. – Diga-lhes que estou bem.

– Sim, sim, é claro. E farei com que Kai Ying receba isto – disse, alisando o bolso da jaqueta. – Há mais alguma coisa que eu poderia fazer? – perguntou Wei.

– Você pode dar um abraço em Tao por mim. Ele deve ter crescido tanto, que creio que não o reconhecerei. Quando Tao for mais velho, compreenderá tudo isso – disse Sheng. – E ficará orgulhoso de seu avô por ter entrado na tempestade.

Wei sorriu, lembrando-se das próprias palavras.

– Está na hora – disse o guarda, rondando-os.

– Por favor, mais um instante – pediu Wei.

– Está na hora – repetiu o guarda.

Ambos levantaram-se e Wei colocou a mão no rosto de Sheng.

– Desculpe-me –disse –, por ter deixado passar tantos anos. – Sentiu lágrimas querendo saltar-lhe dos olhos.

Sheng apertou sua mão.

– Diga a Kai Ying e Tao que sinto muita saudade deles. Irei vê-los em breve. Eu prometo.

Wei assentiu. E acariciou a carta em seu bolso.

Sheng sorriu antes de sair da sala, a porta fechando-se por trás dele.

Wei voltou a sentar-se e ficou olhando para a porta, na esperança de que Sheng voltasse, mesmo sabendo ser impossível. *Somos mais parecidos do que jamais imaginamos.* Mesmo que Sheng o tivesse perdoado, como poderia ele perdoar a si próprio?

Somente ao ficar em pé Wei deu-se conta de que se esquecera de dar a Sheng o casaco de lã, que continuava pendurado nas costas da cadeira.

WEI

Wei abriu os olhos. O som oco e o balanço do trem haviam lhe dado sonolência. Estava escuro lá fora. Ele acomodou-se no assento rígido, a dor nas costas uma lembrança constante de que ainda estava a um dia de viagem de Guangzhou. Wei olhou para o outro lado do corredor, para o assento vazio, desejando que Tian estivesse sentado ali, bebericando aguardente de arroz e pronto para contar outra história de amor e abandono. Antes de deixar Luoyang, Wei tinha a intenção de enviar outro telegrama a Kai Ying, mas mal tinha dinheiro para a passagem de volta.

Wei ficou em pé e friccionou o cansaço dos olhos. Era quase hora de Tao ir para a cama e ele, subitamente, perguntou-se quem estaria lendo histórias para o menino desde que partira. Wei não conseguia lembrar-se da última vez que Kai Ying lera para Tao. Sempre fora seu momento favorito do dia, e ele esperava que fosse o momento em que Tao lembrasse do avô com afeto.

Wei colocou a mão no bolso de sua jaqueta e tocou a borda da carta que Sheng enviara a Kai Ying, a mais importante realização de sua longa carreira, a carta que traria à sua nora uma alegria mais do que merecida. Era algo que aliviava a dor de ter partido e deixado Sheng. Mesmo com o perdão do filho, sempre haveria a culpa, o tempo precioso que ele roubara de Sheng e de sua família. Era o seu fardo e ele tentaria compensá-los da melhor maneira possível. Wei voltou a sentar-se e olhou pela janela, seu reflexo abatido encarando-o, enquanto o trem seguia adiante, cortando a escuridão.

KAI YING

Kai Ying saiu para o pátio. Pela primeira vez desde que Tao caíra da sumaúma, ela parava na frente da árvore. Era como se uma vida inteira tivesse se passado nos cinco meses desde o acidente. Ela coletara todas as folhas verdes que haviam caído e as pétalas de flores antes disso, e agora a árvore estava ali, esquelética, os galhos nus até que ervilhas do tamanho de nozes ressurgissem, miraculosamente, no ano novo, seguidas das flores vermelhas, que desabrochavam na primavera. Era o período do ano favorito de Sheng, os aromas doces e os zumbidos das abelhas impregnando o ar. Embora soubesse estar sendo insensata, Kai Ying ousava ter esperanças de que, à essa altura, todos eles estivessem juntos.

Kai Ying parou perto da árvore. *Pelo menos, faça com que eu receba notícias de Wei em breve*, pensou. O talho que o sogro fizera no tronco era, agora, uma cicatriz, ligeiramente mais escura e difícil de ser percebida, caso não se estivesse procurando-a. Os dedos de Kai Ying percorreram a ferida suave. Ela pensava no talho como mais um exemplo da genialidade da natureza; a sumaúma curara a si própria.

Da cozinha, ouviu as vozes de Tao e Suyin e sorriu. Voltou-se para o portão que se abria, embora não estivesse esperando outro paciente naquela hora tardia. Em vez disso, seu coração deu um salto quando viu tratar-se de Wei.

WEI Wei perguntou-se se estaria com a aparência tão cansada e derrotada quanto sentia. Ao descer do trem, as pernas estavam trêmulas da longa viagem. Não conseguia acreditar que estava de volta a Guangzhou, mas, ao apressar o passo por entre a multidão, o mero tremor de corpos e vozes, o cheiro de exaustão e o pungente aroma de

castanhas assadas
obrigaram-no a parar por
um instante para tomar
fôlego. Sua sacola, lotada
com suas roupas e o
casaco de lã que trouxera
de volta, de repente,
parecia muito pesada.

Somente na volta a
Dongshan, Wei voltou a
sentir-se ele próprio. Ao
abrir o portão do pátio,
sentia alívio e apreensão.
Não esperava ver Kai Ying

parada ao lado da sumaúma.

– Lo Yeh – disse ela. Ele ouviu a surpresa em sua voz, enquanto ela ia ao seu encontro.

– Kai Ying – disse ele. Não podia imaginar quão desgrenhado estaria. Colocou a sacola no chão.

– Eu estava tão preocupada...

Antes que ela continuasse, tratou de tranquilizá-la.

– Estou bem... e Sheng também está.

– Você o viu?

Wei assentiu.

– Ele está vivo – sussurrou ela.

– Ele está vivo e bem – disse. – Eu pretendia enviar um telegrama, mas a passagem de volta consumiu todo o dinheiro que restava.

– Mas por que não tivemos notícias dele todo esse tempo?

– Estão retendo suas cartas – respondeu Wei. Do bolso da jaqueta ele tirou o pedaço de papel dobrado. – Ele pediu-me que lhe desse isso.

Um pequeno grito emergiu de Kai Ying, e esta se virou. Ao voltar-se para o sogro novamente para pegar a carta, este viu as lágrimas. Sem dizer mais nada, Wei abraçou-a. Seu corpo, de início rígido, começou a relaxar contra o dele. Em seguida, ela cochichou ao seu ouvido: – Obrigada.



Mais tarde naquela noite, a casa estava em silêncio quando Wei voltou, após acompanhar Song ao seu apartamento. Ele subiu ao

seu quarto, exausto. Tinha trazido Sheng de volta, cada pequeno detalhe poupado para aquela noite, como se tivesse prendido a respiração em Luoyang e agora, finalmente, exalasse. Parou no patamar da escada ao ver que havia luz no quarto de Tao. Seu neto estivera quase tímido ao vê-lo, e falara muito pouco durante todo o tempo. Wei bateu na porta uma vez, de leve, e abriu-a.

– Você não deveria estar dormindo? – Wei perguntou, sorrindo.

Deitado na cama, Tao deu de ombros.

– Papá voltará logo? – perguntou.

– Assim que possível – respondeu Wei.

– Ele disse alguma coisa a meu respeito?

– Seu papá sente muita saudade de você.

Wei observou o neto. Seus cabelos tinham voltado a crescer durante as semanas em que estivera fora e ele parecia mais velho. Não conseguia imaginar o que Sheng veria quando voltasse – um rapaz onde antes havia um menino. De repente, doeu tomar consciência de que ele não estaria ali quando Tao fosse um homem, embora já pudesse ver Sheng nele, um pouco da tempestade que um dia poderá ter seu próprio filho e compreender como esses últimos meses foram importantes para Wei. Ele engoliu e entrou no quarto.

– Como está sua perna?

– Ainda estou mancando.

– Bem, leva tempo – disse Wei.

– Talvez, quando o papá voltar... – disse.

Wei assentiu e sorriu.

– Você não vai mais a nenhum outro lugar, vai? – Tao perguntou de súbito.

- Não por algum tempo.
- Promete que, da próxima vez, me avisará?
- Prometo.
- Vovô.
- Sim.
- Você me conta uma história?

Wei hesitou.

– É tarde – disse, mas sentou-se na cadeira ao lado da cama e cofiou o bigode.

- O que você quer ouvir?
- Houyi e Chang'e – respondeu Tao.

Wei olhou para fora, as sombras da sumaúma agigantando-se. A árvore ainda estaria ali bem depois que ele se fosse, e esse pensamento trouxe-lhe consolo.

- Não há lua – disse.
- Mas ainda há a história – disse Tao, pronto para escutá-la.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer à minha editora, Hope Dellon, bem como a Sally Richarson, George Witte, Joan Higgins, Merrill Bergenfeld e a todos da Editora St. Martin, que tornaram este livro possível.

Agradeço muito a Jane Hamilton, Nancy Horan, Elizabeth George e Anne LeClaire, por seu apoio e suporte, bem como a Thrity Umrigar e Carol Cassella por sua inestimável assistência. Sou grata também a Walter Shui Heng Yong por ter respondido minhas inúmeras perguntas e por ter me mostrado a China, em companhia de Jack Dold.

Por seu contínuo desvelo e encorajamento, meu muito obrigada à minha família e à minha agente, Linda Allen, e a Abby Pollak, Blair Moser, Cinthia Dorfman e Catherine de Cuir, que continuam me guiando nestes difíceis primeiros passos.

©2016, Pri Primavera Editorial Ltda.

A hundred Flowers

©2016, Gail Tsukiyama

Equipe editorial: Larissa Caldin, Lindsay Gois e Lourdes Magalhães

Tradução: Dina Blaj Schaffer

Preparação: Larissa Caldin

Revisão: Lindsay Gois

Capa, projeto gráfico e diagramação: Larissa Caldin

Conversão para o formato digital: Flex Estúdio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tsukiyama, Gail

Uma centena de flores / Gail Tsukiyama;

[tradução Dina Blaj Schaffer]. -- São Paulo:

Primavera Editorial, 2016.

ISBN: 978-85-61977-98-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-07690

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813



PRIMAVERA
EDITORIAL

Av. Queiroz Filho, 1700 Vila B 37
05319-000 – São Paulo – SP
Telefone: (55 11) 3031-5957
www.primaveraeditorial.com
contato@primaveraeditorial.com

*Todos os direitos reservados e
protegidos pela lei
9.610 de 19/02/1998.*

*Nenhuma parte desta obra poderá
ser reproduzida ou transmitida
por quaisquer meios, eletrônicos,
mecânicos, fotográficos ou quaisquer
outros, sem autorização prévia,
por escrito, da editora.*



Paris é sempre uma boa ideia

Barreau, Nicolas

9788555780608

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Rosalie Laurent é proprietária de Luna Luna, uma pequena loja de cartões-postais em Saint Germain. Sua especialidade é produzir desejos estão perdidos em sua rotina. Quando um cavalheiro idoso tropeça em sua loja e bate sobre uma prateleira de cartão, as coisas começam a mudar. Isso pode ser o início da concretização de seus desejos.

[Compre agora e leia](#)

FERNANDO TEMPEL



DESCOMPLICANDO INVESTIMENTOS

Aprenda a investir para obter retornos maiores e melhores



Descomplicando investimentos

Tempel, Fernando

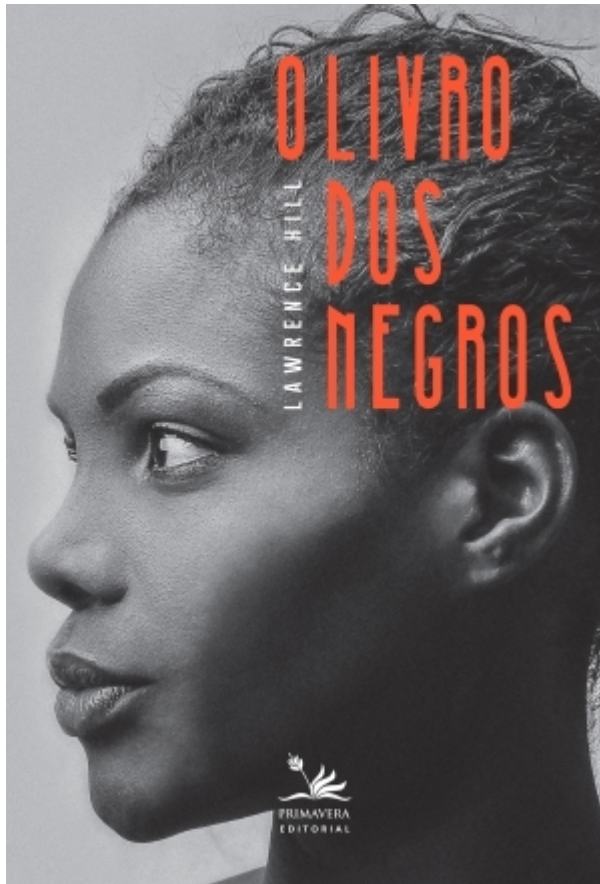
9788555780554

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Descomplicando investimentos foi escrito pensando no investidor individual brasileiro do início do século XXI. Aquele investidor que não trabalha no mercado financeiro, mas tem a sua profissão (seja ela qual for), ganha dinheiro e tem necessidade de investir o seu próprio capital. Pensado para suprir tanto as necessidades do investidor iniciante, que nunca leu outra obra sobre investimentos e que tem poucos conhecimentos sobre investimentos, finanças e matemática, como de investidores experientes, que investem há muitos anos e já estudaram muito sobre o assunto, mas desejam aprender mais. O livro é baseado na consagrada metodologia do Value investing, que tem como seu principal expoente o famoso investidor e bilionário Warren Buffett, mas com a metodologia adaptada para a realidade brasileira atual, de juros e inflação elevados. Nesta obra você não encontrará fórmulas matemáticas complexas, sendo todo o conteúdo baseado exclusivamente em exemplos práticos ou em análises dos acontecimentos que afetaram os mercados financeiros brasileiro e mundial nas últimas décadas."

[Compre agora e leia](#)



O livro dos negros

Hill, Lawrence

9788561977887

408 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Livro dos Negros conta a história de Aminata Diallo, uma das personagens femininas mais fortes e marcantes da ficção contemporânea. Aminata foi sequestrada, ainda criança, na África, e vendida como escrava na Carolina do Sul. Após a Revolução Americana, ela foge para o Canadá e escapa da vida de escrava para tentar uma nova história em liberdade. O livro traz uma história que nenhum ouvinte e nenhum leitor esquecerão. O nome "O Livro dos Negros" se deu devido ao documento histórico, mantido por oficiais navais britânicos, ao fim da Revolução Americana. O documento oficializou os negros que serviram ao rei na Guerra e fugiram para Manhattan, no Canadá, em 1783. Apenas os negros que estivessem no Livro dos Negros poderiam escapar e conseguir sua liberdade. Aminata Diallo percorre toda uma longa trajetória com a finalidade de conseguir entrar no livro dos negros e conquistar sua liberdade. A obra, marcante e inesquecível, tornou-se uma miniserie de sucesso nos Estados Unidos. Dirigida e escrita por Clemente Virgo (The Wire) e protagonizada pela atriz Aunjanne Ellis e Cuba Gooding Jr., vencedor do Oscar em 1996.

[Compre agora e leia](#)

AUTO DA BARCA DO INFERNO

GIL VICENTE

ADAPTAÇÃO

ALEXANDRE AZEVEDO



O auto da barca do inferno

Vicente, Gil

9788555780387

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Adaptação de Alexandre Azevedo para a peça Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente. O "Auto da Barca do Inferno" (c. 1517) representa o juízo final católico de forma satírica e com forte apelo moral. O cenário é uma espécie de porto, onde se encontram duas barcas: uma com destino ao inferno, comandada pelo diabo, e a outra, com destino ao paraíso, comandada por um anjo. Ambos os comandantes aguardam os mortos, que são as almas que seguirão ao paraíso ou ao inferno.

[Compre agora e leia](#)

**MÁRIO DE
ANDRADE
AMAR,
VERBO
IN-
TRAN-
SITI-
VO**

CONTEÚDO
ADICIONAL!

✓ PERGUNTAS
DE VESTIBULAR



Amar, verbo intransitivo

Andrade, Mário de

9788555780332

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em "Amar, verbo intransitivo" Mário de Andrade propõe-se a explorar o mistério da alma feminina com a criação da personagem-chave: a governanta alemã Fraülein, de 35 anos, contratada por Sousa Costa, patriarca da família, para iniciar sexualmente seu filho Carlos, de 16 anos. Contando com uma narrativa experimental, ousada, próxima da linguagem cinematográfica, o primeiro romance de Mário de Andrade é sem dúvida uma das referências mais significativas do modernismo brasileiro. Em seu primeiro romance — Amar, verbo intransitivo —, Mário de Andrade aventura-se a explorar e apreender a natureza e o mistério da alma feminina lançando mão de uma magistral composição da personagem-chave do seu livro: a governanta alemã Fraülein. Narrativa experimental, ousada, plasmada numa linguagem cinematográfica, espontânea, esta obra é uma importante referência dentro do movimento modernista, cujo valor literário reconhecem, à medida que sobre ela se debruçam, os críticos e estudiosos da formação da literatura nacional.

[Compre agora e leia](#)